

ACADÊMICOS

Cadeira 1

Patrão: TÓBIAS BARRETO DE MENEZES
Fundador: ANTONIO GARCIA ROSA
Antecessor: ANTONIO GARCIA FILHO
Atual: JOSÉ LIMA SANTANA

Cadeira 2

Patrão: SÍLVIO VASCONCELOS DA SILVEIRA
RAMOS ROMERO
Fundador: JOSÉ DE MAGALHÃES CARNEIRO
Antecessor: FELTE BEZERRA
Atual: EDUARDO ANTONIO CONDE GARCIA

Cadeira 3

Patrão: FAUSTO DE AGUIAR CARDOSO
Fundador: CLEOMENES CAMPOS DE OLIVEIRA
Atual: JOSÉ SANTO SOUZA

Cadeira 4

Patrão: FRANCISCO LEITE DE B. SAMPAIO
Fundador: JOSÉ AUGUSTO DA ROCHA LIMA
Antecessor: EMMANUEL FRANCO
Atual: MARCOS ALMEIDA SANTOS

Cadeira 5

Patrão: IVO DO PRADO M. PIRES DA FRANÇA
Fundador: ANTONIO DOS SANTOS CABRAL
Antecessor: JOSÉ SILVÉRIO LEITE FONTES
Atual: LUZIA MARIA DA COSTA NASCIMENTO

Cadeira 6

Patrão: GUMERCINDO DE ARAÚJO BESSA
Fundador: GILBERTO DE LIMA AZEVEDO SOUZA
FERREIRA
Antecessor: AMADO DE FARIAS
Atual: JOSÉ AMADO NASCIMENTO

Cadeira 7

Patrão: MANUEL CURVELO DE MENDONÇA
Fundador: RANULFO HORA PRATA
Antecessor: LUIZ FERREIRA DE MELO
Atual: CLARA LEITE DE REZENDE

Cadeira 8

Patrão: FELISELO FIRMO DE ARAÚJO FREIRE
Fundador: MANCELITO CAMPOS DE OLIVEIRA

Antecessor: LUIZ MAGALHÃES

Atual: CLODOLDO DE ALENCAR FILHO

Cadeira 9

Patrão: MAXIMINO DE ARAÚJO MACIEL
Fundador: RUBENS DE FIGUEIREDO MARTINS
Atual: JOSÉ ABUD

Cadeira 10

Patrão: ELIZÁRIO BRILÊNCIO DA LAPA PINTO
Fundador: ARTUR GENTIL FORDES
Antecessor: SEVERINO PESSOA UCHOA
Atual: HUNALD FONTES DE ALENCAR

Cadeira 11

Patrão: FRANCISCO ANTONIO DE CARVALHO
LIMA JÚNIOR
Fundador: LUIZ JOSÉ DA COSTA FILHO
Antecessor: JOSÉ DA SILVA RIBEIRO FILHO
Atual: WAGNER DA SILVA RIBEIRO

Cadeira 12

Patrão: SEVERIANO MAURÍCIO CARDOSO
Fundador: CARLOS CAMÉLIO COSTA
Antecessores: RENATO MAZE LUCAS
JOSÉ MARIA RODRIGUES SANTOS
ACELINO PEDRO GUIMARÃES
Atual: AGLAÉ D'AVILA FONTES

Cadeira 13

Patrão: FREI JOSÉ DE SANTA CECÍLIA
Fundador: CLDOMIR DE SOUZA E SILVA
Antecessores: JOÃO FREIRE RIBEIRO
URBANO LIMA DE OLIVEIRA NETO
Atual: GIZELDA SANTANA DE MORAIS

Cadeira 14

Patrão: HORÁCIO FERREIRA HORA
Fundador: MANUEL JOSÉ SANTOS MELO
Antecessor: JOÃO EVANGELISTA CAJUEIRO
Atual: LUIZ EDUARDO O COSTA

Cadeira 15

Patrão: MANOEL ARMINDO C. GUARANÁ
Fundador: HELMÉCIO FERREIRA DE ANDRADE
Antecessor: JOÃO BATISTA P. GARCIA MORENO
Atual: FRANCISCO GUIMARÃES ROLLEMBERG

Cadeira 16

Patrão: PEDRO DE CALAZANS
Fundador: HERMES FLORO BARTOLOMEU
MARTINS DE ARAÚJO FONTES
Antecessores: EQUEIRO DE SANTANA MONTEIRO
ABELARDO ROMERO DANTAS
OFENÍSIA SOARES FREIRE
Atual: ANA MARIA DO N. FONSECA MEDINA

Cadeira 17

Patrão: ASCENDINO ÂNGELO DOS REIS
Fundador: MANUEL DOS PASSOS OLIVEIRA TELES
Antecessor: MÁRIO DE ARAÚJO CABRAL
Atual: DOMINGOS PASCOAL DE MELO

Cadeira 18

Patrão: VICÁRIO JOSÉ GONÇALVES BARROSO
Fundador: D. MÁRIO DE MIRANDA VILAS-BOAS
Atual: DOM LUCIANO JOSÉ CABRAL DUARTE

Cadeira 19

Patrão: JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA BARRETO
Fundador: JOÃO PIRES WYNE
Antecessor: JOSÉ BONIFÁCIO FORTES NETO
Atual: JACIME GÓES DA SILVA

Cadeira 20

Patrão: JOSÉ LUIZ COELHO E CAMPOS
Fundador: ALFEU ROZAS MARTINS
Antecessor: JORGE DE OLIVEIRA NETO
Atual: JOSÉ ANDERSON NASCIMENTO

Cadeira 21

Patrão: FRANCISCO ANTÔNIO VIEIRA CALDAS
JÚNIOR
Fundador: JOAQUIM MAURÍCIO CARDOSO
Antecessor: EUNALDO COSTA
Atual: BEMINDO SALLES DE CAMPOS NETO

Cadeira 22

Patrão: MARTINHO CEZAR DA S. GARCEZ
Fundador: JOÃO PASSOS CABRAL
Antecessor: JOSÉ AUGUSTO GARCEZ
Atual: JOÃO ALVES FILHO

Cadeira 23

Patrão: CIRO FRANKLIN DE AZEVEDO
Fundador: JOAQUIM PRADO SAMPAIO LEITE
Antecessores: FRANCISCO LEITE NETO
GONÇALO ROLLEMBERG LEITE
Atual: LUIZ ANTONIO BARRETO

Cadeira 24

Patrão: PEDRO RIBEIRO MOREIRA
Fundador: JÚLIO FERREIRA DE ALEBUQUERQUE
Antecessores: JOSUÉ SILVA
D. JOSÉ BRANDÃO DE CASTRO
Atual: JOÃO OLIVA ALVES

Cadeira 25

Patrão: ANTONIO DIAS DE BARROS
Fundador: ANTÔNIO M. DE CARVALHO NETO
Antecessor: MANOEL CABRAL MACHADO
Atual: VLADIMIR SOUZA CARVALHO

Cadeira 26

Patrão: Mms. ANTÔNIO FERNANDES DA SILVEIRA
Fundador: FLORENTINO TELLES DE MENEZES
Antecessor: JOSÉ SEBRÃO SOBRINHO
Atual: LUIZ CARLOS FONTES DE ALENCAR

Cadeira 27

Patrão: MANUEL LUIZ AZEVEDO DE ARAÚJO
Fundador: BENEDITO DA SILVA CARDOSO
Atual: MARIA LÍGIA MADUREIRA FINA

Cadeira 28

Patrão: SALUSTIANO ORLANDO DE ARAÚJO
Fundador: GERVÁSIO DE CARVALHO PRATA
Atual: ARTUR OSCAR DE OLIVEIRA DÉDA

Cadeira 29

Patrão: JACKSON DE FIGUEIREDO MARTINS
Fundador: ABELARDO CARDOSO
Antecessores: Mms. DOMINGOS F. DE ALMEIDA
LUIZ RABELO LEITE
Atual: ESTÁCIO BAHIA GUIMARÃES

Cadeira 30

Patrão: JOSÉ JORGE DE SIQUEIRA FILHO
Fundador: ENOCH MATUSALEM SANTIAGO
Antecessor: JOSÉ CLINO DE OLIVEIRA LIMA
Atual: LUIZ FERNANDO RIBEIRO SOUTELO

Cadeira 31

Patrão: JOSÉ MARIA GOMES DE SOUZA
Fundador: JOSÉ ESTEVES DA SILVEIRA
Antecessores: FILADELFO JÚNIOR DE OLIVEIRA
WALTER CARDOSO
Atual: MARCELO DA SILVA RIBEIRO

Cadeira 32

Patrão: PEDRO ANTÔNIO DE O. RIBEIRO
Fundador: EDISON DE OLIVEIRA RIBEIRO
Atual: JOÃO DE SEIXAS DÓRIA

Cadeira 33

Patrão: MANUEL JOAQUIM DE O. CAMPOS
Fundador: HUMBERTO CLEGÁRIO DANTAS
Antecessor: JOÃO FERNANDES DE BRITTO
Atual: CARLOS AUGUSTO AVRES DE F. BRITTO

Cadeira 34

Patrão: MANUEL LADISLAU ARANHA DANTAS
Fundador: CLEGÁRIO ANANIAS DA C. E SILVA
Antecessores: CÍCERO ALDO DE ALENCAR
NÚBIA NASCIMENTO MARQUES
Atual: JORGE CARVALHO DO NASCIMENTO

Cadeira 35

Patrão: JOSÉ LOURENÇO DE MAGALHÃES
Fundador: AUGUSTO CESAR LEITE
Antecessor: JOÃO GILVAN ROCHA
Atual: MARLENE ALVES CALIMBY

Cadeira 36

Patrão: BRÍCIO MAURÍCIO DE A. CARDOSO
Fundador: HUNALD SANTAFLOR CARDOSO
Atual: ACRÍSIO TORRES DE ARAÚJO

Cadeira 37

Patrão: JOSÉ JOAQUIM DE OLIVEIRA
Fundador: PEDRO SOTERO MACHADO
Antecessor: LUIZ GARCIA
Atual: JOSÉ GILTON PINTO GARCIA

Cadeira 38

Patrão: GUILHERME PEREIRA RABELO
Fundador: MARCOS FERREIRA DE JESUS
Atual: CARMELITA PINTO FONTES

Cadeira 39

Patrão: JOAQUIM MARTINS FONTES DA SILVA
Fundador: ZÓZIMO LIMA
Antecessores: ORLANDO DANTAS
MARIA THÉTIS NUNES
Atual: Antônio Azeiteiro Cavalcante (eleito)

Cadeira 40

Patrão: BALTAZAR DE ARAÚJO GÓIS
Fundador: EPIFÂNIO DA F. DÓRIA E MENEZES
Antecessor: ARIOSVALDO FIGUEIREDO SANTOS
Atual: MARCOS MELO

ACADÊMICOS CORRESPONDENTES

Cadeira 1

Patrono: João Ribeiro
Fundador: Antenor Nascentes (Rio de Janeiro)
Antecessor: Aluísio Mendonça Sampaio

Cadeira 2

Patrono: Nôbre de Lacerda
Fundador: Gaston Fiquiera (Montevideo)
Antecessor: Arivaldo Silveira Fontes

Cadeira 3

Patrono: Giaccho Cardoso
Fundador: Gilberto Freyre (Recife)
Atual: José Esteves Pereira

Cadeira 4

Patrono: Fernandes de Barros
Fundador: Orlando Damasceno (São Paulo)
Antecessor: Manoel Correia de Andrade

Cadeira 5

Patrono: Raulfo Bzeta
Fundador: Alberto Decadato (B. Horizonte)
Atual: Marta Biagi

Cadeira 6

Patrono: Helvécio Andrade
Fundador: Ari Martins (Porto Alegre)

Cadeira 7

Patrono: Carvalho Neto
Fundador: Paulo de Carvalho Neto
(Quito-Ecuador)
Atual: Bráulio do Nascimento

Cadeira 8

Patrono: Matirino Lória
Fundador: Heitor Fróes (Salvador)

Cadeira 9

Patrono: Pena Júnior
Fundador: Aníbal Freire (Rio de Janeiro)

Cadeira 10

Patrono: Abreu Fialho
Fundador: Guedes de Miranda (Maceió)

Cadeira 11

Patrono: Sinficônio Cardoso
Fundador: José Américo de Almeida (João Pessoa)

Cadeira 12

Patrono: Beneditino de Souza
Fundador: Cãmara Casoub (Natal) VAGA

Cadeira 13

Patrono: Manuel Bonfim
Fundador: Barreto Filho (Rio de Janeiro)
Atual: José Octávio Amada de Melo

Cadeira 14

Patrono: Heitor de Souza
Fundador: D. Adélmo M Cavalcanti (Maceió)

Cadeira 15

Patrono: Justiniano de Melo e Silva
Fundador: José Calazans (Salvador)
Atual: Ives Gandra da Silva Martins

Cadeira 16

Patrono: Josino Octias
Fundador: Nelson Romero (Rio de Janeiro)

Cadeira 17

Patrono: D. Domingos Quirino
Fundador: Amado Fontes (Rio de Janeiro)
Antecessora: Sílvia Bahia Guimarães

Cadeira 18

Patrono: Manuel dos Passos
Fundador: Gildo Anado (Rio de Janeiro)
Atual: Mario Losano

Cadeira 19

Patrono: Padre Leonardo Dantas
Fundador: Alves Ribeiro (Salvador)

Cadeira 20

Patrono: Garcia Rosa
Fundador: Amazonas Duarte (Santos)

PRESIDENTES DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

1929/1931	JOSÉ AUGUSTO DA ROCHA LIMA
1931/1947	MANUEL ANTONIO DE CARVALHO NETO
1947/1949	JOSÉ DE MAGALHÃES CARNEIRO
1951/1955	MARCOS FERREIRA DE JESUS
1955/1971	JOÃO EVANGELISTA CAJUEIRO
1971/1973	ZÓZIMO LIMA
1974/1977	SEVERINO PESSOA UCHOA
1977/1979	MANOEL CABRAL MACHADO
1979/1981	URBANO DE OLIVEIRA LIMA NETO
1981/1983	LUIZ ANTONIO BARRETO
1983/1999	ANTONIO GARCIA FILHO
1999	OFENÍSIA SOARES FREIRE
1999/2009	JOSÉ ANDERSON NASCIMENTO

DISCURSOS

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO ARTUR OSCAR DE OLIVEIRA
DÉDA, NA CADEIRA Nº 28, DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS,
PROFERIDO NA SESSÃO SOLENE REALIZADA NO DIA 11 DE AGOSTO DE
1982, NO AUDITÓRIO GOVERNADOR JOSÉ ROLLEMBERG LETTE, DO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SERGIPE

Centenário de Nascimento do Desembargador
Gervásio de Carvalho Prata

No dia 11 de agosto de 1982, a Academia Sergipana de Letras deu posse ao novo Acadêmico, Desembargador Artur Oscar de Oliveira Déda, que passou a ocupar a Cadeira nº 28, antes ocupada pelo Desembargador Gervásio de Carvalho Prata, e cujo Patrono era o Dr. Salustiano Orlando de Araújo Costa.

A solenidade de posse, bastante concorrida, foi realizada no Auditório do Tribunal de Justiça do Estado, sendo presidida pelo Presidente da Academia, Jornalista Luiz Antonio Barreto.

Publicamos, na íntegra, o discurso do novo Acadêmico, o Desembargador Artur Oscar de Oliveira Déda:

Senhores Acadêmicos:

Rigoroso no juízo que faço de mim próprio, acostumado a abeirar-me rente à realidade das coisas, por mais de uma vez desatendi aos acenos encorajadores de muitos dos vossos – pessoas de meu afeto – para eu inscrever-me candidato ao quadro egrégio deste augusto sodalício. Ao final, entretanto, venceram-se as resistências da despreensão. Se assim não fora, jamais haveria para mim o encanto indefinível desta noite memorável. É o momento consagrador do encontro primeiro, sob os auspícios de vossa indulgência.

Não me constrange a realidade inescandível de eu ser o quadragéssimo dentre vós, sem considerar a ordem de chegada à Casa luminosa da cultura sergipana. Em verdade, o derradelo na escala do valor intelectual, mas separado por considerável distância de quem se pusesse em penúltimo lugar. Contudo, se conheço os limites de minha inteligência, eu também sei de seguro o alcance de minha vontade. Tenho condições, portanto, de reunir os meus esforços para ajudar-vos na empresa relevante da preservação dos valores culturais de nossa terra. Por isso, à convocação honrosa que me fizestes, eu bem vos poderia responder com as palavras do Conde de Kent ao Rei da Bretanha, e com a mesma elevação espiritual do personagem do gênio de Statford-upon-Avon: – “Vou até onde costumam chegar as pessoas comuns, mas a minha melhor qualidade é ser diligente”. Aqui chego para trabalhar.

Concedeste-me a cadeira nº 28, cujo patrono é o Conselheiro Orlando, e Gervásio de Carvalho Prata, o seu primeiro ocupante. Não fossem razões estranhas a vossa vontade, outro seria o sucessor do grande simão-diense. Aqui deveria estar Mestre Osman Hora Fontes, eleito por vós com muita justiça. Mas quis o destino, em seus designios inescrutáveis, que o magistrado de cultura multiforme e aptidões poliédricas, malissimamente um outro se seguisse, falto de inspiração criadora, porém coração cheio de entusiasmo.

Do patrono da cadeira nº 28, somente vos posso trazer informações biográficas, posto que o tempo avaro não me permitiria o vagar indispensável ao pleno conhecimento dos efeitos de seu labor.

Salustiano Orlando de Araújo Costa é sergipano de São Cristóvão, onde nasceu a 8 de julho de 1834. Fez o curso de humanidades na Bahia e o de Direito em Recife.

Começou a vida pública como promotor da Comarca de Lagarto, em 1856. Depois, foi juiz municipal e de órfãos do termo de Divina Pastora, até 1862, quando passou a exercer as mesmas funções em Mangaratiba, no Rio de Janeiro.

Continuando a servir-me dos registros de Armindo Guaraná, observo que o Conselheiro Orlando exerceu a judicatura, de 1864 a 1882, sucessivamente, nas comarcas de Macapá, no Pará; Imperatriz, no Ceará; Jacarei, em São Paulo, e, finalmente, Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Em 1882 assumiu o cargo de desembargador da Relação de Belém, no Pará, e, no mesmo ano, foi removido para a de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde se aposentou após alguns anos de exercício. O título de Conselheiro de S. M. o Imperador D. Pedro II foi-lhe conferido por decreto de 02 de julho de 1889.

Sua obra mais notável foram os comentários ao Código Comercial do Brasil, que em 1909 chegou à 6ª edição, em dois volumes, de 1319 a 1223 páginas. Segundo anotou Armindo Guaraná, “os seus comentários ao Código Comercial do Brasil, desde logo adotado nos cursos das Faculdades de Direito, granjearam-lhe o elevado conceito de que sempre gozou entre os nossos jurisconsultos de maior nomeada”.

O Conselheiro Salustiano Orlando de Araújo Costa faleceu no Rio de Janeiro, a 23 de agosto de 1908.

Demorar-me-ei falando sobre Gervásio de Carvalho Prata, a respeito do qual muito mais sei de ouvir contar. Em verdade, são difusas as minhas recordações dos contactos que mantive com o meu ilustre predecessor. Quando eu era menino, em Simão Dias, devo tê-lo visto muitas vezes, entretanto a memória guarda, como visão primeira, um encontro no velho casarão da Praça da Matriz, onde os seus amigos costumavam reunir-se. Eu devia ter de 12 para 13 anos. Ele e meu pai discutiam sobre assunto que absolutamente não poderia me interessar. Falavam sobre Direito, uma ciência que me pareceu difícil como ainda a considero. A verdade, porém, é que eu não perdia um gesto do ilustre jurista, na sua maneira elegante de falar. Talvez por isso, ao sairmos, ele pousou a mão sobre minha cabeça e, voltando-se para meu pai, vaticinou: – O Artur Oscar vai ser nosso colega. Se fosse hoje, eu responderia: – Com muita honra para mim!

Tempos depois, já consciente da importância do grande sergipano, eu fui testemunha de um acontecimento que me revelou a dimensão de sua coragem cívica: A política, em Simão Dias, funcionava como um divisor de água. Era véspera de eleições e os ânimos estavam exaltados. Na época, já aposentado, o desembargador Gervásio Prata liderava uma das facções, – o antigo Partido Social Democrático. Um grupo de adeptos do outro partido, – a União Democrática Nacional –, soltava foguetes a esmo. Na residência do desembargador, onde eu me encontrava, o ambiente era de tensão. Súbito, explode uma bomba na porta de entrada. Sozinho, arrostando um perigo de cujas proporções tinha noção perfeita, marcha o velho político para, com palavras veementes, coibir as manifestações insultuosas. E o fez com êxito. Mas dessa atitude extremada do político ferido em sua dignidade, poderia não ser muito diferente a do magistrado de probidade indefectível, se porventura a arbitrariedade dos prepotentes quisesse invadir os domínios de sua independência.

Conquanto fosse um dos intelectuais sergipanos mais brilhantes de sua época, não nos legou uma obra consumada, a ponto de constituir um acervo cultural extraordinário. Muito poucas de suas produções vieram a lume. Era demastado rigoroso consigo próprio. Impossível imaginá-lo a servir-se da pena e do papel para conceber o que não fosse duradouro.

Sabia, como poucos, escutar o valor das palavras, e submetê-las a serviço do pensamento, sem prejuízo da concepção artística. Cuidadoso da precisão, inimigo do pensado à pressa, era incapaz de afirmações ligeiras.

Assíduo freqüentador dos clássicos, não se casava com a sua formação intelectual o artificialismo mal-amanhado dos versejadores tardinhos, daqueles que demoram no descobrir a veia poética, mas quando a descobrem a força de penosa dissecação, tocam a publicar versos e mais versos, feitos de forma e pobres de conteúdo, e que ficam mais lastimáveis ainda quando a eles se ajunta o hotentotismo do criador, embasbacado com a própria criação. Asceta intelectual, descomparazia-lhe ao espírito superior exigente a linguagem pobre dos romançórios impudicos, desses que desmerecem até mesmo o êxito ligeiríssimo de uma festa de lançamento.

Para usar a expressão de Abgar Renault, ele sofria a angústia “do indecorosamente composto, do ruralmente escrito em estilo pedestre.”

Sim, Senhores, Gervásio de Carvalho Prata era um purista. Ouvi este passo fulgurante de um de seus primorosos discursos, que me parece bem escolhido para revelar-lhe o sentimento poético e a beleza peregrina de seu estilo:

“Quem por aqui passando (referia-se ao município de Lagarto), mesmo sem espontaneidade para a arte, não levará os olhos para o complanado deste planalto, e por ele a fora, até onde chegam os confins dos seus horizontes enfeitados de montanhas?” “Nas cercanias próximas, colinas suaves fecham em semi-circulo o Campo da Vila e os taboleiros adjacentes, os quais transpassa-os ao meio o Rio Malhado, em recortes de canafistulas que comemoram, floridas de rosas, a entrada do verão e em cujo leito rolam as cheias ecoantes de suas águas”. “Adiante, e por de trás das coxilhas do Moreira, o perfil inconfundível dos cumes da Miaba, a serra das águas e dos fogos, dos encartes e dos metais, os Alpes sergipenses, atraindo pela sedução dos seus quartzitos brancos no despenho das encostas”. “Além a Serra dos Montes, atalaia servindo de pedestal ao cruzeiro de Campo do Brito”. Mais além, e no fim, a majestosa Serra de Itabaiana, a Serra da Cajaíba e outras coirmãs, da mesma formação ortográfica”. “Do lado do nascente, apenas a linha de um horizonte calmo, denunciando a proximidade das plagas. “É de permeio, sítios e malhadas entremisturadas a árvores frondosas e coqueiros festivos, integram a paisagem lagartense, linda contemplação da natureza e do homem, cada qual mostrando a obra maior ou menor de sua força, e ambos cantando juntos o poder supremo dos mundos e dos seres”. “Sobressalteando-se à terra, às montanhas e ao homem, o espetáculo de um firmamento sem par, renovando-se todos os dias entre claridade esbatidas de sol e o infinito estrelado das noites profundas...”

Conta Hermes Lima que Afonso Pena Júnior considerava o seu mineirismo como sendo um escalão do amor à Pátria, pois que sem essas raízes “o patriotismo correria o risco de ser apenas acessível aos espíritos que suportam o ar rarefeito das abstrações”. E conclui o jurista baiano: “Tinha razão. O patriotismo não é apenas civismo, porque é também mergulho revitalizante no cerne da comunidade, de onde partimos para a imagem da totalidade”. Pois bem, senhores, tal como o escritor mineiro, Gervásio de Carvalho Prata poder-se-ia confessar “entranhadamente brasileiro, porque entranhadamente sergipano”.

Em 1932, como Delegado do Estado de Sergipe na questão de limites com a Bahia, o fundador da cadeira nº 28 elaborou substancioso memorial,

dirigido ao General Augusto Ximeno de Villeroy, presidente da Comissão Mista de limites entre os dois Estados, instituída pelo Governo Provisório da República. Esse trabalho, realmente magnífico, não reflete apenas uma inteligência privilegiada de par com uma esplêndida cultura, mas, sobretudo, um sentimento de sergipanidade inextinguível. Observamos, no seguinte passo, a linguagem vigorosa do ardoroso defensor do pequeno espoliado:

“Até as crianças já aprenderam a conhecer a injustiça cometida contra o berço do seu nascimento e longe não irá que se instruem, na escola, daquilo que devem saber, para se baterem, mais tarde, pela reintegração do seu solo despojado”. É a formação de uma mentalidade reivindicadora, para onde se encaminham os povos desesperados do seu direito”. Mas é preciso dizer a verdade, porque somente com a verdade se chegará à verdadeira justiça”. Já não se pode ocultar que a causa se avoluma com os dias, recebendo da opinião pública um apoio avassalante. E a unidade de Sergipe, vibrando por ela, poderia levar um dia dos sergipanos, desenganados da falta de justiça, a demarcarem, por si, a divisória do seu direito. Pois na consciência de cada filho do pequeno Estado se desdobra este lema, que enche de calor a memória de Ivo do Prado: *“Sergipe lutou, luta e lutará sempre, no sentido nobre e justo de reaver o território que enriqueceu e povoou durante mais de 163 anos”*.

Eu vos falei, Senhores, das aptidões poliédricas do meu conterrâneo de Simão Dias. Com efeito, a sua cultura era como uma árvore que frondejava selvosa em todas as estações. Fosse qual fosse o assunto que versasse, tinha o dom de escrever derramando luz. Como nos encanta a graça da linguagem e como nos surpreende a segurança do bacharel em Direito, ao discorrer sobre os progressos da Química, a síntese dos compostos orgânicos, ou as combinações do carbono, tal como se estivesse a escrever um pesquisador fascinado da ciência de Berthelot.

Mas, Senhores, foi a magistratura que o nome respeitável do grande simão-diense atingiu a sua dimensão maior. A judicatura foi para ele um vasto campo onde o seu talento brilhou a toda força. Não foi simplesmente uma boca a repetir as palavras da lei. Com efeito, restou vencida, no tempo, a concepção montesqueana da separação absoluta dos Poderes do Estado, impeditiva da construção judicial do Direito. A sentença do juiz deixou de ser mera construção silogística, quando se firmou a compreensão de que todo julgamento traz marcante coeficiente de subjetividade. A propósito, é perfeita a visão carmelutiana de que “as leis são para a ordem, como as cores para a luz, ou como o som para o silêncio. Da mesma sorte como os homens não podem descobrir todas as leis, nas quais se decompõe a ordem, tampouco conseguem descobrir todos os sons e todas as cores que resultam na ruptura do silêncio ou da luz”. O juiz tem, portanto, um importante papel a desempenhar no ajustamento da norma à realidade, no conflito entre o presente e o passado, na disputa entre o fato e a lei. Como na síntese precisa de Francesco Carnelutti, “se o legislador tem às insígnias da soberania, o juiz possui as suas chaves. Tão certo é que a Ciência do Direito não pode ser reduzida a nomologia”.

E este importante papel, Gervásio de Carvalho Prata soube muito bem desempenhar, somando à honestidade incorrutível um coração generoso, capaz de gestos os mais largos. Foi, portanto, um bom juiz. E como sabia empregar a

palavra necessária na arte do julgamento. Usava a linguagem com graça e beleza, maestria e segurança, de tal maneira que em suas decisões conviviam harmonicamente o esteta e o pensador, o filósofo e o jurista. As páginas luminosas que inspiradamente compôs em louvor da Justiça, refletindo um saber não só de experiência feito, mas sobretudo de meditação, constituem verdadeiro tesouro de reflexões.

Foi um juiz de coração bondoso, repito-o, mas sabia ser enérgico quando o exigiam as circunstâncias. Nele, o “*ésprit de corps*” nunca foi suficientemente forte para vergar a vara da justiça. Tanto que, se flagrasse o tresmalho de um colega, se o visse deixar sumir da frente a auréola da alta função para nivelar-se por baixo nos homisiadouros maus ou nas brenhas do vício, a pena primorosa do magistrado sereno transmudava-se num ferro em brasa para marcar indelevelmente o autor da afronta à Justiça. E arrastava o juiz indigno das luzes do Capitólio, lançando-o, sem complacência, nas sombras da Rocha Tarpéia. Para ele, “os traquejos da camaradagem cubiculária”, “os manejos escusos que despudoram”, “a intriga hasteada em princípio de vida”, nada disso “pode tocar o homem que se alça da planura onde se agita a massa humana aos cimos onde se levantam os templos da justiça e se cultivam os sacerdotes da lei e do Direito”.

Tal o fronteiro de Beja, da narrativa de Alexandre Herculano – que acreditava não ter sido posto na torre de sua frontaria para estar assentado à lareira da chaminé, como velha dona, a espreitar de quando em quando por uma seteira se cavaleiros, mouros vinham correr até a barbacâ, para lhes cerrar as portas e ladrar-lhes do cimo da torre da menagem, como usavam os vilãos – o agrégio varão simãodiense, na chefia do Poder Judiciário sergipano, nunca demorou em defender a cidadela da Justiça contra as investidas dos infieis. E terçava corajosamente a pena, como se fora a lança robusta do heróico lidador a bater forte em adarga mourisca:

“A batalha estava para mim começada – dizia ele – desde que um selvagem ou um bárbaro surgia à frente, para negar ou tripudiar da justiça. Era um incidente que de braços cruzados nunca admiti. E do quanto de mim dependeu a austeridade e exaltação do Poder Judiciário, eu me converti em apóstolo e soldado, pregando a sua intangibilidade, vigilando a sua catedral”.

Com efeito, não foram poucos os bons combates, sempre o brava lutador a manejar com destreza as armas da inteligência e da razão.

A supressão da Comarca de Simão Dias, quando ele era juiz, foi simplesmente um meio de afastá-lo das funções judicantes. Em verdade, não se pretendia “rebaixar nossa terra ao fundo raso da imbecilidade e da miséria moral”, nem “sombrear a claridade dos nossos destinos”, nem “desvirtuar a herança das nossas virtudes melhores, nem “contradizer o que somos pelos sonhos do nosso pensamento e pelos ardores do nosso coração”. Não. O ato visava, apenas, a eliminar o mais forte opositor às pretensões políticas do deputado Pedro Freire de Carvalho.

O juiz prejudicado lança manifesto ao povo, convocando-o à reprovação do ato infeliz. Da proclamação, destaco o trecho seguinte, que me pareceu antológico: “Alimpem-se, pelo desprezo, essas caricaturas de reis pequeninos, que copiam, ainda hoje, os despotismos que fizeram a desgraça dos reis verdadeiros”.

Ao tempo do governo interventorial do Dr. Eronildes de Carvalho, o Tribunal de Justiça abriu concurso para preenchimento das comarcas de Itabaianinha e Vila-Nova (hoje Neópolis). Dente os vários candidatos, o Bel. Juarez Figueiredo, na época Procurador Geral do Estado. O nome de Juarez Figueiredo, entretanto, não figurou da lista encaminhada ao Interventor para a nomeação. O Tribunal classificou os nomes de Waldemar Fortuna de Castro e Carlos Vieira Sobral (juizes municipais), Luiz Garcia e Luiz Magalhães (promotores), e Alberto de Azevedo Bragança e Gonçalo Rollemberg Leite (advogados).

O chefe do Executivo, indignado por não ver na lista o nome de sua preferência, legisla, anulando o concurso recente e revalidando outro que já perdera a efetividade. O decreto dispôs sobre o aproveitamento de todo aquele que houvesse figurado em lista anterior ao concurso que tornou sem efeito. E assim foi nomeado, para a Comarca de Vila-Nova, o Bel. Juarez Figueiredo.

O tribunal não se conformou com o atentado à Constituição. E, por proposta de seu presidente, o desembargador Gervásio Prata, invocou a intervenção federal. Mas o Supremo julgou-se incompetente, proclamando a competência do Presidente da República. Enquanto isso, o novo juiz continuava em plena jurisdição. Eis que chega à superior instância uma apelação criminal oriunda da Comarca de Laranjeiras, para onde, a pedido seu, fora removido o Dr. Juarez. O Desembargador Gervásio Prata suscitou uma preliminar de nulidade do processo, porque "presidido e sentenciado por quem não é juiz ou é juiz sem legitimidade". Argumentava: "Não existe lei no Estado que garanta o canvalectamento de tal concurso para além do tempo a quem foi destinado a servir. Não se podia fazer um concurso perante este Tribunal, para Juiz de Direito, classificar candidatos e indicar ao governo aqueles que se achavam em condições de ser juizes, nos primeiros lugares, como tudo foi feito dentro do quadro Constitucional, para se em seguida, logo após conhecida a decisão do Tribunal, declarado nulo por quem não tinha autoridade para fazê-lo e mandado restaurar um concurso outro decorrido há três anos, para ser aproveitado candidato que não logrou classificação no concurso público anulado, em detrimento dos recentes classificados e enviados em lista ao governo".

A preliminar foi rejeitada, não em face das seguras razões jurídicas e ela opostas pelo Des. Hunald Cardoso, mas em virtude da composição numérica da ocasião. É que o número de desembargadores fora rezudido de sete (07) para cinco (05), não mais figurando os dois que, ao lado do Desembargador Loureiro Tavares, deram apoio ao pedido de intervenção federal proposto pelo Des. Gervásio Prata.

Romperam-se, definitiva e irreconciliavelmente, as relações entre os chefes do Executivo e do Judiciário. A incompatibilidade entre ambos chegara ao ponto de ensejar esta corajosa manifestação do grande magistrado sergipano: "Para glória deste Tribunal, de que fazem saudades os seus grandes dias, nunca a injúria aqui recebida foi desprezada, nunca um juiz nomeado contra a Constituição passou incólume ao protesto e à indignação, nunca o seu presidente reconciliou com os desrespeitos à sua Casa, nunca ele pisou os pés nas escadas de onde lhe advinha a diminuição à justiça".

O Dr. Eronildes de Carvalho propõe ao presidente Getúlio Vargas a aposentadoria do Desembargador Gervásio Prata, sob fundamento de que o magistrado sofria de mal incurável. Com efeito, o chefe do judiciário sergipano era portador de lesão duodenal. Mas o Presidente da República, em resposta ao Interventor, disse não se tratar de um caso passível de aplicação do art. 177 da Constituição Federal, esclarecendo, contudo, que se devia proceder a um exame de saúde que demonstrasse o alegado, cabendo as diligências ao Sr. Procurador Geral do Estado. O que foi feito.

O Des. Gervásio Prata foi obrigado a submeter-se à junta médica oficial do Estado de Sergipe, cujo laudo o considerou impossibilidade de exercer as suas funções, de modo absoluto e permanente. O magistrado, ao saber da conclusão pericial, seguiu para o Rio de Janeiro, onde foi examinado por médicos especialistas de renome, professores da Universidade do Brasil, os quais afirmaram a sua plena capacidade “para realizar as funções do seu cargo, sem qualquer dúvida”.

O Dr. Álvaro Andrade, como Procurador Geral do Estado, com base no laudo da junta médica oficial, requereu ao Tribunal de Justiça a aposentadoria do seu presidente. Pela aposentadoria votaram os desembargadores Édson de Oliveira Ribeiro e Hunald Cardoso. Pela permanência, os desembargadores Loureiro Tavares e Zacarias de Carvalho. O empate beneficiou o Des. Gervásio Prata.

As amarguras que sentiu, as apreensões que viveu durante esse processo, ninguém melhor do que ele próprio para dizê-las. E o fez numa página cheia de calor humano:

“Agora pude compreender as angústias daqueles que esperam de juizes humanos a solução dos seus direitos. Que tortura para eles a expectativa de um julgamento. Quanto no seu coração bateu a incerteza, a dúvida, a preocupação de não ter sido bem feito o estudo da causa; apegar-se o julgador à errônea interpretação da lei ou do fato; deixar-se ele vencer como homem, à influência de fatores que possam sacrificar o sentido justo da causa; dependerem, em suma, os nossos direitos, da vontade de homens, que assim como podem julgar com acerto, podem cometer também a mais negregada injustiça. Que situação apavorante a dos que têm sede de justiça!”. “Se o que ela resolve, resolvido está; se a autoridade do juiz é a autoridade da verdade; se um julgamento tanto pode exprimir um conceito jurídico e moral, assim como pode ser a contradição de todo o principio de honestidade?”. Razão sobrava a Tobias Barreto, para ensinar: não basta aprender o direito, é urgente senti-lo também. Com a justiça a mesma coisa se passa e com vibração maior: é preciso senti-la fundamente nos arcanos de estrutura de cada julgador, não exercitá-la simples e friamente, com a impassividade de quem mata um porco ou do carrasco que atira do patíbulo o desgraçado a morrer”.

O pensamento político do fundador da cadeira nº 28, foi o de um liberal-democrata convicto. Na atividade partidária, proclamou sempre a autoridade da lei contra o arbítrio, e como juiz nunca aceitou impassível “os sofismas opressores da razão de Estado”. Manifestou simpatia pelo movimento renovador

de 1930, mas o subsequente desenrolar dos acontecimentos causou-lhe muitas apreensões, pois rejeitava que o transitório por natureza, convertido fosse em permanente. E no próprio recinto do Palácio do Governo, quando da visita que o Tribunal de Apelação fez ao Interventor Federal, proclamou, sem refolhos: “As armas traçam a vitória do mais forte, porém, uma vez alcançado o objetivo, elas esbarram a sua marcha”. “O fusil cansa nas mãos, as espadas se dobram ao peso de si mesmas, os comandos fatigam e as tropas se exaurem de lutar”. “É a paz que se procura depois das convulsões internas no seio dos povos”. Restabelecida a paz, “a força da sociedade volta a ser a do Direito e da Justiça, porque este é o verdadeiro destino do homem”. “As armas tornam aos arsenais de onde saíram, lugar próprio delas, para a defesa do Direito e da Pátria”, pois “só é útil a revolução... que destrói para reconstruir” e “que cede, sem grandes retardos, as suas conquistas ao poder legal da Nação”.

E diante do Major Juarez Távora, em 1932, quando o vitorioso chefe revolucionário visitava a mais alta Corte de Justiça do Estado, disse que todos acatavam a Revolução que teve por objetivo arrasar um sistema político mal cumprido, mas cobrou-lhe a reorganização nacional prometida, pois faltava à Revolução de 30 plantar no Brasil “nesse vazio imenso deixado, de mais de oito (8) milhões de quilômetros de jurisdição territorial, no lugar das searas queimadas, a nova estrutura da nação, com os alicerces do Direito novo”.

Gervásio de Carvalho Prata foi, portanto – torno a dizer – um liberal-democrata convicto.

Foi brilhante a sua carreira.

Nascido em Simão Dias, em 18 de junho de 1886, filho do casal Manoel Antônio Prata – Constância de Carvalho Prata, formou-se em Direito na Bahia, em 7 de dezembro de 1907. Com a idade de 20 anos, assumiu a Promotoria da Comarca de Capela. Aos 21 anos, em 8 de abril de 1908, foi nomeado Juiz Municipal de Lagarto, cargo que exerceu até 12 de agosto de 1914. Nesse mesmo ano, durante um mês e dezessete dias, foi Secretário do Governo, sendo Presidente do Estado seu tio, o Cel Pedro Freire de Carvalho. De 1916 a 1918, foi Juiz Municipal dos termos de Brotas de Macaúbas, Santo Sé e Amparo, no Estado da Bahia. Voltando para Sergipe, foi nomeado Juiz de Direito da Comarca de Itabaiana, em 1919, de onde foi removido para a de Simão Dias.

Exerceu, ainda, os cargos em comissão de Chefe de Polícia e Procurador Geral do Estado, e aos 44 anos foi nomeado para o cargo de desembargador do Tribunal de Justiça de Sergipe, em 1930. Aos 51 anos foi eleito Presidente do Tribunal de Justiça, função que exerceu até a sua aposentadoria, aos 56 anos de idade, em data de 3 de fevereiro de 1943.

Na época quando Des. Gervásio Prata exerceu a chefia do judiciário sergipano, as comunicações eram precárias e o juiz para deslocar-se de uma comarca interiorana até a capital, a viagem era longa e demorada. Por isso, exigia o austero presidente que o magistrado, quando pretendesse vir a Aracaju, e possível não fosse prévia autorização, a ele se apresentasse, aqui chegando. Conta-se que, certa feita, estando a uma das janelas do Palácio da Justiça,

viu sentado num banco do jardim ao lado um jovem magistrado do interior, que lhe não avisara a vinda a Aracaju. Imediatamente, de aspecto severo, dirigiu-se ao local, para advertir o juiz faltoso. Ao chegar, porém, já o encontrou ao lado da noivinha aracajuana. E o chefe rigoroso nada mais fez senão cumprimentar os namorados felizes e parabenizar o jovem colega pelo bom gosto que revelara na escolha.

Assim viveu Gervásio de Carvalho Prata: austero na observância dos deveres do ofício, mas coração sensível, alma de poeta.

Já debruçado nos anos, deixou Sergipe e foi morar no Rio de Janeiro. Desconfio que deve ter sentido muitas saudades da província que estremeceu. Contudo, emigrou na hora certa, pois, como disse o célebre autor do "Monge de Cister", "para achar deleite em vaguear fora do nosso ninho paterno, é preciso ter já calcado aos pés, inteiramente sugado, o pomo das ilusões, e assistir ao drama da existência, não como ator possuído do seu papel, mas como espectador indiferente, que sabe ser esse drama um embuste, algumas vezes atrativo, mas sensor as mais delas..." Entretanto, com certeza, tranquilos correram os seus últimos dias, ao lado da esposa amada e das filhas queridas, frutos de uma união que foi muito feliz enquanto durou. E durou uma vida inteira...

Senhores:

Falando-vos demoradamente sobre o meu ilustre antecessor procurei cumprir norma regimental desta augusta corporação. Seria a justo título presunção estulta se vos dissesse haver, neste mitigado elogio, traçado o perfil de quem foi grande a muitos respeitos. Não! Estas palavras em brilho não têm virtude, sequer, de expressar a admiração que vou a seu nome o novo ocupante da cadeira nº 28. Aliás, parafraseando ele mesmo é que vos digo: Quiséssemos exprimir, em figuração maior, as proporções em que se alevantam as linhas desse perfil superior de homem, e seria preciso traçar todo o quadro de uma sucessão de cimos, emergindo das rasas desta plaga até as asas do céu. Cada qual desses cimos evocando um grande magistrado sergipano, e num deles e de mais altanería havíamos de divisar a silhueta eminente de Gervásio de Carvalho Prata".

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO ARTUR OSCAR DE OLIVEIRA
DÉDA NA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS PROFERIDO PELO
ACADÊMICO LUIZ CARLOS FONTES DE ALENCAR, NA SESSÃO SOLENE
REALIZADA NO DIA 11 DE AGOSTO DE 1982, NO AUDITÓRIO
GOVERNADOR JOSÉ ROLLEMBERG LEITE, DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA
DO ESTADO DE SERGIPE

1979. Fevereiro. Neste mesmo recinto o Desembargador Artur Oscar de Oliveira Déda assumia a Presidência do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado. Aquele que mais recentemente havia chegado à desembargatória deveria fazer a saudação dos pares ao novo Presidente. Era eu. Fí-la. Na Corte de Justiça a praxe não impunha o discurso escrito. Naquele momento, na tensão emocional do improvisado, — lembro-me bem — vieram-me aos lábios versos de FeneiaGillar:

*"A vida muda como a cor dos frutos
lentamente
e para sempre
A vida muda como a flor em frutos
velozmente".*

E dizia eu então, dirigindo-me ao magistrado hoje Acadêmico: Foi ontem, e até parece que foi hoje, que juntos iniciamos, na mui querida Faculdade de Direito de Sergipe, o curso jurídico; foi ontem, e até parece que foi hoje, que nós ambos, por força de um mesmo concurso, ingressamos na Magistratura; foi hoje que V. Exa. galgou o lugar de membro da nossa mais alta Corte de Justiça, e até parece que foi ontem, pois já os seus colegas o conduzem à Presidência desta Casa.

Nem quatro anos se passaram, e aqui estou eu, emoção renovada, satisfação ampliada, a dizer o saudar deste sodalício, agora mais rico, a Artur Oscar de Oliveira Déda, nesta noite em que ele assume a Cadeira nº 28, de que é patrono o Conselheiro Orlando, desta Academia de Letras.

No fecundo Governo de Mauricio Graccho Cardoso, nos anos vinte, foi criado um curso jurídico em Sergipe. Infelizmente, porém, não medrou a louvável iniciativa, que por si só atesta o descortino do seu autor. Somente um quartel de século mais tarde o sonho de implantação de uma Faculdade de Direito em nosso Estado se tornaria realidade. Era então Governador do Estado o Exmo. Sr. Professor José Rollemberg Leite. Cabe aqui o registro de que na data de hoje, 11 de agosto, comemora-se a criação dos cursos jurídicos no Brasil, São Paulo e Olinda, em 1827.

Dos professores fundadores da Faculdade de Direito de Sergipe, dez eram ou vieram a ser membros desta Academia: Antônio Manuel de Carvalho Neto, Augusto César Leite, Francisco Leite Neto, Gonçalo Rollemberg Leite, Hunald Santaflor Cardoso, José da Silva Ribeiro Filho, Luiz Pereira de Melo, Luiz Garcia, Manuel Cabral Machado e Mário Cabral. Dois outros também viriam a ter vínculo com a Academia Sergipana de Letras, eleitos que foram para integrá-la: Alberto Bragança de Azevedo e Osman Hora Fontes. O primeiro a exercer as funções de secretário da nova Faculdade, um outro Acadêmico: Severino Pessoa Uchôa. Garcia Moreno também pertenceu às duas instituições. Outros seis acadêmicos são professores de Direito: José Bonifácio Fortes Neto, José Silvério Leite Fontes, José Amado Nascimento, Wagner da Silva Ribeiro, José Anderson Nascimento e Luiz Carlos Fontes de Alencar. Hoje, mais um elo se coloca entre o curso jurídico em Sergipe e a nossa Academia, com o alcançar da imortalidade acadêmica pelo Professor Artur Oscar de Oliveira Déda, sucessor de Gervásio Prata.

A circunstância de alguns dos mencionados, sem embargo do valor científico dos seus trabalhos, também se fazerem notáveis como literatos no sentido estrito, não esvazia a relação estabelecida; antes a destaca.

Ao ingressar nesta Casa, sucedendo ao historiador Sebrão Sobrinho, que por sua vez havia substituído ao sociólogo Florentino Menezes, fiz a observação de que o conceito de Literatura não é restrito à arte de ficção, e lembrei, a propósito, que Álvaro Lins situa Roquette-Pinto na Literatura pela forma literária de sua obra científica.

A impossibilidade de estudos formais de Direito em Sergipe, o que somente se tornaria viável com o funcionamento da Faculdade a partir de 1950, fez com que autodidatas vocacionados para as lides forenses ocupassem os pretórios sergipanos, valendo-se do recurso legal da provisão.

Alguns desses provisionados tornaram-se conhecidos e admirados, não só pela agilidade de raciocínio que exibiam, a capacidade de luta que demonstravam e a seriedade que emprestavam ao seu trabalho, mas, também, pelo conhecimento mesmo do Direito, fruto de leituras não sistemáticas por certo, e do “saber de experiências feito”. Dos desprotegidos, e por isso mesmo mais necessitados de Justiça, recebiam sobretudo a confiança, identificados que eram com os humildes. O simples saber da vitória no pleito quase sempre lhes valia como honorário. Quanto aprenderam com eles, nas conversas, nas mesmas de Audiência e na tribuna do Júri, bacharéis de borla e capelo aqui recém-chegados do Recife, da Bahia e de outras plagas! Uns admitindo o aprendizado; outros não, mas correndo aos compêndios, parte às vezes ainda intocada da bagagem, buscando avivar idéias, conferir conceitos, preencher lacunas — cicatrizes deixadas pela boêmia dos tempos de estudantes nos grandes centros.

Entre os provisionados conhecidos e admirados estavam Carvalho Déda e Clodoaldo de Alencar. E posso citar mais: Adroaldo Campos, Odilon Palmeira, Temistocles Alves Viana.

Em Simão Dias, onde morava, tinha Carvalho Déda e o seu escritório de provisionado e editava o jornal “A Semana”. A sua atividade alcançava todo o Estado. Eu mesmo, quando Promotor Público substituto na comarca de Itabaiana, tive a honra da sua companhia, como assistente da acusação, em um processo. Tempos depois, eu Juiz de Direito na Comarca de Tobias Barreto, encontramos-nos novamente. Era o lutador de sempre: a palavra eloqüente, o cigarro entre os dedos estirados, óculos meio caídos, fisionomia serena, o argumento pronto, o trato cordial; altivo e gentil a um só tempo.

A vida e a luta de José de Carvalho Déda, seu pai, provavelmente despertaram a vocação do novel Acadêmico para os estudos jurídicos.

Euclides da Cunha, “misto de celta, de tapuia e grego” – autodefinição lembrada por M. Cavalcanti Proença, – em “Os Sertões”, que tem por tema o primeiro grande equívoco republicano, ao gizar o cenário da tragédia de Canudos, do alto de Monte Santo descreve, com seu estilo inconfundível, o VasaBarris: “... rio sem nascentes em cujo leito viçam gramíneas e pastam os rebanhos, não teria o traçado atual se corrente perene lhe assegurasse um perfil de equilíbrio, através de esforço contínuo e longo. A sua função como agente geológico é revolucionária. As mais das vezes cortado, fracionando-se em glânglios estagnados, ou seco, à maneira de larga estrada poerenta e tortuosa, quando cresce, empanzinado, nas cheias, captando as águas selvagens que estrepídam nos pendores, volve por algumas semanas águas barrentas e revoltas, extingüindo-se logo em esgotamento completo, como o indica o dizer português, substituindo-lhe com vantagem a antiga denominação indígena”.

Outrora, foi Simão Dias sede da comarca do Alto VasaBarris.

A quarta e última expedição contra o arraial de Antônio Conselheiro foi comandada pelo general Artur Oscar de Andrade Guimarães. Tinta e cinco anos depois, José de Carvalho Déda e d. Maria de Oliveira Déda dão ao filho, nascido a 2 de março de 1932, o nome do vencedor – Artur Oscar, o hoje Desembargador, Professor e acadêmico Artur Oscar de Oliveira Déda.

Há cidades que existem simplesmente. Incaracterísticas. Estão num sítio e poderiam existir alhures. Outras há que se não confundem. O progresso não as descaracteriza. O passar dos anos não desfaz ou sequer esmaece as suas marcas. Josué Montello, o consagrado autor de “Os tambores de São Luiz” e “A noite sobre Alcântara”, chega a falar da alma das ruas da sua São Luiz. Assim é minha Estância. É assim, também, aquela plantada pelo sesmeiro Simão Dias, terra natal do Acadêmico hoje empossado, que sucede a um outro simãodiense – Gervásio Prata, e que aqui conosco encontra a figura extraordinária destoutro conferrâneo seu – Marcos Ferreira de Jesus, um dos fundadores da Academia, ocupante da cadeira nº 38, de que é patrono Guilherme Rebelo.

Em Salvador, Bahia, fez Artur Oscar o curso secundário. O superior, em Sergipe. O Ministério Público sergipano teve, durante algum tempo, a sua eficiente participação. Permaneceu em Sergipe. Em 1961, submeteu-se a concurso para Juiz de Direito, classificando-se em primeiro lugar. Foi então nomeado para a Comarca de Riachão do Dantas. A partir de 1964, passou a exercer a judicatura na Comarca de Maruim. Em 1968 foi promovido, por merecimento, para de Estância, e no mesmo ano removido para a de Aracaju. Ainda como Juiz de Direito passou a integrar o Tribunal Regional Eleitoral. Em 1975 adveio o coroamento de sua carreira magistrática, com a promoção para o Tribunal de Justiça. Foi Corregedor Geral da Justiça e Presidente da Corte.

O Magistrado Artur Oscar de Oliveira Déda, todos o conhecemos: longe do sentimentalismo do bom juiz Magnaud, mas também distante da impossibilidade do Wolf Von Andergast, do romance “O Processo Maurizius”, de Jakob Wassermann. Em verdade possui ele aquele contingente pessoal que um outro simãodiense e Acadêmico, Carvalho Neto, em seu livro admirável “Advogados – como aprendemos, como sofremos, como vivemos”, considerava, com toda razão, imprescindível ao Juiz: ilustração, serenidade, retidão, independência, bondade.

A vocação do neo-acadêmico para o Direito fé-lo seguir carreira paralela à magistratura: a do magistério jurídico. Com efeito, em 1970, foi-lo Auxiliar de Ensino na Faculdade de Direito. Atualmente é Professor do Departamento de Direito da Universidade Federal de Sergipe, ministrando aulas de Direito Civil, com justo renome.

Senhores:

A elegância do seu estilo, Artur Oscar de Oliveira Déda não a deixa enclausurada nos papéis forenses. Os conceitos limpidos que expende em suas aulas não ficam limitados ao espaço físico das salas em que as profere, nem deles são beneficiários exclusivos os seus alunos. É ele um destacado publicista.

Em 1970 é o seu trabalho “Prova Documental – aspectos particulares de seu procedimento”. No ano seguinte veio a lume o seu “Alienação Fiduciária em Garantia”, na Revista Forense do Rio de Janeiro. As referências que lhe fazem o Ministro do Supremo Tribunal Federal e Professor José Carlos Moreira Alves, bem como os Professores Orlando Gomes e Jéferson Daibert, bem dizem ao seu alto nível. O verbete “Direito de Superfície”, também de sua autoria, que está inserido na Enciclopédia Saraiva de Direito, na autorizada opinião do Acadêmico e Professor Cabral Machado “constitui contribuição original, não possuindo, nossa literatura jurídica, nada melhor. “A Revista de Direito Civil, de São Paulo, publicou o seu excelente estudo “A Controvérsia Técnica sobre a Reparabilidade dos Danos Morais”, que mereceu registro na *Avvocatura degli enti pubblici*, da Itália. De 1978 é “Da Formação, da Suspensão e da Extinção do Processo”.

No ano pretérito, ao findar do curso que fez na Escola Superior de Guerra, Artur Oscar de Oliveira Déda apresentou a monografia “Os Poderes do Estado: funções, atuação e relacionado”. A par do estilo elegante e do conteúdo substancial, a obra mostra o homem de cultura voltado para os grandes problemas nacional. Escutai um pequeno trecho: – A reforma de nossas instituições políticas – ... – há de iniciar-se portanto, com a indispensável descentralização administrativa; com restituir aos Estados o poder de autogovernar-se dentro dos limites constitucionalmente traçados; com devolver ao Legislativo o poder decisório em questões relevantes; com propiciar efetivas condições de alcançar o Poder Judiciário a modernização desejável. É que o atingimento do objetivo maior da construção de uma sociedade verdadeiramente democrática não será possível com um Poder Legislativo inócuo e um Judiciário sem condições de atender às suas necessidades básicas”.

Há ainda a registrar, entre outros trabalhos do novo Acadêmico, a conferência “Castro Alves, o Cantor dos Escravos”.

Poeta também é. O soneto é a forma de sua predileção. A sisudeza do magistrado esconde o epigramatista.

Acadêmico Artur Oscar de Oliveira Déda
A Cadeira nº 28 é vossa; a alegria é nossa.

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA CLARA LETTE DE RESENDE, NA
CADEIRA Nº 7, DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS, PROFERIDO NA
SESSÃO SOLENE REALIZADA NO DIA 24 DE NOVEMBRO DE 2004, NO
AUDITÓRIO GOVERNADOR JOSÉ ROLLEMBERG LETTE, DO TRIBUNAL DE
JUSTIÇA DO ESTADO DE SERGIPE

As minhas primeiras palavras dirigio a tantos quantos vieram estar comigo nessa noite de sexta-feira, no horário tradicional do jantar sergipano, fazendo-me sentir absolutamente entre amigos.

A vida é feita de momentos, que se sequenciam, substituem-se e consagram-se. Momentos bons, de alegria, de fé. Momentos de dor, de reflexão ou de saudades. Momentos comuns, especiais, que nos trazem esperanças, que nos fazem felizes. Momentos de glória. Momentos de paz.

Encontro-me num momento especial na noite de hoje. Adentro a Academia Sergipana de Letras na cadeira de número 7 (sete), outrora ocupada por outro Desembargador. Certamente por uma deferência à ciência jurídica, tão bem representada por outros acadêmicos. Apossa-se de mim um sentimento de alegria pela oportunidade de conviver com os que usam da palavra para expressar a beleza dos sentimentos e, de gratidão pela grandeza dos que me proporcionaram, com a escolha, o resgate de um sonho adormecido.

Mas senhores, ao longo da construção de minha caminhada, vivi intensamente momentos e deixei passar alguns caminhos que por certo me levariam a lugares outros. O trabalho foi sempre constante em todas as fases desse percurso. O tempo deixou-me marcas no semblante e no espírito. Todas sinalizam passos dados ao longo da vida como um mapa que expressa os caminhos percorridos ou não escolhidos. Vivo o presente com otimismo e a esperança é pressuposto do meu porvir. Não hospedo tristezas além do tempo indispensável à sua passagem. Encanta-me a natureza e sinto irresistível afinidade com a alma humana. As perdas sofridas, muitas e significativas, representam embates de ultrapassagens difíceis e doloridas.

Venho de um sobrado colonial de linhas simples, mas belas, na Fazenda Angico em Riachuelo, onde nasci. Assistiram à minha chegada: o meu pai, Silvío Leite; e o meu tio Augusto Leite. O ambiente era, pois, de amor e confiança. Sai do conforto que me oferecia a proteção de minha mãe, pelas mãos seguras desses dois símbolos da medicina de sua época. Fui, portanto, muito bem recepcionada pela vida.

Naquela fazenda bucólica, banhada pelas águas morenas do rio Sergipe, vivi os meus primeiros anos. Nela estão bem vivas as lembranças desse rio querido, correndo por suas baixas de massapé, e por taquarais que formavam imensos toldos verdes, sombreando suas margens, para nos abrigar das chuvas do inverno e do sol causticante do verão.

Dela guardo muitas outras recordações que passeiam na minha memória, nos devaneios que me trazem de volta ao tempo, retornando a um passado longínquo, mas, tão presente em minhas saudades.

Os banhos de Rio... Momentos de conagração entre os meninos e meninas, da casa grande e da senzala, que nas marés cheias, numa algazarra ensurdecadora, brincavam de barcos improvisados, projetando viagens a um mundo imaginário de igualdade, que somente existe no convívio puro das crianças.

E as cheias desse rio... Guardo-as na lembrança embotada pelo tempo, quando moradores fazenda e das circunvizinhanças, corriam alvoroçados carregando seus móveis e objetos, surpreendidos com os gritos ouvidos de todos os lados, anunciando a subida implacável do rio. Logo em seguida, soberanamente, as águas iam se apoderando de uma área a perder de vista, inundando as casas dos moradores, obstruindo os caminhos que nos conduziam às estradas, isolando-nos do mundo. A natureza nos oferecia sempre esse espetáculo admirável, na busca de afirmação de sua força sobre a inteligência do homem.

Este é o "rio da minha aldeia", e do nosso poeta maior. O menino José de calças curtas que, nascido ali, viveu nos mesmos lugares e canta o seu Esboço de Canção "Para embalar José":

Puxo a infância muito distante para junto de mim Riachuelo. Ruazinhas estreitas e o meu corpo vestido de verde, verde... Porto das Pedras. O rio magro e sem forças crescendo ao alcance de minhas mãos, e os mesmos saveiros dançando em seus ombros de águas turvas... Eu, menino José de calças curtas, brincando, apanhando tamarindo na Praça do Mercado.

E após transitar pelo cotidiano desse seu torrão, concluiu Santos Souza a sua linda canção:

Do alto do Cruzeiro a gente olhava o rio pobre, mas alegre. Festa da padroeira. Nossa Senhora convocava a filarmônica Santa Cecília e mestre Rochinha surgia com o seu inesquecível arsenal de música, na rua. Foguetes anunciavam a procissão... Mestre Alfredo no Bombardino, comovia. Eu menino José de calças curtas e Riachuelo dando o seu Horizonte lindo ao meu alhar de criança alheia à vida e à morte, de criança que agora relembra com lágrimas sujas de medo, a infância que se foi.

Segui o curso desse meu rio querido, que acompanhou os meus passos, testemunhou minha história, e uniu o passado com presente. Contemplo hoje a margem direita do seu belo estuário e dele me despeço todos os dias, quando as águas deixam o seu curso para misturarem-se à imensidão impessoal do oceano.

Ocupam lugar também nas minhas lembranças as secas que vivenciei no sertão sergipano, nos idos de 1970, quando iniciando o exercício da magistratura, rendi-me àquela terra generosa e guerreira, sofrendo as estiagens e louvando as chuvas, modelo de mãe que tem seus filhos de volta aos primeiros pingos d'água. Desse sertão, falou o poema "Choro do Nordeste", escrito pela pena sensível e precisa de Clodoaldo Alencar, filho fiel do seu Ceará que deu a nós e não a sua terra, filhos tão ilustres:

Houve curto circuito no infinito
e, de repente, como por encanto
a natureza se desfez em prantos
sobre o cadáver do sertão proscrito.

As portas das casas abandonadas não mais batem ao vento. Seus donos voltaram, plantaram e começaram a colher. A felicidade retorna ao coração daquela gente, para em seguida voltar tudo a morrer.

Também os versos de Márcio Rollemberg Leite cantam esse sertão, no diálogo travado entre os personagens de "Flagelos e Esperanças":

Mostre agora por onde a seca se inicia
O culto sertanejo assim responde:
- Ela começa onde o sol e o céu primeiramente
Unem o fogo, o raio mais ardente
E o azul que nega nuvem para a chuva.

Dessa gente heróica eu guardei a fê, que este poeta citado diz ser “maior que a estiagem”, de superar o que parece insuportável e guardar consigo a capacidade de ser feliz.

Passaram-se tantos anos e não percebi quantos passaram. Estamos sempre a correr tanto que a consciência de que o tempo não para, aflora apenas quando a inconsciência se dá conta de que ele não mais pode voltar. Tudo além do ritmo sincopado do cotidiano é químera. Os planos permanecem planos. Os sonhos se exaurem no sonhar. E o tempo segue seu destino quando somos surpreendidos, como nos versos de Mário Quintana:

Quando se vê, já são seis horas
Quando de vê, já é Sexta feira.
Quando se vê, já terminou o ano
Quando se vê, passaram-se cinqüenta anos.

Olho para trás e essa realidade se apresenta como uma idiossincrasia do século que passou. Foi pensando nessa oração singela, que encontrei o meu tempo não vivido, mas apenas passado, e me identifiquei com ele, usufruindo cada momento, na busca do resgate das coisas simples como o são os encontros e desencontros da vida, que os sábios poetas, como o foi Cartola, não deixam passar.

Queixo-me às rosas,
Mas que bobagem,
As rosas não falam
Simplesmente as rosas exalam
O perfume que roubam de ti.

Ou como a beleza que Orestes Barbosa soube extrair de um barraco, a mais simples expressão de uma moradia, transformando-o em o seu “Chão de Estrelas”:

A porta do barraco era sem trinco
Mas a lua furando o nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso chão
Tu pisavas nos astros distraida
Sem saber que a ventura desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão...

Mas, senhores o fundador e os demais ocupantes da cadeira número sete tiveram a sua formação e produziram suas obras no século XX. São, portanto, produto de sua cultura e protagonistas de sua história.

Sou também personagem testemunha e cúmplice desse Século. A minha história está integrada à sua como um grão de areia à praia, que não aparece isolado na sua visão, mas compõe seu todo com ele se confundindo, tomando as suas cores, assumindo o seu destino.

Alcansei-o nos anos 40, em plena segunda grande guerra mundial, quando todo o Brasil, mantinha-se junto dos aparelhos de rádio à válvula, para ouvir as notícias a respeito das tropas aliadas que iriam definir os nossos destinos.

Sou testemunha de mais da metade desse século. Vivenciei a guerra fria que dividiu o poder no mundo em dois blocos, onde seus protagonistas, Estados Unidos e União Soviética dispunham de arsenais nucleares, capazes de destruir o mundo em alguns minutos, estabelecendo o que se chamou à época, "o equilíbrio do terror".

Vi cair o muro de Berlim, divisor artificial de ideologias, que separou irmãos durante muitas décadas. Assisti a Perestroika, que soou ao mundo ocidental como uma abertura de portas para a liberdade de pensamento e escolha de novos destinos. Presenciei a conquista do homem ao espaço pioneiramente através do astronauta Yuri Gagarin. Em seguida Armstrong pisou na lua. As naves tripuladas em órbita se multiplicaram e trouxeram grandes progressos para a humanidade. E nessa conquista se encontra a surpreendente constatação que emocionou o mundo "A terra é azul".

O século XX ultrapassou a sociedade estandardizada, construída pela economia do século passado, tão bem simbolizada por "Carlitos" que "tempos modernos", para vivenciar a era impulsionadora de grandes revoluções, onde o homem, no trabalho, substituiu o uso das mãos pela ocupação do seu cérebro.

Século também de luzes que impulsionou o desenvolvimento da eletrônica, a qual, não obstante possibilitar os inventos bélicos de elevada sofisticação, fez explodir a comunicação, que se tornou efetiva para todos, uniu povos, aproximou culturas e tornou o mundo "uma grande aldeia" no se expressar de Domenico de Mazzi. Surgiram os transportes de massa rápidos, o telefone e sua democratização, o rádio transistor, o cinema, a televisão. O poder estratégico da imagem fez nascer a propaganda, como instrumento poderoso na formação de opinião durante as guerras, com destaque para a guerra do Golfo. A mídia alcança *status* de um poder e a informação passa a ser divulgada pelos seus detentores.

E finalmente, a comunicação se deu de forma extraordinária com a invenção do computador, e a sua Rede Internacional de Informação, Internet, que num simples clicar de uma tecla nos coloca em contato com o mundo. A informação fácil e vasta trouxe sem dúvidas uma abertura sem precedentes para a formação cultural, que já começa a se democratizar.

O mundo recepcionou o grande passo que deu a ciência genética, com a descoberta do D.N.A. que possibilitará a compreensão dos mistérios do corpo humano. O projeto Genoma, com a parceria da matemática, acena para um futuro muito próximo o controle mais seguro da saúde do homem, por via do mapeamento genético e conseqüente conhecimento da sua origem, pondo fim a odiosa afirmação da superioridade de raças.

Século de luzes pelos avanços sociais traduzidos principalmente na conquista da não discriminação racial por sua inclusão nas constituições modernas e na conquista da igualdade feminina, que favoreceu definitivamente à minha geração, destinatária e partícipe do progresso auferido pelo sacrifício de tantas mulheres, ilustres e anônimas que nos bastidores da discriminação

minação, fizeram valer o seu grito pela igualdade. A inteligência feminina invade assim o conhecimento e o mundo se rende à sua força em todos os seguimentos do saber. Que potencial perdeu a humanidade por não utilizá-la há mais tempo!!!

Mas, lamenta-se também esse século, pelas grandes guerras mundiais, pelas guerras civis sangrentas de fundo religioso, étnico, político e principalmente econômico, que mudou a vida das nações, disseminando a insegurança, com prejuízo para a qualidade de vida dos seus cidadãos.

Chora-se o Holocausto, Iroschima, Nagasaki, o crescimento incontrolável das diversas faces do terrorismo de todos os lados do mundo, e a disseminação do H.I.V.

Lamenta-se que este século onde o anseio de igualdade para todos parecia nortear os ideais de justiça social, tenha terminado com o domínio de uma política econômica globalizada, que desestabilizou os países em desenvolvimento, impondo-lhe uma situação de fragilidade, açotados dos ventos da instabilidade ao mais leve comando do mercado financeiro, como se fossem "Castelos de Areia", na expressão utilizada por Paulo Bonavides e Amir Sader nas suas referências sobre o século XX.

Mas esse século de tantas superações não erradicou a fome no mundo e via de conseqüência não se voltou principalmente para a sobrevivência humana. Os grandes bolsões de miséria embotam a sua imagem de século benéfico para a humanidade, por que nenhum progresso tem importância se o homem não se constitui no seu principal objetivo.

A qualidade de vida é prejudicada pela degradação do meio ambiente, comprometendo um futuro não muito distante, para onde se vislumbra a explosão de problemas básicos de sobrevivência.

Foi, portanto, o século do paradoxo, dos acontecimentos grandiosos, que atestam a sua natureza conturbada e simultaneamente desbravadora de novos conhecimentos.

As luzes que iluminaram o século XX refletiram-se na sua moderna poesia cantada por talentosos poetas, simbolizadas na criação majestosa de Fernando Pessoa, arauto da inspiração portuguesa, na vasta obra legada à nossa língua:

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do seu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar.

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Quando a alma não é pequena
Quem quer passar além do bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e abismo deu,
Mas nele é que espalhou o céu.

A nossa música transgride o ritmo, a forma, comprometendo-se, apenas, com os sentimentos de justiça, de igualdade e de amor. É a desconstrução que representa a bossa nova, expressão musical nascida nos anos 50, que conquistou horizontes outros na poesia de Antônio Carlos Jobim, discípulo Vila Lobos, Vinícius de Moraes, Chico Buarque de Holanda e tantos outros.

O cinema se desenvolveu admiravelmente nesse século e fez da imagem um veículo de expressão da poética, que permeia toda uma nova linguagem para traduzir a inquietação dos diversos mundos existentes. Encontrou no talento de diretores como o de Wood Allen a genial interpretação dos sentimentos humanos traduzidos de forma realista, mas bela, justificando sua inclusão como sétima arte.

A literatura cada vez mais democratizada encontrou inspiração na riqueza dos acontecimentos e teve no romance Ulisses, de Joice o seu marco de transformação.

O Direito contou no século XX com grandes pensadores que revolucionaram com suas teorias o direito constitucional. Destacaram-se as escolas de Viena, partidária das constituições formais que privilegiaram o texto da lei, inspiradas no positivismo do século passado. Teve como expoente Hans Kelsen, considerado por muitos, o maior pensador do Direito nesse século, autor da Teoria Pura do Direito; a Escola de Zurique integrada por seus opositores defendiam a Teoria Material da Constituição a qual, instituindo uma nova hermenêutica, privilegiando o Direito. Lídera o grande debate nessa última concepção, Carl Schmitt. O Estado social se consolidava nas legislações contemporâneas contrapondo-se ao estado liberal que não mais correspondia à definição de liberdade, igualdade e fraternidade, triunfalmente proclamadas ao mundo pela Revolução Francesa. As dimensões de direito assumem nova significação e o mundo já se encaminha para proclamar os direitos de 4ª dimensão.

O período tumultuado do Estado Brasileiro a partir de 1964 impedira a incorporação do Brasil na modernidade jurídica, somente alcançada na Constituição de 1988, com muitos anos de atraso. O cidadão, e não mais os bens, passou a ser o centro dos objetivos constitucionais. A declaração de direitos fundamentais foi incluída em todas as constituições modernas e o Princípio da Dignidade da Pessoa Humana tomou a dimensão de um macro princípio.

Convivi, pois, com um mundo em movimento acelerado onde os acontecimentos sociais políticos e científicos explodiam e se superavam numa velocidade que não nos permitia a necessária assimilação. Corriamos todos sempre atrás de sua transformação sem alcançá-la no tempo certo, causando-nos uma inquietação pela expectativa de destinos imprevisíveis

Mas ao tempo em que essa sensação de desencontro ocorria, tornava-se estimulante e desafiador viver nessa época onde os paradigmas em constantemente quebrados, e o modelo recepcionado, sempre substituído.

Entre nós, o século vinte não passou em branco. Em todos os ramos da cultura fomos representados por uma inteligência criativa, registrada em obras que se imortalizaram.

Por volta de 1903 em uma casa singela, na colina do Santo Antônio, uma jovem poeta reunia amigos, amantes da poesia, para cultuá-la, fazendo conhecer suas criações e recitando as obras de seus mestres, diante da vista

tranqüila da Aracaju ainda menina. Era o grande poeta Garcia Rosa que, em companhia de Etelvina Amália de Siqueira e José da Silva Ribeiro, fazia nascer a poesia do século XX. Numa explosão de versos, bradava aos ventos, que dava a volta na colina, para levar ao mundo o seu amor por Amália, cujos versos, segundo confessa, não conseguiram expressar. Do alto, portava-se privilegiadamente sobre a paisagem que se formava de verde dos primitivos quintais, arrumados em quadrados traçados pela pena talentosa do engenheiro Pirro, que concebeu. Ao longe, a vista do rio passando em direção ao mar, para melhor refletir o sol e a lua, fazendo jorrar de sua mente lúcida a mais pura criação poética.

Mas tarde esse embrião tomou forma e se projetou na poesia inovadora de José Sampaio, marcando a sua entrada na moderna produção literária.

Canto da Cidade Amiga:

Aracaju caminhando nas mãos dos arquitetos.
 Nas mãos suadas dos carroceiros,
 dos poetas,
 dos seus artistas,
 sentindo no coração
 as pancadas dos pés das mulheres da noite.
 Criaturas que levam no silêncio dos olhos
 O rumor desses gritos que morrem trancados
 Dentro do peito.

Canta esse poeta a realidade social do seu povo, a desigualdade, o desrespeito pelos que passam fome ou tem na subsistência de degradação de sua alma. O faz carinhosamente, num gesto de denúncia, mas também de solidariedade, de respeito. É um canto triste, mas belo. É, sobretudo, um canto de amor:

Os maloqueiros sonham
 E ficam ricos no sonho
 Vão ao cinema Rio Branco
 Ao ponto Chic
 Pedem ricas saladas de frutas
 Charutos dos melhores
 As maçãs mais vermelhas
 Para se acordarem com a tosse
 Seca do companheiro
 As costelas doendo no chão duro...

Mas, ilustres acadêmicos

Os meus antecessores, ocupantes da cadeira número sete, pertencem a uma plêiade de sergipanos ilustres que tenho a honra de substituir.

Ranulfo Prata, o seu fundador, nascido em 1890, em Simão Dias, em ambiente familiar de talentosos literatos da estirpe de Carvalho Neto, seu cunhado, Gervásio Prata, primo e amigo, de Paulo Carvalho Neto, sobrinho e admirador.

Escolheu a medicina, carreira nobre como era comum acontecer entre os aristocratas de sua época, mas foi na literatura que se destacou. Sua obra extensa se traduz principalmente pelos romances de fundo social. “Navios Iluminados”, considerado o seu melhor romance, retrata a saga de um homem do interior, sofrido em sua terra, por falta de trabalho e que é fascinado pelas notícias de São Paulo. Um mundo de muito progresso e de empregos para todos, que poderia oferecer melhor vida e até fortuna, como ouvira contar. Atraído para lá sem nenhum preparo para o exercício dos mais perigosos tipos de trabalho, amargou a triste sina de não poder enviar para a família o prometido sustento, tirado de um labor desumano, exercido nos porões das docas de Santos. Apenas as suas necessidades imediatas de sobrevivência eram atendidas, sem nenhuma proteção para a saúde nem atendimento às mínimas aspirações de felicidade. Esta história é descrita com elegância de estilo e compromisso com a realidade. Escreveu ainda “O Lírio na Torrente”, com o qual recebeu o Prêmio de Romance da Academia Brasileira de Letras; A Longa Estrada, O Lampião, O Triunfo e outros.

Romancista muito respeitado era considerado um regionalista. A obra que produziu foi apreciada por críticos literários de uma época, da importância de João Ribeiro, Alceu Amoroso Lima, Lima Barreto, Nelson Werneck Sodré e muitos outros. O amigo e mestre Jackson de Figueiredo o influenciou na formação religiosa que levou para os livros, amenizando as agruras dos personagens, escritas em estilo considerado realista. Paulo Carvalho Neto, objetivando o resgate do valor que lhe atribui como romancista, escreveu, na revista do Instituto de Estudos Brasileiros, “Um Lugar Para Ranulfo Prata”, onde oferece vasta informação sobre sua obra, resgatando a crítica literária da época. O Osório Lopes o tinha como “O mais puro dos realistas”. O Correio da Manhã considerava que alguns de seus contos de “A Longa Estrada”, poderiam ser subscritos por Afonso Arinos. Na Opinião de Silveira Bueno, era este livro um dos melhores que se havia publicado.

Sucedera-lhe o não menos talentosos Manuel Curvelo de Mendonça. Historiador, nascido em Laranjeiras e amante de seu Sergipe a quem dedicou valorosa produção literária que teve como obra principal a coletânea “Estudos Históricos e Literários.” Dela diz-se ter sido o primeiro estudo sobre temas históricos, sócio político e econômicos deste Estado. Diz-se, ainda, que não concordou com o enfoque que foi dado pelo professor Baltazar Góts, também Laranjeirense, no seu trabalho “A República em Sergipe”. Considerou-o deficiente na análise da evolução democrática da então província e na apreciação das condições políticas, sociais e econômicas em que ela se achava por aquele tempo. Escreveu “Sergipe Republicano. “Estudo Crítico e Histórico” que integra a obra já referida, nela atribuindo cores fortes e emprestando-lhe uma análise minuciosa dos fatos políticos, históricos e sociológicos ocorridos, trazendo substancial registro dessa fase da história política brasileira que deixou reflexos importantes para nossa geração. Destaco do seu primoroso trabalho o estudo procedido da formação e densidade da população de Sergipe, fazendo uso de teorias científicas e estudos de Felisberto Freire, oferecendo preciosas conclusões. Trata da participação do índio, do imigrante europeu e do negro na composição da gente sergipana, procedendo a observações valorosas da

participação dessas raças em nossa cultura, conforme se extrai do bem elaborado texto que produziu:

A desgraçada sorte do homem convertido em máquina de trabalho para outro homem estava reservada aos certamente mais infelizes negros da África, trazidos aos milhares nos porões infectos dos navios negreiros, onde, acumulados como fardos de mercadorias, vinham para todos os pontos do Brasil.

Fala da expressiva contribuição que nos deu a raça negra para a nossa cultura, fundado, também nos estudos de Sílvio Romero, para quem:

‘A escravidão, apesar de todos os seus vícios, operou como fator social, modificando nossos hábitos e costumes.’

E acrescenta:

Desenvolveu-se como força econômica produzindo as nossas riquezas, e o negro foi assim um robusto civilizador. O cruzamento modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais doçura aos costumes, e produziu o mestiço, que constitui a massa de nossa população, e em certo grau a beleza de nossa raça. Ainda hoje os lindos tipos de nossas mulheres são essas moças ágeis, fortes, vividas, de tez de um doce amorenado, de olhos negros; cabelos bastos e pretos, sadias, jovens, em cujas veias circulam, por certo já bem diluídas, gotas de sangue africano.

Fala de crença, da política e dos sentimentos do povo sergipano, com enfoque especial no período republicano, em estudo crítico, sério, impulsionado por seu patriotismo e espírito público acurado.

Manuel Curvelo de Mendonça foi assim um historiador respeitado, pioneiro, cujo nome honra este pariató.

Por seu falecimento ocupou o lugar da cadeira número sete o Dês. Luiz Pereira de Melo. Desembargador do Tribunal de Justiça de Sergipe. Foi seu presidente, onde se impôs por notória seriedade no trato da coisa pública. Meu querido professor de Introdução à Ciência do Direito na saudosa Faculdade de Direito de Sergipe, fonte de disseminação da cultura jurídica do nosso Estado, na segunda metade do século, por cujos bancos e cátedras passaram muitos dos membros desta academia. Naquela época a ciência do direito no Brasil dava passos importantes com a divulgação da Teoria Tridimensional do Direito, concebida por Miguel Reale e exposta por esse jurista de escol em aula inaugural histórica ministrada na abertura de ano letivo. Tempos de luz que se extraía do convívio prazeroso e estimulante de professores ilustres sob o comando lúcido do então diretor, Gonçalo Rollemberg Leite, nas entusiásticas discussões, travadas nos corredores e pátios daquela casa memorável, fonte formadora de tantos políticos deste Estado, que exercitaram suas vocações nas disputas acaloradas pela direção do Centro Acadêmico Sílvio Romero. Nessa época os princípios do Direito Civil preponderavam, refletindo ainda os

últimos raios do liberalismo jurídico que dominava o século dezenove mas que resistia através de defensores de nomeada, naquela casa, em meio a docentes e discentes.

O professor de quem falo tinha um estilo próprio de expor em suas aulas. Amante do direito, foi sempre um estudioso das concepções publicistas, passando-nos a importância fundamental desses conceitos básicos de Direito Público para a compreensão da ciência jurídica que iríamos conhecer em seguida, quando o mundo sinalizava uma grande transformação. De temperamento hermético, mas amável, mantinha para com os alunos uma interface respeitosa, mas instigante, de que resultou devotarem-lhe admiração e estima, e ainda no vigor da sua longevidade ensinou por muito tempo na Universidade Tiradentes. Escrevia artigos jurídicos em jornais e em revistas do nosso Estado. Destaco de sua obra o trabalho que editou por ocasião do centenário do Tribunal de Justiça, onde exalta a história desse Sodalício.

Mas, senhoras e senhores, a vida está sempre a nos reservar surpresas.

Da minha longa vivência de magistrada, as luzes da literatura e da poesia nunca se fizeram apagar. O estudo sério da ciência jurídica, embalada pela beleza de seus fundamentos, motivada por sua finalidade pacificadora da sociedade, mas também pressionada por uma demanda avassaladora de trabalho gerado pela multiplicação exacerbada dos conflitos, condicionou-me a lhe dispensar maior dedicação. Por conduto de compromisso funcional, mergulhei, definitivamente, na comprometida missão de fazer justiça a todos quando me acorreram. Nessa missão, transbordei a minha alma convergindo para o texto técnico-científico toda uma capacidade criativa, direcionada para o alcance do justo, extraído por certo da interpretação cuidadosa do texto positivo submetidos à apreciação. A sensibilidade foi desenvolvida para discernir verdades, descobrir sentimentos, separar o joio do trigo e vislumbrar o ponto de equilíbrio capaz de encontrar a paz social.

Mas quero falar aqui da boa surpresa que traduz neste momento pela minha feliz introdução nessa casa de cultura. Nela somente as formas belas de compreender e expressar os sentimentos e a natureza ocupam a inteligência, por vezes cansada dos embates da vida, e descerra a cortina dos sentidos para fazer jorrar a fonte das idéias literárias e da poesia.

Busco dentro de mim a semente adormecida, e o fascínio de encontrá-la viva me anima a fazer deste novo convívio um fértil e prazeroso espaço de realização pessoal.

Tive no ambiente familiar uma escola que me ensinou a apreciar a beleza da palavra expressando o pensamento no incentivo à leitura dos clássicos da literatura abrigados todos na biblioteca de minha casa. A figura de Jean Va Jeam o personagem de "Os Miseráveis" foi o meu primeiro impacto com a desigualdade social, que carreguei para sempre como símbolo da injustiça a que eram submetidos os pobres, com reflexos que considero positivos na minha formação. Fico a pensar em quantos autores me influenciaram e enriqueceram os meus conhecimentos durante tantos anos. São incontáveis, e, somente agora, reflito ao buscar esta retrospectiva, o quanto eles participaram dos meus sonhos e da minha realidade.

Agradeço a Deus, pela família que me deu, pelo companheiro incondicional, por pais lúcidos e amorosos, irmãos educadores e amigos, por filhos tão bem escolhidos, por uma filha chegada depois e do presente que recebi na maturidade e me encanta todos os dias, a minha neta Maria Clara.

Agradeço, ainda, aos amigos, sempre presentes como força indispensável e revitalizante da minha vida.

Grata estou aos meus pares pela distinguida honraria de adentrar hoje, nesta Casa de Cultura, fazendo-me abraçar com lucidez de espírito, entusiasmo e renovada motivação esta nova fase da minha vida, que será, por certo, mais rica e prazerosa.

DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA CLARA LEITE DE RESENDE, NA
ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS PROFERIDO PELO ACADÊMICO
CARLOS AYRES BRITTO, NA SESSÃO SOLENE REALIZADA NO DIA 24 DE
NOVEMBRO DE 2004, NO AUDITÓRIO GOVERNADOR JOSÉ ROLLEMBERG
LEITE, DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SERGIPE

O genial literato sergipano TUBIAS FERREIRO dizia que era próprio da literatura revelar a história inteira das opiniões e sentimentos de um povo; embora não deixasse de advertir que “A vida espiritual das nações, em seu conjunto, sempre é mais vasta do que o capital literário das mesmas, sejam quais forem a sua riqueza e grandeza” (em “MONOGRAFIAS EM ALEMÃO”, SEC, 1978, p. 51).

Essa procedente ressalva em nada desmerece a afirmação. A afirmação de que a literatura é o retrato cultural de uma época, na trajetória de vida de cada povo. Logo, papel específico da literatura é propiciar o auto-conhecimento coletivo. Resgatar a identidade cultural de um País inteiro e assim preservar a sua memória.

Pois bem, não é precisamente isso que se vê no lirismo indigenista de "O Guarani", do cearense **José de Alencar**? No candente poema "O Navio Negreiro", do vate sublime da Bahia **Castro Alves**? Na obra verdadeiramente épica de "OS SERTÕES", do paraibano **Euclides da Cunha**? E o que dizer dos dramas sociais, ora urbanos, ora rurais, que se lê em livros como "O CORTIÇO", do maranhense **Aluísio de Azevedo**, e "ABAGACEIRA", do paraibano **José Américo**? E do monumental ensaio sociológico-racial que é o livro "CASA GRANDE E SENZALA", do pernambucano **Gilberto Freyre**? E do humor deliciosamente sensual de "DONA FLORE E SEUS DOIS MARIDOS", do baiano **Jorge Amado**? Enfim, como correr os olhos pelas páginas de obras como "GRANDE SERTÃO, VEREDAS", do mineiro **João Guimarães Rosa**, e "O CORONEL E O LOBISOMEM", do fluminense **José Cândido Carvalho**, e mais a estuante verve que perpassa os escritos de **Dias Gomes**, **João Ubaldo Ribeiro**, **Luís Fernando Veríssimo**, **Francisco Dantas**, senão para comprovar que essa copiosa criação literária abre os poros todos da alma de um povo à cata de si mesmo? Em busca de auto-afirmação nos longes de uma história que principiou antes mesmo do homem branco e das caravelas portuguesas aportarem por aqui? Pois o certo é que

Pelas bandas de cá,
O sol já se chamou Guaracy
E a lua tinha o nome de Jacy.

Pelas bandas de cá,
A poesia chegou antes do homem branco
E das embarcações de além-mar.

Ela chegou foi com os igapós,
Os sorrateiros passos do quati
E mais que tudo, mais que tudo,
Com os arrulhos da primeira juriti.

Acresce que esse papel animicamente revelador que é próprio da literatura ainda se faz com total reverência à estética. É que os literatos são artistas da palavra. Mantêm com os vocábulos um arrebatado *caso de amor*. São *beletristas* - como se dizia antigamente -, pois manejam as letras vernáculas como se elas fossem peças de ourivesaria ou finíssimos artefatos de cristal. Descobrimo em cada expressão e em cada termo isolado novas formas de vida. Novos modos de ser do próprio homem (como diria o poeta **Manoel de Barros**), em sua progressiva contigüidade com o próprio Deus-todo-generoso. Donde se poder concluir que se não fosse pelos literatos a palavra poderia até chegar à fosforescência de um vaga-lume. Nunca, porém, à fulgurância de uma estrela.

Pois bem, o clã dos literatos - literatos assim da prosa como da poesia e ainda das letras musicais - que ninguém mais genuinamente literato que um **Noel Rosa**, um **Vinicius de Moraes** e um **Chico Buarque de Hollanda** - o clã dos literatos, eu dizia, tem nas Academias de Letras o seu *locus natural*

de confluência. O seu espaço ideal de fraterna convivência. A possibilidade de um contato pessoal que se espraia pelos arejados cômodos da alma de cada qual dos acadêmicos. Pois é fato que uma sempre renovada troca de idéias entre os cultores das letras aquece *as turbinas* da inspiração para além, muito além do cimo das mais altas montanhas.

Pronto! Chegamos onde queríamos chegar. **Clara Leite de Rezende** é uma literata. Por conseqüência, uma pesquisadora da alma coletiva e uma desbravadora de caminhos que levam à beleza das palavras. É como dizer: nas sentenças e votos judiciais que tem proferido, nos artigos jurídicos que trazem a sua luminosa assinatura, nas aulas e conferências com que tem inflamado os belos ideais dos seus privilegiados leitores ou ouvintes, a nova imortal adensa o quanto de melhor se produziu nesta nossa **Terra de Sívio Romero e Santo Souza**. De **Gilberto Amado** e **Manoel Cabral Machado**. De **Hermes Fontes** e **Luis Antônio Barreto**. De **Manoel Bomfim** e **Arthur Oscar de Oliveira Déda**. De **Jackson Figueiredo** e **Ilma Fontes**. Enfim, de **Wagner da Silva Ribeiro**, **Luis Eduardo Costa**, **Hunald Alencar** e seu irmão-ministro **Luis Carlos Fontes de Alencar**, **Carmelita Pinto Fontes**, **Gizelda Moraes**, **Núbia Marques**, **João Fernandes de Britto**, **Eduardo** e **Antônio Garcia Filho**, **José Silvério Leite Fontes**, **Bonifácio Fortes**, **Marcelo** e **Wagner Ribeiro**, **Estácio Bahia**, **Araripe Coutinho**, **Ofensia Freire**, **Maria Thétis Nunes**, **José Amado Nascimento**, **João Oliva Alves**, **Benvindo Sales de Campos**, **Lígia Pina**, **Josefina Brás**, **Jorge Carvalho**, **João de Seixas Dória**, **Luis Rabelo Leite**, **Freire Ribeiro**, **Cleômenes Campos**, **Anderson Nascimento**, **João Alves Filho**, **Aglaé Fontes**, **Jozailto Lima**, **José** e **Danilo Sampaio**, **Marlene Calumby**, **Eunaldo Costa**, **Alberto** e **Vladimir Carvalho**, o compositor popular **José Sergival Silva** e muitos outros, tantos outros que desta própria Academia acendem archotes de magia em cada ponto cardeal desta nossa Terra de Santa Cruz.

Mas nem tudo em **Clara Leite Rezende** se contém no frontispício da literatura. Ela ainda traz para esta Casa de Letras a suprema virtude dos que sabem conciliar pensamento e sentimento. Dos que sabem fazer dentro de si o casamento por amor entre o pensar e o sentir, de modo a dar à luz o rebento da consciência. Pois "ciência sem consciência", já sentenciava **Pascal**, "é ruína da alma".

É essa aprovação no teste de qualidade que se faz perante a própria consciência que explica a auto-estima da nova acadêmica, *sempre no ponto*. Auto-estima *no ponto*, a seu turno, que responde pela contagiante alegria de **Clara**. Seu permanente otimismo. Sua liderança agregadora, tão própria das pessoas que se dispõem a ver a obra de Deus como um fascinante desafio ao emprego daquilo de que se sabem capazes: compreensão, coragem, criatividade.

Em resumo, o selo da virginal beleza que a recém-chegada apõe na objetividade do seu fecundo labor deita raízes na subjetividade de um ser que chegou à própria casa, e essa casa tem o sacro nome de "**consciência**". Por isso é que a minha tão admirável apresentada fala sorrindo. Tem as linhas do rosto voltadas para cima. Faz da reinvenção uma postura de vida, porque aprendeu a cotidianamente renascer dentro de si. Alcançou o topo do humanismo e desse pincaro faz das suas decisões judiciais o mais solene compromisso com esse valor dos valores que é a inclusão social.

É hora de cerrar as persianas da saudação e eu o faço recordando a meritória chegada de **Irene** no céu, assim descrita por **Manoel Bandeira**:

Irene preta,
Irene boa,
Irene sempre de bom-humor.
Imagino Irene entrando no céu:
Licença, meu branco!
E São Pedro, bonachão:
Entra, Irene.
Você não precisa pedir licença.

Pois bem, se a novel companheira não tem de Irene o azeviche da pele – bem ao contrário, a nossa desembargadora, além de “Clara”, é “Leite” -, numa coisa as duas são como irmãs-siamesas: não precisam pedir licença para entrar num lugar que lhes estava reservado desde sempre.

Entre, Clara. *Welcome. Soyez bienvenue.* Abanque-se, que esta Academia tem pressa em saber das coisas que se passam no íntimo desse coração que é seu e que vive em estado de floração. Como se toda estação fosse primavera.

Entre, Clara, e traga de vez para o nosso convívio a concepção do ser humano que ressaí dos seus escritos e da sua fala e mais ainda dos seus gestos, e segundo a qual o indivíduo, todo indivíduo, ao menos em potência, todo indivíduo é um hotel de infinitas estrelas onde se hospeda o Divino. Uma síntese perfeita de sexo, emoção e tino. Uma partícula carnal de Deus, essa totalidade do meu, do seu, dos nossos eus.

Obrigado!

DISCURSO PRONUNCIADO PELO ACADÊMICO LUIZ FERNANDO
RIBEIRO SOUTELO, NA SESSÃO DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS
COMEMORATIVA AO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE URBANO DE
OLIVEIRA LIMA NETO, NO DIA 17 DE OUTUBRO DE 2005

URBANO NETO, UM HOMEM DE MUITAS FACETAS

Introdução

Comemoramos hoje, com muita saudade, o centenário de nascimento de Urbano de Oliveira Lima Neto, que nesta Casa ocupou a cadeira nº 13, cujo patrono é Frei José de Santa Cecília e fundador é Clodomir Silva. Sucedeu, na cadeira, ao Poeta João Freire Ribeiro.

Traço dele rápidos dados biográficos.

Nasceu no Arauá (engenho Tuim) a 18 de outubro de 1905 e faleceu em Aracaju, no dia 28 de setembro de 1990, sendo sepultado na Estância.

Era filho de João Epifânio Lima Neto e de D. Maria Joaquina de Andrade Lima.

Como seu pai adquiriu, na primeira década do século passado, o engenho Cassungüê, no município da Estância, foi nesta cidade onde fez os seus primeiros estudos com as professoras Ana Pitanga Queirós e Marocas Monteiro, no afamado Colégio Camerino. Esta, ele diz, despertará nele o interesse pela História do Brasil.

Passou pelo Seminário Diocesano, em Aracaju, fundado por Dom José Thomaz Gomes da Silva, onde já se encontrava seu irmão José Olinó, que honrou esta Casa, ocupando a cadeira nº. 30. Acompanhava-o o irmão mais novo, João Bosco de Andrade Lima. Eram os três conhecidos na Estância como "os padrecos do Sr. João Neto".

Atraído pelas lides do campo, o menino de engenho ingressou na Escola Agrícola da Bahia, em São Bento das Lajes, na qual colou grau em 1929, aos 24 anos de idade. Voltando a Sergipe dedicou-se à agricultura e pecuária no engenho Tuim e, mais tarde, na fazenda Baixão, no município de Pedrinhas.

Ingressando no serviço público estadual, foi o responsável pela inauguração da Granja D. Pedro II e do campo experimental de Boquim, quando exerceu a cargo de Secretário da Agricultura.

A 10 de outubro de 1931, casou-se com Ana Maria da Silva Lima, estanciana de boa cepa ou, como ele mesmo dirá em discurso na Câmara Municipal da Estância (29.05.1984), "uma estanciana das mais autênticas". Foram pais de Maria Josefina, João Epifânio, Miriam, Eliziário, Cecília, Luís Urbano, Marcos, Antônio Bernardo e João Bosco.

Foi Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, do Conselho Estadual de Cultura e da Academia Sergipana de Letras.

Este é o homem. Entretanto, a vida de Urbano Neto era formada de muitas facetas, das quais eu quero evidenciar três delas.

1ª faceta: o arquiteto amador

O conhecimento amplo da História da Arte, dominando os conceitos, os estilos, os termos técnicos, notadamente quando se tratava de arte sacra, fez dele um arquiteto amador, com algumas intervenções em vários municípios sergipanos.

São suas a igreja de Boquim, a igreja do Arauá e salvo engano de minha parte, algumas interferências na igreja do Rosário da Estância. Se não me equívoco, é dele a colunata toscana que cerca a nave daquele templo.

Suas conversas sobre a História da Arte eram longas, minuciosas, cheias de informações, de paradas para citar exemplos:

Mal transpusemos o enorme portal, minhas pupilas, ainda fechadas pela claridade da praça, fizeram-me estranhar a penumbra do interior do templo. Mas ouvi, imediatamente, sua observação esclarecedora:

– Veja como a penumbra cria no interior do templo um ambiente místico e que nos convida a orar. O arquiteto que construiu essa igreja a fez, propositadamente, escura. Além disso, olha só como os vitrais acendem melhor suas cores. Observe ainda que no estilo gótico as ogivas parecem mãos postas apontadas para o Céu em fervorosa prece.¹

Neste campos, será Urbano Neto um defensor do patrimônio histórico e artístico de Sergipe.

¹ CAMEOS, João Epifânio Lima. *Os três irmãos* (rúncio)

É dele a interferência junto ao Prefeito Raymundo Silveira Souza, da Estância, para a preservação das fachadas revestidas de azulejos portugueses, quando a cidade – com a demolição do sobrado vizinho à igreja do Rosário para dar lugar à agência do Banco do Brasil – começava a perder importantes marcos de arquitetura no seu centro histórico.

Seu parecer, embaixador do tombamento dos sobrados, é uma bela peça literária, marcada pelo conhecimento histórico da vida estanciana, pelo pleno domínio dos conceitos ligados à preservação do patrimônio histórico no Brasil.

Na segunda vez, que pertenceu ao Conselho, manifestou uma profunda intransigência na escolha dos bens a serem tombados, chegando mesmo, no caso do tombamento do Palácio Inácio Barbosa, a afirmar, no seu parecer, que era um caso de tombamento literal do termo (demolição) ou, no da antiga Alfândega, cuja demolição justificava pela necessidade de abrir-se um dos lados da praça General Valadão.

Foi, também, um consultor informal do SPHAN, emitindo opiniões sobre monumentos passíveis de tombamento em Sergipe ou, propondo soluções quanto à obra a serem realizadas.

Os tetos, na grande nave, eram sempre em telha vã, não raro, bem caprichados os engradamentos naqueles tempos em que a boa madeira se encontrava em toda parte. De memória, posso citar os que observei em S. Cristóvão, no Carmo, na Igreja do Rosário, na matriz de Sta. Luzia, hoje encoberto pelo forro moderno na década começada em 1920, na matriz de Muribeca. No engradamento desses tetos cada ripão se constitui na perna de uma tesoura que vai se unir em uma tábua colocada no lugar que deveria ficar a peça de madeira da cumeeira.

Há anos passados, pretenderam colocar um forro no Carmo maior de S. Cristóvão. José Calazans como representante do Serviço do Patrimônio Histórico consultou-me se deveria permitir tal obra. Fundamentei um parecer que, feliz, foi atendido e ainda hoje se pode contemplar o belo trabalho dos carpinteiros do século XVIII. É possível que outros iguais existam por aí, escondidos por qualquer forro de pinho.²

Seu acervo pessoal, que tive a oportunidade de organizar por designação de seus familiares, hoje sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico e desta Academia, guarda as notas que escreveu para uma palestra que proferiu durante a Semana de Cultura Sergipana, promovida pela Academia, durante a presidência do Acadêmico Manoel Cabral Machado, sob a coordenação da Acadêmica Núbia Marques.

2ª faceta: o estudioso da História de Sergipe

Sem dúvida alguma, a influência da Prof^a. Marocas Monteiro foi poderosa no espírito de Urbano Neto, fazendo-o um cultor da História de Sergipe. Tinha dela um amplo conhecimento, mas dois temas eram de sua especial predileção: a conquista e colonização de Sergipe, a formação do território, e a nossa

² LIMANEIO, Urbano de Oliveira. *Arquitetura em Sergipe* (conferência na Academia Sergipana de Letras), manuscrito no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, caixa 42-A, doc. 291.

emancipação política, enfatizando a posição do Brigadeiro Guilherme José Nabuco de Araújo, o papel de João Dantas dos Reis Portátil (mais tarde dos Imperiais Itapucuru) e de um seu ancestral, o Capitão-Mor da Estância e Santa Luzia, David de Oliveira Lima, cujas virtudes e feitos evidenciava.

Guardo na lembrança, uma bela aula da História de Sergipe que Urbano nos deu – a Lourenço Luiz Lacombe e a mim, há quase trinta anos, num encontro no restaurante Cactus (Hotel Beira Mar), numa noite de sábado de 1976.

Sergipe foi o assunto da noite e se iniciou no aperitivo, prosseguiu durante o jantar propriamente dito, prolongou-se durante a sobremesa e o cafezinho e somente acabou quando nos despedimos do amigo na porta do Hotel Palace.

Recordo que a uma pergunta de Lacombe porque não escrevia sobre o assunto, ele falou da dificuldade de fazê-lo. Pensava – afirmou – mais rápido do que conseguia escrever, levando Lacombe sugerir-lhe que gravasse aquelas informações para que não se perdessem.

Talvez por isto, ele deixou poucos trabalhos escritos.

Destes, eu destacaria:

• **Cinquenta anos de tráfego rodoviário** – artigos publicados, alvo engano, no Diário de Aracaju, em comemoração ao cinquentenário da construção da primeira rodovia sergipana – Estância/Salgado, a cargo da Auto – Viação Sergipana.

Nestes artigos, há um trecho que eu considero antológico. É quando ele trata dos carros de bois e dos comboios de burros que faziam o transporte de mercadorias a partir das firmas e lojas do Pernambuquinho e da rua Capitão Salomão, para o interior de Sergipe e, mesmo, da Bahia.

O abastecimento das matérias primas e o escoamento da produção, reclamavam, todavia, transporte mais atualizados como já não o eram o carro de boi e os comboios de animais.

O carro de boi, ronceiro, arrastado por seis nédios animais, a tudo inundando com nuvens de poeira, passava aos tombos, no calçamento de pedras irregulares do arenito local que pavimentava a tradicional artéria do Rosário. Entrava carregado de açúcar, sacos de milho ou feijão, e algumas vezes, com fardos de algodão que eram sempre transportados pelos comboios, saía carregado com mercadorias várias. O atrito do “eixo” com as “cantadeiras” e os “coiões” produzia sons que eram agudos, estridentes, monótonos, constituíam o desvanecimento do carreiro, com o enorme facão “Jacaré” de 22 polegadas, de vara na mão, no alto do “tamborete” dizia orgulhoso que sua “sucupira” ou o seu “pau d’arco” era de boa qualidade. Se assim não acontecia, quando o canto era rouquenho, cheio de “baixões”, o eixo não duraria muito, acabava-se dentro em pouco, num ato de sabotagem.

Os comboios, compridas filas indianas de muares sumidos entre enormes fardos de algodão mal prensado que deixavam nas ramagens marginais das estradas, documento de sua passagem. À frente ia a

“madrinha”, caprichosamente ajaezada, tintilando estridente campainha de bronze, levando na “testeira” da “cabeçada” e fartamente ornamentada com enfeites de metal, uma vistosa boneca de pano. Os almocreves, estimulando as alimálias, estalavam no ar, de vez em quando, as “ponteiras” das “macacas”, manguais de compridos relhos e cabo de madeira. Andorinha, Sabiá, Lua Nova, Mulatinha, eram nomes que se ouviam com freqüência, nomeando os animais.

Bons motivos folclóricos, não há dúvida, mas os resultados práticos que se obtinha, com tais meios de transportes ficavam muito abaixo do necessário”.³

· **Discurso de posse na cadeira nº 13 da Academia Sergipana de Letras**, especialmente quando trata do patrono da sua cadeira – Frei José de Santa Cecília, desvendando a questão do suposto plágio do Hino Sergipano, segundo Gilberto Amado em “Primeira Viagem à Europa”.

Uma canção patriótica para o abrilhantamento da solenidade era providência que não poderia deixar de se impor. Mas como conseguir tal coisa em tão curto lapso de tempo? Quem poderia dar conta disso? Somente de Fr. José, com seu talento, seu inflamado patriotismo, se poderia esperar a solução para o problema, como já acontecera no caso do Sermão do *Te Deum*.

E assim, mais uma vez o patriotismo do frade doente e já assoberbado com o panegírico que teria de fazer ao *Te Deum* foi novamente invocado.

E o músico e patriota não se fez ausente. Respondeu, realizando a única coisa que ainda poderia ser feita em casos e circunstâncias iguais: lançou mão de um recurso que ainda hoje se emprega, ajustando às palavras do poeta uma melodia já popularizada.⁴

· **O Palácio Olímpio Campos**, trabalho escrito a pedido do Governador Celso Carvalho e publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico. Este trabalho merece uma reedição.

· **A Estância e sua origem**, texto inserido numa plaqueta comemorativa da administração do Prefeito Raymundo Silveira Souza, no qual trata da história da Estância e contesta a origem mexicana de Pedro Homem da Costa, considerando ser esta uma história inventada pelo Mons. Vitorino Fontes para justificar a mudança da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, da devolução européia, para entronizar a do México.

3ª faceta: heraldista

Os conhecimentos estéticos dados pela História da Arte, da História de Sergipe proporcionaram a Urbano Neto os instrumentos para ser um heraldista

³ LIMANEIO, Urbano de Oliveira. Meio século de tráfego rodoviário. Arquivo do IHE.

⁴ LIMANEIO, Urbano de Oliveira. **Discurso**. Aracaju: Revista da Academia Sergipana de Letras, nº 28, 1978, p. 63.

de largos recursos, elogiado por um dos mais renovados heraldistas brasileiros, o irmão Paulo Lachemeyer, OSB.

Como heraldista, devemos a Urbano Neto os brasões de Cedro de São João, no qual usa o cedro do Líbano e a bandeira de São João, de São Cristóvão, cujo elemento simbólico é a Fênix, o de Carmópolis e Santa Luzia do Itanhi, no qual se fazem presentes o sol, fonte de vida e da luz, e olhos da Virgem de Siracusa, além de um projeto de um escudo d'armas para Aracaju, que não foi escolhido pela comissão designada pela Prefeitura da Capital, na época do centenário da mudança da capital.

Uma das suas frustrações, como heraldista, foi não ter feito o brasão da Estância, cidade que ele adotou como sua, tais eram as suas ligações efetivas e culturais que mantinha com a urbe. O existente é trabalho de uma freira do Colégio Sagrado Coração de Jesus, concepção julgada por ele muito infeliz porque incorpora ao brasão, como tenentes, dois chefes.

Ele dizia: "Que despropósito! Eles (os chifres) se justificariam no brasão do município X, onde o número de maridos traídos é grande. No da Estância não. Ai há outros elementos simbólicos mais representativos".

Recordo que para o brasão da Estância ele pensava usar as rosas que o índio Juan Diego tirou de sua *Tilma* quando se apresentou, pela terceira vez, a Dom Juan Zumarraga, bispo da Cidade do México, e que lhe pedira um sinal claro da aparição de Nossa Senhora em Tepeyac.

Entretanto, com toda certeza, o trabalho – como heraldista – que lhe teria dado mais orgulho – era o brasão de Sergipe que apresentou ao Governo do Estado, compreendendo três modelos e complementado pelo projeto de uma nova bandeira sergipana. Submetidos a esta Academia, recebeu um parecer do Presidente João Evangelista Cajueiro, que ele refuta, não apenas com o conhecimento do assunto, mas com uma ironia quando dizia que examinava as "sugestões do eminente presidente da Academia Sergipana de Letras, o ilustre filósofo que agora se revela também entendido em coisas de Heráldica".

É como se dissesse: "Cada macaco no seu galho. Ele é mestre da Língua Portuguesa, eu sou Heraldista. Ele não sabe o que está afirmando".

Palavras Finais

Este é o testemunho que, com emoção e saudade, eu faço de um homem a que sempre admirei pela sua ilustração, pelas virtudes de caráter que faziam dele um varão romano.

Este é o homem Urbano Neto: um homem que amou seu Estado, e que deu a este o que lhe era mais caro, ao qual serviu com o melhor de sua inteligência.

Louvemos, pois, sua memória quando ele completa cem anos de nascimento.

CRÔNICAS

ESTA CRÔNICA
É PARA VOCÊ

JOSEFINA CARDOSO BRAZ

Aracaju do meu tempo, eu te vi pela primeira vez da pequena canoa, vela ao vento, tateando sobre o rio Sergipe, procurando aportar no ancoradouro, perto do vetusto prédio da Alfândega, da Rua da Frente, como era denominada.

Na minha ótica de menina interiorana, tudo era deslumbramento!

O bonde que nos levou rangendo preguiçosamente sobre os trilhos até a Estrada Nova, fim de linha, no sopé da Colina do Santo Antônio. O motoneiro batendo com o pé num dispositivo ao seu alcance produzindo um tilintar estridente anunciava a chegada, espantando os animais que, por acaso, atravessavam a sua frente.

Daí, passo-a-passo, tomei-me partícipe da tua história.

Primeiro, o Grupo Escola “General Valadão”, arquitetura de estilo neoclássico, com sua águia de asas abertas, marco dos edifícios públicos da era Graccho Cardoso, acolheu-me como mais uma aluna a ocupar as vagas na matrícula no início do ano letivo.

* Crônica de autoria de Josefina Cardoso Braz, lida na Academia Sergipana de Letras, em 18 de março de 2005, na sessão comemorativa ao aniversário de Aracaju.

Conservo no sacrário das imorredouras lembranças, tipos que se tornaram familiares para mim: a figura elegante do Diretor, Professor Benedito Oliveira capitaneando o Estabelecimento, monitorando professores, alunos e funcionários, com especial zelo. Dedicava integral atenção à Caixa Escola, órgão mantido pelos próprios alunos que com módica contribuição mensal arrecadada, engordava uma poupança cujo objetivo era ajudar os mais carentes, fornecendo-lhes fardamento e material escolar. Cobrava religiosamente no final de cada mês. Sua voz forte e um tanto entredada ao pronunciar palavras brandava:

- Trouxeram o di-di-nheiro da Cai-cai-xinha?

A professora Evangelina Azevedo, mestra competente e de inusitada paciência, já no adiantado da vida, com sua singular maneira didático-pedagógica de transmitir conhecimentos, fazia-o com dedicação maternal, moldando caráter, edificando cidadãos com incontestável sabedoria. Eu, adolescente irrequieta, hormônios em eclosão, com despreocupada alegria, às vezes gastava-lhe a paciência fazendo-a reclamar com voz súplice:

- Esta Dona Evangelina! Um dia quero encontrá-la para pedir-lhe desculpas e alisando seus cabelos encanecidos, confessar que nas veredas da caminhada terrena eu também "ruí os ossos" do mesmo ofício, minha querida mestra.

O porteiro, Sr. Abdon, nariz adunco, pontualíssimo na hora de tocar o sino para entrada dos alunos e célebre no repicar da saída.

Dona Diu, com seu tabuleiro de cocada de goiabada, no recreio, solidariamente vendia fiado aos que não tinham dinheiro para pagar no dia.

O professor Tito Pádua e professor Brandão, vindos do Rio de Janeiro, capital da República; um ministrava aulas de Educação Física e o outro, Canto Orfeônico. Nas concentrações no campo de esportes "Adolfo Rollemberg", a estudantada como pássaros em revoada, lotava o estádio e encantava com o colorido dos uniformes e a sintonia das suas vozes. "O Canto do Pagé" ecoava sonoramente.

"- Oh" Manhã de sol

Anhangá fugiu!...

No "Sete de Setembro", "Proclamação da República" e outras datas que mereciam comemoração a mocidade com o entusiasmo peculiar à idade, desfilava pelas avenidas principais ao som dos tambores e das bandas de música. Bandeiras desfraldadas tremulavam ao sabor do vento portadas por beldades elegantes marchando garbosamente. Dada a ordem de debandar partíamos lépidas para "pungar" os bondes atravancados de passageiros, porém o cobrador vigilante, fazia-nos "despundar", o que provocava a explosão da nossa alegria pela vitória de desafio.

Depois... A Escola Normal "Ruy Barbosa", plasmadora das futuras professoras, primando não só o preparo das alunas nas disciplinas do currículo, mas em essência, na formação de cidadãs aptas a exercerem, a nobre tarefa de educar. Seu Corpo Docente era constituído por professores abnegados: Dona Júlia Teles, Cecinha Mello, Cacilda Fontes, Vetúria Ribeiro, Dalva Fontes, Yayazinha Maia, ensinando-nos o bordado de Smirna, o professor Aquino aplicando os ensinamentos da Física de Carneiro Leão, afirmando ser "o átomo",

partícula minina indivisível, elemento imponderável, longe de pensar, que mais tarde o físico alemão Einstein, gênio imortal da humanidade, revolucionária a ciência com a Teoria da Relatividade.

O professor Genaro Plech com o inesquecível Orfeão Artístico ensinava-nos solfejando, hinos cívicos, cantos do nosso folclore e valsas vienenses.

Cinco anos se passaram sem que percebêssemos, embora conturbados pela devastadora “Segunda Guerra Mundial”.

Chegou o dia da Colação de Grau, solenidade realizada no galpão da própria escola, sendo eu, a oradora da turma. Em seguida, no mesmo dia, 9 de dezembro de 1945, à noite, o baile na Associação Atlética de Sergipe. O professor José de Alencar Cardoso, o célebre professor Zezinho, foi meu padrinho de formatura, o que muito me honrou. Ao renunciarem a valsa da meia-noite, ponto alto do evento, ouvindo os primeiros acordes da “Viúva Alegre” de Franz Lehar, padrinhos e afilhadas se posicionaram compondo a grande roda para a dança. Meu padrinho ofereceu-me como par, o jovem engenheiro Pedro Alcântara Braz, recém formado pela Escola Politécnica da Bahia. Daí, surgiu o romance que culminou a sincera amizade, unindo-os para sempre, num só corpo e numa só alma.

A vida continuou, querida Aracaju. Trilhei tangentes planas e luminosas a perder de vista, rompi estradas sinuosamente fechadas, colhi rosas e afastei espinhos. Aprendi mais e mais a ti amar.

Nunca olvidei, no entanto, mina origem natal, a intrépida Santo Amaro das Brotas, cujos filhos, no afirmar da minha primeira professora Cecília Dias, são combativos e determinados. Guardei como segredo inviolável o que nos fazia a insígne mestra e agora tenho a oportunidade de revelá-lo na íntegra. Suas aulas eram discursos inflamados. A jovem senhora, entusiasmaticamente, incutia nas nossas cabecinhas o que aceitávamos como verdade:

- Vocês têm a obrigação de ser bravos e inteligentes por haverem nascido numa cidade cujo clima é de montanha, beneficiados com água mineral de primeiro categoria, desfrutando o privilégio de terem uma alimentação à base de crustáceos.

Dona Cecília Dias... porte fidalgo, fala mansa, liderou docentemente os docentes da minha geração, marcando época na formação do povo santamarense.

Na ousada aventura de viver, e no inacessível mistério de ser, Lá, nasci e firmei meus passos que me levaram a ti.

Agradeço-te a acolhida, minha bela e jovem sesquicentenária dizendo-te que também cooperei na formação do teu povo por muitas gerações. No magistério, cumpri condignamente minha tarefa de transmitir conhecimentos e preparar para a vida os que me foram confiados. Hoje, trago tranqüila a consciência do dever cumprido.

Ainda posso assegurar-te que, como tributo à minha adoção como cidadã aracajuana, da minha união conjugal leguei a ti, Aracaju, a Sergipe, ao Brasil, jóias preciosas de inestimável valor: meus cinco filhos dos quais muito me orgulho por ter feito deles fiéis brasileiros e bons cidadãos.

Parabéns, Aracaju.

DIVAGAÇÕES ACERCA
DO LEMA LATINO DA
ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

MARCOS ALMEIDA

Há um verso das *Metamorfoses* de Ovidio (2, 149) que trata de uma lenda do deus Sol, também chamado Hélios, responsável por trazer ao mundo a luz solar, diariamente conduzindo do Oriente para o Ocidente o seu dourado carro guiado por velozes corcéis. Para resumir o relato, eis que Hélios, certa vez, resolve ceder ao impertinente pedido de seu filho, o jovial e intempestivo Faetonte: o garoto queria, por um só dia, realizar a perigosa tarefa do pai! Logicamente, seria preciso rara habilidade, coisa que o inexperiente rapaz ainda não possuía. Pois bem. Desesperado, antevendo o triste fim do filho, Hélios lhe implora para que desista da louca aventura, e apenas o observe trabalhar do solo, em completa segurança: *sine me dare lumina terris* (deixa-me dar luzes ao mundo). Nesse exemplo, nota-se a personificação da luz em meio ao conteúdo mitológico; 2. Adicionalmente, existe um curto poema medieval, anônimo do século X e que mistura frases latinas ao dialeto itálico popular, intitulado *L'alb'apar*, onde se lê *fert aurora lumen terris* (a aurora traz luz ao mundo). Faz-se referência à aurora, que na mitologia romana era a deusa responsável pelo raiar do dia. Novamente, a "fonte" geradora de luz é uma entidade lendária; 3. Identificamos também um livro escrito pelo erudito clérigo inglês

Alexander Nequam (1157-1217), intitulado “De Laudibus Divinae Sapientiae” (Dos Louvores à Divina Sabedoria), no qual ele divaga se o sol teria sido feito pelo príncipe das trevas, o qual “*fraudibus armatus inexorabilis hostis/ dat lumen terris, gaudia, jura, tace*” (armado de armadilhas do inimigo inexorável, dá luz ao mundo, prazeres, suculências, cala-te!).

Cabe, aqui, um parêntese. O texto de Nequam (ou também Neckam) aborda em profundidade o conhecimento do homem acerca da natureza e do cosmos, porém sob uma perspectiva cristã. De acordo com os fundamentos da teologia medieval, existiriam duas espécies de luz: a natural e a sobrenatural. Esta última proviria de Deus, e seria responsável pela “iluminação” do intelecto humano, condição “*sine qua non*” para se enxergar a verdade. A luz natural, por si só, estaria sujeita a todo tipo de falácias e imprecisões. Temos aqui, portanto, o Deus dos cristãos como divindade provedora de luz.

Foi somente com o Renascentismo que se passou a encarar a luz natural como algo próprio do ser humano, uma faculdade inteiramente autônoma, capaz de dispensar o papel da “revelação” através da graça divina. Podemos dizer que essa nova concepção de luz, “*crescendo à medida que anda*”, adquiriu maior fortaleza com o advento da filosofia moderna (iniciada a partir de Descartes no século XVII), com o Iluminismo francês do século XVIII (representado, entre outros, por Voltaire) e com os ideais positivistas do século XIX (tendo como paradigma a “metafísica da Natureza” de Comte). A luz tornou-se, por assim dizer, apenas uma representação de como opera o elemento racional do ser humano, isto é, o pensamento, a consciência, enfim, o intelecto. E hoje em dia, para a modernidade, ela é a própria ciência.

Finalizando, acredito que o lema *dare lumina terris* da Academia Sergipana de Letras é fruto, direto ou indireto, de uma seqüência de formas de compreender o mundo, que terminou por romper, pelo menos parcialmente, com os paradigmas mitológicos e com os alicerces da “luz sobrenatural” (pertencentes à estrutura teocrática da filosofia medieval), e que se fundamentou no princípio segundo o qual o ser humano é suficientemente capaz de buscar com os “olhos da mente” as respostas de que precisa, a fim de que, através de suas metódicas divagações, consiga iluminar as sendas do futuro.

MULHER FORTE,
QUEM A ENCONTRARÁ

MARIA LÍGLIA MADUREIRA PINA

Que personagem é essa que nós retiramos dos arcanos do tempo para vos apresentar neste momento?

Que mulher é essa, nascida há 108 anos veio ao mundo com a cabeça um século além da sua época?

Esta mulher é Maria Graziella Telles Cabral. Nós vamos trazê-la de volta à vida, por um pouco de tempo para que os que a conheceram possam lembrá-la e a grande maioria conheça um pouco da sua história.

Graziella nasceu em Capela – a Princesa dos Tabuleiros a 19 de dezembro de 1897. Era filha de Francisco Vieira de Mello Cabral e de Honorina Telles Cabral, da melhor estirpe capelense. Estudou na Escola Normal “Rui Barbosa” que por certo lhe abriu a mente, as idéias, despertando os seus dons artísticos. Inteligente, culta (lia muito), chegou a ser Secretária da Instrução Pública. Admirada por uns, invejada por outros, criticada e discriminada por muitos. Graziella compreendeu que era preciso abrir caminho num mundo maior, como fizera Nísia Floresta, Ítala Silva e tantas outras mulheres que lutaram para distribuir os dons que do alto receberam. A saída foi estudar música no Conservatório de São Paulo, como

fizera Bidu Sayão, no Rio de Janeiro. Seu sonho era o palco, a atração do público nos seus olhos. Gostava da música, tocava bem o piano, mas o seu ideal, o seu anseio estava na palavra. Era poeta. A palavra encantava-a. Tornou-se declamadora. Nos seus recitais tornava conhecidos poetas brasileiros e internacionais.

Fixou residência no Rio de Janeiro, de onde partia, qual cavaleiro medieval, tendo por espada a palavra, por elmo a inteligência e por couraça a coragem. “Não andava por desertos e por noites escuras”, como o paladino de Antero de Quental. Seu universo eram os salões iluminados, de Belém do Pará ao Prata (Rio Grande do Sul), e do Uruguai, do Paraguai e da Argentina, onde viveu por algum tempo.

E como tomamos conhecimento de Graziella? – Eu a vi apenas uma vez... foi no início da década de 50, no escritório da firma Cabral Machado e Cia. Numa manhã ensolarada, entra na sala aquele vulcão... cabelos negros, lisos, a altura dos ombros, uma franja cobrindo-lhe a testa, olhos vivos, brilhantes, vestido justo, altura dos joelhos. Efusiva, abraçava os sisudos parentes de sorriso amarelo... – Olá Graziella, como vai? A visita durou segundos... e lá se foi Graziella, ágil, vibrante, como uma borboleta, ou um beija-flor? Ficou-me a lembrança da sua figura exótico, sem saber quem era ela. Só fui saber anos depois, já na década de 70. Foi durante um dos nossos saraus, na residência da minha amiga professora, poeta Leonor Telles de Menezes. A mulher exuberante que eu vira uma única vez era a grande declamadora – Graziella Cabral.

Em 1998, por ocasião do Centenário de Graziella, a Academia Sergipana de Letras prestou-lhe uma homenagem. Estavam presentes sua sobrinha Mara Cabral, o marido Petrônio Gomes (escritor), uma filha do casal Lilian, o irmão de Graziella, Carlos Cabral e o primo Cabral Machado.

Em 1999, a Academia Literária de Vida, homenageou Graziella, com a matéria de primeira página “Graziella: A Cigarra Cabocla” da autoria de Shirley Rocha contendo também a crônica de Petrônio Gomes “Morre uma Cigarra”, publicada no jornal do mês de julho.

E de onde vem o cognome Cigarra Cabocla do Brasil? O cognome lhe foi presenteado por outra mulher “um dos valores culturais do Brasil” Aldée Nicolussi. Ano passado, 2004, no aniversário de Graziella fiz uma comunicação ao Conselho de Cultura, durante uma sessão da Câmara de Letras e Artes e citei o poema “Brasi Sortero” de Hilário Sonegheti que todos pensavam ser de sua autoria, porque ela sempre o declamava. A então Conselheira Ilma Fontes sugeriu que se reunisse as poesias de Graziella para publicá-las em livro. Mas, onde se há de encontrar este tesouro? Lembrei-me de D. Mara Cabral Gomes. Telefonei-lhe solicitando uma entrevista que de pronto me foi concedida. Ao abordar o assunto ela me disse: “... De tia Zizi possui apenas algumas fotos, uns recortes de jornais e um caderno de anotações”. A senhora tem muito, respondi. E Dona Mara me confiou a sua relíquia que ora, de público agradeço, com o coração nas mãos. No caderno não há matéria para um livro de poesias, mas há para um estudo profundo da vida e da obra da querida declamadora.

O caderno de Graziella: neste momento, empresto a minha voz à nossa homenageada para ela própria apresentar o seu caderno e através dele, revele-se aos presentes. "Este é um caderno eclético, independente, sem preconceitos, onde registrei muito pensamento bonito, muita coisa útil.

O sonho passa de linha em linha, às vezes tropeça, vira a cara, outras mete o pé ou abraça, chora... Baila, baila que é bom bailador, que é lindo sonhar!

A vida doc, mas que é bom é viver! Como disse o Poeta: "doc mas é bom de fazer doer"... Sofrer a dor... Pois sim!"

O caderno é eclético, logo, de tudo tem um pouco: História Geral, do Brasil, de Sergipe, em particular, Geografia, Filosofia, Diplomacia, poesias suas e de vários autores, curiosidades, Genealogia, um mundo de assuntos, os mais emitia a sua opinião, às vezes em duas palavras que diziam tudo, como no texto de Antonil. "A época áurea dos mulatos no Brasil, no século XVIII". Diz o autor que mulatos não podiam receber as ordens sacras, daí o afan de terem um padre na família para limpar o sangue. E Graziella... "Eta, cristianismo bonito!..."

Graziella sentia acendrado amor, ao Brasil, Sergipe e Capela, sua cidade natal e sua família, especialmente sua irmã Noêmia. É o que se deduz do que escreveu sobre a morte dela em "Dolorosa Recordação". Embora distante da sua terra, em pensamento, revia a sua cidade, o seu povo. Em "Figuras da Capela do meu tempo" ela faz um verdadeiro inventário de famílias capelenses. Começando com: o Sr. Cândido Menezes (do Santa Cruz) que do 1º consórcio teve Orlando e Odette. Casado em segunda núpcias com Donana do Porto dos Barcos teve duas filhas: Sinhá e Yayázinha; esta última casou com Nogueira". E prosseguiu a lista... Dedicou uma página ao Sr. Garangau e seu filhos: Florival e Enéias. Cita cultos importantes da Capela como o Sr. Juarez Leal, Ariosvaldo Barreto, Adroaldo Campos, Lenalda Campos e muitos outros.

Da História Universal copia textos sobre a Grécia e os filósofos Na Idade Média, a inquisição que combate ardorosamente. O Renascimento, A queda da Bastilha, A Formação dos EUA e da Rússia; a Democracia americana. o Marxismo, as Duas Guerra Mundiais etc.

Na poesia decanta poetas sergipanos, brasileiros e internacionais. Dos nossos cita Pires Wyne, Hermes Fontes, Garcia Rosa, Santo Souza, João de Passos Cabral, José Maria Sampaio, Freire Ribeiro, Heitor Teles e Otaciano Matos. Entre os nacionais: Castro Alves, Santa Rita Durão, Minnotti Del Picchia, Drumond de Andrade, Affonso Schimit, Bernardo Eli, Ada Negri, Murilo Araújo. Os internacionais: Joana Ibarburou, Hermann Losa (em alemão), Pedro Marici Casadly. Várias poesias em francês, sem identificação.

Graziella difundiu a poesia brasileira, defendendo o nacionalismo, causando admiração por onde andava. Intelectuais, homens e mulheres elogiaram a sua arte exclusiva, autodidata. Ela criou um estilo inconfundível.

No dia 22 de outubro de 1968 Graziella apresentou um recital na Sociedade Sergipana de Cultura Artística de Sergipe-SCAS, num programa que incluiu poetas do quilate de Cleômenes Campos, Manuel Bandeira, Jorge Lima, Drumond de Andrade, Freire Ribeiro. Hilário Somegheti, etc.

Declamou na Sociedade Sul Rio Grandense. Um jornal comentou o avento "Da parte da declaração ocupou-se Graziella Cabral, a artista festejada em todo o País. Dela, se disse já que é "a Cigarra Cabocla do Brasil. Conheceu o Rio Grande do Sul, o Uruguai, o Paraguai, a Argentina e colheu louros pelos primores de sua sensibilidade e de sua graça. É moça e tem as vibrações da mulher que sente a vida! É ágil e bela. Foi a pincelada mais azul da noitada gaúcha. É cigarra, é cabocla e é bem brasileira".

Em Caçapava, São Paulo, participou das comemorações do Centenário da Cidade, sendo destaque de jornais pelo seu espírito nacionalista e sua notável capacidade artística.

Graziella tinha plena consciência do seu talento, da sua beleza física e da sua natureza altaneira que não admitia imposições, como demonstra na poesia "Símbolo" – "os grilhões com que a vida escravizar-me, cu os despedaço!"

Bela, inteligente, culta, nacionalista, defensora dos direitos da mulher, do negro, do índio, ativa, amante da liberdade, era Graziella Cabral. Pelo seu reconhecido valor como intérprete foi agraciada pela Assembléia Legislativa do então Estado da Guanabara, em Sessão solene, às 20 horas do dia 7 de novembro de 1973. O autor do projeto o deputado Wilmar Pales foi aprovado por unanimidade. Presentes: os deputados, o Coronel Francisco Cabral, membro do Estado Maior do Exército e sobrinho de Graziella. Representava o Estado de Sergipe, através da Secretaria da Cultura, a não menos valorosa mulher, a escritora e poeta Núbia Marques que fez a apologia da homenageada. Palavras de Núbia: "a Graziella é uma figura impar de mulher que se negou a ficar nas carteiras da burocracia, em trabalhos rotineiros e privou-se da vida em família para lançar-se ao mundo, nas telúricas andanças do espírito, fazendo da solidão o populoso mundo do verbo, sua inequívoca exatidão de beleza. A poesia nos lábios de Graziella é a presença dos bruxos e dos anjos, aconchegando a noite em ternos ninhos de amores, entre sortilégios e encantos".

Mais uma vez empresto a minha voz a Graziella para que leia para o distinto auditório a sua fala, agradecendo o título recebido: "Preliminarmente devo prevenir que esta fala em linguagem correta não é lá muito legal... Digo fala porque não vou fazer discurso. Outros já o fizeram com elegância e brilho, desde o nobre deputado Levy Neves, digníssimo Presidente desta Casa do Povo onde, há alguns meses atrás, atormentada, entrei com segurança e fé. O deputado Levy permita que lhe trace o perfil: é um político da velha guarda; inteligente, sagaz, atilado, envolvente, sutil. Ele possui aquele espírito de coleguismo e aquele outro segredo de atrair que é privilégio de poucos; enfim, um bruxo encantador que de tal forma enredou o seu eleitorado carioca que este o mantém, para bem dizer, em caráter permanente. Mas não se pense que o fazem de olhos fechados. Esse tempo passou. Hoje, todo o mundo, os têm arregalados. Se votam nele, se o conservam em caráter exclusivo é que não foram esbulhados em sua confiança. Fenômeno igual se dá na sua Bahia com o eminente homem parlamentar onde se assenta há vinte e cinco anos, várias vezes guindado à Presidência da Assembléia Legislativa da velha terra das tradições. Ele gostaria de estar aqui hoje, mas tem tal pavor de avião que não conhece nem Brasília, no que sai prejudicado, pois todo político sente nostalgia do "cheirinho da Presidência da República".

Caros ouvintes, eu ressaltei, acima, o espírito de coleguismo do deputado Levy Neves, mais uma vez provado na grandeza com que acolheu e prestigiou o pedido idealizado e feito pelo Deputado Wilmar Pallis – homem de alta excelência moral, árvore de galharia farta, pendente de frutos saborosos colhidos por suas próprias mãos generosas para com elas adoçar o azedume dos que têm sede de justiça, os famintos do amor. E nessa empreitada humana e patriótica foi acolhido no seu gesto largo por vários dos seus melhores colegas, todos concordes em que me fosse dado o honroso título de “Cidadã Carioca”. Donde meu dever de citar-lhe os nomes para que fiquem gravados nos ouvidos dos presentes, afim de que façam deles o melhor uso, na melhor oportunidade. Foram os deputados: Jair Cortes Gama Lima, Nestor Nascimento, Silberto Sobrinho, Afonso Nunes, Ítalo Bueno, Mário Saladini, Riberto Gonçalves Lima, Lígia Lessa Bastos. Uma sonatina de Beetowen...

E o resultado é este: de repente guindada à altura tais! Na verdade, Sr. Presidente, é honraria que esmaga. Se eu fosse dada ao misticismo veria na concessão deste título, a ação daquela mãozinha oculta que maneja nossas vidas de tal forma sutil que nos permite a veleidade de supormos ser, nós mesmos, os artifices.

A aquisição deste título que na aparência é um fato repetitivo de generosidade dessa Casa, na verdade é diferente. Ele teria uma história a ser contada se o momento comportasse eu dizer como Beetowen, o gênio de Bonn, quando certa vez sentindo sufocar-lhe o peito explodiu: “O que tenho no coração é preciso que saia”.

Senhoras e senhores, eis um pequeno retrato de Graziella Cabral, a mulher forte, romântica e inteligente que encantou o Brasil com a sua arte. A nossa cigarra Cabocla encerrou o seu canto no dia 1 de agosto de 1987.

AVE-MARIA!

JÁCOME GÓES

MÃE SANTÍSSIMA, estrela maior que expande o intenso brilho do seu legítimo Amor na superlativa constelação do Senhor, sois para todos nós, seus filhos, a magna referência como exemplo de bondade e de fé, servindo-nos de amparo em todos os momentos e em todas as circunstâncias no curso das nossas vidas!

Mãe querida, em estado de prece, tocados pela sincera experiência de profunda sensibilidade, rogamos o vosso divino e superior auxílio no sentido de ajudar-nos em difíceis conflitos íntimos e interpessoais, quando o tumulto emocional leva-nos a amarga experiência do desespero, comprometendo nossa qualidade de vida. Nessas circunstâncias tão permeadas de angústia, somos extremamente carentes de reconhecermos a paz como seiva que energiza a alma e revitaliza o corpo. Nada pode ser mais importante, necessário e indispensável, que podermos dissipar as sombras da angústia fazendo gerar na usina do coração a luz do discernimento, acionando as turbinas da fé!

Mãe de bondade! Quando a tristeza nos envolve fragilizando a subjetiva estrutura do coração, dá-nos o vosso sublime socorro a fim de podermos ressuscitar a esperança, pois somente assim será realmente possível identificarmos valiosas bênçãos que permeiam nossa vida,

despertando o sentimento de alegria que nos serve de estímulo para seguirmos em frente vencendo obstáculos e transpondo fronteiras que bloqueavam a nossa pobre imaginação.

Mãe de bondade perene! Na encruzilhada das dúvidas, quando ficamos hibernados no árido deserto da indecisão, solicitamos vossa ajuda para consolidarmos o estímulo da autoconfiança, pois com o combustível da fé sairemos da limitante inércia e da obsessiva omissão para dinamizarmos uma operosa e racional ação!

Mãe, presença de luz na noite humana, amparai-nos no convívio da nossa família a fim de reconhecermos a sincronicidade causal que nos une aos próximos mais próximos, dando-nos a oportunidade de exercitarmos a generosidade para doarmos sem compulsória cobrança, e a humildade para fortalecermos, pela via da reconciliação, os vínculos da fraterna união!

Mãe, referência maior de excelsa bondade, sois para nós a bússola que nos conduz ao porto seguro do vosso iluminado coração, quando ondas encapeladas no oceano das nossas vidas sinalizam tempestades de experiências envolvendo desencantos e desalentos.

Mãe, bálsamo para as dores da alma! Seta para os perdidos nas encruzilhadas do mundo! Esperança nas experiências de superlativa dor! Rosa mística de excelsa ternura, rogamos a proteção do vosso sublime Amor!

Mãe, co-criadora, pois a pleno serviço de Deus trouxestes para a terra o vosso filho Jesus que veio nos indicar, pelo concurso da paz, os caminhos da luz!

Mãe tão querida, jamais nos sentiremos isolados na difícil jornada da redenção, pois para sempre, em todas as circunstâncias, sempre teremos o vosso maternal afeto protegendo-nos contra as emboscadas da vida nos sombrios caminhos do mundo.

Mãe, referência de excelsa bondade envolvi-nos com o vosso manto de luz, hoje, na bênção do nosso presente, assim como amanhã na projeção do nosso futuro e para mais além, sede sempre em todas as circunstâncias, o Anjo de nossas vidas, AMÉM!

ENSAIOS

GIL VICENIE
E O TEATRO

LUZIA MARIA DA COSTA NASCIMENTO

O teatro português antes de Gil Vicente, no reinado de *Sancho I*¹, distinguiu dois atores, que se apresentavam, conhecidos pelo nome, Bonamis e Acompaniado, e que realizavam espetáculos de “arremedilho”², na oportunidade, foram pagos pelo rei com uma doação de terras. O arcebispo de Braga, *Dom Frei Telo*, refere-se, num documento de 1281, a representações litúrgicas por ocasião das principais festividades católicas. Em 1451, o casamento da infanta Dona Leonor com o imperador *Frederico III^o da Alemanha* foi acompanhado também de representações teatrais. Segundo as crônicas portuguesas de *Fernão Lopes*⁴,

¹ D. Sancho I (11 de Novembro 1154 - 26 de Março 1212), continuando o *Reinado* (pelo estímulos com que apadrinhou o povoamento dos territórios do país - destacando-se nesse propósito a fundação da *cidade da Guarda*, em 1199, ou, numa perspectiva mais popular e satirizada, pela quantidade de bastards que espalhou pelo reino), foi o segundo rei de Portugal, filho de *Afonso Henriques*.

² *Arremedilho*, representação teatral curta e chistosa, de caráter popular.

³ Frederico III. (Fotodam, 16 de outubro de 1801 - 15 de junho de 1888) foi Imperador da Alemanha (*Kaiser*) e rei da *Prússia* durante três meses em 1888. O numeral III refere-se apenas ao Reino da Prússia. Filho de *Guilherme I da Alemanha* e *Augusta Von Saxe-Weimar*.

⁴ *Fernão Lopes* (1380 - 1459) foi funcionário do papa e notário, nomeado cronista pelo rei *D. Duarte*, e redigiu uma história de Portugal desde as origens, até, provavelmente à época em que viveu. Do ponto de vista da ficção, o seu estilo representa uma literatura de expressão oral e de raiz popular. Ele próprio diz que nas suas páginas não se encontra a forma das palavras, mas a nudez da verdade. Era um autodidata. Foi um dos últimos representantes do *saber popular*, pois já no seu tempo um novo tipo de saber começava a surgir: alatinado, imitador de clássicos.

Zurara⁵, Rui de Pina⁶ ou Garcia de Resende⁷, nas cortes de D. João I⁸, D. Afonso V⁹ e D. João II¹⁰, se faziam encenações espetaculares. Rui de Pina refere-se, por exemplo, a um “momo”, em que Dom João II participou pessoalmente, fazendo o papel de *Cavaleiro do Cisne*, num cenário de ondas agitadas (formadas com panos), numa frota de naus que causou espanto entrando sala adentro, acompanhado do som de trombetas, atabaques, artilharia e música executada por menestrelis, além de uma tripulação atarefada de atores vestidos de forma espetacular.

Contudo, pouco resta dos textos dramáticos pré-vicentinos, além das élogas¹¹ dialogadas de Bernardim Ribeiro¹², Sá de Miranda¹³ e, André Dias publicadas em 1435 e consideradas um esboço razoável de um drama litúrgico com o nome: *Pranto de Santa Maria*. No Cancioneiro Geral¹⁴ de Garcia de Resende existem alguns textos também significativos, como o *Entremez do arjo* (assim designado por Teófilo Braga)¹⁵, de D. Francisco de Portugal, Conde de Vimioso, ou as trovas de Anrique da Mota (ou Farsa do Alfaiate, segundo

⁵ Gomes Eanes de Zurara (1410-1474) foi Guarda-Conservador da Livraria Real, cerca do ano de 1451. Foi, depois de Ferrão Lopes, em 1454, Guarda-Mor do Reino do Reino. Deslocou-se, em 1467, a Alcácer Guezer, como fim de completar a sua crônica do conde D. Duarte de Mareses. Nas suas crônicas, semelhar de ser padre, Zurara fixa-se na apreciação das grandes figuras, espelhando heróis e feitos paradigmáticos, exaltando o valor das épicas personagens de que se ocupa.

⁶ Rui de Pina foi um cronista e diplomata português. Nasceu na Guarda em 1440 e faleceu em 1522. Ao serviço de D. João II, foi imbuído de várias missões diplomáticas, de entre as quais se destaca a representação dos interesses portugueses em Barcelona, após a viagem de descoberta de Colombo, procurando delimitar, em negociações que punham em jogo o Tratado de Tordesilhas, os domínios destinados a Portugal e aqueles destinados a Espanha. Foi nomeado cronista-mor do reino, guarda-mor da Torre do Tombo e da Livraria régia por D. Manuel, em 1497.

⁷ Garcia de Resende (Évora, 1470 - Évora, 1536) foi um poeta, cronista, músico e arquiteto português. Colacionador do Cancioneiro Geral e principal dentre os poetas palacianos, foi secretário particular de Dom João II e Dom Manuel, o Venturoso. Excessivamente guardado, deu assunto a muitos versos humorísticos de seus contemporâneos.

⁸ D. João I, décimo Rei de Portugal, nasceu em Lisboa a 11 de abril de 1357 e morreu na mesma cidade a 14 de agosto de 1433. Era filho ilegítimo do rei Pedro I de Portugal e de uma dama galega chamada Teusa Lourenço. Em 1364 foi coroado Gãb Mestre da Ordem de Avis. Tornou-se rei de Portugal, primeiro da segunda dinastia em 1385, depois do Interregno. Foi cognominado O de Boa Memória, pela lembrança positiva do seu reinado na memória dos portugueses; alternativamente, é também chamado de O Bom ou O Grande.

⁹ D. Afonso V, cognominado o Africano pelas conquistas que fez no norte de África, décimo segundo Rei de Portugal (terceiro da dinastia de Avis), nasceu em Sintra a 15 de janeiro de 1432 e morreu na mesma cidade a 28 de agosto de 1481. Era filho do rei Duarte de Portugal e de sua mulher, a padroeira Leonor de Aragão. Afonso V sucedeu a seu pai em 1458, com apenas seis anos. Durante a sua menoridade, Portugal foi regido pela sua mãe, Leonor de Aragão, de acordo com desejo expresso em testamento pelo rei Duarte de Portugal.

¹⁰ D. João II (Lisboa, 3 de Maio de 1455 - Alvor, 25 de outubro de 1495), cognominado O Príncipe Fezfeito pela forma como exerceu o poder, décimo terceiro Rei de Portugal, nasceu no Paço das Alcáçovas, no Castelo de São Jorge. Era filho do rei Afonso V de Portugal e de Isabel de Coimbra, rainha de Portugal. João II sucedeu ao seu pai após a sua abdicação, em 1477; no entanto, Afonso V retornou e logo D. João II lhe devolveu o poder, e só se tornou de novo rei após a sua morte em 1481.

¹¹ poesia pastoral, em geral dialogada.

¹² Bernardim Ribeiro, escritor português do século XVI (Monção (Alcácer do Sal), c. 1490 - c. 1545). Visitou Itália em conjunto com Sá de Miranda. Pertenceu à corte dos poetas palacianos. A sua principal obra é a novela *Sauzão*, mais conhecida porém como *Menina e Moço* (da primeira frase da novela, que se tornou um tópico da literatura portuguesa: *Menina e moço me levaram de casa de minha mãe para muito longe...*). Existem ainda dispersas pelo Cancioneiro Geral de Garcia de Resende algumas élogas de sua autoria.

¹³ Francisco de Sá de Miranda, filho do cónego Gonçalo Mendes de Sá e de D. Inês de Melo, nasceu em Coimbra, a 28 de agosto de 1481 - 1558, tendo estudado Gramática, Retórica e Humanidades na Escola de Santa Cruz. Frequentou depois a Universidade, ao tempo estabelecida em Lisboa, onde fez o curso de Leis alcançando o grau de doutor em Direito, passando de aluno a aplicador a professor considerado e frequentando a Corte até 1521, deturando-se de então a sua amizade com Bernardim Ribeiro, para o Paço, campos cartagos, villarrestes de caráter opressivo, ao gosto dos poetas do século XV.

¹⁴ Cancioneiro Geral - Produção poética da fase palaciana, reunidas por Garcia de Resende. Nessa coleção figuram as poesias dos barões lusitanos conhecidas na época. São em geral obras de escasso mérito literário e filológico; têm no valor documental.

¹⁵ Joaquim Teófilo Bernardino Braga (Braga Delgada, 24 de fevereiro de 1843 - Lisboa, 28 de janeiro de 1924). Filósofo, escritor e ensaísta português. Estudou na literatura em 1859 com *Rolhas Verdes*. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, fixou-se em Lisboa em 1872, onde lecionou literatura no Curso Superior de Letras. Da sua carreira literária contam-se obras de história literária, etnografia (com especial destaque para as suas recolhas de contos e canções tradicionais), poesia, ficção e filologia.

Leite de Vasconcelos)¹⁶ dedicados a temas e personagens chocarreiros como “um clérigo sobre uma pipa de vinho que se lhe foi pelo chão”, entre outros episódios divertidos. É provável que Gil Vicente tenha assistido alguma destas representações. Viria, contudo, sem qualquer dúvida, a superá-las em maestria e em profundidade, tal como diria Marcelino Menéndez Pelayo¹⁷ ao considerá-lo a “figura mais importante dos primitivos dramaturgos peninsulares”, chegando mesmo a dizer que não havia “quem o excedesse na Europa do seu tempo”.

Apelidado o *Plauto*¹⁸ português, foi Gil Vicente um genuíno representante da literatura medieval de cunho popular, em contraposição ao espírito de imitação clássica dos renascentistas, por ele cognominados “homens de bom saber”.

Não se sabe ao certo a data do seu nascimento, o mesmo podendo dizer-se com relação à sua morte. Calcula-se que haja nascido no ano de 1470, pois, em 1536, ao dar por encerrada sua atividade literária com a composição de sua última comédia, *Floresta de enganos*, declara haver completado 66 anos. Há também dúvidas quanto à cidade de seu berço, que se supõe ter sido Guimarães ou alguma cidade da Beira.

Duas vezes casado. Sabe-se que se casou com Branca Bezerra, de quem nasceram Gaspar (que morreu em 1519) e Belchior (nascido em 1505). Depois de enviúvar, casou-se com Melícia Roiz de quem teve Paula Vicente (1519-1576) que deixou fama de uma mulher invulgarmente culta, Luís Vicente (que organizou a compilação das suas obras) e Valéria.

Presume-se também, que tenha estudado em Salamanca.

Outra questão que se discutiu muito e deu margem a hipóteses desconstruídas foi a da identidade de Gil Vicente, poeta dramático, com Gil Vicente ourives, que foi mestre da balança até 1513 e que lavrou, com o ouro das páreas¹⁹ de Quiloa²⁰, a riquíssima custódia do templo dos Jerônimos de Belém²¹ (1506), obra-prima da ourivesaria portuguesa do século XVI. A versão mais persistente é que o ourives e o poeta eram primos, tendo o primeiro morrido

¹⁶ José Leite de Vasconcelos Gaudêncio Pereira de Melo (Lisboa, 7 de julho de 1858 – Lisboa, 17 de maio de 1941) foi um linguísta, filósofo e etnógrafo português.

¹⁷ Marcelino Menéndez y Pelayo – (1492) historiador espanhol.

¹⁸ Plauto (Titus Maccius Plautus) nasceu em Sarsina, Itália, por volta do ano de 254 a.C. Fez pouco tempo por volta do ano de 194 a.C., em Roma. Considerado o maior comediógrafo da Roma antiga, é oriundo de berço humilde e veio para Roma, onde começou a fazer teatro, primeiro como ator e depois escrevendo comédias. Por muito tempo, ficou conhecido apenas como *Plautus*, que quer dizer “pés chatos”, porém mais tarde se autodenominou *Maccus*. Estima-se que tenha escrito 130 peças, das quais apenas 21 sobreviveram. Seus entredós, personagens foram copiados de autores da Nova Comédia Grega, como Menander, Plutarco e Diphilus. Com canto, dança, métrica elaborada e linguagem coloquial, sua obra retrata com fidelidade a vida dos romanos da época. Os entredós são em geral baseados em casos de amor ou de ocorrências de tipo de identidades, mas apresentam grande originalidade no tratamento dos temas. Os seus personagens são de origem popular: escravos mentirosos, ladões, velhos, soldados fanfarrões, cortesões. Suas comédias inspiraram dramaturgos pós-renascentistas como por exemplo: Molière, que tomou como inspiração a obra *O Vaso de Ouro* para escrever *O Alcazate*. Já Shakespeare baseou-se nas obras *Os Gêmeos* e *Artifício* para escrever *A Comédia dos Erros*.

As principais obras de Plauto são: *Artifício*; *Aulularia*; *O Soldado Fanfarrão*; *Meneiros*; *Pessa*; *Baculus*; *Vidularia*.

¹⁹ Páreas: tributo, que em reconhecimento de vassalagem, um senhor ou um Estado pagava a outro.

²⁰ Quiloa – distrito e cidade da África oriental, colonizada a princípio pelos portugueses.

²¹ Mosteiro dos Jerônimos – Monumento à riqueza dos Descobrimentos, constitui o ponto mais alto da arquitetura manuelina e ornado cristão em conjunto artístico do século XVI em Portugal e uma das principais igrejas-salão da Europa. É belíssimo seu claustro, completo em 1544, e aponta sul, de complexo desenho geométrico, virado para o rio Tejo. Os elementos decorativos são repletos de símbolos da arte da navegação e de esculturas de plantas e animais exóticos. Foi mandado pelo rei D. Manuel I, pouco depois de Vasco da Gama ter regressado da sua viagem à Índia, foi financiado em grande parte pelos lucros do comércio de especiarias.

em 1513 e que o segundo, quatro anos mais tarde. Existem, porém, documentos que indicam serem uma só e única pessoa: tal é o caso de uma anotação antiga citada por Braamcamp Freire²² no trabalho em que defende a tese do Gil Vicente único, mas até hoje não foi possível provar isso de forma incontestável, embora a identificação do dramaturgo com o ourives seja mais credível, dada a abundância de termos de ourivesaria nos seus autos.

Menciona-se ainda a circunstância não provada de haver sido Gil Vicente um dos preceptores de D. Manuel, duque de Beja e futuro rei, de quem teria sido mestre de retórica. Essa função ter-lhe-ia dado fácil acesso à corte, tornando-se um dos seus protegidos.

O fato é que no início do século XVI encontramos-lo na corte, participando nos torneios poéticos que Garcia de Resende documentou no seu Cancioneiro Geral.

O seu primeiro trabalho conhecido, a peça em castelhano *Auto da visitação ou Monólogo do vaqueiro*, foi representada nos aposentos da rainha D. Maria, mulher de D. Manuel²³, para celebrar o nascimento do príncipe (o futuro D. João III). A rainha D. Maria era castelhana e, como ela grande número de fidalgos da corte; além disso, a língua espanhola era de uso corrente, sendo raros os escritores palacianos e os quinhentistas que não escreveram nos dois idiomas, o de Portugal e o de Castela. Foi, pois, escrito em espanhol o primeiro "auto" de Gil Vicente, que era antes um monólogo, mas que ficou sendo, esta representação, considerada como o marco de partida da história do teatro português. Essa apresentação aconteceu na noite de 8 de junho de 1502, com as presenças, do rei, da rainha, de D. Leonor²⁴, viúva de D. João II e D. Beatriz, mãe do rei. D. Leonor tornou-se então, responsável pela organização dos eventos palacianos, pedindo ao dramaturgo a repetição da peça pelas *matinas*²⁵ de Natal, mas o autor, considerando que a ocasião pedia outro tratamento, escreveu o *Auto Pastoril Castelhana*. De fato, o *Auto da Visitação* tem elementos claramente inspirados na "adoração dos pastores", de acordo com os relatos do nascimento de Cristo²⁶. A encenação incluía um ofertório de prendas simples e rústicas, como queijos, ao futuro rei, ao qual se pressagiavam grandes feitos. Gil Vicente que, além de ter escrito a peça, também a encenou e representou; usou, contudo, o quadro religioso natalício numa perspectiva profana, ante o interesse de D. Leonor, que também se tornou a sua grande protetora nos anos seguintes. Daí Gil Vicente teve a noção de que o seu talento lhe permitia fazer adaptações e novas peças, ainda que semelhantes, para ocasiões diversas.

²² A. de Braamcamp Freire, *Gil Vicente, mestre de balança*, Porto, 1919.

²³ D. Manuel I, o sétimo quarto Rei de Portugal, nasceu em Alentejo a 31 de maio de 1469 e morreu em Lisboa a 13 de dezembro de 1521. Era filho do príncipe Fernando de Portugal, duque de Visau, e de Beatriz, princesa de Portugal. Manuel sucedeu ao pai João II de Portugal em 1495. Foi o cronista de *O Venturoso*, *O Bem-Aventurado* e *O Afortunado*, pelos eventos felizes que ocorreram no seu reinado, designadamente a descoberta do caminho marítimo para a Índia e do Brasil.

²⁴ D. Leonor de Portugal (ou Leonor de Visau; 2 de maio de 1459 - 17 de novembro de 1525) foi uma princesa portuguesa da casa de Avis e rainha de Portugal desde 1481 até 1495, pelo seu casamento com João II de Portugal. Leonor era filha do príncipe D. Fernando, Duque de Visau e Condestável do Reino (filho do rei Duarte I de Portugal) e de Beatriz, também ela uma princesa de Avis. Entre os seus irmãos contavam-se Manuel, Duque de Beja, e Diogo, Duque de Visau. Em 22 de janeiro de 1470, casou-se com o rei D. João II, o qual era seu pai no pelo lado paterno materno. Mesmo após a morte do rei, em 1495, a rainha não continuou a ser conhecida como rainha D. Leonor (ou a Rainha Velha) até à sua morte, sendo bastante respeitada na corte.

²⁵ *Matinas*, brevíssimo que contém as orações da manhã ou a primeira parte do ofício divino.

²⁶ Cristo é o título do pelos cristãos a Jesus. A palavra "Cristo" (grego $\chi\rho\iota\sigma\tau\acute{o}s$ (Christós), cuseja, "Υγιός") é uma tradução literal de Messias (messiah).

Assim, já no ano seguinte, a 6 de janeiro, faz representar, atendendo a novo pedido, o *Auto dos Reis Magos*, a que se seguiu o *Auto da Sibila Cassandra*. Cassandra é uma personagem da mitologia grega, filha do rei Priamo e da rainha Hécuba de Tróia.

A mitologia grega conta-nos como quando Cassandra e o seu irmão gêmeo, Heleno, ainda crianças, foram brincar no Templo de Apolo. Os gêmeos brincaram até ficar demasiado tarde para voltarem para casa, e de tal modo, foi-lhes arranjada uma cama no interior do templo. Na manhã seguinte, a ama encontrou as crianças ainda a dormir, enquanto duas serpentes passavam a língua pelas suas orelhas. A ama ficou aterrorizada mas as crianças estavam ilesas. Como resultado do incidente os ouvidos dos gêmeos tornaram-se tão sensíveis que lhes permitiam escutar as vozes dos deuses.

Com essas obras estava já firmado o prestígio de Gil Vicente, perante a corte, como autor dramático.

Ao longo de mais de três décadas, Gil Vicente foi um dos principais animadores dos serões da corte, escrevendo, encenando e até representando.

Começava então a existir o teatro em Portugal ao alvorecer do século XVI, seguindo a linha do teatro ibérico popular e religioso que, aliás, já se fazia, mas de forma menos profunda. Os temas pastoris, presentes na escrita de Juan del Encina²⁷ vão influenciar fortemente a sua primeira fase de produção teatral e permanecerão posteriormente com uma maior diversidade temática e sofisticação de meios. De fato, as obras de Gil Vicente têm uma vasta diversidade de formas: auto pastoril, a alegoria religiosa, narrativas bíblicas, farsas episódicas e autos narrativos. Seguiram-se ano por ano, novas composições, marcadas por êxitos crescentes: o *Auto de S. Martinho*, em 1504; o *Auto dos Quatro Tempos*, em 1505; o *Auto da Alma*, em 1508. Este último foi representado na cidade de Lisboa, nos Paços da Ribeira, na noite de Endoenças ou seja nas solenidades religiosas da quinta-feira santa, tendo como figurantes: Alma, Anjo Custódio, Igreja, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, S. Jerônimo, S. Tomás e dois diabos. O *Auto da Índia*, em 1509, quando se equipava uma poderosa esquadra que deveria seguir para aquela colônia asiática. O *Auto da Índia* fala do adultério como consequência das viagens dos Descobrimentos. *Constança*, insatisfeita com seu marido e, ao que tudo indica casada, apenas por interesse, arranja dois amantes (um castelhano e um português chamado Lemos) enquanto o marido está numa viagem com destino à Índia.

Gil Vicente, no mesmo ano, escreveu representou o auto da *Barca do Purgatório*, escrito primeiro em português, com o título de *Auto de moralidade*, depois, traduzido para o castelhano ao completar-se a trilogia famosa que se publicou com a designação de tragicomédia alegórica *Del Paraiso y del Infierno*, também conhecida como os autos das *Três Barcas*.

No *Auto da Barca da Glória* (1519) a finalidade era criticar as classes dos mais altos dignitários das instituições civis e eclesiásticas. Nele, o Diabo pergunta à Morte, porque é que esta só lhe traz gente humilde e simples, "os ricos e honrados não aparecem!". Então, a primeira personagem, um conde próspero é acusado pelo Diabo de ter gozado bem a vida. Apesar da denúncia de todos os vícios do

²⁷ Juan del Encina, dramaturgo e escritor espanhol. (1446-1534)

Conde, este está predestinado a ser absolvido, como todas as outras personagens, pois pertence à classe dos mais altos dignitários das instituições civis e eclesiásticas. Começa a entrar a classe eclesiástica, sendo a primeira personagem o Bispo. Este vem muito cansado e dirige-se à Barca do Inferno para descansar. Apesar de acreditar em Cristo, levou uma vida de pecado. O Papa, que pecou por usar da luxúria e da soberba. Os remorsos de nada lhe servem para se salvar do seu destino e das chamas ardentes, assim por diante.

Os locais principais das representações foram, até então, além da alcova real, os conventos as capelas, as igrejas, os hospitais e os paços.

A partir de 1509, as representações ora se davam nos paços, em Lisboa, ora nas diversas cidades por onde vagueava a corte, fugindo às intermitentes pandemias²⁸ de peste que tantas vezes, naquele século, devastaram Portugal. Assim, o teatro vicentino andou em excursão forçada pelo interior do país; Évora, Almeirim, Santarém e Coimbra, sedes temporárias do governo português.

Os principais acontecimentos históricos e os fatos culminantes da vida palaciana partidas de expedições vitoriosas na África e na Ásia, nascimento dos príncipes, casamento dos reis e das princesas em três cortes sucessivas, deram ensejo a novas obras do genial criador do teatro lusitano. Por elas pode-se reconstituir a crônica dos sete primeiros lustros do século. Estão neste caso: o *Auto da Fama*, *Auto da Exortação*, *Auto da Guerra*, *Autos das Cortes de Júpiter*, *Auto de Coimbra* e o *Auto da Lusitânia*. O *Auto do Jubileu d'Amores*, cujos originais se perderam, foi representado em Bruxelas em dezembro de 1531 no palácio da embaixada portuguesa, em comemoração do nascimento do príncipe D. Manuel, filho de D. João III. Além do embaixador Pedro de Mascarenhas, assistiram à representação numerosos convidados, entre os quais o humanista André de Resende, que celebrou o acontecimento em versos latinos e o historiador Damião de Góis. Esses dois ilustres escritores portugueses eram amigos de Erasmo, que, segundo a tradição, lhes teria manifestado seu pesar de não conhecer a língua portuguesa para poder entender, no original, as peças de Gil Vicente. Chegou-se mesmo a afirmar que o sábio humanista do Renascimento aprendera o português para realizar esse desejo.

Além do *Auto do Jubileu*, foi representado na capital flamenga o *Auto da Lusitânia*, intervindo em ambos como ator o próprio Gil Vicente. O *Auto do Jubileu* continha ferinas críticas ao Papa, aos cardeais romanos, sendo talvez essa a razão por que os originais foram excluídos da coleção das obras completas pelo autor que ao sistematizá-las, começava já a sentir o peso da intolerância religiosa prestes a ser implantada em Portugal, com a instituição do tribunal do Santo Ofício.

Entre as obras do último período da vida do grande dramaturgo figuram: o *Auto de Mofina Mendes* anunciando os ideais renascentistas em Portugal, representado no convento de Odivelas, em Lisboa, no Natal de 1534; o *Auto da Cananéia*, em que se entremearam números de música, também datado de 1534; o *Auto da Festa* que coincide com a terrível peste de 1535 e com a morte

²⁸ Peste. Epidemia generalizada.

inesperada do infante D. Fernando e sua esposa, e finalmente, a *Floresta de Enganos*, que data de 1536 e assinala a definitiva interrupção das atividades do autor, não sabendo ao certo se morreu nesse mesmo ano ou em 1540, como querem alguns biógrafos.

Sabe-se apenas que, antes de morrer, pode ainda coordenar toda a sua obra, num total de 44 peças, com exclusão das que se perderam, que foram o citado *Jubileu*, a *Aderência do Paço* e a *Vida do Paço*. Essa coordenação foi feita a pedido do próprio rei D. João III, que desejava promover-lhes a publicação sistemática. Alguns dos autos foram impressos em vida do autor, sob a forma de folhetos, uma espécie de literatura de cordel. Dessa primeira compilação não constam três dos autos escritos por Gil Vicente, provavelmente, por terem sido proibidos pela Inquisição, não obstante, o *Index Librorum Prohibitorum* (índice dos livros proibidos) de 1551 incluía já sete das obras de Gil Vicente.

Nessa tarefa foi Gil Vicente auxiliado por sua filha Paula e seu filho Luís Vicente, só se concluindo, porém, a impressão em 1562, depois de satisfeitas numerosas exigências dos inquisidores. Em geral as peças iam sendo publicadas à proporção que iam sendo representadas, notando-se entre essas edições principais e a edição da compilação sistemática, inúmeras diferenças, bem como não poucos cortes, nem todos certamente da iniciativa do autor. Não constituindo, todavia, mutilações graves que prejudiquem a clareza dos textos e a seqüência da ação.

Quanto à língua em que foram escritas existem:

Em português, e entre as peças mais importantes temos: *Auto da Barca do Inferno* (1517); *Auto da Barca do Purgatório* (1518); *Auto da Alma* (1518); *Auto Pastoril Português* (1523); *Auto Pastoril da Serra da Estrela* (1527); *Farsa dos Almocreves* (1527); *Auto da Feira* (1528); *O Clérigo da Beira* (1530); e *Auto de Mofina Mendes* (1532).

Em castelhano: *Auto da Visitação* (1502), *Auto Pastoril Castelhana* (1502), *Auto dos Reis Magos* (1503), *Auto da Sibila Cassandra* (1513), *Auto da Barca da Glória* (1519) *Dom Duardos* (1525), e *Farsa das Ciganas* (1525).

Nos dois idiomas (bilingües): *Auto da Índia* (1509), *Auto da Fé* (1510), *Quem tem Farellos?* (1515), *Comédia de Rubena* (1521), *Farsa de Inês Peretra* (1523), *Frágua d'Amor* (1524), *Nau d'Amores* (1526), *Templo d'Apolo* (1526), *Auto da Festa* (1528), *Triunfo do Inverno* (1528), *Auto da Lusitânia* (1532), e *Floresta de Enganos* (1536).

O seu filho, Luís Vicente, na primeira compilação de todas as suas obras, classificou-as em autos e mistérios (de caráter sagrado e devoção) e em farsas, comédias e tragicomédias (de caráter profano). Contudo, qualquer classificação é redutora de fato, basta pensar na *Trilogia das Barcas* para se verificar como elementos da farsa (as personagens que vão aparecendo, há pouco saídas deste mundo) se misturam com elementos alegóricos religiosos e místicos (o bem e o mal).

Gil Vicente retratou, com refinada comicidade, a sociedade portuguesa do século XVI, demonstrando uma capacidade acutilante de observação ao traçar o perfil psicológico das personagens. Crítico severo dos costumes, de acordo com a máxima que seria ditada por Molière²⁹ *Ridendo castigat mores* – (rindo se castigam os costumes), Gil Vicente é também um dos mais importantes autores satíricos da língua portuguesa.

Em 44 peças, usa grande quantidade de personagens extraídos do espectro social português. É comum a presença de marinheiros, ciganos, camponeses, fadas e demônios e de referências. Sempre com um lirismo nato, com dialetos e linguagens populares.

São geralmente apontados, como feição positiva das suas peças, a imaginação e originalidades evidenciadas; no sentido dramático e no conhecimento dos aspectos relacionados com a problemática do teatro.

Alguns autores consideram que a sua espontaneidade, ainda que refletindo de forma eficaz os sentimentos coletivos e exprimindo a realidade criticável da sociedade a que pertencia, perde em reflexão e em requinte. A sua forma de exprimir é simples, franca e direta, sem grandes floreios poéticos. Acima de tudo, o autor exprime-se de forma inspirada, dionisiaca,³⁰ nem sempre obedecendo a princípios estéticos e artísticos de equilíbrio. É também versátil nas suas manifestações: se, por um lado, parece ser uma alma rebelde, temerária, impiedosa no que toca em demonstrar os vícios dos outros, quase da mesma forma que se esperaria de um inconsciente e tolo bobo da corte. Por outro lado, mostra-se dócil, humano e carinhoso na sua poesia de caráter religioso, quando se trata de defender aqueles a quem a sociedade maltrata. O seu lirismo religioso, de raiz medieval e que demonstra influências das *Cantigas de Santa Maria* está bem presente, por exemplo, no *Auto de Mofina Mendes*, na cena da Anunciação, ou numa oração dita por Santo Agostinho no *Auto da Alma*.

O seu lirismo patriótico presente em *Exortação da Guerra*, *Auto da Fama* ou *Cortes de Júpiter*, não se limita a glorificar, em estilo épico e orgulhoso, a nacionalidade, de ocorrência crítica e eticamente preocupante, principalmente no que diz respeito aos vícios nascidos da nova realidade econômica, decorrente do comércio com o Oriente. O seu lirismo amoroso, por outro lado, consegue aliar algum erotismo e alguma brejeirice com influências mais eruditas.

Pertencem ao gênero de caráter sagrado e de devoção: *Auto da Visitação* ou *Monólogo do Vaqueiro* (1502), o *Auto Pastoral Castelhana* (1502), o dos *Reis Magoa* (1503), *Auto de S. Martinho* (1504), o da *Fé* (1510), o auto da *Sibila*

²⁹ Jean-Baptiste Poquelin, mais conhecido como Molière (nasceu em Paris a 15 de janeiro de 1622 - 17 de fevereiro de 1673), foi um escritor de peças de teatro francês, além de ator e encenador. É considerado um dos mestres da comédia satírica. Tem um papel de absoluta importância na dramaturgia francesa, até então muito dependente da temática da mitologia grega. Usou as suas obras para criticar os costumes da época, criando o lema "castigat ridendo mores". É considerado fundador, indireto, da Comédia Francesa.

³⁰ Dioniso, (ou Dionísio) é o deus grego equivalente a Baco, no panteão romano, deus das festas, do vinho e do Lazer. Filho de Zeus e da princesa Semele, é o único deus filho de uma mortal. Fez a parte de sua gestação na casa de seu pai, pois sua mãe morreu antes d'ele nascer. Zeus, depois de conhecer um pedicó imortal a Semele, o qual levou-a à morte, entrega Dionísio às ninfas, que cuidam dele durante a infância. Ao se tornar homem, Dionísio se apaixona pela cultura da uva e descobre a arte de extrair o suco da fruta. Porém invejada Hera leva Dionísio a ficar louco.

Cassandra, escrito em 1513, e por introduz os deuses pagãos na intriga, é considerado por alguns como o marco inicial do Renascimento em Portugal, o *Auto dos Quatros Tempos* (1516), *Auto da Barca do Inferno* (1517), o *Auto do Purgatório* (1518), *Auto da Alma* (1518), *Auto da Barca da Glória* (1519), o *Pastoril Português* (1523), *Breve Sumário da História de Deus* (1526), *Diálogo dos Judeus sobre a Ressurreição* (1526), o *da Feira* (1528), *Auto de Mofina Mendes* (1532), e por último, o *Auto da Cananéia* (1534).

O *Auto das Três Barcas*, o *Auto da Barca do Inferno*, é uma complexa alegoria dramática de Gil Vicente, representada pela primeira vez em 1517. É a primeira parte da chamada trilogia das Barcas (sendo que a segunda e a terceira são respectivamente o *Auto da Barca do Purgatório* e o *Auto da Barca da Glória*). Os especialistas classificam-na como moralidade, mesmo que muitas vezes se aproxime da farsa. Ela proporciona uma amostra do que era a sociedade lisboeta das décadas iniciais do século XVI, embora alguns dos assuntos que cobre sejam pertinentes na atualidade. Diz-se *Barca do Inferno*, porque quase todos os candidatos às duas barcas em cena – a do Inferno, com o seu Diabo, e a da Glória, com o Anjo. Contudo, dizem que ela é muito mais o auto do julgamento das almas. A peça inicia-se numa praia, onde se encontram as duas barcas, a Barca do Inferno, cuja tripulação é o Diabo e o seu Companheiro, e a Barca da Glória, tendo como tripulação um Anjo na proa. Apresentam-se a julgamento as seguintes personagens: um *Fidalgo*, D. Anrique; um *Onzeneiro* (homem que vivia de emprestar dinheiro a juros muito elevados, um agiota); um *Sapateiro* de nome Joanantão, que parece ser abastado, talvez dono de oficina; Joane, um estúpido, tolo; um *Frade* cortesão, Frei Gabriel, com a sua “dama” *Florença*; *Brisida Vaz*, uma alcoviteira (ou proxeneta); um *Judeu* usurário chamado Semifará; um *Corregedor* e um *Procurador*, altos funcionários da Justiça; um *Enforcado*; quatro *Cavaleiros* que morreram a combater pela fé. Cada personagem discute com o Diabo e com o Anjo para qual das barcas entrará. No final, só o Parvo e os Quatros Cavaleiros entram na Barca da Glória, o primeiro que por ser pobre de espírito não pode ser responsabilizado pelos seus erros, e os últimos porque redimiram os seus pecados lutando contra os Mouros, em nome de Jesus Cristo. Todos os outros rumam ao Inferno. Fazendo uma análise das personagens, cada uma representa uma classe social, ou uma determinada profissão ou mesmo um credo. À medida que estas personagens vão surgindo vemos que todas trazem elementos simbólicos, que representam a sua vida terrena e demonstram que não têm qualquer arrependimento dos seus pecados.

São do gênero aristocrático: as comédias e tragicomédias de *Exortação da Guerra* (1513), *Comédia do Viúvo* (1514), das *Cortes de Júpiter* (1521), *Comédia de Rubena* (1521), do *Auto da Fama* (1522), da *Frágua d’Amor* (1524), *Dom Duardos* (1525), do *Templo de Apolo* (1526), *Auto Pastoril da Serra da Estrela* (1527), *Comédia sobre a Divisa da Cidade de Coimbra* (1527), *Nau d’Amores* (1527), do *Triunfo do Inverno* (1530), *Auto da Lusitânia* (1532), *Amadis de Gaula* (1533), e da *Floresta de Enganos* (1536).

Figuram no gênero populares ou farsas e comédias de costumes: as *Farsas da Índia* (1509), *Auto das Fadas* (1511), *Velho da Horta* (1512), *Farsa de Inês Pereira* (1523), *Auto dos Físicos* (1524), *Farsa das Ciganas* (1525), *Almocreves* (1527), o *Clérigo da Beira* (1530), *Romagem de Agravados* (1533).

Na farsa *Velho da Horta*, aparece um homem honrado e muito rico, já velho, que tinha uma horta; em certa manhã, aparece uma moça de muito boa aparência para comprar hortaliça, e o velho se enamorou dela, por via de uma alcoviteira. O velho apaixonado fazia o que fosse preciso para conseguir sua amada, declarando inclusive que seria capaz de gastar toda a sua fortuna. Depois disso tudo, a alcoviteira foi açoitada, e a moça casou honradamente. *Quem tem farelos?* (nome colocado pelo público em (1515). Gil Vicente conta a história de um escudeiro em decadência. O autor critica nesta obra, de forma impiedosa, toda a sociedade de seu tempo, desde os membros das mais altas classes sociais até os das mais baixas. Contudo as personagens por ele criadas não se sobressaem como indivíduos. São sobretudo tipos que ilustram a sociedade da época, com suas aspirações, seus vícios e seus dramas. Esses tipos utilizados por Gil Vicente raramente aparecem identificados pelo nome. Quase sempre, são designados pela ocupação que exercem ou por algum outro traço social (sapateiro, ama, clérigo, frade, bispo, alcoviteira etc.). Ainda com relação aos personagens pode-se dizer que eles são simbólicos, ou seja, simbolizam vários comportamentos humanos. Os membros da Igreja são alvo constante da crítica vicentina. É importante observar, no entanto, que o espírito religioso presente na formação do autor, jamais critica as instituições, os dogmas ou hierarquias da religião, e sim os indivíduos que as corrompem. Acreditando na função moralizadora do teatro, colocou em cenas fatos e situações que revelam a degradação dos costumes, a imoralidade dos frades, a corrupção no seio da família, a imperícia dos médicos, as práticas de feitiçaria, o abandono do campo para se entregar às aventuras do mar. A linguagem é o veículo que Gil melhor explorou para conseguir efeitos cômicos ou poéticos. Escritas sempre em versos, as peças incorporam trocadilhos, ditos populares e expressões típicas de cada classe social.

Na *Farsa de Inês Pereira*, uma das mais belas peça de teatro, ele retrata a ambição de uma criada da classe média. Desafiado por aqueles que duvidavam do seu talento, Gil Vicente concorda em escrever uma peça que comprove o provérbio "Mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube". A peça foi apresentada pela primeira vez a D. João III no Convento de Cristo, Tomar, em 1523. Tecnicamente, é a mais perfeita obra vicentina, pela unidade de ação que apresenta. Esta peça pode ser dividida em quatro partes principais, ou quadros, ou em oito cenas. No entanto, não há uma divisão explícita, pelo autor, em atos. Toda a peça gira em torno da personagem principal Inês Pereira que nunca sai de cena. Não há mudança de cenário, e a mudança de cena só é pautada pela entrada ou saída de personagens. Inês Pereira, moça simples e casadoira mas com grande ambição procura marido que seja astuto, sedutor, que saiba dedilhar viola, e não coma cebola. A mãe de Inês, preocupada com a sua filha, sua educação e casamento, incita-a a casar com Pero Marques, pretendente arranjado pela alcoviteira Leonor Vaz; no entanto, Inês Pereira não se delicia do filho do lavrador, por ser este ignorante e inculto. Entretanto, entram em cena dois "casamenteiros judeus" que também cuidavam de arranjar marido para Inês, e se bem procuraram melhor acharam e Inês casa com um escudeiro, de sua graça Brás da Mata. Este casamento depressa se revela desastroso para Inês, que por tanto procurar um marido astuto acaba por casar

com um que antes de sair em missão para África, dá ordens ao seu moço que fique a vigiar Inês e que a tranque em casa de cada vez que sair à rua. Brás da Mata, era um escudeiro falido que casou com Inês de forma a poder aproveitar-se do seu dote. Três meses após a sua partida, Inês recebe a prazerosa notícia de que o seu marido foi morto por um mouro. Não tarda em querer casar de novo, e é nesse mesmo dia que Leonor Vaz lhe traz a notícia que Pero Marques, continua casadoiro, de resto como este tinha prometido a Inês quando do primeiro encontro destes. Inês casa com ele logo, e já no fim da história aparece um falso monge que se torna amante da protagonista. O ditado “mais quero asno que me carregue que cavalo que me derrube”, não podia ser melhor representado do que na última cena da obra quando o marido a carrega nos ombros até ao amante, e ainda canta com ela “assim são as coisas”. Foi escrita como réplica aos críticos e maldizentes que o acusavam de falta de originalidade: alegavam e propalavam que as tramas de suas peças era plagiada das de Juan de la Encina, Tórres Navarro e outro autores espanhóis. E foi glosando-os que produziu aquela obra prima, aniquilando os antagonistas.

O teatro de Gil Vicente fez escola em Portugal em todo o século XVI e ainda no século XVII, contando-se entre os seus notáveis discípulos Baltasar Dias, Ribeiro Chiado, Dom Francisco Manuel de Melo e o padre Anchieta. Este utilizou o teatro como meio de catequese para nossos silvícolas, compondo vários autos à maneira vicentina.

A biografia do autor da *Mofina Mendes* inspirou a Garrett³¹ uma das obras primas do teatro português. *Um auto de Gil Vicente*, que serviu, com o Frei Luís de Sousa, para o renascimento da arte dramática em Portugal.

Ele é considerado um autor de transição entre a Idade Média e o Renascimento. De fato, a estrutura das suas peças e muitos dos temas tratados são desenvolvimentos do teatro medieval. No entanto, alguns dos aspectos críticos apontam já para uma concepção humanista. Em muitos dos seus autos defende concepções e valores tipicamente medievais, no aspecto religioso, por exemplo, mas outras vezes assume posições críticas muito próximas daquelas que eram defendidas pelos humanistas europeus.

Em 1531, em carta ao rei, defendeu firmemente os *cristãos-novos*³² a quem era atribuída a responsabilidade pelo terremoto de Santarém. Também no *Auto da Índia* apresenta uma visão antiética da expansão ultramarina, pondo em evidência as motivações materialistas de muitos dos seus agentes.

A obra de Gil Vicente transmite uma visão do mundo que se assemelha e se posiciona como uma perspectiva pessoal do Platonismo³³: onde existem dois mundos: o Mundo Primeiro, da serenidade e do amor divino, que leva à paz interior, ao sossego e a uma “resplandecente glória”, como dá conta sua carta a D. João III; e o Mundo Segundo, aquele que retrata nas suas farsas, um mundo “todo ele

³¹ Garrett, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799 - 1854) escritor e teatrólogo português, considerado introdutor do romantismo em seu país.

³² Cristãos-novos era a designação dada em Portugal e no Brasil a um judeu convertido ao cristianismo. A classificação apareceu no século XIV durante o reinado de Manuel I de Portugal, que impôs aos judeus a conversão ou a expulsão do país e das suas colónias. A medida foi uma tentativa de homogeneizar a religião na Península Ibérica e cristã do acórdão de Caserte entre Manuel I de Portugal e a Infanta Isabel de Aragão.

³³ Platonismo: Doutrina ou elementos característicos do pensamento de Platão. De uma maneira geral, essas características podem ser agrupadas em três categorias: Doutrina das idéias, onde os objetos do conhecimento se distinguem das coisas naturais; Doutrina da superioridade da sabedoria sobre o saber, uma espécie de objetivo político para a filosofia; e Doutrina da Dialética, enquanto procedimento científico.

falso”, cheio de “canseiras”, de desordem sem remédio, “sem firmeza certa”. Estes dois mundos refletem-se em temas diversos da sua obra: por um lado, o mundo dos defeitos humanos e das caricaturas, servidos sem grande preocupação de verossimilhança ou de rigor histórico. Muitos autores criticam em Gil Vicente os anacronismos e as falhas na narrativa (aquilo a que chamariamos hoje de “gaffes”), mas, para alguém que considerava o mundo retratado como pleno de falsidades, essas seriam apenas mais algumas, sem importância e sem dano para a mensagem que se pretendia transmitir. Por outro lado, o autor valoriza os elementos míticos e simbólicos religiosos do Natal: a figura da Virgem Mãe, do Deus Menino, da noite natalícia, demonstrando aí um zelo lírico e uma vontade de harmonia e de pureza artística que não existe nas suas mais conhecidas obras de crítica social.

Sem as características do maniqueísmo⁵⁴ que tantas vezes se constata nas peças teatrais de quem defende uma tal visão do Mundo, há, realmente, a presença de um forte contraste nos elementos cênicos usados por Gil Vicente: a luz contra a sombra, não numa luta feroz, mas em convivência quase amigável. À noite de natal torna-se também aqui a imagem perfeita que resume a concepção cósmica de Gil Vicente, as grandes trevas emolduram a glória divina da maternidade, do nascimento, do perdão, da serenidade e da boa vontade.

Enfim, podemos afirmar que Gil Vicente revela um gênio dramático invulgar, capaz de procurar e encontrar soluções técnicas à medida das necessidades, podendo ser encarado como o verdadeiro criador do teatro português.

⁵⁴ Maniqueísmo, filosofia religiosa sincrética e dualística ensinada pelo profeta persa Mani (ou Mans) combinando elementos do zoroastrismo, cristianismo e gnosticismo, condenada pelo governo do Império Romano, filósofos neoplatonistas e cristãos ortodoxos. Trata-se de uma filosofia dualística que divide o mundo entre bem, ou Deus, e mal, ou o Diabo.

VOZES LÍRICAS
E OUTRAS VOZES
HISPANO AMERICANAS

JOSÉ LIMA SANTANA

Há anos atrás, quando fiz uma modesta apresentação da poesia argentina da década de 1970, nesta Academia, e comuniquei o desejo de fazer idêntica apresentação da poesia eslava, o acadêmico Luiz Antônio Barreto sugeriu que eu fizesse o mesmo com relação à poesia da América de língua espanhola. Comprometi-me a fazê-lo, mas a falta de tempo e a preguiça bloquearam o trabalho. Agora, contudo, trago a esta Casa um arremedo de apresentação da poesia dos países americanos onde se fala a língua do antigo reino de Castela.

Como é sabido, falar sobre a poesia hispano-americana é tarefa das mais difíceis, sobretudo dada a sua extensão e complexidade. Dessa forma, achei por oportuno trazer uma apresentação mais voltada para a lírica com algum acréscimo, mas, ainda assim, trago uma pálida demonstração, até porque faltaria tempo para uma apresentação mais extensa e mais condizente com a força poética dos países americanos de língua espanhola. Entretanto, faço uma visita a todos esses países, trazendo, no mínimo, um poema de um poeta de cada um deles. O ponto de partida foi o livro "Grandes

Vozes Líricas Hispano Americanas”, com seleção e tradução de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. A este se somaram outros quinze livros de poesias e de crítica literária, além de visitas a vários sites de poesia.

Antes, contudo, tecerei algumas toscas observações literárias sobre a poesia, embora jamais tenha sido minha pretensão arvorar-me no direito de passar por crítico literário. Sou apenas um sofrível leitor de poesia, além de considerar-me, com extrema ousadia, um aprendiz de poeta. E desta condição, certamente, jamais passarei. Não o afirmo por falsa modéstia, com ranço de hipocrisia, mas por reconhecer minhas limitações. Esforço-me no que faço. Nada mais.

Gosto da definição de poesia do poeta Cassiano Ricardo. Ele indaga e responde:

Que é a Poesia?
 uma ilha
 cercada
 de palavras
 por todos
 os lados.

Como diz Nelly Novaes Coelho, esta definição “mostra a poesia como uma essência inexpugnável (“ilha”) que as palavras rondam, no intuito de possuir” (1974, p.49).

Todos sabem que a Espanha sempre foi terra de culto à poesia. Que o digam os seus inúmeros iluminados, dentre os quais vencedores do Prêmio Nobel de Literatura. De lá vieram as influências mais diversas para o canto dos hispano americanos, que também moldaram sua arte poética na grandeza da própria terra e na própria gente do Novo Continente.

O cubano José Lezama Lima com sua fantástica linguagem neobarroca, falando sobre as “imagens possíveis”, na construção poética, afirma que “a semelhança de uma imagem e a imagem de uma semelhança, unem a semelhança com a imagem, como o fogo e a franja de suas cores” (1996, p. 126). Assim mesmo é a visão que se pode ter, grosso modo, da poética hispano americana. Vasta, imensa, crepitante...

Como achei por bem fundir vozes líricas com outras vozes, e antes que alguém considere ser isso algo desconexo, quero invocar o testemunho da ensaísta e crítica literária Maria Lúcia Aragão, quando ensina que há uma nova lírica, “de caráter marcadamente racional, cujo estilo se dá pelo amálgama entre a linguagem culta e a linguagem popular”. E acrescenta: “A nova lírica também vem incorporando temas sociais ao lado de temas extraídos do cotidiano” (1985, p. 75). Em outras palavras, a poesia é uma só, pouco importando o estilo. A arte poética não pode ser considerada como se fora um belo pássaro preso numa gaiola. Ela deve ser vista como um conjunto de pássaros canoros e multicores, soltos na imensidão do espaço.

Confesso aos preclaros acadêmicos que tive dificuldade de como iniciar a apresentação da poética dos países da América de língua espanhola, do México à Argentina. Intuí, corretamente ou não, fazer uso da ordem alfabética

dos países. A depender da maior ou da menor presença de cada país na vida poética, apresentarei um ou mais de um poeta de cada um desses países. O tempo exíguo, como foi dito antes, não me permitirá trazer à lume mais de um poema de cada poeta, infelizmente, como não será possível tecer loas à biografia ou à obra de cada um, salvo pequenas considerações. Pois bem. Começo. E começo por um país riquíssimo em literatura e, particularmente, em poesia: a Argentina.

ARGENTINA

FRANCISCO LUIS BERNÁRDEZ (1900 – 1979)

Filho de pais espanhóis, nasceu e morreu em Buenos Aires. Sua poesia recebeu influências modernistas de Portugal e Espanha, países onde também viveu. Sua lírica tem inspiração religiosa e amorosa, e seus sonetos são tidos como antológicos. Desempenhou atividades literárias em jornais e revistas da Espanha e da Argentina. Apesar das influências ibéricas, sua arte poética tem estilo próprio em que estão presentes o critério e a forma que ele usa para enfocar a beleza da vida.

SONETO

Se para recobrar o recobrado
Tive de perder antes o perdido,
Se para conseguir o conseguido
Foi mister suportar o suportado,

Se para estar agora enamorado
Preciso foi primeiro estar ferido,
Tenho por bem sofrido o já sofrido,
Tenho por bem chorado o já chorado.

Porque depois de tudo hei comprovado
Que jamais bem-gozamos do gozado
Senão depois de havê-lo padecido.

Porque depois de tudo hei compreendido
Que o que a árvore ostenta de florido
Vive do que ela oculta sepultado.

ALFONSINA STORNI (1892 – 1938)

Aos 4 anos de idade mudou-se da Suíça para a Argentina. De família pobre, trabalhou como costureira, operária, atriz e professora. Com câncer, cometeu suicídio, aos 46 anos, segundo consta, andando para dentro do mar, fato registrado na canção “Alfonsina y el mar” gravada por Mercedes Sosa. Sua trajetória poética evoluiu do romantismo até a vanguarda e o intimismo sinto-

mático do modernismo crepuscular. Foi a primeira mulher reconhecida na Argentina entre os grandes escritores do seu tempo.

AO PÉ DO OUVIDO

Beija-me se queres beijar-me
-eu comparto teus desejos-
não na boca p'ra calar-me:
nos olhos quero teus beijos!

Não me fales dos feitiços
no colo: são beijos belos,
mas ciumentos estão meus riços.
Acarícia-me os cabelos!

Para teu mimo oportuno
se teus olhos são palavras,
Me darão, uno mais uno,
os pensamentos que lavras.

Tua mão entre as minhas
tremarão como um canário
e ouviremos as modinhas
de algum amor milenário.

Esta noite é noite morta
sob o teto sideral.
Está tão calada a horta
como num sono letal.

Tem um matiz de alabastro
e um mistério de Pandora.
Olha a luz daquele astro!
Tenho-a na alma, agora.

Silêncio... silêncio... Cala!
até a água corre mansa
sobre o leito cor de opala:
chega à areia, e lá descansa.
Oh, que perfume tão fino!
Na boca estão os desejos!
Nesta noite de platino
Nos olhos quero teus beijos...

OLIVERIO GIRONDO (1891 – 1967)

Há quem o considere o maior poeta portenho. Borges o desprezava. Mas alguns afirmam que tal desprezo era por ser Girondo um esnobe, milionário de berço. Não se sabe. E há quem diga que a rivalidade entre eles se parece com a rivalidade entre Mário e Oswald de Andrade, no Brasil. Entre nós, Girondo era admirado por Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Oswald de Andrade e tantos outros poetas. O ritmo de sua poesia é vário e grandioso. Antônio Miranda afirma que “Girondo é paradoxal, instigante, desconcertante” [...] e “se aventura aos limites de uma poesia encarnada, denunciadora, demolidora de mitos e valores”. Um vanguardista. Enfim, um poeta materialista, iconoclasta, maldito? Há quem o afirme.

OS MAIS OBSCUROS ESTREMECIMENTOS A MIM

entre as extremidades da noite
os abandonos que crepitam
quando a mim veio acompanhado
pelas miragens do desejo
o inteiramente limpo na penumbra
as marés menores já com lua
ainda que o quasessonho ulule entre mandíbulas transitórias
as teclas que nos tocam até o osso do grito
os caminhos perdidos que se encontram sob a folhagem do pranto da terra
a esperança que espera os trâmites do transe
por mais que se apóie nas conjunturas do fortuito
a mim a mim a plena íntegra bela minha horrenda vida.

JORGE LUIS BORGES (1899 – 1986)

Sem dúvida, um gênio da literatura universal. O velho bruxo foi imortalizado, dizem, por Umberto Eco, no romance “O Nome da Rosa”, na pessoa do venerável Irmão Jorge, o cego terrível que condenava o riso. Dele sacou um poema do livro “Elogio das Sombras”, publicado quando Borges tinha 70 anos. O título do livro nos dá uma mostra do que é a formidável literatura de Borges, o homem dos labirintos, tido por muitos como injustiçado por não ter recebido o Prêmio Nobel de Literatura. A obra de Borges, no conjunto, talvez não encontre rival na América Latina, ou a ela só se equipara a de Octavio Paz.

A maioria dos críticos tem-no como o maior escritor e o maior poeta da Argentina. Dele disse Miguel Paladino: “Seu texto é sempre o de uma pessoa que, reconhecendo honestamente a fragilidade e as limitações do ser humano nos coloca diante de reflexões nas quais, com frequência, está presente o nosso próprio destino”.

AS COISAS

A bengala, as moedas, o chaveiro,
A dócil fechadura, as tardias

Notas que não lerão os poucos dias
 Que me restam, os naipes e o tabuleiro.
 Um livro e em suas páginas a seca
 Violenta, monumento de uma tarde
 Sem dúvida inesquecível e já esquecida,
 O rubro espelho ocidental em que arde
 Uma ilusória aurora. Quantas coisas,
 Limas, umbrais, atlas, taças, cravos,
 Nos servem como tácitos escravos,
 Cegas e estranhamente sigilosas!
 Durarão para além de nosso esquecimento;
 Nunca saberão que nos fomos num momento.

ECLÍVIA

OSCAR CERRUTO (1912 – 1981)

Nasceu em La Paz e, aos quatorze anos, já era repórter de “La Verdad”. Poeta que, iniciando-se como vanguardista, chegou à modernidade com um domínio impecável da linguagem. Sua poesia é do tipo familiar ou patriótico. Usa formas livres, sem alardes retóricos. Além de poeta, foi narrador, ensaísta, jornalista, biógrafo e diplomata. É considerado um dos grandes poetas bolivianos de todos os tempos. Para ele “a poesia não mata, porém marca”. E jamais é uma fera.

PÁTRIA DE SAL CATIVA

Bosque de espuma talado.
 Mar encontrado e cedido.
 Teu caracol resgatado
 de novo soa-me ao ouvido.
 De novo, titã ferido,
 Peito de varão, te hás dado
 a meu favor e no ruído
 de teu bronze acorrentado
 escuto-te a voz que canta.
 Tua onda amotinada ao vento
 Colérico se levanta
 De teu fundo seio cruento.
 E reconheço o acento
 Do sangue em tua garganta.

CHILE

VICENTE HUIDCERO (1893 – 1947).

Filho de uma família aristocrata e endinheirada, nasceu em Santiago e faleceu em Cartagena. Instituiu o “criacionismo”, movimento poético de

vanguarda. Parte de sua obra foi escrita em francês. Sua obra rompeu com os níveis da língua e também gerou sua própria sintaxe. A estética que cultivou contribuiu decididamente para dar ao poema uma aparência de objeto aleatório, como se fora mera criação de um deus absorto ante as possibilidades estéticas do material com que molda sua obra. É considerado um dos maiores poetas da América.

O ESPELHO DE ÁGUA

Meu espelho, correndo pelas noites,
Torna-se arroio e foge do meu quarto.

Meu espelho, mais profundo que o orbe
Onde todos os cisnes se afogaram.

É um tanque verde na parede, e nele
Dorme tua desnudez ancorada.

Em suas ondas, sob uns céus sonâmbulos,
Os meus sonhos se afastam como barcos.

De pé na popa sempre me vereis cantando.
Uma rosa secreta intumesce em meu peito
E um rouxinol ébrio esvoaça em meu dedo.

GABRIELA MISTRAL (1889 – 1957)

Professora aos 15 anos, somente aos trinta e três publicaria seu primeiro livro de poemas, *Desolación*, considerada sua melhor obra. Tornou-se uma espécie de “rainha espiritual de toda a América Latina”, como disse o poeta sueco Hjalmar Gullberg. Com a morte do poeta francês Paul Valéry, que seria o agraciado do ano pela Academia de Estocolmo, Gabriela viria a ser honrada com o Prêmio Nobel de Literatura em 1945, para o qual já tinha sido indicada em 1940. A notícia da premiação chegou quando ela se encontrava em Petrópolis, de viagem pelo Brasil.

POEMA DA MÃE MAIS TRISTE (poema em prosa)

Para que vieste? Ninguém te amará ainda que sejas lindo, filho meu. Ainda que sorriás, como as demais crianças, como o caçula de meus irmãos, só eu te beijarei, filho meu. E ainda que se agitem tuas mãozinhas buscando brinquedos, não terás outros senão o meu colo e as meadas do meu pranto, filho meu.

Para que vieste, se aquele que te gerou odiou-te ao sentir-te em meu ventre?

Porém não. Para mim vieste, para mim que estava só, mesmo quando ele me apertava em seus braços, filho meu.

PABLO NERUDA (1904 – 1973)

Filho de um operário ferroviário e de uma professora primária, Ricardo Eliecer Neftalí Reyes Basoalto nasceu na cidade de Parral, no exato momento em que perderia sua mãe. O pseudônimo adotado foi uma homenagem ao poeta tcheco Jan Neruda, e ao francês Paul Verlaine. Político e diplomata (desde 1927), ele esteve sempre comprometido com causas socialistas. Sua poesia grandiosa conferiu-lhe o Prêmio Nobel de Literatura, em 1971, ano em que também recebeu o Prêmio Lênin da Paz. Antes (1945) recebeu, em seu país, o Prêmio Nacional de Literatura. Em 23 de setembro de 1973, sucumbe diante de duas terríveis doenças: o câncer e a amargura advinda do golpe militar que implantou a ditadura em seu país.

A obra de Neruda é lírica, cheia de emoção e marcada por um vigoroso humanismo. De uma forma geral, pode-se dizer que a sua poesia apresenta, ao menos, quatro vertentes. A primeira refere-se aos seus poemas de amor, como em “Veinte Poemas de Amor y una Canción Desesperada”. A segunda vertente é representada pela poesia voltada para a solidão e a depressão, como em “Residencia en la Tierra”. A poesia épica, política, como por exemplo, em “Canto General” representa a terceira vertente e a poesia do dia a dia, como em “Odas Elementales”, a quarta. De sua extraordinária obra, apreciada pelo mundo à fora, a mais conhecida é, provavelmente, “Veinte Poemas de Amor y una Canción Desesperada”, que é um dos mais belos conjuntos de poemas de amor já escrito.

SONETO – I (Do livro Cem Sonetos de Amor)

MATILDE, nome de planta ou pedra ou vinho,
do que nasce da terra e dura,
palavra em cujo crescimento amanhece,
em cujo estio rebenta a luz dos limões.

Nesse nome correm navios de madeira
rodeados por enxames de fogo azul-marinho,
e essas letras são a água de um rio
que em meu coração calcinado desemboca.

Oh nome descoberto sob uma trepadeira
como a porta de um túnel desconhecido
que comunica com a fragrância do mundo!

Oh invade-me com tua boca abrasadora,
indaga-me, se queres, com teus olhos noturnos,
mas em teu nome deixa-me navegar e dormir.

COLÔMBIA

JOSÉ ASUNCIÓN SILVA (1865 – 1896)

Nascido e falecido em Bogotá. Apesar de simbolista, acabaria sendo reconhecido como um dos grandes iniciadores do modernismo hispano

americano. Sua obra trouxe formas muito originais ao modernismo e ele deu às formas e à métrica clássicas uma renovada sonoridade. Poeta dotado de grande sensibilidade humana e artística, bem como de uma inteligência notável. Embora sua obra literária não seja extensa, é considerado um dos grandes nomes da literatura da América Latina. Cometeu suicídio aos 31 anos de idade, em decorrência, provavelmente, de graves problemas econômicos.

PRIMEIRA COMUNHÃO

Tudo nesses momentos respirava
 uma pureza mística:
 as luzes matinais que fulguravam
 na ignorada capela;
 os cantos religiosos que pausados
 até o céu subiam;
 o perfume suavíssimo do incenso
 perdendo-se em espirais;
 o coro de umas vozes de outro mundo,
 sonoras e tranqüilas;
 a fila dos meninos de ar tão doce,
 ao pé do altar, de joelhos;
 e mesmo os velhos santos, nas paredes
 de obscura e vaga tinta,
 sob a poeira de séculos que os cobre,
 mudamente sorriam.

ALONSO MEJÍA (1943 - ...)

Poeta, narrador e fotógrafo nascido em Neiva (Caldas, Colômbia). Foi co-editor da revista de poesia "Realidad Aparte", publicada em Nova York, na língua espanhola. Estudioso da literatura hispano americana, sua poesia tem sido divulgada nos países da América Latina e nos Estados Unidos da América. Vem se firmando como um dos grandes poetas do seu país, na pós modernidade.

EQUILÍBRIO

Não me abatem nem espreitam
 os esplendores e as ironias
 da realidade, ou das coisas
 fertilizadas pela realidade.

O equilíbrio é absoluto e encanta:
 enquanto persigo o vazio
 como serena ansiedade
 apenas um relâmpago basta
 para iluminar o universo.

MARIA MERCEDES CARRANZA (1945 – 2003)

Nasceu e morreu em Bogotá. Como jornalista trabalhou em várias revistas de literatura, sempre à frente de páginas de vanguarda, além de ter sido chefe de redação da revista "Nueva Frontera" por treze anos. Dirigiu, a partir de 1986, a Casa de Poesía Silva, em Bogotá. Recentemente, foi citada pelo sociólogo, ativista e também poeta português Boaventura de Sousa Santos como um de seus poetas preferidos. Foi membro da Assembleia Nacional Constituinte de 1991.

ELEGÍA

Caminhava mirando o céu
 E dei com as ventas.
 Agora jorro sangue por toda parte:
 Os joelhos, o ar, as lembranças;
 Minha saia desprende-se
 E perdi os brincos, a razão.
 Não existe na alma
 Alguma outra maneira
 De viver um desamor?

COSTA RICA

JULIAN MARCHENA (1897 – 1985)

Graduado como contador, estudou Direito por cinco anos, sem, contudo, graduar-se. Membro da Academia Costarricense de la Lengua e diretor da Biblioteca Nacional, foi o maior expoente do modernismo do seu país. Seus poemas foram traduzidos para o italiano e o inglês. Recebeu, em 1963, o Prêmio Magón, maior premiação concedida pelo Governo de Costa Rica pelo trabalho cultural de uma pessoa. Cognominado "El Príncipe de los Poetas", em seu país.

ADESPEDIDA

Banhava a tarde o sol em reflexos dourados.
 O outono chorava suas flores amarelas
 e em nossos lábios mudos – hoje distanciados –
 palpava um querer de palavras singelas.

Cobria nossas almas como um escuro manto
 esse silêncio cruel de toda despedida,
 e ao ver que suas pupilas se afogavam em pranto,
 como um cristal sonoro vi romper-me a vida.

CUBA

JOSÉ MARTÍ (1853 – 1895)

Poeta, escritor, orador e jornalista. Cultuado em Cuba como o grande mártir da independência do país em relação à Espanha. Para ele, a luta deveria

ser uma verdadeira transformação cubana em todos os aspectos: econômico, político e social.

Desde muito pequenos, os cubanos são ensinados a amar José Martí. Escolas, museus, nomes de prêmios, monumentos e ruas com o nome do poeta não dão conta de toda a admiração que o povo cubano tem pelo patriota. Como escritor, José Martí foi um dos precursores do modernismo iberoamericano. Publicou centenas de poemas, novelas e dramas, além de cartas e artigos de jornal. Entre os mais famosos estão o "Ismaelillo" (1882), os "Versos Sencillos" (1891) e os "Versos Libres" (1892). O poema "Versos Sencillos" é a sua maior realização no campo da literatura. É um grande poema de amor à mulher e à pátria passando pelos filhos e pela natureza. Foi escrito entre 1889 e 1890 durante um período em que Martí estava doente. A letra da música "Guantanamera", conhecida internacionalmente como símbolo da ilha, foi retirada deste poema. Seu estilo é simples e suas obras completas são formadas por 73 volumes.

Para José Martí, a literatura era "expressão e forma da vida do povo". E defendia uma poética com "raiz na terra e base no fato real".

CULTIVO UMA ROSA BRANCA

Cultivo uma rosa branca,
em julho como em janeiro,
para o amigo verdadeiro
que me dá sua mão franca.
E para o cruel que me arranca
o coração com que vivo,
cardo, urtiga não cultivo:
cultivo uma rosa branca.

DULCE MARIA LOYNAZ (1903 - 1997)

A crítica considera Dulce Loynaz a última integrante do grupo de poetisas latino americanas que tiveram prestígio durante este século, tais como: Delmira Agustíni, Alfonsina Storni, Juana de Ibarbourou, Gabriela Mistral... É uma das maiores vozes femininas da lírica cubana. Recebeu, em 1993, na Espanha, o prêmio Cervantes de Literatura.

NOÉ

Daqui, de minha arca, tateando
solto uma palavra ao mundo:
A palavra vai voando ...
E não volta.

EL SALVADOR

GILBERTO GONZÁLEZ Y CONTRERAS (1904 - 1954)

Poeta e prosador de destaque em seu país. Seu pensamento poético não se funda em um axioma de conflito social. Em contrapartida, seu compromisso

americanista nos revela que o primordial surge do jogo especulativo entre a sociedade e o espaço físico. Ao preconizar uma integração artística entre imagem lírica, ação social e forma lúdica, um novo romantismo insurgente como intuição revolucionária surge do ambiente, como se pode ver em “Piedra Índia” (1938).

A PESCA DA FELICIDADE

Jogo sobre teus olhos, como sobre um tanque,
para pescar a sorte a rede da tristeza.

Roda repleta de perfumes, o crepúsculo
nos montes dourados de linhas recortadas,
e uma suave quietude infiltra-se em meu sangue
ao sentir tuas carnes moças e morenas.

Num rincão de minha alma ficou tua imagem
como em um cofre antigo, uma preciosidade
e a imagem debruçada se ergue a cada instante
porque é imagem feita com seiva d vida.
Com tanta singeleza quero-te e por isso
meu amor é mais duro que a morte e a vida,
não há vento que apague a incessante chama
que de vertigem ébrio o coração calcina.

E por isso, mulher, com sobressalto imenso,
— sobre tua boca pura que o pensamento afina —
jogo sobre teus olhos como sobre o tanque,
para pescar ventura a rede da tristeza.

EQUADOR

IVONE ZUÑIGA (1947 - ...)

Nasceu em Quito. É professora, contista e poetisa. Incentivadora da criação literária entre os jovens. Escreve para vários jornais diários equatorianos sobre educação, sociedade e literatura.

FINAL DO LIVRO

a folha amarelenta
dobra sua asa de borboleta
sobre o regaço

a mulher lança um olhar a suas mãos
para além do livro
vestido e cabelo anoitecem
o rosto semi-oculto
ficou suspenso num rincão secreto.

FERNANDO CAZÓN VERA

Nasceu em Guayaquil, em 1935 e pertence à geração de escritores que começaram a publicar nos anos cinquenta. Sua poesia é contundente e, por vezes, sem meias palavras.

DO PECADO ORIGINAL

E somos filhos do amor, somos sim.
Descendemos de seu ato mais cabal, descendemos.
Do amor que acaricia,
que morde, que transforma
e que a sombra rompe
os segredos mais profundos da pele que se entrega.

Mas às vezes, não sei, tenho a impressão
de que não fornecemos por nós.

GUATEMALA

MIGUEL ÁNGEL ASTURIAS (1899 – 1974)

Diplomata, jornalista, novelista, dramaturgo e poeta. Nasceu na cidade de Guatemala e morreu em Madri, mas seus restos mortais foram trasladados para Paris. Recebeu, em 1966, o Prêmio Lênin da Paz, e, em 1967, o Prêmio Nobel de Literatura. Tornou-se um dos grandes nomes da literatura americana. Sua obra é vanguardista e abriga diversos gêneros literários, desde a lírica. O emprego que ele faz da língua espanhola constitui um dos mundos verbais mais densos, sugestivos e dignos de estudo das letras espanholas.

INVERNO

Em súplica de vento, sem cautela,
fui atrás de ti, mulher; em minha presença
transportada por luz azul de estrela
de sentido em sentido até a ausência.

Atravessaste, além, os egoísmos
que em silêncio de lágrimas desvelo,
após abismos justapondo abismos,
em minha inensa solidão de gelo.

Como uma aranha grande a chuva tece
com água e vento suas teias móveis.
Que serão, amanhã, quando ela cesse?

Superfícies de vida sem quebranto,
como serão meus olhos, quando imóveis
tenham chorado já todo o meu pranto?

HONDURAS

RIGOBERTO PAREDES (1948 – 2005)

Poeta e ensaísta. Pertenceu a grupos literários do seu país e da Colômbia. Recebeu o Prêmio It-zamná de Literatura, outorgado em 1983 pela Escola Nacional de Belas Artes. Fundou vários projetos editoriais e revistas literárias. Sua poesia é plena de ternura e sensibilidade.

COMO UMA ELEGIA

Mamãe já tem cabelos brancos, mal humor e bisnetos,
se levanta mais tarde,
confunde dias e datas,
fala sozinha,
ouve menos,
deixa o arroz queimar,
não vê sem os óculos,
sabe de memória as novelas,
caminha a duras penas
e só sai para a missa.

Senhora
(pedra viva
na metade
do caminho da morte)
eu a quero como uma garota de quinze anos.

MÉXICO

SOROR JUANA INÉS DE LA CRUZ (1648 – 1695)

Nasceu em San Miguel Nepantla. Seu nome de batismo era Juana Inês de Asbaje y Ramírez de Santillana. Filha de pai espanhol e mãe mexicana, foi autodidata e aos 14 anos era já conhecida por seu saber e sua poesia. Tornou-se religiosa e morreu de peste, contraída enquanto cuidava de suas irmãs religiosas, que tinham contraído a doença.

A seu respeito, o poeta e ensaísta Edilson Antônio Alves enfatiza: “Sua obra constituiu-se como uma das primeiras grandes manifestações da

literatura hispano americana e uma das mais brilhantes letras barrocas em língua castelã, e alguns chegaram a ver nela *la cumbre* do culteranismo [manifestação do barroco] mexicano, chegando a ser comparada aos espanhóis Dom Luis de Góngora y Argote e Francisco Quevedo”.

E acrescenta: “O temperamento da poetiza é muito bem expresso em seu conflito existencial, e isso está muito bem ilustrado em todos seus escritos. Assim como o espelho reflete nosso corpo, a pena reflete a alma, ainda mais quando se trata de uma poetisa que tem em seus escritos, exposta toda sua vida. Essa alma repleta de conflitos se torna a dupla vertente, criadora de seu viver. Talvez possamos perceber nessa dualidade, um jogo, necessário a harmonização de seu ser religioso, em conflito com sua curiosidade mundana e sorrateira, um duplo jogo que vai marcar todo o processo criador de sua obra, que é o próprio reflexo de uma vida fragmentada por dois pólos em constante conflito”.

ACALANTO PARA DEUS MENINO

Pois meu Deus nasceu para penar,
Deixem-no velar.
Pois está desvelado por mim,
Deixem-no dormir.
Deixem-no velar:
Não há pena em quem ama,
Como não penar.
Deixem-no dormir:
Sono é ensaio da morte
Que um dia há de vir.
Silêncio, que dorme.
Cuidado, que vela.
Não o despertem, não.
Sim, despertem-no, sim.
Deixem-no velar.
Deixem-no dormir.

ALFONSO REYES (1889 – 1959)

Nasceu em Monterrey, Estado de Nuevo León. Poeta, ativista cultural e diplomata, foi embaixador no Brasil entre 1930 e 1936. Estudioso da estética na literatura e da poesia do século de ouro espanhol, sobretudo da obra de Góngora. É um dos gigantes da poesia mexicana.

VISITA

“- Sou a morte” - me disse. Não sabia
que tão estreitamente me cercara,
a ponto de lançar-me pela cara
sua turbadora baforada fria.

Já não tento evitar-lhe a companhia;
segue-me os passos, transparente e clara,
e desde então nunca me desampara,
nem me deixa de noite nem de dia.

“- E pensar – confessei – que de mil modos
eu quis dissimular-te com apodos,
entre temores e erros confundida!

Mais de carícia tens que de amargura.
Eras alívio, e te chamei tortura.
Eras a morte, e eu te chamei vida.

OCTAVIO PAZ (1914 – 1998)

Importante poeta, ensaísta, pensador e conferencista que, desde cedo, granjeou prestígio internacional. Dele disse Olga Savary: “Octavio Paz é a lucidez. A lucidez perturbadora, quase sempre incômoda, que não admite nem coações nem enganos nem oportunismos, a lucidez dos solitários”. ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, em 1991. Em “Corrente Alternada” disse Octavio Paz: “Compreender um poema quer dizer, em primeiro lugar, ouvi-lo. Ler um poema é ouvi-lo com os olhos; ouvi-lo, é vê-lo com os ouvidos. O poema deve provocar o leitor: obrigá-lo a ouvir – a ouvir-se”.

IRMANDADE

Sou homem: duro pouco
e é desmedida a noite.
Mas olho para cima:
as estrelas escrevem.
Sem entender compreendo:
também sou escritura
e eis que alguém neste mesmo
instante me soletra.

NICARÁGUA

RUBÉN DARÍO (1867 – 1916)

Nasceu em Metapa, hoje Ciudad Darío. Desde cedo logrou assimilar os poetas simbolistas franceses, sobretudo Paul Verlaine. Como diplomata residiu em Madri e Paris. Fez amizade com escritores modernistas, notadamente os da Geração de 88. É chamado de *Príncipe de las letras castellanas*, devido a sua duradoura influência na poesia do século XX, no âmbito hispânico. Iniciador, com o livro “Azul” (1888) e representante maior do Modernismo literário hispano americano, sua poesia vai do intimismo, ao erotismo e chega até mesmo ao

social cívico (faceta pouco conhecida). Apesar do apego ao sensorial, sua obra é pontilhada pela reflexão existencial sobre o sentido da vida.

O FATAL

Ditoso o vegetal, que é apenas sensitivo,
Ou a pedra dura, esta ainda mais, porque não sente,
Pois não há dor maior do que a dor de ser vivo,
Nem mais fundo pesar que o da vida consciente.
Ser, e não saber nada, e ser sem rumo certo,
E o medo de ter sido, e um futuro terror...
E a inquietação de imaginar a morte perto,
E sofrer pela vida e a sombra, no temor
Do que ignoramos e que apenas suspeitamos,
E a carne a seduzir com seus frescos racimos,
E o túmulo a esperar com seus fúnebres ramos...
E não saber para onde vamos,
Nem saber donde vímos...

PANAMÁ

SANTIAGO ANGUIZOLA (1898 – 1980)

Nasceu em David, na região de Chiriquí, parte oriental do Panamá. Foi jornalista e poeta. Sua poesia busca as excelências e virtudes do seu rincão natal, daí ser considerado um poeta regionalista. Usa fórmulas e métricas clássicas e sentimentos românticos.

MÃOS

Seráficos feitiços benfazejos
para cingir as almas em cadeias,
mãos finas, mãos suaves, que são pelas
e provocam fantásticos desejos.

São retalhos dos céus essas mãos calmas
pelo celeste azul que têm nas veias,
como asas de arcanjo, sempre cheias
da graça do Senhor em suas palmas.
Mãos das quais o milagre se presente
de vê-las transformadas em estrelas
quando abrem os dedos suavemente;

encantadoras mãos que são tão belas
como para viver eternamente
acariciando o coração com elas.

PARAGUAI

DELFINA ACCOSTA (1956 – ...)

Nasceu em Assunção, em 1956. Seu primeiro livro de poesia “Todas las voces, mujer...” figura entre as mil obras mais consultadas da Biblioteca Virtual de Cervantes de Espanha. Sua poesia é jovem, mas angustiada.

DESOLADA

(a Gabriela Mistral)

Antes de lançar meu corpo ao ébrio rio,
bem ébria já, entrei pelas abertas
portas do templo; ouvi um rato fugir.
O átrio era uma velha madrigueira.
E disse ao meu Deus, em qualquer parte,
que pecar não pequei, e nem sequer...
Um relâmpago atroz iluminou
as poucas velas e trovejou a igreja.
Não soube que dizer, mas as palavras
fluíam de minhas lágrimas, sinceras.
Os santos pareciam escutar-me
com essa educação de gente idosa.

E por estar ali, a Deus eu disse,
que amar, amei. Meus ossos dei às feras.
Jesus Cristo na cruz exalava ferrugem.
O rio me aguardava entre as pedras.

PERU

CESAR VALLEJO (1892 – 1938)

Nasceu na cidade de Santiago de Chuco, província de La Libertad. Segundo o filósofo José Carlos Mariátegui, Vallejo foi “a fonte, a seiva que alimentou toda uma tomada de consciência, no âmbito literário, da realidade sócio-cultural latino-americana”. Segundo Ênio Silveira, Vallejo, que produziu apenas quatro livros, sendo dois póstumos, “realizou obra pouco extensa, mas de perturbadora eternidade”.

AMOR

Amor, já não voltas a meus olhos mortos;
meu coração sonhador tanto te choral
Meus cálices todos aguardam abertos
tuas hóstias de outono e vinhos de aurora.

Amor, cruz divina, rega meus desertos
com teu sangue de astros que sonha e que chora.
Amor, já não voltas a meus olhos mortos
que temem e anseiam teu pranto de aurora!

Amor, não te quero quando estás distante,
exposta em enfeites de alegre bacante
ou em frágil e vulgar feição de mulher.

Amor, vem sem carne, de uma cor que assombre,
e que eu, à maneira de Deus, seja o homem
que ama e que engendra sem prazer qualquer.

LIGIA BALAREZOMEZONES (1946 - ...)

Nasceu em Chimbote. Coordenadora Nacional da Casa Del Poeta Peruano, em 2006 recebeu a distinção Medalha de Ouro, outorgada pela Universidad de Morelos, em face de seu trabalho de promotora cultural internacional. Sua poesia é como um vento poético que contribui para a necessária tarefa de limpar o terreno da literatura.

BREVE LETARGO DA ESPERA

Em que lugar do cosmo
nasceu a estrela
que grafita a rota
solitária do destino?

Minucioso e sem fê
— vagando entre sombras —
percorro estrelas,
que anunciem tua chegada,
languidecem minhas pupilas
no letargo da espera

a lua cala meu tormento
e tece a vestimenta;
talvez eu a necessite...
O lobo uiva
e,
com seus gritos, assassina
o silêncio.

Mas eu espero.

PORTO RICO

CARMELINA VIZCARRONDO (1906 – 1983)

Nasceu em Fajardo. Tomou parte em diversas organizações culturais do seu país. Destacou-se na prosa e no verso. Os admiradores de Carmelina revivem em seus poemas momentos de amor vividos, de tristeza, de solidão, de família, de companhia, de juventude, de enternecimento. Ela escreveu, desde o coração, com amor, sentimento e inspiração. O livro que melhor retrata a vida e a obra da poetisa é “Carmelina Vizcarrondo: Vida, Obra y Antología”, de Aida Elsa Ramirez Mattei, publicado em 1972.

PROCURA-ME

Não me encontras?
É que não me procuraste!...

Procura-me atrás de tua sombra,
ou na retina de teus olhos claros.
Procura-me entre teus dedos,
ou em tua boca de sândalo.
Eu sou um sopro vivo
à tua vida arraigado.

Procura-me em teu quarto
entre teu sonho alado,
ou pela via rubra
daquele amor distante.

Por cima de teu orgulho,
nas flores azuis dos campos.
Eu estou dentro de ti
como um amor lacrado.
Que não me encontras, tu dizes?
Quando é em tua própria vida
que me perco...
É que não me procuraste!

REPÚBLICA DOMINICANA

AFOLINAR PERDOMO (1882 – 1918)

Romântico de pura cepa que publicou uma obra lírica dedicada a exaltar a paixão amorosa e o perambular noturno, produzindo versos intensos de imagens fulgurantes. Era possuidor de um grande sentido rítmico. Disputou, entre os leitores, o título de “poeta do amor” com Fabio Fiallo, embora Perdomo se mostre com maior envergadura poética.

BRASÃO

Feriu-se ao te ver, na tarde de ouro,
o céu azul que em tuas pupilas arde;
meu verso foi teu pagenzinho louro:
foste rainha desde aquela tarde.

Erguida em tua beleza, tua pessoa
sobre o encanto da tarde elevavas,
saudou-te a multidão... mas, me perdoa,
se não me ajoelhei quando passavas.

URUGUAI

JUANA DE IBARBURCU (1892 – 1979)

Nasceu em Melo, berço de guerreiros e poetas, e desde muito jovem começou a publicar seus versos. Com o tempo, sua poesia ganhou serenidade e melancolia, fazendo-a alcançar o Prêmio Nacional de Literatura, em 1959. Tornou-se um dos grandes nomes da poesia feminina do Continente.

A PEQUENA CHAMA

Eu sinto pela luz um amor de selvagem.
Cada pequena chama me encanta e surpreende.
Não será cada lume um cálice que prende
O calor das almas que passam em sua viagem?

São pequenas algumas, azuis, cautelosas,
tais como as boas almas, graves e serenas;
outras, quase brancas, fulgores de açucenas;
outras quase rubras: espíritos de rosas.

Respeito e adoro a luz, e assim a tenho amado
como coisa que vive e sente, e que medita;
um ser que nos contempla em foto transformado.

Assim, quando eu morrer, hei de ser ao teu lado
uma pequena chama, em doçura infinita,
pra tuas longas noites de amante desolado.

MARIO BENEDETTI (1920 – ...)

Nasceu em Passo de los Toros, Tacuarembó. Poeta, prosador, jornalista, professor e ensaísta. Com o golpe militar de 1973 exilou-se em Buenos Aires e, depois, no Peru, onde foi detido e deportado. Exilou-se em Cuba, em 1976. Retornou ao seu país em 1983. Desde os anos 50 até hoje a obra de Benedetti foi contemplada com vários prêmios e homenagens, destacando-se o Prêmio

Jristo Botev, na Bulgária, por sua obra poética e ensaística. Traduzido em mais de 20 idiomas, é um dos autores cuja obra mais alto se ergueu na América Latina. Ler Benedetti, como diz Moacir Félix, "é beber numa das mais belas fontes humanas de conhecimentos e sentimentos...".

POR QUE CANTAMOS

Se cada hora vem com sua morte
se o tempo é um covil de ladrões
os ares já não são tão bons ares
e a vida é nada mais que um alvo móvel

você perguntará por que cantamos

se os nossos bravos ficam sem abraço
a pátria está morrendo de tristeza
e o coração do homem se fez cacos
antes mesmo de explodir a vergonha
você perguntará por que cantamos

se estamos longe como um horizonte
se lá ficaram árvores e céu
se cada noite é sempre alguma ausência
e cada despertar um desencontro

você perguntará por que cantamos

cantamos porque o rio está soando
e quando soa o rio / soa o rio
cantamos porque o cruel não tem nome
embora tenha nome seu destino
cantamos pela infância e porque tudo
e porque algum futuro e porque o povo
cantamos porque os sobreviventes
e nossos mortos querem que cantemos

cantamos porque o grito só não basta
e já não basta o pranto nem a raiva
cantamos porque cremos nessa gente
e porque venceremos a derrota
cantamos porque o sol nos reconhece
e porque o campo cheira a primavera
e porque nesse talo e lá no fruto
cada pergunta tem a sua resposta

cantamos porque chove sobre o sulco
e somos militantes desta vida
e porque não podemos nem queremos
deixar que a canção se torne cinzas.

VENEZUELA

VICENTE GERBASI (1913 – 1992)

Poeta, ensaísta e diplomata, descendente de imigrantes italianos. Parte de seus estudos foi feita em Florença. Em 1969 recebeu o Prêmio Nacional de Literatura. Tornou-se um dos poetas líricos contemporâneos mais importantes de seu país.

AETERNIDADE

A eternidade
é um pão
que rodopia na unha.
É o terror dos
astros
na cabeleira dos garotos.

TRINA QUIÑONES (1950 – ...)

Advogada, poeta e tradutora. Seus poemas foram traduzidos para o inglês, o português e o russo. É membro correspondente da Academia de Literatura de Moscou. É poeta do mundo, inquieta, exigente, e de refinada sensibilidade.

COBRE-ME

Noitel
cobre-me de ti
atravessa-me
com o teu silêncio.
Ilumina-me
de constelações
e galáxias.
Faz-me Imperatriz
da Escuridão.
Que de meus cabelos pendam
tuas jóias mais preciosas
e que de meus lábios
brotem estrelas
mudadas em palavras.

A poesia lírica hispano americana, como eu disse no início, é imensa e diversificada. Impossível fazer uma apresentação sem cometer certas falhas ou injustiças. O que fiz pode não ter sido o melhor que poderia ter feito, mas

foi o que achei mais adequado, considerando a exigüidade do tempo diante da riqueza do material poético dos países do Novo Mundo que se exprimem na língua de poetas como Federico Garcia Lorca, Antônio Machado Juan Ramón Jimenez e Vicente Alexandre, só para citar alguns contemporâneos, os dois últimos vencedores do Prêmio Nobel de Literatura, em 1956 e 1977, respectivamente, e de tantos outros nomes extraordinários da poesia da terra morena de D. Quixote de la Mancha. Mas centenas de poetas deixaram de ser contemplados neste tosco trabalho, posto que a apresentação oral não poderia ser extensa dada a limitação do tempo nas sessões acadêmicas. Mas não faltará oportunidade para outras apresentações sobre o mesmo tema, porém com outro viés.

Peço vênia, senhores acadêmicos e senhoras acadêmicas, para concluir esta fragmentária apresentação do mesmo modo como a iniciei: com a poesia portenha. Trago, agora, um poeta do nosso tempo.

JUAN GELMAN (1930 - ...)

Nascido em Buenos Aires, Gelman tornou-se uma das vozes mais expressivas da poesia portenha e da própria América Latina nas últimas décadas. Contestador do último regime militar que se abateu sobre o seu país, teve uma filha morta nos porões da repressão política e somente há pouco tempo recebeu a neta nascida na prisão, e dada para ser criada a uma família estranha. A sua poética "é um desafio contra o esquecimento e a perda da memória de seu povo". O "seu lirismo pessoal é feito de fúria e de ternura". Tem recebido vários prêmios literários. Dele disseram Andityas Soares de Moura e Leonardo Gonçalves: "Uma voz que confunde esperança e dor a cada imagem recolhida nos recônditos da memória e na presença plena de ausência dos amigos idos que já não mais são nomeados. Num mar indiferente e tormentoso, no qual as ondas da memória golpeiam-lhe a escrita, Juan reencontra o mistério do ser, que se apresenta despojado de toda aura metafísica que a poesia normalmente lhe empresta".

ORAÇÃO DE UM DESOCUPADO

Pai,
desce dos céus, esqueci
as orações que me ensinou minha avó,
pobrezinha, ela agora repousa,
não tem mais que lavar, limpar, não tem mais
que preocupar-se, andando o dia todo, atrás da roupa,
não tem mais que velar de noite, penosamente,
rezar, pedir-Te coisas, resmungando docemente.

Desce dos céus, se estás, desce então,
pois morro de fome nesta esquina,
não sei para que serve haver nascido,
olho as mãos inchadas,
não têm trabalho, não têm,
desce um pouco, contempla

isto que sou, este sapato roto,
 esta angústia, este estômago vazio,
 esta cidade sem pão para meus dentes, a febre,
 cavando-me a carne,
 este dormir assim,
 sob a chuva, castigado pelo frio, perseguido.

Te digo que não entendo, Pai, desce,
 toca-me a alma, olha-me
 o coração,
 eu não roubei, nem assassinei, fui criança
 e em troca me golpeiam e golpeiam,
 te digo que não entendo, Pai, desce,
 se estás, pois busco
 resignação em mim e não tenho e vou
 encher-me de raiva e afilar-me
 para brigar e vou
 gritar até estourar o pescoço de sangue,
 porque não posso mais, tenho rins
 e sou um homem,
 desce! Que fizeram de tua criatura, Pai?
 Um animal furioso
 que mastiga a pedra da rua?

Na antologia da poesia argentina de 1940 – 1960 a crítica literária e escritora Bella Josef disse que ao elaborar uma antologia, uma seleção – e eu diria uma apresentação, ainda que tosca, pálida, como a que acabo de fazer – corre-se riscos por conta da “margem de subjetividade”, isto é, do “gosto pessoal, [d]o acaso, [d]o imprevisível da memória”.

Peço desculpas aos confrades e confreriras pelas falhas cometidas. O que pretendi foi apenas fazer uma rápida amostragem da vitalidade poética da América espanhola. Como disse Benedetto Croce, estudioso da estética literária, “a poesia é a transfiguração do sentimento” (*Apud* Massaud Moisés, 1984, p. 116). Espero que, nesta tarde e começo de noite, os nossos sentimentos tenham se transfigurado neste encontro com a poesia. E, da minha parte, aguardem as próximas apresentações.

Referências

- 1 BANDEIRA, Manuel. *Meus Poemas Preferidos*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.
- 2 BENEDETTI, Mário. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- 3 BORGES, Jorge Luis. *Elogio das Sombras*. 6 ed. São Paulo: Editora Globo, 1997.
- 4 COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e Linguagem – Introdução aos estudos literários*. 4 ed. São Paulo: Edições Quíron, 1986.
- 5 FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Grandes Vozes Líricas Hispano-Americanas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- 6 GELMAN, Juan. *Isso*. Brasília: UNB, 2004.
- 7 GIRONDO, Oliverio. *A Pupila do Zero – Em la Masmédula*. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- 8 JOSEF Bella. *Poesia Argentina 1940-1960*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- 9 LIMA, José Lezama. *A Dignidade da Poesia*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- 10 MISTRAL, Gabriela. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro: Editora Ópera Mundi, 1973.
- 11 MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária – Poesia*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- 12 NERUDA, Pablo. *Cem Sonetos de Amor*.
- 13 PAZ, Octavio. *Antologia Poética*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.
- 14 SAMUEL, Rogel (org.) et alli. *Manual de Teoria Literária*. 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- 15 SAVARY, Olga. *23 Poemas de Octavio Paz*. São Paulo: Roswitha Kempf / Editores, 1983.
- 16 VALEJO, César. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Philobiblion Livros de Arte Ltda, 1984.
- 17 www.poesiaiberoamericana.com.br Acessado em 23, 27 e 29 de março de 2008.
- 18 www.tallerliterarioapolinarperdomo Acessado em 29 de março de 2009.
- 19 www.biografiasyvidas.com Acessado em 30 de março de 2009.
- 20 <http://www.amediavoz.com> Acessado em 30.03.09.
- 21 <http://www.poemas-del-alma.com>. Acessado em 30.03.09.
- 22 <http://www.antoniomiranda.com> Acessado em 30.03.09.
- 23 <http://mblogla.blogspot.com> . Acessado em 30.03.2009.
- 24 <http://biografias> Acessado em 30.03.09.
- 25 <http://www.todas.com.br> Acessado em 30.09.03.
- 26 <http://www.boaventuradesousasantos.pt> Acessado em 30.03.09.
- 27 <http://www.guantanamera.org.br> Acessado em 30.03.09.
- 28 <http://colaborations.denison.edu> Acessado em 30.03.09.
- 29 <http://www.ucm.es> Acessado em 30.03.09.
- 30 <http://www.vidaslusofonas.pt> Acessado em 30.03.09.
- 31 <http://pt.wikipedia.org> Acessado em 30.03.09.
- 32 <http://www.lasiega.org> Acessado em 30.03.09.
- 33 <http://openlibrary.org> Acessado em 30.03.09.
- 34 <http://poemascorazon.com> Acessado em 30.03.09.
- 35 <http://tallerliterarioapolinarperdomo.blogspot.com> Acessado em 30.03.09.

HOMENAGENS PÓSTUMAS

ELOGIO A
MANOEL CABRAL
MACHADO

JOÃO OLIVA ALVES

Esta Academia de Letras abre novamente suas portas, para, conforme a praxe, celebrar o necrológio de um afiliado, no caso, o ilustre acadêmico, Manoel Cabral Machado, que falecera no dia 14 de fevereiro, com mais de 92 anos de idade; seu corpo inanimado foi trazido para cá no dia seguinte, a fim de receber as últimas despedidas dos seus pares e hoje damos sequência às primeiras homenagens a ele prestadas por ocasião de seu falecimento. Agora, não se trata apenas de prestar um preito de veneração ante os despojos que restaram, fisicamente, do ser humano que ele foi, mas de dedicar um culto de exaltação à memória imortal por ele deixada para a posteridade, nos feitos de sua vida privada e pública.

Filho do médico Odilon Ferreira Machado e da professora Maria Angelina da Mota Cabral, nasceu em Rosário do Catete, aos 30 de outubro de 1916, tendo-se transferido com os pais, aos seis anos de idade, para a cidade de Capela, até que, já adolescente, foi enviado a fazer os estudos secundários e superiores em Aracaju e na Bahia.

Manoel Cabral foi homem de virtudes intelectuais, literárias, políticas, sociais, humanísticas e cristãs. Como herdou uma

* Necrológio proferido na sessão da ASL, de 02 de março de 2009.

propriedade na zona rural, afeiçãoou-se ainda ao bucolismo da vida campestre. Como **intelectual e literato**, Manoel Cabral se projetou desde os tempos de estudante no ginásio e na faculdade, sempre aparecendo na linha de frente dos alunos mais estudiosos e brilhantes. Nas aulas, nos exercícios escolares e nas pugnas estudantis e literárias, sua figura se destacava pela inteligência e por seus dotes de orador, causando admiração entre os colegas e professores. Em 1943, tendo concluído o curso em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito da Bahia, retornou a Sergipe e iniciou os seus passos na advocacia. Logo, porém, ingressou no serviço público e na vida política e cultural do Estado, marcando-a com a sua atuação, por três quartos do século passado e mais os oito primeiros anos desta década.

Depois de ter conseguido o primeiro emprego como Secretário da Prefeitura de Aracaju, tratou de casar-se com a sua inesquecível namorada dos tempos de infância, em Capela, a prima Maria de Lourdes Cabral. Teve uma união feliz por mais de 50 anos, até que ela faleceu, deixando-lhe os seis filhos que tiveram e uma saudade que ele nunca deixou de planger nos versos da viuvez, publicados nos seus livros. São seus filhos: Nina Maria, advogada, já falecida; Odilon Machado, professor aposentado da Universidade Federal de Sergipe e escritor; Manoel Felix, formado em Administração de empresa; Maria de Fátima, professora; Ascendina Maria, bacharela em Direito e odontóloga e Antônia Lúcia, médica.

Em paralelo à sua atividade na Prefeitura de Aracaju, Cabral Machado iniciou-se também no magistério sergipano, atuando como professor de Noções de Direito e de Economia Política, na Escola de Comércio Conselheiro Orlando, e de Administração e Direito Internacional Privado no Curso Superior de Administração e Finanças, da mesma Escola "Conselheiro Orlando"; foi professor de História do Brasil e História Universal, nos colégios Atheneu Sergipense e Tobias Barreto, e, finalmente, atuou como professor de Sociologia da Educação, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Também passou a integrar o magistério superior, nas faculdades que se foram sucessivamente criando no Estado, como as de Ciências Econômicas (estadual); Direito (particular, depois federal); Filosofia e de Serviço Social (católicas), precursoras, e, afinal, integrantes da Universidade Federal de Sergipe - UFS - em cuja criação ele também colaborou. Na UFS, ele veio a aposentar-se e depois recebeu o título de Professor Emérito. Na imprensa, ajudou a criar e foi um dos diretores do "Diário de Sergipe," órgão político do Partido Social Democrático a que também se filiou.

Em 1963, nosso homenageado foi eleito para a Academia Sergipana de Letras, na cadeira n.º 25, cujo patrono é Antônio Dias de Barros e cujo fundador foi Antônio Manoel de Carvalho Neto. Nesta instituição, Cabral Machado assumiu ainda o cargo de presidente. Por todos os anos em que aqui passou, como um dos associados mais assíduos, ele fazia ressoar, nas sessões semanais, a sua voz eloqüente e sábia, discutindo com admirável lucidez e profundidade os vários assuntos colocados, despertando os aplausos e a admiração de todos os que o ouviam. Devemos aqui lembrar que ele foi também sócio, e, por longo tempo, orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Homem de leitura aplicada e intensa sobre os mais variados assuntos e autores, foi, com o tempo, ampliando suas atividades culturais, escrevendo crônicas e ensaios sobre diversos temas, como também poesias, que reunia em livros. Quanto à sua obra literária, está reunida em dez livros publicados ao longo da sua vida, além do vastíssimo acervo de artigos de jornal que escreveu até os seus últimos dias, quando, já em idade proecta e cego, ditava-os com prodigiosa memória, para outra pessoa que os copiava. Dos seus livros, cinco são escritos em forma de poemas. Em dois destes: “Baladas de Bem Querer à Bahia (2003) e “Capela Meu Chão de Infância” (2005), sua poesia é evocativa e lírica, lembrando lugares e episódios da juventude – às vezes bucólica, ao evocar fazendas e engenhos pertencentes aos seus ancestrais – falando sempre à lembrança e à emoção com imagens do passado. Nos outros três, em: “Poemas à Mãe de Deus” (2001) e “Candelabros de Múltiplos Braços” (2008), seus versos adquirem acentos de reflexão religiosa e louvor bíblico, e em “Elegias a Elohim” (2002), assumem tom elegíaco e introspectivo, ao abordar a condição do homem perante Deus e perante o seu próprio destino. Este último poema impressiona desde a introdução, com o solilóquio: *“Sou e por ser contendo a morte inevitável/ Enquanto espero amargo o mal a cada passo/ Mordem-me ventos rudes, desvairados ventos/ Desfigurando as firmes formas definidas/ Chegam cruéis, queimando atroz os dois abismos/ A face oculta e a face exposta oferecida/ Destino irremovível das sementes guardo/ Se morto cresço à sombra da asa que me aquece/ E sendo escravo a voz ferida dos meus cantos/ Se oculta na paisagem sem deixar vestígios.”* Com esta obra poética, o nosso autor poderia figurar na coleção “Poetas que Pensaram o Mundo” (Companhia das Letras) organizada por Aduato Novais, em que se alinham poetas como Dante, Milton, Holderlin, Carlos Drummond de Andrade e outros grandes que compreenderam o mundo e a profundidade do drama humano nele vivido, não através de teses ou dissertações científicas, mas através da experiência emocional da arte que também conduz ao pensamento e à filosofia.

Dos livros em prosa (cinco), um deles, “O Aprendiz de Oboé”(2004), contém, ainda, memórias da infância; já o segundo, “A Doce Terra Mãe no Azul dos Céus” (2006), apresenta um ensaio histórico sob visão católica, da “civilização ocidental cristã”; o terceiro, “Páginas de Fé e de Esperança”(2007), desenvolve reflexões sobre as virtudes teológicas da fé e da esperança, além de referir-se a outros aspectos da doutrina católica; o quarto – que, aliás, foi o primeiro de toda a série machadiana - intitulado “Brava Gente Sergipana e Outros Bravos”, editado em 1999, apresenta perfis de vários personagens do mundo social e político que cruzaram com a vida do nosso homenageado; e, finalmente, o quinto volume “Aproximações Críticas”, contém a coleção dos ensaios de crítica literária, que mostram as variadas leituras do mesmo autor e seu vasto embasamento literário e filosófico, com que pôde ele avaliar e apreciar os quase oitenta escritores nacionais e internacionais passados sob o seu crivo. Entre esses escritores estão poetas como: Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade e os nossos sergipanos Clodoaldo e Hinaldo de Alencar; ficcionistas como Victor Hugo, Graham Green e Otávio de Farias; filósofos como Tobias Barreto e Miguel Reale; críticos literários como Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde); polemistas e militantes religiosos, como Carlos de

Laet e Jackson de Figueiredo e historiadores como Oliveira Lima e José Ibarê Dantas. As atividades intelectuais de Cabral Machado valeram-lhe a concessão da medalha *Chevalier de la Ordre de Palmes Académiques*, pelo Governo da França.

Na vida pública e política, Cabral Machado ingressou desde 1943, quando foi nomeado Secretário da Prefeitura de Aracaju pelo então Prefeito José Garcez Vieira que era genro do Interventor Federal em Sergipe, na ditadura Vargas, Cel. Maynard Gomes. Este tinha como Secretário Geral da Interventoria, o arguto político Leite Neto que, ao sentir soprar os ventos da redemocratização do País, foi logo se preparando para organizar e comandar o partido do Governo em Sergipe que foi o PSD, para o qual, além dos coronéis do interior que sabiam escavar e colher o filão dos antigos colégios eleitorais, procurou atrair, também, a militância dos jovens intelectuais citadinos.

Manoel Cabral foi um destes que, aproximando-se de Leite Neto, conseguiu ser transferido da administração do município da Capital para a área do Estado, onde passou a dirigir o Departamento do Serviço Público de Pessoal. Em 1945, consumada a queda da ditadura getulista e a volta das eleições, nosso homenageado, já fazendo parte do PSD, candidatou-se a uma cadeira de deputado à Assembléia Legislativa; não conseguiu, porém, eleger-se, dessa primeira vez, ficando na suplência. Todavia, tendo sido eleito como candidato do mesmo partido, o engenheiro José Rollemberg Leite, para o Governo do Estado, este o chamou para comandar a Secretaria da Fazenda. Naquela fase, imediatamente ao pós-guerra e pós-ditadura, as finanças estaduais estavam "no fundo do poço" e o novel Secretário tratou de reerguê-las, para que o Estado pudesse arcar com a administração e seus projetos. Entretanto, ao impulsionar o fisco e fechar as torneiras dos gastos supérfluos, provocou ele a reação de certa elite de contribuintes e de dirigentes de outros órgãos, que o levaram ao seu afastamento da pasta fazendária e à troca desta pelo cargo de Chefe da Casa Civil do Governador. Mas, nas eleições de 1950, ele novamente se candidata a deputado, desta vez sendo eleito e, ainda, escolhido para a função de líder do Governo na Assembléia. Nesse momento, revelam-se, em plenitude, as qualidades do novo parlamentar como orador fulgurante, artista da palavra, ao mesmo tempo dialético e emotivo, capaz de convencer com argumentos racionais e comover com a força de sua sensibilidade. Reeleito por mais duas legislaturas seguidas e sempre atuando com brilho, teve que enfrentar dois períodos consecutivos de governos da UDN. Passou então a ser líder da Oposição e a defrontar-se, no primeiro governo, com o voluntarismo violento do Governo Leandro Maciel e, no segundo, com a maioria parlamentar do Governo Luiz Garcia.

Em 1962, resolveu afastar-se da política para assumir um cargo de Assessor Jurídico do IAA – Instituto do Açúcar e do Alcool – através de concurso público em que fora aprovado em segundo lugar, no País, sendo nomeado para servir em Recife. Deste cargo, porém, licenciou-se em 1964, para assumir em Sergipe a Secretaria de Educação - sobre o quê falaremos mais adiante. Na vida social, integrou-se ao Rotary Clube de Aracaju, nele tendo sido desde simples associado, a Governador do Distrito 455, passando pela presidência do mesmo Clube. Como Governador do Rotary, empreendeu viagens de

aproximação e solidariedade entre comunidades rotarianas nacionais e internacionais. Por sua profícua atuação, em diversos setores da sociedade sergipana e brasileira, Manoel Cabral foi distinguido com diversas medalhas e condecorações.

Em 1964, sobreveio, em 31 de março, o regime militar que afastou e prendeu o Governador Seixas Dória, substituindo-o pelo então Vice-Governador Celso de Carvalho – que logo depois foi eleito pela Assembléia Legislativa Governador efetivo. Este, como velho companheiro do nosso homenageado, de quem fora colega na Faculdade de Direito da Bahia e colega/correligionário pelo PSD, na Assembléia Legislativa de Sergipe, convidou-o a ocupar a Secretaria da Educação, levando o convidado a licenciar-se do IAA e a voltar para Sergipe. Já experiente na administração pública e tendo atuado por vários anos no magistério sergipano, o novo Secretário era conhecedor dos problemas da educação estadual e empenhou-se em solucioná-los; todavia, a magnitude destes problemas e a escassez dos recursos disponíveis só lhe permitiram soluções setoriais. Mesmo assim, a sua atuação altamente prestigiada pelo Governador, conseguiu, nos dois anos restantes do novo Governo (1964 a 1966), a construção de mais 180 novas salas de aula; elevou, assim, o número de unidades escolares, no período, de 500 para 650, fazendo subir a matrícula, no ensino primário, de menos de 26.000, para mais de 53.000 alunos, conforme dados publicados na “Gazeta de Sergipe”, edição de 31 de janeiro de 1967. No ensino secundário, na mesma fase, a matrícula cresceu de 4.504 para 5.600.

Em 1966, realizaram-se novas eleições (na Assembléia Estadual) para Governador. E então Governo Militar da União, interessado em manter a unidade da ARENA – onde se acotovelavam, nos Estados, forças políticas tradicionalmente díspares e contrapostas - levou à aprovação dos deputados arenistas, a chapa encabeçada por Lourival Baptista, egresso da antiga UDN, tendo como Vice Manoel Cabral Machado, oriundo do velho PSD. Todavia, por uma emenda aprovada na Constituição do Estado, o Vice só assumiria o Governo quando os afastamentos do Governador se dessem por mais de dez dias, o que muito limitou as oportunidades de aparecimento do nosso homenageado na direção do Estado.

Em 1970, tendo sido criado o Tribunal de Contas como órgão destinado à alta função de controlar a legalidade das despesas do Estado e dos Municípios, o Governador Lourival Baptista resolveu convidar o Vice-Governador Manoel Cabral para - entre outros cidadãos também escolhidos - compor o Conselho Diretor do mesmo Tribunal. Enfatizou-se, junto a este último, o alto significado do seu nome - não só por sua reconhecida honradez, como também por sua elevada competência jurídica e administrativa - como fiador do êxito da nova Corte de Contas no cumprimento do seu papel. Para isto, porém, Cabral Machado teve que renunciar aos restantes meses do seu mandato de Vice-Governador, só então sendo nomeado Conselheiro do mesmo Tribunal, e, em seguida, também eleito, pelos seus pares, como o primeiro Presidente da Instituição. Deveras, neste início da sua história, o Tribunal de Contas de Sergipe impôs-se, afirmando o auge da sua respeitabilidade e do seu prestígio, na confiança pública. Em 1986,

depois de aposentar-se no mesmo TC, Manoel Cabral ainda voltou a servir ao Estado, como Procurador Geral, no Governo Valadares e como Secretário do Tribunal de Justiça, na gestão da Presidenta Desembargadora Clara Leite Rezende, prestando ainda, nesses órgãos, a contribuição da sua imensa cultura jurídica.

Finalmente, cansado pela continua apuração da vista nas leituras e nos trabalhos a que se dedicava, já quase cego, resolveu ele afastar-se definitivamente da vida pública, deixando o grande exemplo da sua irrepreensível probidade e dedicação. Basta ver que, na política, tendo ocupado os mais altos postos, nunca se locupletou das benesses, nem para si – que nunca ostentou fortuna mal adquirida – nem para seus filhos ou netos, dos quais os que conseguiram emprego público tiveram que ingressar pelo áspero caminho da aprovação em concurso.

Não posso encerrar este necrológio sem destacar em Manoel Cabral, distinto elogiado, o humanista e, sobretudo, o cristão e católico que foi em todas as circunstâncias da sua vida. Estas qualidades evidenciam o seu caráter por inteiro, quer na vida familiar, quer na política, como também na vida cultural, comportando-se em todos os setores com inteira fidelidade aos seus compromissos e à sua fé religiosa e católica. Tanto na vida social, quanto no recesso da família, era o homem fraternal e afetivo, vendo em todos os que dele se aproximassem um irmão, filho como ele do mesmo Deus – ainda que professando religião ou idéias diferentes da sua, ou mesmo não tendo religião alguma. A todos tratava com respeito, humanidade e tolerância, seguindo o mandamento de Cristo: “amai-vos uns aos outros” ou a advertência d’Ele: “com a medida que medires o outro com esta mesma serás medido”; e o pensamento de Santo Agostinho que aconselhava a odiar o erro, mas a amar o homem.

Aprofundado em estudos sobre as várias correntes filosóficas, era, contudo, um fiel seguidor da Igreja Católica, cujo “corpo” formado por homens mortais, vivendo no tempo, tem por “cabeça” o próprio Cristo como eterno dirigente e seu condutor para uma finalidade divina. Por isto nosso homenageado sustentava que os erros humanos da Igreja, no tempo, nunca podem desviá-la da verdade do Evangelho e do mesmo Cristo, que a fundou para salvar os seus seguidores, através da História. Era, pois, possuidor da fé simples de um campônio, mas aprofundada em estudos; e sua obra literária está toda permeada desta fé que ele procurou transmitir direta ou indiretamente como apóstolo da inteligência laica. Em um dos seus artigos, escrito em 1985, publicado no livro “Páginas de Fé e Esperança”(2007), ele mesmo começa dizendo: *“Sou um homem de fé robusta. Nem mais vacilações tumultuam-me a inteligência. Vejo claros os fatos e as coisas e sem constrangimentos proclamo as minhas convicções. Afinal sempre fui assim. A formação religiosa da infância não fora amortecida com o meu amadurecimento intelectual. Até porque sempre procurei estudar as razões fundamentais da crença”*.

Este é o homem, o acadêmico eleito por esta Casa, como “imortal”, por suas idéias, pela obra literária e humana, pelo testemunho de amor à cultura e ao seu Estado. O seu nome merece, deveras, ficar por todas as gerações que

hãõ de vir, como um título de glória para Sergipe, para o seu povo e para a história desta Casa, que o exhibirá sempre com veneração e orgulho.

Quanto a mim, como seu confrade e também irmão na fé religiosa, peço a Deus que, além desta glória terrena que é sempre finita e se extingue com o tempo, dê a ele a glória perene e completa da ressurreição, para que em corpo e alma ele possa viver a felicidade eterna e gloriosa, juntamente com o mesmo Deus em quem sempre acreditou.

ELOGIO A
JOSÉ SILVÉRIO
LEITE FONTES

MARIA THETIS NUNES

“O tempo, esse grande escultor...” O dizer de admirável humanista francesa Marguerite Yourcenar me levaria à juventude, à estudante da 4ª série do Atheneu da rua da Frente, quando conheci José Silvério Leite Fontes, então estudante do Colégio Tobias Barreto. Participávamos, alunos de História do grande professor Arthur Fortes e por ele escolhidos, de um concurso de História promovido pelo Ministério da Educação. Dois anos após, seríamos colegas no curso pré-jurídico no Atheneu. Depois, fomos companheiros de residência num pensionato em Salvador, ele aluno da Faculdade de Direito, eu da Faculdade de Filosofia cursando Geografia e História. Tornamo-nos bons amigos, embora trilhássemos caminhos bem distintos... Ele, participando da Juventude Universitária Católica, influenciado pelo renomado professor Herbert Parentes Fortes, buscando, na filosofia e na teologia, explicações para os problemas do mundo, principalmente através dos escritos de Jaques Maritain e Leon Bloy; eu, identificada com a Juventude Comunista de Mário Alves, João Batista de Lima e Silva, Fernando Santana, via em Marx a solução para os problemas que agitavam o mundo.

Conversávamos, discutíamos, impressionando-me sua fé em Deus, a participação nos atos religiosos, indo a missa dominical com o missal sem importar-se com a zombaria dos colegas. Relembro, sensibilizada, ele me acompanhando à noite para assistir palestras de líderes revolucionários como Agildo Barata, quando moça não devia sair desacompanhada à noite... Também eu aceitava seus convites para ir ao Mosteiro de São Bento ouvir palestras religiosas, onde fiz bons amigos, tendo mesmo publicado artigos na pequena revista que lá circulava para universitárias.

Ao retornarmos a Sergipe, formados, nos encontraríamos no magistério no Atheneu, no Colégio São José, na Faculdade Católica de Filosofia, que fomos fundadores, na Universidade Federal de Sergipe, no Instituto Histórico e Geográfico. A este por ele fui levada ao retornar a Aracaju após nove anos de ausência, fazendo-me aceitar sua presidência, ante a situação de decadência em que o Instituto se encontrava, na qual permaneceria por 30 anos... A esta academia também ele contribuiu para me convencer ingressar em 1983, recebendo-me com o discurso de posse.

Múltiplos facetamentos marcaram a trajetória da vida de José Silvério: jornalista, escritor, sociólogo, filósofo, historiador, líder sindical, político, e, principalmente, professor. Com ele morre um dos últimos humanistas sergipanos, entendido o Humanismo como cultura baseada nos clássicos, voltada para o Homem e, como acreditava ele, para Deus. Suas atitudes na vida foram norteadas pela fé, que buscava compartilhar com os amigos quando a realidade nos queria abater.

Ao longo dos nossos anos de convivência e companheirismo até o nosso encontro poucos dias antes do seu falecimento, ele, numa cadeira de rodas, os membros sem movimento, mesmo com a dificuldade de falar continuava a acompanhar os problemas que envolviam o nosso país, e manifestava suas idéias respaldadas na esperança e na fé: "Em Jesus Cristo, porém, consuma-se a unidade moral do Gênero humano, a unidade intencional e operativa e a unidade transcendente em ato, pois o pão do seu Corpo serve de alimento e de união antológica às pessoas individuais. Restaura, num plano superior, a comunidade, subjacente ao variegado da natureza. Não somente restaura, como eleva, passando de unidade natural e criada, sujeita às limitações da maternidade, à unidade do Espírito", como expressou num dos escritos inserido em seu último livro, síntese do que sempre foi sua concepção de vida: Ser, Mundo e Esperança.

José Silvério enfrentaria desde a juventude a luta contra a diabetes que o fazia conhecido como o menino que se dava injeção, luta que o acompanharia até a morte aos 80 anos de existência. Os problemas advindos da enfermidade não impediriam, porém, as múltiplas atividades em que se envolveu ao longo da vida, inclusive a ida a Paris cursar a Universidade de Sorbone, tendo, porém de retornar ante a crise de diabetes sofrida. Impressiona, desafiando a moléstia, a vasta obra que o projeta na vida cultural sergipana encontrada em jornais e revistas especializadas, Anais de Congressos, Encontros em artigos, conferências, pesquisas educacionais e históricas, e nos livros publicados, atestando os múltiplos facetamentos e vastos conhecimentos filosóficos e históricos que dominava. Vários destes trabalhados então

esparcos em jornais, sobretudo a *Cruzada*, em revistas das Faculdades de Direito, Faculdade Católica de Filosofia, Academia Sergipana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Outros já estão condensados em livros como *Igreja e Século*, *Coluna de Jornal*, *Quatro Estudos*, e *Ser, Mundo e Esperança*.

Dos livros publicados, o primeiro em 1952 intitulado *Jackson de Figueiredo – o sentido de sua obra*, como tese para concorrer ao concurso de História do Brasil do Instituto de Educação Rui Barbosa, estuda o pensamento do grande líder católico sergipano por ele considerado uma “dessas personalidades sócrates, mixto de filósofo, artista e apóstolo”. Jackson de Figueiredo marcaria profundamente sua formação, visível na ampliação da tese ao publicar, em 1958, *Razão e Fé em Jackson de Figueiredo* inserindo suas idéias no contexto sócio-político em que ele atuara. Possivelmente, teriam elas contribuído para o seu envolvimento na política sindical, com atuação destacada nos começos da década de 1960, num dos momentos mais convulsionados da história do Brasil, da luta do povo pela afirmação dos seus direitos, eclodida em Sergipe na greve dos professores que Silvério foi um dos líderes, estendendo-se a todo o funcionalismo público. O golpe militar em 1964 calando, violentamente, as reivindicações populares, o atingiu sendo visto como um agitador, e por longo período teve cerceados seus direitos, inclusive de ocupar cargos de confiança na administração pública. Não o intimidariam as denúncias e o inquérito, continuando a atuar, inclusive como líder fundador em 1965 do Grupo de Estudos Sociais e Políticos de Sergipe, em que eram debatidos e estudados problemas proibidos pelo regime instalado. Também participou na mal vista Federação Interestadual de Ensino e na Confederação e sucessivos mandatos. Integrou o MDB participando de sua campanha em prol da redemocratização do país. Quando, porém, este partido, transformado em PMDB, se engajou na campanha política buscando poder, o abandonaria ingressando no PSB, no qual permaneceu filiado até a morte.

Embora tenha sido vedado pela Revolução seu concurso para o ingresso na magistratura, como advogado, porém, por dois mandatos, foi presidente da OAB, “onde conquistou o respeito e a admiração dos seus pares” na afirmativa do historiador Ibarê Dantas.

Em todas as atuações vividas ao longo do 80 anos, José Silvério marcou sua passagem pela coerência, lucidez, o ideal de igualdade e fraternidade e a Fé que, para ele, instala-se como uma convicção “que se adquire no amor e na confiança, como uma descoberta cuja essência existencial é incomunicável e consiste, como diz São Thomaz de Aquino na *Suma contra os Gentios*, numa inspiração”.

Outros livros publicados foram *Formação do conceito do fato histórico na cultura ocidental*, datado de 1958, *Quatro diretrizes da Historiografia Brasileira Contemporânea*, tese para o concurso de Livre Docência da UFS em 1975, e reeditada em 2000 com a denominação de *Marxismo na Historiografia Brasileira Contemporânea*, o *Pensamento Jurídico Sergipano* editado em 2003, e *Formação do Povo Sergipano*.

Creio que foi José Silvério o sergipano e um dos brasileiros que maior contribuição deu aos estudos filosóficos entre nós, iniciada em 1948 com a conferência no Instituto Histórico, a convite da Sociedade Franco Brasileira,

sobre *Diretrizes do Pensamento de Jaques Maritain*, divulgando em Sergipe as linhas básicas do grande filósofo cristão francês, que ele considerava sua filosofia uma projeção da filosofia de Santo Thomaz de Aquino, com o aprofundamento dos seus conceitos e a superação de certas posições inerentes às perspectivas do tempo em que viveu o Doutor Angélico, o século XIII, que o levara à publicação do *Humanismo Integral*.

Leon Bloy, tema da Conferência pronunciada em 1956 patrocinada pela Associação Cultural Franco-Brasileira, visava a divulgar o pensamento do filósofo cristão francês, superando o desconhecimento existente sobre sua obra, concitando que o lessem com o sentir cristão, buscando nele a configuração artística da vida cristã.

Leiam-no, enfatizava, como se contempla um quadro de El Grego, cheio de contrastes, de fantasmagorias, de sinais visíveis e deformados, em sua objetividade, das realidades que o olho não vê, nem o ouvido escuta, mas que forma reveladas aos filhos da Luz.

Importante sua conferência, neste mesmo ano de 1956, no Instituto Brasileiro de Filosofia de Sergipe, aula inaugural, sobre as Principais Correntes da Filosofia Contemporânea, identificadas com as transformações trazidas pelo desenvolvimento científico. Enfoca as tendências objetivista que teve maiores expoentes em Schopenhauer e Eduardo Von Hartmann. A revolução social e política século XX, ao lado da revolução ocorrida na teoria científica destruindo a confiança tranqüila e satisfeita no poder universalmente explicativo das correlações mecânicas, afirmava que "acontecimentos de ordem geral destruíam igualmente o relativamente pacífico, confiante e progressista mundo burguês do século passado. A expansão do capitalismo, que justificara seu otimismo e seu esquecimento dos valores espirituais, começou a sofrer as primeiras limitações". "A nova maneira unitária, finalista e anti-mecanista irá encontrar ressonância em duas grandes direções filosóficas: o pragmatismo e o bergonismo".

O Neo-hegelianismo o Neo-kantismo, a Fenomenologia, o Existencialismo são por ele estidadas dentro das transformações estruturais do século XX.

Encerra a conferência estudando a Filosofia Cristã e o seu papel na época, que distingue em duas correntes: a filosofia da experiência religiosa e o neo-tomismo.

Todas as várias atuações vividas ao longo dos 80 anos de José Silvério foram marcadas pela lucidez, o ideal de igualdade e fraternidade, a coerência e a Fé, que para ele instala-se como certeza por uma convicção que se adquire no amor e na confiança, como uma descoberta cuja essência existencial é incomunicável e consiste, como diz Santo Tomaz na Suma contra os Gentios, numa inspiração.

Se me fosse, porém, exigida uma definição entre as múltiplas atividades que, como denodo, exerce, e digo mesmo com heroísmo, ao longo da vida, eu o chamaria Professor Silvério. Creio que, entre nós, nenhum professor tenha disputado uma cátedra através de concurso quanto ele, iniciado em 1952 com Jackson de Figueiredo – o sentido de sua obra para a cátedra de História do Brasil do Instituto de Educação Rui Barbosa, em 1958 com a tese Formação do conceito do Fato Histórico para a cátedra de História do Colégio Estadual de Sergipe, em 1965 de-

fendendo a tese *Quatro Diretrizes da Historiografia Brasileira Contemporânea* no concurso de Livre Docência da Universidade Federal de Sergipe.

Desde que retornou a Sergipe formado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, a partir de 1947 buscou no magistério o meio de sobrevivência desde que não o atraia a profissão que lhe permitia o diploma. A História o fascinava, e a ensinaria na Escola de Comércio Conselheiro Orlando, na Escola Técnica Federal, no Colégio Patrocínio São José, no Instituto de Educação Rui Barbosa, no Colégio Estadual de Sergipe.

Foi um dos pioneiros do ensino superior em Sergipe, participando da Fundação da Faculdade Católica pelo então padre Luciano Cabral Duarte, e da sua consolidação pela coragem e abnegação do seu fundador enfrentando as dificuldades existentes, principalmente a falta de recursos financeiros necessários ao pagamento dos salários dos professores, o que levariam alguns deles a não continuarem ensinando. José Silvério, abnegadamente, permaneceu lecionando além de suas disciplinas, outras que ficavam sem professor, atendendo ao pedido do seu Diretor. Também lecionara na Faculdade de Serviço Social fundada em 1954.

Engajou-se, com entusiasmo, na campanha deflagrada na década de 1960 para a criação da Universidade Federal de Sergipe, que se tornaria realidade em 1968. Foi importante sua atuação como Procurador-Geral da UFS de 1984 a 1988.

O ponto culminante de José Silvério como professor seria, porém, registrada no Departamento de História da UFS. Lecionando Filosofia e Metodologia da História, tornou a prática da pesquisa histórica obrigatória da disciplina Introdução aos Estudos Históricos, que seria responsável pela grande participação do Departamento de História à historiografia de Sergipe. A partir da década de 1950, com a saída do Estado dos historiadores José Calazans, Mário Cabral, Felte Bezerra, paralisaram-se os estudos sobre o passado sergipano. O Departamento de História daria ressurgí-los a partir do levantamento das Fontes Primárias da História de Sergipe, ao estabelecer a prática de pesquisa histórica obrigatória. Passavam os alunos a ter contato direto com documentos e a conhecer o acervo dos arquivos cartoriais e paroquiais visando a organização dos arquivos do Estado e do Município, este depois transformado no Arquivo da Cidade de Aracaju. Deram contribuição ao sucesso do programa traçado pelo professor José Silvério a colaboração das professoras Maria da Glória Santana de Almeida, Maria de Lourdes Amaral, Diana Diniz.

Por iniciativa de José Silvério, são mantidos contactos com renomados professores de universidades brasileiras, tendo alguns deles vindo aqui ministrarem cursos como José Honório Rodrigues e Nelson Werneck Sodré. Em 1974, por iniciativa sua, era realizado na UFS o Encontro de Historiadores do Nordeste. No ano seguinte, acontecia o Simpósio Nacional do ANPUH – Associação Nacional dos Professores de História, reunindo em Aracaju professores, estudantes e historiadores de todo o país. Ele participou pessoalmente de vários encontros de História em outros Estados, apresentando trabalhos.

No magistério, José Silvério, encontrou o rejuvenescimento espiritual suplantando as marcas deixadas pelos anos. Renovação do esforço de entender os jovens, seus problemas ante o mundo que lhes é oferecido. Estávamos de acordo com a advertência de Longfellow, o romântico poeta de Evangeline:

Neste mundo o homem tem que ser um martelo ou uma bigorna.
Precisamos ser o martelo formando uma sociedade e não bigornas
moldadas pela antiga sociedade.

Historiador, José Silvério contribuiu para a história do Brasil com os trabalhos destacados *Diretrizes da Historiografia Brasileira Contemporânea*, *Marxismos na Historiografia Brasileira Contemporânea*, analisando as obras de Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Júnior, Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes, e *Lutas Militares no Prata*. Para a história de Sergipe, registramos *Levantamentos das fontes primárias da História de Sergipe*, *Labatut em Sergipe*, *Cidades e Vilas de Sergipe no século XIX*, *Formação do povo sergipano*, *Pensamento Jurídico sergipano: o ciclo de Recife*, *Aspectos geo-históricos do Nordeste – A propriedade rural*.

Em 7 de julho de 1969 José Silvério tomava posse da cadeira nº 5 desta Academia, que tem como patrono Ivo do Prado, vaga com a morte do ocupante Dom Antônio dos Santos Cabral. Saudado pelo poeta Freire Ribeiro com uma Xácara por ele definida como “romance em versos simples, d’água corrente, em que se contam feitos famosos ou em que se louvam famosas pessoas”, complementada com passagens da vida do povo acadêmico que conhecera e convivera desde a infância na colina do Santo Antônio e, depois, como vizinhos, muitos anos, na rua de Santa Luzia, e visto por ele “um espírito cristão, apostólico e romano, o professor José Silvério é um admirador sem canseiras de Pio XII, João XXIII e Paulo VI. Está com a igreja dentro do século. A igreja procurando, na hora precisa, em todo o mundo realizar o que ensina a *Rerum Novarum* de Leão XIII. Ao lado de esposa estremecida faz do seu lar um templo de amor e paz. Ao lado de esposa estremecida faz do seu lar um templo de amor e paz. Trabalha de sol a sol, ensinando, semeando, ensinando...” Em seu discurso de posse, José Silvério fala que boas razões o levaram a candidatar-se à cadeira nº 5, cujo patrono é Ivo do Prado e que fora ocupada por Dom Antônio dos Santos Cabral, afirmando: “Sinto que há muitas afinidades espirituais com esses dois vultos, guardado o respeito à grandeza de cada um. Para ambos, o aspecto estético da obra literária não era fim, mas instrumento. A comunicação espiritual que buscavam não era dirigida primordialmente à sensibilidade, mas à inteligência. Ivo do Prado escreveu para defender pontos políticos e no curso da ação política, ou para arguir em favor de uma tese histórico-geográfica, de alto significado político para sua terra. Dom Antônio Cabral escreveu para desenvolver teses de doutrina religiosa e ensinar às ovelhas do rebanho que lhe fora confiado. Em última análise, “os dois praticavam a arte de direção dos homens, quer para a vida temporal, para a vida espiritual.” Ressalta que essa identidade o teria levado a ocupar a cadeira nº 5, acrescentando: “Foi também em sentido similar que utilizei a forma literária. Nunca apelei sistematicamente para recursos

estéticos, salvo como meio de comunicação de uma mensagem doutrinária. Daí sentir-se bem na linha traçada por Ivo do Prado e Dom Antônio Cabral.”

Critica a falta de aprofundamento filosófico da produção literária brasileira, acreditando não ser possível construir solidamente teorias no campo das ciências humanas, sem uma visão do ser e da existência, afirmando:

Cabe a ela dar organicidade ao pensamento social. Sobre este ponto de vista, é particularmente grave a responsabilidade do intelectual cristão, que possui uma tradição filosófica e teológica, a abandonar essa tradição, ficando entregue às ondas, como um navio desgovernado, ou a fazer um esforço de assimilação, bastante difícil e que somente dará resultados valiosos quando efetuado por grandes espíritos. Isso é fonte de angústia e também convite ao trabalho, embora frequentemente sem êxito, mas que terá o papel de preparar resultados do futuro. Não é permitido ao intelectual cristão, segundo julgo, enclausurar-se como uma ostra em posições recebidas que os progressos de conhecimento da realidade tornaram parcialmente obsoletas.

Nas palavras finais do seu discurso de posse, José Silvério define o ideal que marcara sua vida:

...divididos entre o tempo e a eternidade, vivemos sempre a apresentar uma na outra, espalhando entre os homens palavras de amizade e de confiança, e esperando o encontro com Aquele que nos libertará da angústia. A inteligência é pobre para sondar os mistérios do mundo, mas também é a única forma do mundo que traz promessa de eternidade.

Sim amigos! Vivamos intensamente e meditemos ainda mais intensamente!

CONFERÊNCIA

GONÇALO ROLLEMBERG
LEITE E A FORMAÇÃO DO CURSO
JURÍDICO NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE

JOSÉ ANDERSON NASCIMENTO

1. CRIAÇÃO DO CURSO DE DIREITO

A história do curso de Direito, em Sergipe, teve o seu começo com a criação da Academia Livre de Direito, através do Ato de 20 de agosto de 1898, do então Presidente da Assembléia Legislativa, deputado Daniel Campos, quando se encontrava no exercício da Presidência do Estado, substituindo o Presidente Martinho Garcez.

Na sua mensagem ao Poder Legislativo, datada de 7 de setembro de 1898, o Deputado Daniel Campos, ao justificar a criação da Academia de Direito, destacou que:

a marcha regressiva que dia a dia se observa na instrução pública, o declínio do nível intelectual, a diminuta frequência ao Ateneu, já por lhe falhar o desiderato que lhe assegura o Governo da União no Decreto 1.232 de 1891, já pelo desânimo que invade a alma dos moços sergipanos, em geral, baldos de

recursos, a procurar em outros estados o ensino superior, são motivos que amparam a criação de uma escola superior; é sangue quente e puro o que se injeta no ensino secundário, que caminha a uma morte prematura.

E, ainda, em carta circular dirigida a Gumersindo Bessa, José Sotero Vieira de Melo e Justiniano de Melo e Silva, ressaltou que:

A necessidade que o Estado de Sergipe tem de ir acompanhando a República, e prosseguindo a natural expansão que deve demonstrar na comunhão da Federação Nacional, suscita a este Governo a utilidade da fundação de instituições que pelo seu desenvolvimento produzam todos os benefícios a que têm direito os filhos desta circunscrição estadual, como todo cidadão brasileiro

Mais adiante enfatizou que:

Nenhuma das instituições mais aproxima o cidadão a graduação moral e cívica, como estabelecimentos de cursos científicos com a completa dilatação dos estudos sobre os variados ramos sociais da vida pública de uma nacionalidade.

Embora tivesse, inclusive, nomeado uma comissão para estudar as bases do curso de Direito, o Deputado Daniel Campos teve malograda a sua iniciativa, devido à instabilidade política da época.

Essa ação do governo provincial atendia a uma ação renovadora da formulação republicana, ao entender que as duas faculdades criadas em 1827, uma em Olinda e outra em São Paulo, não mais supriam a necessidade de formação de profissionais do Direito. A incipiente República e o sucesso da cafeeicultura, no Sudeste, geravam transformações econômicas e demandas sociais, que se projetavam por todo o Brasil.

A partir desse momento histórico, as pressões da sociedade civil sobre o Estado induziram a reforma educacional do Ensino Jurídico. Os dois cursos de Direito existentes deixaram de ser monopólio, passando a ser permitida a criação de novas faculdades de Direito. A primeira dessas faculdades criadas foi a da Bahia, em 1891.

Mesmo com a Faculdade de Direito da Bahia, os sergipanos ainda freqüentavam e se graduavam na Faculdade de Direito de Recife, acompanhando a linha mestra de transformação da Ciência Jurídica, ante os profundos estudos de Tobias Barreto de Menezes, difundidos por Silvio Romero, Fausto Cardoso, Gumercindo Bessa, Clodomir Silva, Pedro Antônio Oliveira Ribeiro, e tantos outros cultores da Ciência Jurídica.

A monocultura da cana-de-açúcar, a forte presença da cultura do coco-da-baía no litoral e a industrialização tardia, pouco possibilitaram ao progresso de Sergipe, até o segundo quartel do século XX, com evidentes reflexos na

educação, impondo que os estudiosos sergipanos migrassem, no início, para Recife, e, depois, para o Sudeste e Sul do país, na busca de uma graduação superior, especialmente, na área do Direito. No Rio de Janeiro, na Faculdade Livre de Direito, bacharelou-se Antônio Manuel de Carvalho Neto, na Turma de 1906; em Belo Horizonte, Francisco Leite Neto e Gonçalo Rolemberg Leite, no ano de 1927 e, também, Alberto Deodato Maia. Na Faculdade de Direito de Porto Alegre, na turma de 1918, graduava-se Hunald Santaflor Cardoso.

Mas, o pensamento da criação de um curso jurídico em Sergipe não havia adormecido. No ano de 1925, o Presidente do Estado, Dr. Maurício Gracho Cardoso, instalou a Faculdade de Direito Tobias Barreto, chegando a organizar o seu corpo docente. Apenas a iniciativa e nada mais. Enquanto enfrentávamos dificuldades políticas e econômicas para a fundação de um curso superior, florescia a Faculdade de Direito da Bahia, que atraía a mocidade sergipana, provinda da burguesia rural e da classe média urbana, especialmente, valendo registrar as presenças de Luiz José da Costa Filho, bacharel da turma de 1910, Edison Ribeiro, graduado em 1918, Luiz Garcia, Carlos Garcia, Enoch Santiago, na turma de 1925, e outros eméritos juristas, como: Olavo Ferreira Leite, Joel Macieira Aguiar, Nyceu Dantas, Pedro Matos, Raymundo Rosa Santos, Luiz Pereira de Melo, Manoel Cabral Machado, José Silvério Leite Fontes, José Augusto da Rocha Lima, João Pires Winne, muitos dos quais vieram a figurar no quadro de fundadores da Faculdade de Direito de Sergipe.

A história da Faculdade de Direito de Sergipe se iniciou no dia 28 de fevereiro de 1950, quando um grupo de magistrados e advogados, dentre eles Antônio Manuel de Carvalho Neto, Afonso Moreira Temporal, Olavo Ferreira Leite, Otávio de Souza Leite, Álvaro Fontes da Silva, Mário de Araújo Cabral, Enoch Santiago, Gonçalo Rollemberg Leite, Renato Cantidiano Vieira Ribeiro, Luiz Pereira de Melo, Osman Hora Fontes, José da Silva Ribeiro Filho, Armando Leite Rollemberg, Manuel Cabral Machado, João de Araújo Monteiro, Manuel Ribeiro e Francisco Leite Neto, Alberto Bragança de Azevedo, José Temporal, Hunald Santaflor Cardoso, Luiz Garcia e do médico Augusto César Leite, resolve fundar um curso de Direito. Naquela memorável sessão, foi aclamado como o primeiro diretor da Faculdade de Direito, o renomado advogado Antônio Manuel de Carvalho Neto, presente em todos os atos de instalação e de fundação da instituição de ensino superior. Para viabilizar o projeto, os professores fundadores comprometeram-se a exercer o magistério sem qualquer remuneração, enquanto a Faculdade não estivesse em situação financeira que permitisse a fixação de vencimentos compatíveis com a função de professor catedrático.

O projeto pedagógico atendeu a uma grade curricular tradicional, muito fechada, com uma moldura muito acentuada para o estudo do Direito Privado, porém estruturado dentro de uma concepção ideológica do poder político, fruto da Reforma Francisco Campos, de 1931, que regravava os Cursos Jurídicos aos olhos do Estado.

Essas diretrizes curriculares eram impostas pelo Ministério da Educação, apesar dos grandes conflitos ideológicos entre juristas e educadores, de um lado os conservadores: Francisco Campos, Haroldo Valadão e Gustavo Capanema e do outro, os de vanguarda, também denominados de esquerda

progressista, onde se tinha Anísio Teixeira, Hermes Lima, Levi Carneiro e San Tiago Dantas. O que vale dizer, os que deram sustentação à ditadura Vargas, imposta a partir do golpe de Estado de 1937 e os que haviam se confrontado, visando o retorno a um Estado Democrático de Direito.

Esse confronto ideológico relacionado ao ensino jurídico estabeleceu-se a partir do cotejo entre o ensino conservador, marcado pela universidade estatal burocratizada defendida, à época da Ditadura de Vargas, pelo regime autoritário, e o moderno ensino reflexivo que se voltava ao desenvolvimento do pensamento, onde o acadêmico pudesse discernir sobre os problemas e as soluções dos conflitos sociais de sua época.

Prevaleceu, porém, até 1961, uma grade curricular fechada e inflexível, calcada nos antigos padrões, ou seja, por mais que a história tivesse discorrido em favor dos novos tempos e mesmo após o fator maior, fomentado pela Proclamação da República, anos passaram-se, mas o profissional do Direito, ainda, sujeitava-se às concepções ideológicas do Estado, baseadas em um pensamento retrógrado e ultrapassado. A formação do jurista continuava dissociada dos problemas e da realidade social de seu tempo.

Então, foram adotadas as diretrizes curriculares tradicionais, inflexíveis, com uma metodologia de ensino discursiva, sem os avanços da pesquisa e da extensão universitária.

Dentro desse contexto histórico, estabeleceu-se a grade curricular da Faculdade de Direito de Sergipe, com as seguintes matérias de ensino e os respectivos docentes: **Primeira Série** - Introdução à Ciência do Direito, Professor Luiz Pereira de Melo. Teoria Geral do Estado, Professor Antônio Manuel de Carvalho Neto. Economia Política, Professor Manoel Cabral Machado. Direito Romano, Professor Alberto Bragança de Azevedo. **Segunda Série** - Direito Público Constitucional, Professor Manuel Ribeiro. Direito Civil (1ª cadeira), Professor Manoel Cabral Machado. Direito Penal (1ª cadeira), Professor José Temporal. Ciência das Finanças, Professor Francisco Leite Neto. **Terceira Série** % Direito Civil (2ª cadeira), Professor Gonçalo Rollemberg Leite. Direito Penal (2ª cadeira), Professor José da Silva Ribeiro Filho. Direito Comercial (1ª cadeira), Professor Armando Leite Rollemberg. Direito Público Internacional, Professor Renato Cantidiano Vieira Ribeiro. **Quarta Série** - Direito Civil (3ª cadeira), Professor Hunald Santafior Cardoso. Direito Comercial (2ª cadeira), Professor Olavo Ferreira Leite. Direito Judiciário Civil (1ª cadeira), Professor Enoch Santiago. Medicina Legal, Professor Augusto César Leite. Direito Penitenciário, Professor Osman Hora Pontes. **Quinta Série** - Direito Civil (4ª cadeira), Professor Álvaro Fontes da Silva. Direito Judiciário Civil (2ª cadeira), Professor Afonso Moreira Temporal. Direito Judiciário Penal, Professor Octávio de Souza Leite. Direito Administrativo, Professor Mário Cabral. Direito Internacional Privado, Professor João de Araújo Monteiro. Direito Industrial e Legislação Trabalhista, Professor Luiz Garcia.

Carvalho Neto permaneceu na direção da Faculdade até agosto de 1950, sendo substituído pelo professor Álvaro Fontes da Silva. Ambos foram diretores provisórios, instaladores da novel Faculdade, cuidaram da sua organização, aprovada pelo Conselho Superior de Educação, e autorizada a funcionar pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra, através do Decreto nº 29, de 19 de janeiro de 1951.

Com a sua estrutura definida, a congregação da Faculdade de Direito elegeu, em 15 de fevereiro de 1951, a sua primeira diretoria, que ficou assim constituída: Diretor: Professor Otávio de Souza Leite; Vice-Diretor: Professor Gonçalo Rollemberg Leite; Conselho Administrativo: Professores Enoch Santiago, Manuel Ribeiro, Armando Leite Rollemberg e Afonso Moreira Temporal.

Eleito Vice-Diretor da Faculdade de Direito de Sergipe, o Professor Gonçalo Rollemberg Leite começou a aparecer no cenário da docência superior em Sergipe, consolidou a sua liderança no seio da comunidade acadêmica e fincou as bases da formação jurídica do Estado.

2. GONÇALO ROLLEMBERG LEITE E AS DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DO CURSO DE DIREITO FEDERAL DE SERGIPE.

A aula inaugural do curso de Direito, foi proferida professor Gonçalo Rollemberg Leite, em 15 de março de 1951, no Salão Nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na presença do Governador do Estado, engenheiro José Rollemberg Leite e de autoridades civis, militares, eclesiásticas, de estudantes e do povo em geral.

Naquela oportunidade, o professor Gonçalo Rollemberg Leite dissertou sobre *O direito em Sergipe*, fazendo um retrospecto histórico de todas as tentativas para a criação do curso jurídico.

Reagiu ao ceticismo dos sergipanos que não acreditavam na criação de um curso superior entre nós, devido à pequenez do território sergipano. Nas suas considerações, destacou:

Várias são as objeções que se levantam, contra o ensino superior, e em particular, contra a existência da Faculdade de Direito em terras de Sergipe. Os maldizentes profissionais *habitués* dos jardins, esquinas e cafés, que lastimam sistematicamente a falta de vários elementos de progresso em nosso meio, também, sistematicamente atacam todas as iniciativas que visam justamente preencher as lacunas que eles tanto deploram. A estes eternos serradores de serragem, nada há que dizer, pois, já observava Jackson de Figueiredo, não adianta querer fazer compreender, a quem não quer compreender. Há os que acham ser Aracaju uma cidade pequena para comportar estabelecimentos de ensino superior. Ignoram estes que nem sempre é a cidade que faz a Universidade, antes, esta é que dá vida e impulso àquela. Belo-Horizonte, quando contava apenas com 30.000 habitantes, a metade da atual população de Aracaju, já possuía uma universidade florescente, que foi a base inicial do desenvolvimento que a transformou na grande metrópole de hoje. Juiz de Fora, com população equivalente à de Aracaju, possui todas as Faculdades de ensino superior, e escolas superiores existem em plena vitalidade em pequenas cidades como Ouro Preto, Itajubá, Alfenas, Viçosa e outras, em Minas, em S. Paulo, Rio Grande do Sul, em vários estados.

A aula em que o professor Gonçalo Rollemberg Leite proferiu essas palavras repercutiu em toda a sociedade sergipana e foi o marco de desenvolvimento do ensino superior em Sergipe, sob a liderança da Faculdade de Sergipe, na formação dos quadros da advocacia, da magistratura, do Ministério Público, das procuradorias e do próprio magistério jurídico.

A presença e a importância do Professor Gonçalo Rollemberg Leite, na formação da Faculdade de Direito de Sergipe, são verificadas desde os primeiros momentos da organização dessa instituição de ensino superior, quando ainda era embrionário e insipiente o seu projeto pedagógico.

O primeiro trabalho do Professor Gonçalo Rollemberg Leite foi o de convencer as elites sergipanas sobre a necessidade da funcionamento do curso jurídico, bem assim o de convencer a classe política e administrativa do Estado, para a sua real implantação.

O momento dessas *démarches* foi propício, já que à frente do executivo estadual se achava o engenheiro José Rollemberg Leite, um educador com reconhecida visão administrativa e cultural, que acolheu as diretrizes do curso e doou, – através da Lei nº 204, de 14 de junho de 1950, – à Faculdade de Direito de Sergipe, o edifício em que se achava instalado o Grupo Escolar Barão de Maruim, local em que passou a funcionar a Faculdade, até a sua transferência para a Cidade Universitária Professor José Aloisio de Campos, em 1980.

Eleito diretor da Faculdade em 26 de janeiro de 1953, o Professor Gonçalo Rollemberg Leite procurou proceder às adaptações do antigo Grupo Escolar Barão de Maruim, às exigências para o funcionamento da Faculdade. Foi edificado um anexo ao prédio, com dois pavimentos, em cujo piso térreo instalou-se a diretoria, secretaria, Centro Acadêmico Silvio Romero e outros departamentos e, no pavimento superior, a sala de reuniões da congregação e a biblioteca.

Na gestão do professor Gonçalo Rollemberg Leite a Faculdade passou a ter reconhecimento nacional. Sempre eram realizadas conferências com os mais destacados juristas da época, valendo destacar a conferência pronunciada, no dia 30 de março de 1953, pelo professor Orlando Gomes, da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, com o tema *Aspectos da crise no Direito Matrimonial*. Foi editada a Revista da Faculdade de Direito de Sergipe, tendo como redatores os professores Manuel Cabral Machado, Mário de Araújo Cabral e Armando Leite Rollemberg.

O professor Gonçalo Rollemberg Leite, sempre preocupado com o projeto pedagógico do curso, realizava ciclos de conferências sobre os assuntos mais palpitantes na área do Direito, das quais participaram grandes nomes da Ciência Jurídica da época, a exemplo de Estácio de Lima, das Faculdades de Direito e de Medicina da Universidade da Bahia; Hermes Lima, da Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro; Josafá Marinho; Nelson de Souza Sampaio, Aderbal da Cunha Gonçalves, da Faculdade de Direito da Bahia; Pinto Ferreira e Luiz Delgado, da Faculdade de Direito do Recife, Miguel Reale, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e dos sociólogos Guerreiro Ramos e Gilberto Freyre. Vários foram os seminários, cursos e congressos realizados, que tinham a sua participação direta, organizando os mínimos detalhes dos eventos, para que tudo fosse colimado de êxitos.

O auge dessa primeira fase da Faculdade de Direito de Sergipe, se deu no dia 8 de dezembro de 1955, com a solenidade de Colação de Grau dos bacharéis da sua 1ª turma. A sessão solene da congregação aconteceu no Salão Nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, sob a presidência do professor Gonçalo Rollemberg Leite. Na ocasião, foram graduados os seguintes bacharéis: Aida Prado Leite Teles, Antônio Vieira Barreto, Durval Lima Santos, Gibson de Almeida Pinho, Ismael Costa Moura, José Barroso, José Carlos de Souza, José Maurício Botto de Barros, Luiz Bispo, Luiz Otávio Aragão, Maria Conceição Cardoso Ribeiro e Osório de Araújo Ramos.

Outros bacharéis foram sendo graduados e a Faculdade de Direito de Sergipe, sob a equilibrada direção do professor Gonçalo Rollemberg Leite, ia se fortalecendo a cada momento. O projeto inicial de suprir os quadros da advocacia, do Ministério Público e da magistratura, começava a surtir efeito. Nos concursos realizados pela Procuradoria Geral do Estado e pelo Tribunal de Justiça para o provimento de cargos de promotores e de juizes, evidenciava-se a participação dos bacharéis provindos daquela instituição de ensino superior. De igual modo, fortalecia-se a advocacia em Sergipe e o magistério, tanto o superior como o do ensino médio.

A esse tempo, a Faculdade já contava, no seu corpo docente, com os professores José Amado Nascimento, Luiz Bispo, José Bonifácio Fortes Neto, José Silvério Leite Fontes, Juçara Leal, Balduino Ramalho, Waldemar Fortuna de Castro, Artur Oscar de Oliveira Déda, Luiz Carlos Fontes de Alencar, Joviniano de Carvalho Neto, João Batista Perez Garcia Moreno, José Gilton Pinto Garcia, Ruy Eloi dos Santos, Belmiro da Silveira Goes e Paulo Almeida Machado.

O clímax da Faculdade, entretanto, aconteceu com a sua federalização, no dia 18 de dezembro de 1960, por meio de lei sancionada pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, passando a ser denominada de Faculdade Federal de Direito de Sergipe.

3. A CÁTEDRA DE DIREITO CIVIL E AS GESTÕES PARA A FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE.

Em meio a todas essas atividades, o professor Gonçalo Rollemberg Leite não se descuidava da cátedra e dos avanços da Ciência Jurídica.

Na cátedra da matéria de ensino Direito Civil, discorria com invulgar inteligência, sobre todos os aspectos das relações jurídicas das pessoas, seja umas com as outras, seja envolvendo as relações familiares e patrimoniais.

Em que pese ter sido um jurista de uma certa forma de linha conservadora, o professor Gonçalo Rollemberg Leite acompanhava, com um vivo interesse, as transformações sociais ocorridas a partir da década de 60, especialmente, entre Direito Público e Direito Privado e a taxionomia do Direito Civil.

Nessa época, já se discutia a reforma do Código Civil de 1916 e o ante projeto de reforma do Código Civil, apresentado em março de 1963, pelo jurista Orlando Gomes. Os avanços desse projeto eram levados às salas de aulas

pelo professor Gonçalo Rollemberg Leite. Apesar da sua postura conservadora, ressaltava a influência do pós-guerra e da Guerra Fria nas relações humanas e principalmente nas relações contratuais das pessoas. Começava a discutir a chamada *teoria da imprevisão*, pondo por terra o caráter absoluto do princípio do *pacta sunt servanda*¹.

Segundo ele, na nova ordem das relações contratuais era possível que os pactos pudessem ser revistos, adotando-se a *teoria da imprevisão* com a prevalência da cláusula *rebus sic stantibus*². Sobre o tema, escreveu o ensaio, *O contrato e a teoria da imprevisão*, publicado em 1954. Nele, prelecionava:

Ao Estado, cumpre intervir sempre que há choque de interesses igualmente amparados pela ordem jurídica, e desencontrados por circunstâncias imprevistas e momentâneas derivadas da crise econômica mundial ou nacional, fazendo sentir a sua ação mesmo nas relações do contrato, restabelecendo a equação financeira sem dano para nenhuma das partes, reajustando os interesses contraditórios, mas igualmente possuidores de direitos que carecem de proteção legal

Exemplos de circunstâncias imprevistas de suma gravidade temos nas guerras, revoluções, terremotos, secas e geadas, desvalorização da moeda, acontecimentos excepcionais, que se têm multiplicado no mundo moderno, máxime no setor social e econômico, com o advento das duas grandes guerras. Sempre que ocorram tais fatos excepcionais, imprevisíveis pelas partes na formação do contrato, variando fundamentalmente as circunstâncias em que o mesmo foi outorgado, o juiz intervém para a sua rescisão, revisão ou suspensão, com o fim de harmonizar o direito com as necessidades da vida em perpétua mutação e as exigências da justiça.

Nas suas lições, já antevia a possibilidade das revisões contratuais, notadamente, nas relações de consumo. O pioneirismo de Gonçalo Rollemberg Leite, nessa temática de Direito Civil e de Direito Empresarial, ecoou na doutrina e na iterativa jurisprudência dos tribunais. A tese que defendeu por muitos anos, foi reconhecida pelo Código de Defesa do Consumidor de 1980, que no seu art. 51, inciso IV, declara nulas as cláusulas contratuais que estabeleçam obrigações consideradas iníquas, abusivas, que coloquem o consumidor em desvantagem exagerada, ou sejam incompatíveis com a boa-fé ou a equidade.

Publicou também, em 1954, o livro *Direito Civil*, contendo uma série de pareceres, apresentados ao Tribunal de Justiça do Estado, quando exerceu o cargo de Procurador Geral do Estado. Depois, em 1959, publicou outro ensaio,

¹ *Facta sunt servata*. Os contratos existem para serem cumpridos. Este locução é tradução livre do latim *pacta sunt servanda*. É um dos princípios do direito jurídico, porém. É o eixo um princípio de Direito, no ramo das Obrigações Contratuais. É o princípio da força obrigatória, segundo qual o contrato faz lei entre as partes.

² *Rebus sic stantibus*. Cláusula com condição implícita de que resulta rescisão do contrato sucessivo, se posteriormente a sua conclusão sobrevierem circunstâncias imprevisíveis e inevitáveis que alterem profundamente e notoriamente a situação de fato preexistente, diante do que não poderia ser previsto, serão com considerável dano ou prejuízo econômico do obrigado, ou quando o seu estado econômico sofrer tal alteração que não proporcione ao credor as mesmas garantias que lhe oferecia ao realizar-se a compra e venda. O mesmo que cláusula de imprevisão.

com o título de *Contratos imorais*, trabalho este, que foi produzido com a observância das normas metodológicas e científicas.

Com os seus ensinamentos, o professor Gonçalo Rollemberg Leite formou uma verdadeira escola de estudiosos do Direito Civil, que ainda remanescem no Departamento de Direito da Universidade Federal de Sergipe e na magistratura sergipana, em especial.

Notável foi a participação do homenageado na elaboração do projeto de criação da Universidade Federal de Sergipe. Defendia a permanência do curso jurídico como uma Faculdade isolada, porém integrada ao contexto geral universitário. A sua idéia não prosperou, porque prevaleceu o modelo da departamentalização, incorporando todas as unidades de ensino superior.

Dentro desse contexto, devemos registrar a efetiva participação do professor Gonçalo Rollemberg Leite na formação do curso jurídico em Sergipe, bem assim na incorporação da Faculdade Federal de Direito de Sergipe à Universidade Federal, possibilitando a transformação gradativa do Curso de Direito, que passou a contar com novas disciplinas, ajustadas à realidade social, quedando-se à sua departamentalização, através das sucessivas reformas do ensino universitário, com normas ditadas pelo Ministério da Educação e até pela Ordem dos Advogados do Brasil, que, ultimamente têm desempenhado um importante papel de fiscalização e de resgate da postura do ensino jurídico do país.

CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO
CULTURAL ANTONIO GARCIA FILHO

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO PROFESSOR JOÃO FREIRE AMADO,
NA CADEIRA N° 18 DO MOVIMENTO ANTONIO GARCIA FILHO,
PROFERIDO PELO JORNALISTA CLEIBER VIEIRA DA SILVA, NA
SESSÃO SOLENE, REALIZADA NO DIA 8 DE JUNHO DE 2009, NO
AUDITÓRIO DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS.

“A sabedoria não nos é dada;
temos de descobri-la sozinhos,
depois de fazer uma jornada que
ninguém
pode fazer por nós ou nos poupar de
fazer.”

Marcel Proust

Coube a mim a tarefa de receber o ilustre amigo João Freire Amado, que hoje ingressa oficialmente no Movimento Cultural Antônio Garcia Filho (MAC) da Academia Sergipana de Letras, Cadeira N° 18, cujo Patrono é o Desembargador Luiz Pereira de Melo.

Pois bem, nasceu o novel membro do (MAC) no dia 03 de agosto de 1945, na cidade de Estância – Sergipe, filho de João Faria Amado e D. Alzira Freire Amado, trazendo para nós, com o seu nascimento – igual a tantos outros nascidos naquele dia pelo mundo afora –, a perspectiva que era de alguma maneira a corporificação da esperança de paz após seis anos de guerra mundial, com a assinatura do armistício em 02 de setembro, após o lançamento de duas Bombas Atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, que gerou, ao longo da história, pelo menos duas dúzias de

filmes e documentários sobre os conflitos daquele período, e cuja Técnica Cinematográfica, como autodidata, esse amante da invenção dos irmãos franceses Lumière, aprendera ao longo de sua vida, na busca da autoafirmação no campo das artes como um todo.

O novo membro do (MAC) – Movimento no qual posso identificar pelo menos dois dos ideais do iluminismo, o direito de discordar e a liberdade de expressão –, fez o Curso Primário de 1953 a 1955 no Instituto Estanciano de Ensino, do Professor Azarias Santos, em Estância, Sergipe, com as 2ª e 3ª séries cursadas em um só ano: 1954. A Alfabetização (ABC, Cartilha e Tabuada) foi obtida em pequenas escolas estancianas a partir de 1950. Repetiu a 4ª série em 1956 por não ter podido participar do Exame de Admissão ao Ginásio, em virtude de ter apenas 10 anos de idade, na Escola “Curso Esperança”, em Estância, Sergipe.

Fez o curso secundário, também conhecido como Comercial Básico, de 1957 a 1960 na Escola Técnica de Comércio da Estância, em Estância Sergipe, formando-se Auxiliar de Escritório, com Diploma expedido pela Escola em 11 de dezembro de 1960, registrado no Ministério da Educação e Cultura, Diretoria do Ensino Comercial, Rio de Janeiro, sob nº 246915, fls. 45 do Livro 880, em 08 de abril de 1963.

Cursou Contabilidade de 1961 a 1963 na Escola Técnica de Comércio da Estância, em Estância Sergipe, formando-se Técnico em Contabilidade, com Diploma expedido pela Escola em 15 de dezembro de 1963, registrado no Ministério da Educação e Cultura, Diretoria do Ensino Comercial, Rio de Janeiro, sob nº 285518, fls. 66 do Livro 957, em 30 de setembro de 1965. Ressalto aqui, senhoras e senhores, que o novel membro do MAC obteve o Primeiro Lugar em todas as Séries dos dois cursos supra, bem como no Exame de Admissão ao Ginásio. Em seguida, de 1964 a 1966 fez o Curso de Rádio, Televisão e Eletrônica do Instituto Radiotécnico Monitor, de São Paulo, por correspondência.

O curso superior foi feito a partir do segundo semestre de 1972 ao segundo semestre de 1978 bacharelando-se em Administração, conforme Diploma expedido pela Universidade Federal de Sergipe, em 08 de janeiro de 1979, registrado sob nº 492, fls. 123 do Livro 01, em 20 de março de 1979, no MEC – Universidade Federal de Sergipe.

Casou-se em 31 de março de 1967 com Adontina Tavares Amado, de cujo consórcio nasceram Maria Guadalupe Tavares Amado Mendonça (in memoriam), Maria Goretti Amado Vieira (irmã gêmea de Maria Guadalupe), Ana Glauce Tavares Amado e Giancarlo Tavares Amado.

Antes da formação superior o recipiendário já tinha feito o CAIEX – Curso de Aperfeiçoamento Profissional para Caixa Executiva, ministrado pelo Banco do Brasil S. A., em Recife, Pernambuco, em 1970 e o “Conversational English” do Instituto Yázigi, em Estância, Sergipe, em 1970/1971 ano em que foi semi-finalista no Concurso Fotográfico Retrato do Brasil da Revista Realidade.

João Freire Amado, senhor Presidente, senhoras acadêmicas, senhores acadêmicos, companheiros do (MAC), senhoras e senhores tem curso na Cinematografia com formação cineclubista pelo Clube de Cinema de Sergipe, 1981; pelo Cineclubes do Colégio Estadual Atheneu Sergípense em 1982 e 1983, ao tempo em que participou do VI seminário do Cinema Brasileiro e dos VIII e

IX Festivais do Cinema Nacional no início dos anos 1980 na Universidade Federal de Sergipe e do Movimento Cinematográfico Sergipano pela Faculdade Integrada Tiradentes, Aliança Francesa e Clube de Cinema de Sergipe em outubro de 1984, ano em que fez os Cursos de Inglês Básico para Secretário e Atualização Gramatical, pelo SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial e Programação BASIC - Servshop, complementado em 1986 com o Uso do Computador na Empresa, também pelo SENAC/Sergipe. Ainda pelo mesmo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial fez o curso de Auxiliar de Contabilidade, de setembro de 1986 a março de 1987.

Em 1988 e 1989 fez diversos cursos também ministrados pelo Banco do Brasil S. A. tais como: o Curso de Formação de Instrutores da Análise da Rentabilidade de Negócios, em Brasília, Distrito Federal; o MAFIN – Matemática Financeira e outro de Análise da Rentabilidade, ambos em Salvador, Bahia; a CACEX, Carteira de Comércio Exterior, no Rio de Janeiro e o de Formação de Avaliadores do Desempenho de Funcionários, em Aracaju/Sergipe.

Senhoras e senhores foram muitos, como pude constatar os cursos, seminários e conferências, feitos pelo senhor João Freire Amado ao longo dos anos 1980, que se estenderam até 2007, na qualidade de participante, como bem revela o seu rico *curriculum vitae*.

O novel membro do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho também participou de seminários e cursos na qualidade de palestrante ou professor a exemplo do III Seminário sobre Artes e Comunicação no Colégio Estadual Atheneu Sergipense com o Cineclube do referido colégio e do Clube de Cinema de Sergipe, em Aracaju, em abril de 1982. Teve ainda o Curso Básico de Fotografia no mesmo colégio e também com a participação do Clube de Cinema de Sergipe, em maio do mesmo ano.

No III Curso de Formação Cineclubista, no mesmo Colégio Estadual Atheneu Sergipense, o senhor João Freire Amado ministrou aula de câmara cinematográfica e teoria e prática de cinema, revelando na oportunidade todo o seu cabedal de conhecimentos e domínio dos segredos da VII Arte nos idos de 1983, em maio, agosto e setembro, respectivamente.

Participou ainda de Concursos, Cursos e Encontros como Radioamador nos anos 1980 e em 1991 e 1995. Nos anos 1990 ministrou Palestras de cunho religioso nos Encontros de Casais com Cristo, na Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora (Salesiano), em Aracaju/Se.

Adolescente, protagonizou como aprendiz de tipógrafo na oficina do Jornal "A ESTÂNCIA" e "O SIM SIM". Como articulista atuou também na redação do Jornal "O SIM SIM" e "O OLHO", na cidade de Estância e o "INFORMAABB", em Aracaju, sendo os dois últimos ligados à AABB.

Senhor presidente, acadêmicas e acadêmicos, senhoras, senhores, o novel membro do (MAC) foi premiado algumas vezes em concursos literários dos quais destaco o Concurso Literário do Colégio Estanciano do Instituto Diocesano da Estância por ter sido uma promoção da Embaixada da França, jornal "O Globo" e livraria "El Ateneu" do Rio de Janeiro em maio de 1968 e o Concurso de Contos promovido pela AABB – Associação Atlética Banco do Brasil/Aracaju, de junho de 1987, ambos em 3º lugar.

João Freire Amado também proferiu discursos de saudação a autoridades do mundo político sergipano como o de agradecimento ao Prefeito de São Cristóvão, senhor Armando Batalha, pela aposição do seu nome em uma sala de aula da Escola Municipal "ARMANDO BATALHA", no povoado Timbó, em São Cristóvão, Sergipe, por ocasião de sua inauguração em 1999, em reconhecimento ao seu trabalho comunitário. Nesse mesmo ano – 1999 – recebeu, por seus méritos, junto à população daquele município, o Título de Cidadão Sancristovense.

Meu caro amigo João Freire Amado, eu lhe digo que é um grande desafio ser membro do (MAC), mas lhe digo também que as suas experiências formaram cedo a sua personalidade, fazendo brotar grandes virtudes em você, pois não há virtude sem experiência, e as suas excelências, e a bondade que pude detectar em você, em conversas que tivemos, ainda que breves, construíram ou formaram no ilustre amigo um ser de grande urbanidade e civilidade de alma que lhe permite fazer parte do seletivo grupo do (MAC). A vida me ensinou, senhoras, senhores, que para entender o coração e a mente de uma pessoa, não devo olhar para o que ela tem, mas para os desafios que ela enfrenta para realizar desejos nobres. E lhes pergunto: o que nesta vida não é desafio? Nascer, é desafio! Viver é um grande desafio! Estudar... é desafio! Amar... é desafio! Tudo é desafio nesta vida! Digo isto senhor Presidente, senhoras acadêmicas e senhores acadêmicos, companheiros do (MAC), minhas senhoras e meus senhores, sem negar a vulnerabilidade da dor e a finitude da vida, pois sei muito bem que estes são aspectos que limitam e definem o homem e deles não podemos fugir. Digo-lhe, no entanto, caro amigo João Amado, que se você chegou até aqui, é porque está preparado. Venha, vamos adiante! Ninguém pode decidir, pensar, aprender nem ir em busca de respostas que somente interessam a você, ninguém! Ninguém pode fazer o que só você pode e deve fazer. Você que fez tantos cursos, que participou de tantos seminários, ora como assistente ora como palestrante sabe, como todos aqui presentes, que somente a cada um de nós é que cabe a resposta dos nossos desafios. Desejo que o novel membro do (MAC) encontre todas as respostas que procura para o entendimento da vida. Portanto, venha pra cá! Aqui é um bom lugar para procurá-las. A responsabilidade e o desafio são grandes, mas penso que vale a pena. Prove e descubra. É claro que devemos reconhecer até onde podemos chegar. Temos idade suficiente para isso! Aproveite, pois, mais esta oportunidade para ir mais além.

Senhor presidente, senhoras acadêmicas, senhores acadêmicos, colegas do (MAC), percebi e registrei em rápida conversa com o senhor João Freire Amado, no dia 03 de abril do ano em curso, na rua Laranjeiras, num encontro aparentemente casual, um pouco de sua personalidade, curiosidade e determinação quanto ao entendimento da vida. Ali, após a narração feita por ele de um fato de sua vida pretérita, ocasião em que procurava a entrada de uma caverna da Serra da Ribeira com outro colega, Clóvis Roberto Pereira Franco, numa aventura *sui generis*, nos arredores de Itabaiana, quando adolescentes, no ofegante desejo de desvendar os seus mistérios, e lá se perderam, somente encontrando o caminho de volta depois de horas de caminhada noturna pelos labirintos da mata local. Foi quando descobri existir nele um

dos poderes que conduzem aqueles que o possui, à vitória diante dos desafios da vida: a coragem, que não é pura e simplesmente a ausência do medo, mas a convicção de que há algo importante pelo que vale a pena lutar e desvendar; coragem que, inabalável, suporta o destino e que, ao lado da prudência, constrói a condição essencial do bem-estar individual.

Depois, lendo o seu *curriculum*, João, pude descobrir presente em suas ações ali descritas, mais duas forças que reputo da maior importância para o crescimento pessoal: responsabilidade e determinação, qualidades inerentes às grandes almas, forças que possibilitam a realização dos sonhos dos que a possuem.

Humildade é outra característica do recipiendário. A humildade senhoras e senhores, nunca é demais repetir, é a base e o fundamento de todas as virtudes, e sem ela não há nenhuma que o seja como diz Cervantes em "Colóquio com os cães". Vê-se isso muito bem no comportamento do confrade João Freire Amado.

Confiança é outra marca importante que destaco em você, meu caro João, visto que você tem aceitado bem, ao longo da vida, todos os desafios que esta lhe tem imposto, e é a confiança em si mesmo o grande segredo dos seus êxitos.

Cooperação também faz parte de sua personalidade, pois você está sempre disposto a colaborar com os demais, e esta atitude o tem ajudado no seu próprio progresso espiritual. Mas falta falar ainda sobre a maior de todas as forças que pode um homem almejar, mas que nem todos a têm, a força de onde nascem todas as outras acima referidas e que também faz parte de sua personalidade: o amor. Refiro-me, confrades, não ao amor carnal, ou ao amor romântico, mas ao amor filial e paternal, e ao amor produzido pelo perdão que é gerado pela compreensão e a tolerância; não ao amor definido por José Ortega y Gasset, ou ao amor do imperador mongol Shah Jehan para sua esposa Mumtaz Mahal, com a construção do maior monumento mundial ao amor: o Taj Mahal, nem àquela febre que termina com um bocejo, descrita por Madame Du Deffand, mulher de letras e epistológrafa francesa, famosa por sua ousadia, mas ao amor de Deus, o amor divino, o amor como o melhor dos mestres como afirma o notável orador Caius Plinius Caecilius Secundus, mais conhecido por Plínio, o Moço.

"Não há nada mais doce que o amor, nada mais forte, nada mais elevado, nada mais amplo, nada mais alegre, nada mais repleto nem melhor no céu e na terra..." Esta é uma reflexão de um monge e escritor alemão do século XIV, autor de "Imitação de Cristo", que conhecemos como Tomás de Kempis. É, portanto, a este amor que me refiro senhoras e senhores, ao amor que está acima de todos os bens. Isso você deixa transparecer na sua índole pacífica, meu caro companheiro, mesmo sabendo que não se vive sem a vulnerabilidade da dor, no amor e na vida. Tudo isso, caro amigo, mostra ser você um homem de grande estatura cultural e moral, qualidades raras nos homens dos degradantes dias de hoje. Poucos as possuem.

Por tudo isso, caro amigo; e a partir de agora meu caro confrade, seja bem-vindo. Nós o recebemos de braços e corações abertos! O (MAC) estará bem servido e representado por sua integridade moral e valor cultural. Você aqui não encontrará dificuldades, porque as nossas ferramentas você as

conhece muito bem: são o coração, o pensamento e a força de vontade, revestidas da palavra, envoltas no verbo e centradas no bem comum. Como você pode ver, não há nada novo para o confrade e amigo. Venha cumprir essa nova missão com a gente, aplicando um ensinamento que Saint-Exupéry nos faz conhecer em "Piloto de Guerra", ou seja, que cada um deve ser responsável por todos.

Gostaria de dizer mais, de falar mais sobre os seus feitos, colega, mas o tempo, esse cruel carrasco que somente dorme para os mundos destruídos e é a imagem móvel do eterno, segundo Platão, nos incita e pressiona a toda hora. É justo então chegarmos ao final.

Antes, porém, Senhor Presidente, a título de homenagem, gostaria de recitar um soneto de um grande poeta sergipano recém falecido em Salvador, Bahia, intitulado "O Tempo", que diz o seguinte:

Que é o Tempo, Senhor, disse a Tempo.
O tempo é o vento? O espaço? Rota abissal?
Ou o perpassar da vida - nosso tempo -
vasta visão do cosmo em céu e mar?

Nada vinga no Tempo muito Tempo
de vez que tudo nele se dilui.
Pobre luta falaz ou redíviva
em Tempo de ser Tempo ou de ser nada.

O Tempo é vida, morte, uma quimera?
Ou Tempo de sofrer ou de sonhar
na comoção da lágrima do homem?

É força espectral? Disse Senhor!
Disse como retê-lo, ou confiná-lo,
em lapso de Tempo que é meu Tempo...

Mário Cabral

Acadêmicas, acadêmicos, companheiros e companheiras do (MAC), senhoras e senhores, permitam-me citar ainda, sobre o tempo, um pensamento de Voltaire, o grande defensor das liberdades civis durante o iluminismo que dizia, sobre esta que é uma das mais importantes coordenadas da física, o seguinte: "Nada é mais longo que o tempo, porque é a medida da eternidade. Nada é mais breve, porque falta para todos os nossos planos. Nada é mais lento para quem espera. Nada é mais rápido para quem se diverte. Cresce até o infinito, e até o infinito se divide. Todos o descuidam, todos lhe choram a perda. Sem ele nada fazemos. O tempo envolve no manto do esquecimento tudo quanto é indigno da posteridade, e immortaliza os feitos ilustres."

Não percamos mais tempo, ora! Celebremos todos a sua chegada. Venha pra cá e seja um dos nossos! Junte-se a nós, confrade! Você verá que vale a pena! Afinal, o que o céu determinou, não há nada que possa mudar!

Que se realize tudo de bom que você desejar.

SEJA BEM-VINDO, COLEGA!

DISCURSO DE POSSE DO PROFESSOR JOÃO FREIRE AMADO, NA
CADEIRA Nº 18, DO MOVIMENTO CULTURAL ANTONIO GARCIA FILHO,
PROFERIDO NA SESSÃO SOLENE REALIZADA NO DIA 8 DE JUNHO DE
2009, NO AUDITÓRIO DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

Segundo a Bíblia, a Sabedoria é um dos sete dons do Espírito Santo e, portanto, um dom de Deus. Ela nos é concedida pelo Criador, juntamente com os demais dons, para nos ajudarem a elevar o nosso espírito em direção ao Ser Supremo. É louvável a ação humana quando, plena de sabedoria, se reverte em benefício e engrandecimento do próprio homem. Nunca para a sua degradação ou destruição. É de todo, conveniente lembrar, que ao agraciado por esse dom não lhe é facultado sobrepor-se aos seus semelhantes, arvorando-se em sábio. A sabedoria supõe humildade, serviço e grandeza de espírito e não compactua com o ufanismo, o orgulho e a vaidade humana. O Apóstolo Paulo, na sua Primeira Carta aos Coríntios, nos diz: "Ninguém se engane; se alguém se considera sábio nas coisas deste mundo, torne-se um louco para chegar a ser sábio; pois a sabedoria deste mundo é loucura para Deus, como está escrito: 'Aquele que enreda os sábios com sua própria astúcia', e também: 'O Senhor sabe que os pensamentos dos sábios são vazios'. Portanto, ninguém se glorie dos homens." No mesmo sentido, porém sem conotação religiosa, o filósofo Sócrates observou: "só é útil o conhecimento que nos

torna melhores.” Em suas reflexões ele sabia que nada sabia e, no entanto, foi o mais sábio dos homens. Com efeito, a sabedoria é o conhecimento justo das coisas. Apenas o acúmulo de conhecimentos ou de experiências, bem ou malsucedidas, por si só não nos traz sabedoria. É inegável o fato de encontrarmos, às vezes, pessoas simples e humildes ou que passaram ou ainda passam pelo sofrimento que têm atitudes prudentes, sensatas, portanto, sábias. **Quão inefável é o homem sábio!**

Senhoras e Senhores, sempre pedi a Deus que me desse um pouco do dom da sabedoria. Não tão abundante como a teve Salomão, mas o suficiente para ter também discernimento sobre o bem e o mal, sobre as boas fontes do saber, sobre a escolha dos bons livros, nossos mestres mudos, sobre a minha conduta no meio em que vivo, enfim sobre como viver a vida em toda a sua potencialidade. E, com a esperança de que esse meu desejo fosse atendido, lancei-me em busca do conhecimento desde muito cedo. Empenhei-me em aprender, não só o que me foi ensinado nos bancos escolares, nos ambientes de trabalho por onde passei, mas por minha própria conta dediquei-me também ao estudo de diversos assuntos, tentando matar a sede de saber. Não desejo, neste momento, fazer uma resenha das atividades por mim exploradas ou dos assuntos por mim pesquisados ou estudados, por não ser oportuno. Além do mais, não pretendo tomar excessivamente o tempo das distintas pessoas aqui presentes e muito menos lhes causar enfado.

No entanto, quero lhes dizer que me espelhando no filósofo grego Diógenes, que segundo nos conta a História, em determinada ocasião saiu às ruas da sua cidade na antiga Grécia, com uma lamparina acesa em plena luz do dia em busca de um Homem, hoje me encontro, de maneira semelhante nesta Casa, porém em busca de mais conhecimentos. Sei que há uma fonte de sabedoria a jorrar neste Sodalício, emanada das pessoas dos senhores acadêmicos e acadêmicas, bem como dos companheiros e companheiras do MAC, que me proporcionará grande proveito. Por certo, beberei dessa água pura e cristalina e enriquecerei minh'alma nessa fonte salutar, onde as Letras são tão amadas. Por outro lado, partilharei o pouco que eu sei com todos os confrades e confreriras, com a máxima abnegação. Buscarei contribuir sempre com o engrandecimento desta augusta Academia, dedicando os meus humildes préstimos à causa da Cultura e do Saber.

Todavia, não esquecerei o que disse o filósofo grego Aristóteles: “Pensa como pensam os sábios, mas fala como falam as pessoas simples.” E ainda, um outro pensamento de autoria desconhecida que nos ensina: “Os sábios falam pouco e dizem muito; os ignorantes falam muito e dizem pouco”. E assim, imbuído das notáveis afirmações dos filósofos, garimpadas em lavras inequívocas da sabedoria, desejo-lhes falar neste momento de um sábio. De um sábio sergipano que muito dignificou o nosso Estado. Trata-se do Acadêmico Dr. Luiz Pereira de Melo, Patrono da Cadeira de n.º 18 do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, Cadeira essa na qual, com muita honra, hoje estou sendo empossado.

Nasceu Dr. Luiz Pereira de Melo em Aracaju em 15 de maio de 1905, filho de D. Adélia e Ernesto França de Melo. Embora tivesse nascido na Capital Sergipana, viveu toda a sua infância na cidade de Maruim, onde seu pai,

funcionário público, pertencia ao Departamento de Correios e Telégrafos, exercendo as funções de telegrafista. Pai de sete filhos, preocupou-se o Sr. Ernesto com a educação deles. Pobre, chegou à conclusão de que somente poderia formar um filho em grau superior, face aos seus poucos recursos e a inexistência de cursos superiores em Sergipe. Fatalmente, os outros filhos iriam trabalhar como balconistas no comércio de Maruim, o que não seria justo dar educação superior a um em detrimento dos outros.

Assim, com esta preocupação, reuniu a sua família e tomou uma decisão bastante sábia: Transferir-se para Salvador, Capital da Bahia, onde existiam Universidade e bons colégios secundários. Este fato se deu em 6 de março de 1922. Quão louvável a atitude deste pai e desta mãe que não mediram sacrifícios, ao deixarem corajosamente a pequena cidade de Maruim, no Interior de Sergipe, mudando-se para uma terra estranha, aquela que tinha sido a Primeira Capital do Brasil, para realizarem o seu sonho: Darem uma boa educação aos seus filhos. Formaram-se Luiz em Direito, Raimundo em Odontologia, Lourival em Engenharia Civil e Aluisio em Medicina.

“O novo promotor público de Vila Nova – Por decreto publicado ontem no Diário Oficial, foi nomeado para o cargo de promotor público da cidade de Vila Nova, o nosso talentoso colaborador Dr. Luiz Pereira de Melo.

Bem moço, tendo revelado pendor para as letras e para a judicatura, a escolha do seu nome para o aludido cargo da magistratura sergipana foi recebida com simpatia nesta capital. Cumprimentando o digno conterrâneo pela distinção que vem de lhe ser conferida, desejamos-lhe felicidades na senda do direito”.

Com a sua vida bem encaminhada, o promotor Dr. Luiz Pereira de Melo constatou que nem tudo era perfeito. Faltavam-lhe uma esposa e um lar. Enamorou-se de uma jovem de família tradicional, virtuosa, culta e profundamente religiosa, a professora Maria das Graças Azevedo, filha de Anízio Azevedo, do nobre ramo dos Azevedo e com laços de parentesco com a família do professor Brício Cardoso. A jovem professora fora educada no Colégio Nossa Senhora das Graças, das Irmãs Franciscanas que já a vinham preparando para ingressar no convento. Despertada pelo amor do jovem Promotor de Vila Nova, que apaixonadamente lhe escrevia crônicas muito românticas no “Jornal de Neópolis”, com o pseudônimo de “Luparmel”, contraíram núpcias um ano após se conhecerem em uma novena de Nossa Senhora no mês de maio. Foi celebrante o Cônego Jerônimo. Desta união abençoada nasceram quatro varões que honram o seu nome: Dr. Luiz José Azevedo Pereira de Melo, Dr. Antônio Ângelo Azevedo Melo, Dr. Ernesto Anízio Azevedo Melo e Dr. Paulo Tarcísio Azevedo Melo, todos exercendo com zelo e competência suas carreiras escolhidas.

Dr. Luiz Pereira de Melo não ficou apenas na promotoria em Neópolis. Numa das visitas do Interventor General Maynard Gomes àquela localidade, nos idos de 1944, o promotor foi escolhido pelas autoridades locais para saudar o ilustre visitante, e o fez com satisfação, tecendo louvores que a importante figura merecia. O seu pronunciamento não passou em vão aos ouvidos do

General Maynard, que percebeu estar diante de um assessor em potencial para o alto cargo de Diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda-DEIP, órgão de censura do Estado Novo. Na nova função permaneceu até 19 de julho de 1944 quando assumiu o Juizado de Direito da Comarca de São Cristóvão.

Em 11 de dezembro de 1945, foi promovido para a recém-criada Vara da Fazenda Pública da Comarca de Aracaju, onde permaneceu até 2 de fevereiro de 1955 quando assumiu o cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe, até 1975. Naquela ocasião, recebeu do povo de São Cristóvão a toga e assim falou em seu discurso:

A toga que me oferecem num assomo de voluntário testemunho de amizade, não é um simples vestuário convencional, como um uniforme característico de uma profissão, ela vai muito além de sua exterioridade significativa. É acima de tudo, uma encarnação viva do mais sublime dos ideais humanos – a representatividade palpável de um pensamento imortal, destes que o prestígio da tradição já marcou com o sinete da nobreza e da respeitabilidade.

Para ele, “Direito é o oxigênio da vida social, assim como a Justiça é a realização do Direito”. Como um homem desprendido, sem vaidades, viveu para servir. Com muito orgulho ele dizia: “O Judiciário foi o meu segundo lar.” E não foi sem razão estas suas afirmações, considerando-se que ele exerceu diversas funções na Magistratura: Corregedor Geral do Tribunal Regional Eleitoral, Vice- Presidente e Presidente do Tribunal de Justiça, e também as mesmas funções do Tribunal Eleitoral. Foi um dos fundadores da Associação Sergipana do Ministério Público, juntamente com Dr. Luiz Garcia e Dr. João Maynard Barreto.

Era membro da Associação Sergipana de Imprensa, colaborando com os jornais Diário de Sergipe e Correio de Aracaju, com colunas relativas ao Direito. Também escreveu para jornais do Estado da Bahia e para diversas revistas de Direito do Brasil e do Exterior, entre elas: Revista Forense, Paraná Judiciário, Revista do Conselho Penitenciário Federal, Letras Jurídicas (órgão da Associação dos Magistrados e Membros do Ministério Público do Estado de Alagoas), Revista de Jurisprudência e Doutrina, de Fortaleza (CE), Arquivo Forense, Revista do Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco, Criminália, do México, Revista Jurídica Dominicana, da República Dominicana, Revista de Derecho da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Córdoba, na Argentina e Revista Jurídica de Portugal. Destarte, ficou conhecido nos meios jurídicos internacionais, o que não deixou de ser uma honra para o nosso pequenino Sergipe.

Segundo o seu filho, Dr. Luiz José Azevedo Pereira de Melo: “O maior divertimento de seu pai era ler e escrever. Passava horas com um livro à mão ou escrevendo artigos e crônicas, tendo sido autor de mais de 380 crônicas publicadas, deixando ainda várias inéditas.” Cultivava, assim, um verdadeiro amor pelas letras jurídicas e pela literatura. Sua vasta biblioteca contemplava

inúmeros autores nacionais e estrangeiros. Mantinha uma admiração especial por Machado de Assis, comprazendo-se em ler e reler obras como “Memórias Póstumas de Brás Cuba” e “Dom Casmurro”. Igualmente, apreciava as obras de Jorge Amado.

O Desembargador Dr. Luiz Pereira de Melo foi Professor Fundador da Faculdade de Direito e Ciências Econômicas de Sergipe, lecionando até os 85 anos. Exerceu o Magistério Superior particular na Universidade Tiradentes por vários anos. O Professor ancião deixava o Magistério dizendo: “O ideal seria que os velhos que são úteis à coletividade pudessem rejuvenescer.” Parecia que ele desejava fugir da velhice. Para o Acadêmico Dr. Gilton Garcia, que teve a ventura de ter sido seu aluno na antiga Faculdade de Direito: “seus ensinamentos marcaram toda uma geração”. Seus alunos, colegas e amigos podem comprovar a simplicidade de sua conduta ilibada, resultante dos magnos atributos herdados de seus pais. Era amigo dos amigos e leal colega dos colegas.

Coroando toda sua vida de amor às Letras, o intelectual Desembargador e Professor Dr. Luiz Pereira de Melo, nesta Academia ocupou a vaga de outro ilustre Desembargador, Dr. Ranulfo Hora Prata, fundador da cadeira de n.º 7, que tem como Patrono Dr. Manoel Curvelo de Mendonça, hoje ocupada pela distinta Desembargadora Dra. Clara Leite de Rezende. Foram seus confrades ilustres: Emmanuel Franco, Silvério Leite Fontes, Manoel Cabral Machado, Ofenísia Soares Freire, Acrísio Torres de Araújo, Maria Thétis Nunes, Santo Souza, José Amado Nascimento, José da Silva Ribeiro, Luiz Garcia, Luiz Magalhães, João Cajueiro, Felte Bezerra, Antônio Garcia Filho, João Fernandes de Brito, Freire Ribeiro, Artur Fortes, Severino Uchoa, Urbano Neto, Walter Cardoso, Gonçalo Rollemberg Leite, Hunald Santaflor Cardoso, Marcos Ferreira, Zózimo Lima, Epiphânio Dória, Clodoaldo de Alencar e Augusto César Leite. Todos, gigantes do saber, “exemplos de uma geração que não pode ser jamais esquecida”, conforme nos afirma o Acadêmico Dr. Gilton Garcia, em seu discurso transcrito na Revista da Academia Sergipana de Letras.

Senhoras e Senhores, o Acadêmico Dr. Luiz Pereira de Melo era um homem religioso. Católico praticante, a sua fé no Evangelho era vivida em família e no trabalho, ao lado da sua crença no Direito. Agradecia sempre a Deus pela lucidez e vigor mental em plena velhice. Frequentou, por muito tempo, a Catedral Metropolitana de Aracaju. Ultimamente, por residir próximo à Capela de Nossa Senhora Menina passou a frequentá-la aos domingos, auxiliando na Liturgia, lendo a epístola nas missas com muito fervor. No “Relato Biográfico” do Acadêmico Dr. Luiz Pereira de Melo, elaborado pela confreira Ana Maria Fonseca Medina, a Acadêmica faz a seguinte observação: “Jamais se afastou da fé que recebera no Batismo. Ao final do seu discurso de posse como Desembargador, ele fez um agradecimento a Deus e encerrou-o com a oração do Juiz, da autoria de Sadi Gusmão, cuja última frase parecia ter ligações com a sua própria história de luta.

Faze-me com que perdoe os agravos a mim
feitos, e perdoa-me SENHOR, a mim, JUIZ e
pecador, tornando-me digno da tua infinita

complacência mais do que de tua infalível e
eterna JUSTIÇA.”

Nutria um amor muito profundo, verdadeira adoração pela sua família e era por esta adorado. Considerava-a o seu porto seguro, “um jardim florido”:

Sua esposa um lirio.
Os filhos as flores do coração
Os netos botões de rosa
Os irmãos eram jasmims
As noras as sempre-vivas
Os cunhados e sobrinhos
Os afetos do coração.

Muita coisa poderia ser ainda relatada sobre o Acadêmico Dr. Luiz Pereira de Melo: seus feitos, suas predileções, suas citações, seus escritos, suas vitórias e suas realizações. Sem nenhuma dúvida, ele foi um filho de Sergipe que se notabilizou pela honradez, pela fidelidade aos seus princípios, pela simplicidade, pela dignidade, pela amizade, pela afeição ao lar e ao trabalho, pela ausência de egoísmo, pela disciplina, pela prudência, pela temperança, pela inteligência e tantos outros atributos que ele possuía. Exemplo de cristão, de pai amoroso, jamais será esquecido pela sua família e pelos amigos que tiveram a felicidade de, com ele conviverem. Viveu como um verdadeiro sábio!

Ao completar noventa anos de existência, agradeceu-lhe carinhosamente sua esposa, D. Maria das Graças Azevedo Melo, com um poema muito especial que se encontra registrado em livro denominado “Sagradas e Convergentes”, às folhas 155. Respeitosamente, leio o “Poema de Amor”, expressão máxima daquela que tanto o amou:

Noventa anos de vida
Consagrados ao seu viver,
De esposo dedicado,
De pai amante e amado
Que cumpre sempre o dever.

Sempre deu amor profundo
Ao seu Deus, que é seu mundo,
Seu espelho, seu viver.
A seguir sua doutrina,
Encontrou a sua sina
De bom cristão poder ser.

Sempre foi um bom Juiz,
Que o bem não contradiz
Na arte de bem julgar.
Aprontou justas sentenças
Levado pela consciência
De sempre o bem praticar.

O seu mundo é a família
No seu pacífico viver
De noventa anos já,
E também suas leituras,
Sem falar nos seus escritos,
Pois está sempre a rabiscar.

Seu amor estende-se a todos:
Esposa, filhos, irmãos
As noras as quais admira,
Sem esquecer os netinhos
Retalhos do coração.
Foi um filho dedicado,
É amigo afeiçoado,
Na arte de conviver.
Sua vida é consagrada
A família idolatrada
Que constitui seu lazer.

Neste dia de alegria,
Que tanto consolo irradia
Que temos para oferecer?
É a nossa amizade,
E as preces que fazemos
Pedindo a Deus por você.

O Acadêmico Dr. Luiz Pereira de Melo, aos 97 anos de idade, no dia 28 de junho de 2002, em Aracaju, adormeceu em Cristo. Peço aos presentes uma pequena pausa.

Finalizando, quero agradecer a Deus por tudo o que tem feito por mim e minha família. A Ele ofereço esta vitória que, sem Sua ajuda eu não a teria alcançado. Apresento também, os meus agradecimentos ao Presidente da Academia Sergipana de Letras, Dr. José Anderson Nascimento, pela acolhida cortês dispensada à minha pessoa e, igualmente, aos demais Acadêmicos e Acadêmicas, aos companheiros e companheiras do MAC pela gentil amizade que estão a me dedicar. Quero ainda, também numa demonstração de amizade, levar um fraternal amplexo ao companheiro Cleiber Vieira Silva, pelas palavras bondosas que me dirigiu, oriundas de um coração magnânimo e que repercutiram em minh'alma, trazendo-me grande alegria. Aos familiares do Acadêmico Dr. Luiz Pereira de Melo, Patrono da Cadeira de nº. 18 do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, a minha sincera gratidão pelos subsídios que me forneceram para elaborar esta singela homenagem à memória do ilustre Patrono. Aqui fica o meu compromisso de honrar a sua Cadeira com muito respeito. Sou eternamente grato ao meu primo, o Acadêmico Dr. José Amado Nascimento, pela indicação do meu nome a este Sodalício. Recordo-me de suas palavras, algum tempo atrás, quando me mandou parar a construção da minha nova residência, nas tardes das segundas-feiras para poder

participar das reuniões da Academia. Não abandonei a obra de imediato, por motivos óbvios. Todavia, conduzido por minha irmã, a Professora Jandira Freire Amado, agora também companheira do MAC, timidamente aproximei-me desta Casa de Cultura e de Saber, com receio de não estar à altura de ocupar aqui um espaço. À minha irmã, o meu profundo agradecimento pelo seu empenho, paciência e dedicação. À minha família, principalmente à minha esposa, Adontina, filhos, netas, irmãos, genro, demais parentes e amigos o meu mais sincero agradecimento pelo incentivo e palavras de apoio. Às demais pessoas que, generosamente, compareceram a esta Casa, agora à tarde, o meu respeito e gratidão. Um abraço a todos.

O DESRESPEITO AO DIREITO A VIDA
PELAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

GUILHERME DA COSTA NASCIMENTO

O direito à vida nasce antes mesmo que o constitucionalismo se fortaleceu com as Constituições escritas e rígidas como a dos Estados Unidos e a da França, Constituições que possuem traços marcantes de organização estatal e limitação do poder do Estado por meio de direitos e garantias fundamentais, que se consagraram com os ideais de igualdade, liberdade, legalidade, regentes do estado moderno.

A vida é direito inviolável por natureza, tal direito não pode ser postergado, o direito fundamental de viver é um direito de primeira geração é realçado pelo princípio de dignidade da pessoa humana, que vem aliado aos direitos de segunda geração. O direito à vida no Brasil é regulado no Caput do art. 5º da Constituição da República de 1988, incorporado a esse direito, existem outros como o direito universal a saúde.

Quando se fala em saúde pública no Brasil, é importante destacar a sua evolução histórica, já que, o seu marco inicial foi com a criação da Santa Casa de Misericórdia de Santos, em 1554. De lá para cá, se caminhou com passos vagarosos, somente em 1824, com a Constituição Política do Império, é que se ouviu falar em

* NASCIMENTO, Guilherme da Costa. Co-parte da Cadeira nº 2 do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, da Academia Sergipana de Letras.

socorros públicos, passando-se a obter a primeira previsão expressa com a Constituição de 1934, sendo seguida pela Constituição Federal de 1988, ora regente em nosso ordenamento jurídico.

A apreensão do homem com a tua saúde continue sendo um meio de resguardar a própria sobrevivência, na medida em que a ciência avança e faz novas descobertas, diversificando as possibilidades de tratamento. Esse progresso transparente do contorno de terapêutica de enfermidades, de cuidado com a saúde, finalmente, emergiu. Com isso surgiu também a multiplicação dos seus custos, o que tornou difícil, o acesso da sociedade em geral a esse progresso tecnológico.

O direito à vida é uma das formas de garantia constitucional, previsto no caput do art. 5.º da CF, caracterizando-se como cláusula pétrea. É consangüínea a relação de direito à saúde, e de direito à vida e dignidade da pessoa humana, já que, a falta do primeiro, desconsiderando ou enfraquecendo os outros, é inadmissível e inconstitucional. Nesse diapasão, não se pode deixar de notar a necessidade de se delimitar o modo de ação do Poder Público em relação ao serviço de saúde e a sua responsabilidade pelo não cumprimento dos parâmetros constitucionais. Esse ponto toma contorno na medida em que, a Constituição Federal consiste em um documento político, advindo de uma Assembléia Constituinte, e suas normas ao serem interpretadas se tornam de cunho particular, com preceitos próprios, ou seja, para se interpretar a Constituição é necessário se utilizar de princípios especiais, dentre os quais enfatizamos o Princípio da Unidade da Constituição e o Princípio da Máxima Efetividade.

Quanto ao Princípio da Unidade de Constituição, ensina CANOTILHO, que:

o princípio da unidade da Constituição ganha relevo autônomo como princípio Interpretativo quando com ele se quer significar que o Direito Constitucional deve ser Interpretado de forma a evitar contradições (antinomias, antagonismos) entre as suas normas e, sobretudo entre os princípios jurídicos-políticos constitucionalmente estruturantes. Como 'ponto de orientação', 'gula de discussão' e 'factor hermenêutico de decisão' o princípio da unidade abriga o Intérprete a considerar a Constituição na sua globalidade e procurar harmonizar os espaços de tensão [...] existentes entre as normas constitucionais a concretizar (ex.: princípio do Estado de Direito e princípio democrático" princípio democrático e princípio socialista, princípio unitário e princípio da autonomia regional e local etc.). Daí que o intérprete deva sempre considerar as normas constitucionais, não como normas isoladas e dispersas mas sim como preceitos integrados num sistema interno unitário de normas e princípios.

Como pode se observar a função do princípio da unidade e o de distinguir os contra-sensos e conflitos que existem dentre preceitos constitucionais e abalzar a eficácia vinculante e a abrangência de cada uma deles. Porém se tem que observar a função de harmonizar e otimizar as normas para que se

produza uma moderação, mas sem negar de forma alguma a força das delimitações constitucionais.

Já o princípio da Máxima Efetividade, e aquele o qual delimita o hermenêuta, a apresentar ao texto constitucional a eficácia que traga maior eficiência, quanta aos preceitos fundamentais, já que são de aplicabilidade imediata.

Ao comentar o princípio em foco Luiz Alberto David Araújo, assegura que:

o princípio da máxima efetividade, também designado de princípio da eficiência, diz que o interprete deve emprestar ao texto constitucional a interpretação que confira a maior eficiência possível. O princípio tem particular relevância em relação aos direitos fundamentais, que, dotados de comando de aplicabilidade imediata e de âmbito de incidência necessariamente prospectivo quando em colisão com outros valores da Constituição, devem ser realizados de maneira mais ampla dente as materialmente palpáveis.

Com a falência da saúde pública e a previsão constitucional que permite a iniciativa privada de fazer parte do Sistema Único de Saúde, as políticas governamentais pouco se importam em aparelhar os hospitais existentes e ou construir novos para garantir o bom funcionamento e o perfeito atendimento a população.

Não se pode esconder que é livre a iniciativa privada, complementar a pública, ocasionando dessa maneira a superlotação das unidades com o intuito apenas da obtenção de lucro. É certo que com essa superlotação surgem diversos outros problemas, como por exemplo, a necessidade de aumento de pessoal, o que geralmente não ocorre devido aos encargos sociais, e o mais temido a Infecção Hospitalar, que além de necessitar um controle mais firme do Estado através de seu poder de polícia e preciso uma investigação aprofundada por parte das autoridades públicas.

De fato a edacidade por lucro, vem originar outras dificuldades, já que, com a superlotação, a falta do controle de infecção hospitalar, aumentou o número de mortalidade nos hospitais, o que tem levado algumas instituições de saúde, pelo mundo, a disfarçar o índice de mortalidade dentro da unidade hospitalar, para isso, retira doentes terminais ou de grande dificuldade de recuperação dos Centros de Unidade de Tratamento Intensivo-UTI – e os remetem a apartamentos, logo após concedem ALTA MÉDICA, e os enviam para suas residências, onde não possuem aparelhos adequados para a manutenção da vida.

O medo da crescente mortalidade dentro das unidades de saúde por receio do aumento das estatísticas tem levado algumas unidades de saúde a praticar por vias dissimuladas a EUTANÁSIA, tal procedimento além de ir de encontro frontal à Constituição Federal e leis infraconstitucionais como o Estatuto do Idoso é uma forma de desrespeito a conduta ética e moral.

O vocábulo eutanásia emana do grego *eu* (bom) e *thanatos* (morte), significando a boa morte, morte tranqüila, morte calma, e é aplicada

desde a antiguidade, pois não se existia naquela época direitos nem garantias fundamentais.

Flaminio Fávero citado por José Roberto Goldim, anota que na Índia antiga os doentes incuráveis eram atirados ao rio Ganges, depois de receberem na boca e o nariz um pouco de lama sagrada; já em Esparta, assevera o autor que, os monstros, os deformados, os cacoplásticos de toda a sorte eram arremessados do alto do monte Tajeto.

A eutanásia é emoldurada em muitas legislações em éticas médicas, incidindo na técnica da morte, para atenuar os sofrimentos do doente e de seus entes queridos, em consequência da inevitável morte, seu estado incurável do aspecto médico.

No Brasil, o atual Código Penal veda a eutanásia, já que, se o médico tirar a vida do seu paciente por comiseração é enquadrado no crime de homicídio simples tipificado no art. 121, com pena aplicável de 6 a 20 anos de reclusão, além de ferir o princípio da inviolabilidade do direito à vida assegurado pela Constituição Federal.

O direito à vida é consagrado como o mais fundamental dos direitos, é dele que emanam os demais direitos. É assegurado pelos princípios Constitucionais da inviolabilidade e irrenunciabilidade, não podendo ser violado sob pena de sanção criminal, nem tampouco pode o indivíduo renunciar esse direito e almejar sua morte.

Cabe sim ao Estado assegurar o direito à vida, para isso exercendo o seu poder de polícia, garantido a eficácia das normas constitucionais e das leis infraconstitucionais, abolindo à prática ilegal da "austasia dissimulada", pois garantir a vida não consiste apenas em manter-se vivo, mas se ter direito a dignidade.

Bibliografia

CANOTILHO, J.J., Games. *Direito constitucional*. 5. ed Coimbra: Almedina, 1991 p. 162.

ARAÚJO, Luiz Alberto David. *Curso de Direito Constitucional*. 10 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOLDIM, Jose Roberto. Breve histórico da eutanásia. Internet:<http://www.ufrgs.br/HCPA/gppg/euthist:htm> < <http://www>

A ROSA E
A HISTÓRIA

ÂNGELA MARGARIDA TORRES DE ARAÚJO

Hoje, senti o desejo de falar sobre flores. Entre tantas formosas e singulares, escolhi a rosa.

Pertencente ao Reino Vegetal, da família das rosáceas, a rosa é um ser vivo que desperta interesse e estimula os sentidos dos humanos. Dizem ser ela a flor mais antiga, catalogada como a rainha da espécie. É uma flor de aroma peculiar, intenso, porém suave, agradabilíssimo. Ao concebê-la, a natureza a fez em vários tamanhos, diversas cores e matizes, e variadas espécies. Há quem a prefira branca, amarela, rosa ou vermelha, com todas as suas nuances e perfumes. Se a branca traduz inocência e paz, a champanhe exprime admiração e simpatia; e a vermelha revela ardor e paixão intensos, em linguagem silenciosa. Conquanto popular, a rosa era a flor dos deuses; e solitária na sua haste, mostra-se assim, única, invulgar, de nenhum outro artifício dependendo para atrair ou impressionar. A rosa é mensageira de afeto, de amizade e dá indícios da presença humana. Empresta-se para a indústria de medicamentos e de produtos de beleza, e perfumaria. É elegante, distinto, nobre, oferecer rosas.

* ARAÚJO, Ângela Torres de. Ocupante da Cadeira nº 12, do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, da Academia Sergipana de Letras

A rosa compõe ambientes, pois a encontramos nos salões reais, nas cerimônias litúrgicas, nos conúbios, nos templos, no plenário dos Colegiados, nos jardins, nos lares, enfim. Nas comemorações festivas a rosa alegre e colore os recintos. Nas exéquias consola, e nos enterramentos é até piedosa, e pranteia o falecido.

Sendo muito antiga, a rosa teve na Grécia e na Itália os seus mais belos jardins e extensas áreas cultivadas. Foram estes países que a celebraram, dando-lhe lugar especial nos lares, altares, colunas, pórticos, liteiras; ornava, inclusive, as túnicas e cabeças reais. Nos cortejos dos generais romanos vitoriosos, as ruas que conduziam a procissão ao Capitólio eram um chão de pétalas de rosa. Ah! as belas e viçosas rosas de Pestrum!

A rosa marchetou nas placas memoriais da História a sua importância, influência e valor. Amada por Vênus e pelos deuses, esses senhores do Olimpo criaram em um vale da Frígia um formoso jardim, ao qual denominaram de Jardim de Midas, onde floresceram os mais ricos e exuberantes roseirais, regados pelas Fontes Castálias. Nesse jardim, as nove Musas ficavam a tecer as suas coroas de rosas. Segundo Homero, no canto XXIII da Iliada, Afrodite teria untado o corpo inanimado de Heitor, morto por Aquiles, com óleo de rosas. Anacreonte (560-478 a.C.), célebre poeta grego, no encanto do seu verso, expressou-se embevecido: “Que seria da humanidade sem a rosa?”

A rosa que outrora foi pagã, reaparece como emblema da Cristandade. Ambrósio (340-397) considerou a cor rubra da rosa vermelha conseqüência de ela ter sido banhada pelo sangue de Jesus; e Bernardo de Claraval (1090-1153) a considerou as próprias chagas do Mestre. Até para tributo feudal utilizaram a rosa, tamanha era a sua importância.

Certo dia, D. Isabel de Portugal (1271-1336), a rainha santa, cuja missão era somente levar a paz e praticar a caridade aos pobres do reino, flagrada distribuindo moedas de ouro aos operários do Convento de Santa Clara, em Coimbra, pelo seu esposo D. Diniz (1261-1325), que sempre a censurava pelas suas ações beneficentes, percebeu o seu regaço coberto de rosas, antes cheio de moedas, um milagre ocorrido para isentá-la do óbvio castigo.

A rosa é objeto de inspiração. Poetas, escritores, pintores, artesãos, músicos, todos estes algum dia exaltaram a rosa. Sandro Botticelli (1447-1510) retratou a deusa Flora usando uma trança de rosas, no seu quadro renascentista, “A Primavera”. Vaslav Nijinski (1889-1950), o grande bailarino russo, exaltou-a no seu ballet “O Espectro da Rosa”. Oscar Wilde (1854-1900), aedo irlandês, decantou a rosa como personagem central do seu poema “O Rouxinol e a Rosa”. Emblema político no século XV, a rosa vermelha foi introduzida pela Casa de Lancaster no seu brasão. Tempos depois, a Rosa Vermelha de Lancaster enfrentou a Rosa Branca de York no curso da Guerra das Duas Rosas (1421-1471). Casando-se Henrique Tudor com Elizabeth de York, as Rosas Vermelha e Branca tornaram-se o símbolo da Casa Real da Inglaterra, sob a dinastia Tudor.

A rosa adornava porcelanas, papéis de parede, lençóis imperiais e os vestidos das senhoras da Corte, a exemplo daquele de Jeanne Antoinette Poisson (1721-1764), a Madame de Pompadour, favorita de Luís XV, como mostra o seu retrato pintado por François Boucher. De igual forma, a rosa foi acessório fundamental no retrato de Maria Antonieta (1755-1793), rainha da França, tela de Louise-Elizabeth Vigée-Lebrun, intitulada “A Rosa”.

Nos Jardins do Castelo de Malmaison, Marie-Joseph-Rose, “a doce e incomparável Josefina”, nas palavras de Napoleão Bonaparte, cultivou rosas de várias espécies e variados matizes. E homenageou a sua flor favorita, por ser motivo do seu terceiro prenome, incubindo Pierre Joseph Redonté, exímio pintor da época, que as imortalizasse em óleo. E diante daqueles olhos imperiais, lá estava, tempos depois, a tela “O Jardim de Malmaison”.

Mais perto de nós, brasileiros, existiu aqui no Brasil, a Ordem das Rosas. Era uma ordem civil e militar de mérito, instituída em 1829, no Brasil Imperial, por ocasião das núpcias de D. Pedro I com a princesa D. Amélia de Leuchtenberg, e abolida em 1889, na instalação do Governo Republicano. A condecoração consistia numa estrela de cinco pontas, esmaltada em branco e bordada em ouro, sobrepujada por uma coroa imperial cercada por uma coroa de rosas. Tinha a legenda “Amor e Fidelidade”. No seu reverso, cravada, a data da fundação da ordem (17.10.1829) e os nomes Pedro-Amélia. Muitos sergipanos foram agraciados com essa comenda quando suas Majestades Imperiais Pedro II e Tereza Cristina visitaram a Província de Sergipe, em 1860, só citando Manuel da Cunha Galvão, o presidente da Província e Domingos Mondim Pestana, jornalista que registrou cuidadosamente a estada destes príncipes em nossa terra.

Em Sergipe, o Dr. Artur Gentil Fortes (1881-1944), professor e poeta, ocupante da Cadeira nº 10 da Academia Sergipana de Letras, ora ocupada pelo poeta Hinaldo Fontes de Alencar, jamais esqueceu de, em sua lapela, usar uma rosa vermelha. O Dr. Joaquim Fontes, jurista radicado no Rio de Janeiro, ao despedir-se das suas lidas de causidico, foi cultivar rosas de todas as espécies nos canteiros do seu lar. A rosa era a sua musa, objeto da sua inspiração, e através da qual homenageava vultos da vida sergipana e amigos. Ao escrever os seus belos poemas, coletou-os em um só compêndio, intitulando-o “O Jardineiro e as Rosas do Brasil”.

“Eu vou mandar rosas para alguém triste.
Lindas rosas rubras perfumadas...”

São versos de uma canção.

“Tu es responsable de ta rose...”, expressa-se Antoine de Saint-Exupéry, admoestando-nos a cuidar daqueles que amamos e daqueles que nos estimam.

E continua a rosa, no percurso da história, a inspirar, entusiasmar, provocar emoções e amores. A luzir na lapela dos cavalheiros, a enfeitar os cabelos das morenas do Caribe, das Carmens espanholas e o peito das mulheres brasileiras. Mas, a rosa detém outro encanto, principalmente, a rosa vermelha que traduz a florescência da fé, posto que, “foram escolhidas para lembrar o sangue dos primeiros mártires”, além de representar a meiga figura de Jesus Cristo, nomeado pela Bíblia, Rosa de Saron. Contrariando os botânicos que dizem não saberem precisamente quando a rosa surgiu, tão pouco de onde veio, acreditamos na revelação simples e objetiva que foi o próprio Filho de Deus quem a criou e cultivou, bela e viçosa, no terceiro dia da Criação.

Assim sendo, “helênica, pagã, imperial, feudal, cristã, nunca houve flor, entre as fores, com uma carreira mais triunfal”, diz-nos Eça de Queiroz. Por conseguinte, a rosa jamais será modesta.

IMAGENS BÍBLICAS
EM O "FAUSTO", DE GOETHE

CLÉA MARIA BRANDÃO DE SANTANA

O intelectual alemão Johann Von Goethe, ou simplesmente o autor do "Fausto" e do "Werther", constitui-se num daqueles escritores que desde a nossa imaturidade intelectual, até a nossa melhor compreensão, nos fascina e nos encanta sempre.

O "Fausto", esta grande obra literária, exerceu sobre mim um tremendo poder de atração. Goethe completou esse trabalho literário aos 82 anos de idade, tendo trabalhado para sua consecução de 1797 a 1832. É, de fato, instigante saber que, segundo os melhores críticos, Goethe retomou uma velha lenda conhecida na Europa do homem que fez um pacto com o diabo, e imprimiu seu estilo e suas idéias, com feições do romantismo e do classicismo.

De Nietzsche a Freud, não há pensador alemão que não se surpreenda com os paradoxos goetheanos. O importante é que o próprio Goethe, na cena "Prólogo no Teatro", coloca na boca do Poeta esses versos:

Às vezes só depois de extensa caminhada,
Ressurge, enfim, perfeita, a obra desejada
O efêmero reluz, seu brilho é passageiro,
O autêntico perdura, eterno, verdadeiro.

Na cena “Prólogo no Céu”, encontramos o diálogo entre Mefistófeles (o diabo), e o Senhor, e é aí onde se nos depara o início da tragédia milenar da humana história de Jó – personagem bíblico – e a tragédia em tela – a do Dr. Fausto.

Aqui não pretendemos esgotar todas as imagens bíblicas contidas no “Fausto”, até porque seria uma tarefa hercúlea.

No livro de Jó, 2:3, lemos:

“Perguntou o Senhor a Satanás: observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal”.

E no “Fausto”, o Senhor pergunta a Mefistófeles: “conheces Fausto?”, que inquire: “O Doutor?”. E o Senhor responde: “Minha ovelha!”

Satanás disse então ao Senhor: (Jó, 2:4): “Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida”. E o Senhor disse (Jó, 2:6): “Eis que ele está em teu poder; mas poupa-lhe a vida”. O Senhor confirma a integridade e a retidão do seu servo Jó.

Mefistófeles também elogia Fausto:

Porcetol! Ele te serve em rito especial,
O que o tolo devora é bem celestial.
E move-o, sem dúvida, ânsia do Infinito.

Trava-se, então, uma discussão entre Mefistófeles e o Senhor e aí pergunta o diabo:

Que queres apostar? – Perdê-lo-ás, a ruína
Dele será fatal. Se me dás permissão
De levá-lo comigo e de traçar-lhe a sina.

E diz o Senhor:

Terás de mim, e já, toda autorização,
Enquanto ele na terra a sua vida arruína.
Do homem é próprio o errar, tento tanta ambição.

Após o profundo diálogo que se segue nessa cena, Mefistófeles monologa:

Ver o Eterno, de perto, oh que imenso prazer!
Por isso jamais brigo e levo-o no embrulho
Com tão Alto Senhor, falar e conviver,
Para um simples Diabo é motivo de orgulho.

Voltemos ao capítulo 2:1, do Livro de Jó:

“Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles apresentar-se perante o Senhor”.

Depreende-se daí a possibilidade dos diálogos acima postos por Goethe no “Fausto” e o reconhecimento do autor da limitação do poder de Satanás.

Quando os “amigos” de Jó vieram consolá-lo, encontramos nos seus faleres ao longo do livro, profundos debates envolvendo Filosofia, Ciências Biológicas, Teologia, postulados da Física, ou seja, revelação de mistérios acima ou debaixo da terra e nas águas.

Sigmund Freud, o pai da Psicanálise, dobrou-se sobre o capítulo 33 do Livro de Jó para formular suas teorias sobre sonhos, expressas na sua grande obra “Sonhos”. Inserimos essa observação para frisar a multifaceta do Livro de Jó a inspirar estudiosos.

Mesmo expressando tanta ciência no seu livro, Jó sentiu-se um tolo. O mesmo pensamento encontramos no “Fausto” – cena “A Tragédia - Noite”, 1ª parte. Fausto, como um professor atormentado, exclama:

Estudei com ardor tanta Filosofia,
Direito e Medicina,
E infelizmente até muita Teologia,
A tudo investiguei com esforço e disciplina,
E assim me encontro eu, qual pobre tolo, agora,
Tão sábio e tão instruído quanto fora outrora!

Entendemos que Goethe não se inspirou apenas no Livro de Jó para a sua produção literária, pois que rastreando o “Fausto” encontramos muita inspiração bíblica. Quando Fausto diz:

Aquilo que não sentes, não deves pleitear,
É preciso que o queiras tendo a alma em fogo;
com inspiração sincera o pleito a te inflamar

Nos leva, com surpresa, a essa outra importante fala:

Será o pergaminho essa fonte sagrada,
Que do eterno saber a nossa sede acalma?
Alívio não acharás nessa dura empreitada,
Se a fonte não jorrar dentro da própria alma

A simbiose Goethe-religiosidade vê-se a cada parte dessa obra. Ainda na cena “A Tragédia”, quando tentando suicidar-se leva a taça de veneno aos lábios, Fausto ouve sinos e o canto de um coro:

Oh! sinos que ressoam! Oh! vozes que tão claras
Me arrancam ora do lábio a taça com veneno?
Avisam-me esses sons as festas, que são caras,

Da Páscoa, com o sol que ressurge sereno?
Esse coro consolal E traz nova esperança!
Anúncios bons dos anjos da Nova Aliança,
Que outrora fizeram com o Nazareno?

Na cena "Em Frente à Porta da Cidade", Fausto discute com o discípulo Wagner sobre a existência e diz:

Curvai-vos ante aquele enter que do Alto,
Socorro nos envia a todo sobressalto

Continuando sua erudita conversa com o discípulo Wagner, Fausto nos reporta ao dualismo Bem x Mal, presente no ser humano:

No meu corpo há duas almas em competição,
Anseia cada qual da outra se partar

Perfeitamente bíblico, com um toque do zoroastrismo, quando fala:

Sim! Quisera possuir um manto de magia,
A levar-me a estranhas, distantes regiões!

Wagner estremece ante tão profunda reflexão e objetiva:

Vamos sair daqui! Pouco a pouco escurece
O ar se torna frio e a neblina já desce
É à noite que se dá maior valor ao lar.

No "Gabinete de Estudos", onde Mefistófeles se transmuda num cão negro, Fausto, dirigindo-se ao animal, reverbera:

Existe, penso, um meio a essa sede aplacar:
Os sobrenaturais tesouros todos desvendar
E... da Revelação buscar a eterna essência,
Que é um deslumbramento,
Nessa obra eternal do Novo Testamento.

Sinto impulsos de ler o texto majestoso,
Pureza espiritual,
No próprio original,
Vertê-lo para o meu alemão grandioso.

São tantas as vertentes místicas dessa monumental obra, tantas as reflexões sobre as coisas espirituais, que nos envolvem como num verdadeiro caudal.

Quando Fausto se expressa discutindo o Evangelho de João, ele diz:

Está grafado aqui: "No princípio era o Verbo!

.....

Devia está escrito: Ao princípio era a Força!
Enquanto lanço agora essa última linha,
Algo me inspira além e para mim caminha.
O Espírito me ajuda! E diviso um clarão.
Escrevo confiante: "Ao princípio era a Ação!"

Que profundidade de pensamento bíblico Goethe coloca na boca de Mefistófeles, discutindo a morte:

No entanto, nunca a morte é um hóspede bem-vindo!

A poesia goetheana é muito comovente em o "Fausto", assim como a poesia encontrada na Palavra de Deus.

No diálogo travado nos eu Gabinete de Estudos com Mefistófeles, Fausto, cansado, grita da alma:

Devo sempre clamar no momento fugaz
Aguarda! Tu és tão lindo! Espera! Não te vás!

Ao que Mefistófeles rebate:

O tempo esvai-se logo e debes bem gozá-lo,
A ordem e a disciplina ensinam a utilizá-lo.

Indo em caminho à "Tenda da Feiticeira", Mefistófeles nos brinda com essa pérola de sabedoria, em que registra a Criação:

Claro, se Deus até cansou por seis dias
E acabou por soltar um "bravo" no fim da lida

Na cena "Na Rua", Fausto, já rejuvenescido, conhece Margarida. Logo Mefistófeles o desanima com uma tremenda verdade bíblica:

Que por qualquer coisinha anda a confessar-se,
Sobre ela não terei nenhuma autoridade!

E na cena "A Noite de Valburga", essa mensagem definitiva:

Para o juízo final o povo está maduro.

Conclusão

Iniciamos esse pequeno ensaio tentando cotejar a inspiração goetheana no livro bíblico de Jó e concluimos, nessa mesma linha de pensamento, lendo o capítulo 3, verso 11, de Jó, quando ele diz: "Por que não morri eu na madre?", e no Fausto, no último encontro com Margarida, que delirava, ele desabafa, como Jó: Ah! Antes não tivesse eu jamais nascido".

Assim como no Livro de Jó, o "Fausto", de Goethe, nos leva num trânsito entre o céu e a terra, entre o real e o mitológico. Há um apelo para alcançar a perfeição absoluta através da vaidade humana.

Ainda há muito a se estudar em o "Fausto", e há muita religiosidade a se encontrar nessa obra monumental, evidenciando-se aqui que sem se assumir místico, Goethe lia as Escrituras Sagradas, confirmando que todo erudito encontra inspiração em suas inspiradoras páginas.

BELO HORIZONTE, A BELA

Jandira Freire Amado

É pela terceira vez
que visito esta cidade
e vejo igrejas belas,
que nossos olhos ofuscam
pelo puro ouro que as ornam
pois nenhuma são singelas.

Fiquei muito emocionada,
quando, lá em Tiradentes,
diviso meu santo Antônio,
lágrimas me brotaram
Santo Antônio é meu guia
E também a virgem Maria.

Lembrei-me de Tiradentes
Nosso valoroso alferes,
que se empenhou na defesa
de nosso país escravo
de uma nação tão pequena.

Nossa Cecília Meireles,
no grandioso romanceiro,
narra todas as agruras
que tiradentes passou.
este grande brasileiro
tem julgamento pesado,
pois era de confiança
do ser que nos governou.

A ESTRELA

Jandira Freire Amado

Sinto-me triste
solitária
como a estrelinha do céu.
tão sozinha,
infeliz
tão longe de seu amor.

Minha estrela está distante
porém brilha com esplendor,
iluminando meu dias
monótonos e sem rancor.
É minha felicidade
Vê-la brilhar bem de longe,
nos descaminhos da vida
contemplo-a com amor
amo-a com ardor.

Quem dera que ela baixasse
para minha companhia
e de perto me olhasse,
trazendo a felicidade
para abafar a saudade
que me mata dia a dia

SEM RUMO

Marta Hora de Mendonça

Nas turvas cercanias do ocaso
A mente era o palco dos sonhos.
Libertada estava dos medos.
Trazia os ponteiros do cora,ão
Luzidos, sem avarias de remorsos.

Num prenúncio de temporal
Rajadas de preces eram feitas
Para um céu estafado de lamúrias
Enodado de estrelas mascaradas
Que não validam o tempo.

E se perguntava para onde ia.
Mágica centelha transmuda o destino
Seu semblante sorri fugaz
Mira os hiatos de seus dramas, comédias,
Sem censura ou crítica de si mesma.

Havia de ser uma mulher
A viajar com ventos de ecos eufóricos
A prenciar as veredas da vida
Para os palcos abrasadores de almas
Que se revestem da casaca do amor.

SEM SONHOS

Marta Hora de Mendonça

Acenda as lamparinas dos olhos
Veja as calçadas das noites
Povoadas por corpos inertes.

As marquises, seus tetos
Folhas de papelão, seus colchões
O calor do chão, seus cobertores
Amanhecerem vivos, seus desejos.

Irmãos desabrigados
Apelante abandono
E no despertar de cada dia
Mãos mendigam restos
Num vago padecer de fome.

PATRONO DO RIO

A Manoel Cabral Machado

Patrono do rio
Sua palavra define
A importância da água
Deve estar na vitrine.

Patrono do rio
Patrono da terra
A palavra que ampara
Também apaga uma guerra.

Patrono do rio
Patrono das letras
O filósofo sofre
Se judiarem o planeta.

Patrono do rio
Patrono da estrada
A vida do rio
Dá vida a nossa caminhada.

Patrono do rio
Tua mente á uma luz
O mundo líquido agoniza
Como o filho único na cruz.

O filósofo do rio
Sente na alma a tragédia
A displicência absurda
Não nos servirá de comédia.

Nosso patrono sofre
Com a guerra triste do ter
Nada teremos na terra
Se o mundo líquido morrer.

Antônio Javvi Brasileiro- 19/04/2006.

RIO SERGIPE

Tânia Maria Conceição Meneses Silva

O Rio Sergipe enche meus olhos
Das águas da minha vida
O Rio Sergipe é o mais lindo de todos que não vi
A cor desse rio e a cor do destino
De amar sempre
Esse rio menino
As garças luminosas amam o Rio Sergipe
Rio cidadão
Olhando o movimento da civilização
Banhando os bêbedos
Embalando imperadores
Águas tão gordas
Molham o dorso dos pescadores
Fazem promessas
Carregam andores
Rio que o céu inveja a cor
Berço do sol e da lua
Leito de amores
Eu sei
Eu vi
O nazareno todas as noites caminha
Por sobre as doces ondas do Rio Sergipe
Entra nos barquinhos
Pesca de jerere
Bate papo com João
Toma café com Maria
Depois espalha estrelas no espelho d'água

POEMAS

O AMOR

Fausto Cardoso

Eu sou o Amor. O Deus que a terra inteira gaba!
Vivo enlaçando os sóis pelo Universo afora.
Dos ódios expurgando a venenosa baba, .
Que os mundos desagrega, espalha e desarvora.

O Tempo tudo avilta; a Morte tudo acaba;
E o loiro Sol jamais a murcha flor colora;
Novos mundos, porém, do mundo que desaba,
Faço surgir e salto em rutilante aurora!

Caso estrelas no céu e corações na Terra;
Da treva arranco luz; do Nada arranco vida.
E crivo de vulcões o gelo que a alma encerra!

Mudam-te o peito em mar meus lúbricos desejos,
E tua mente ondeia e fulge colorida,
Como raio de luz entre vergéis de beijos!

A DESPEDIDA

José da Silva Ribeiro Filho

Entrelaçadas nossas mãos nervosas
Atento escuto tudo quanto dizes;
Mas não me iludem juras mentirosas.
Nem creio que por mim te martires.

Volúvel como as grandes amorosas,
Aos que te amarem não farás felizes,
Pois as paixões em ti, mesmo ardorosas,
São como plantas que não têm raízes.

Vejo em teus Olhos que outro amor te espera.
Essa fina manhã de primavera
Promessas faz a corações em flor!

Partes... e não me sinto mais sozinho,
porque embora me bejjes com carinho,
Não levarás contigo a minha dor!

CREPÚSCULO

Cicobaldo de Alencar

A velhice virá devagarinho...
Virá. Talvez já esteja no caminho.

A informação de que ela está de viagem
é o tom aurinevado da paisagem...

Em torno, o passaredo, asas abrindo,
vai como adeuses, pelo espaço infindo.

A aranha da Saudade vai tecendo
a mortalha do Sol, que vai morrendo...

Proibe-se, na velha encruzilhada,
volver o olhar para quem vem na estrada.

(E é grosseria perguntar a gente
por que se envelheceu tão de repente!)

Mas, se eu notar que certa Sombra passa,
tentarei ser feliz nessa desgraça:

olharei para a Sombra, enternecido;
dir-lhe-ei quem sou, à concha irreal do ouvido,

e se ela, ao ver-me, se lembrar de outrora,
há de chorar, como este poeta chora;

há de cantar, como este poeta canta,
embora com soluços na garganta!

E, então, nesse Outro Mundo, que não vemos,
eu e a Sombra, que és tu, penetraremos...

A velhice virá devagarinho...
Virá! Talvez já esteja no caminho.

A informação de que ela está de viagem
é o tom aurinevado da paisagem...

PEPITA TANGIL

Freire Ribeiro

Pepita Tangil da nobreza espanhola
Era linda, era bela, em seus olhos brilhavam
Em noite de encanto o Luar de Castela

E os olhos do rei nos seus olhos pousaram
E os lábios do rei, os seus lábios beijaram
Seus lábios maduros tão mornos e doces
Como favos de mel

Seus corpos se amaram e num só se somaram
Intrigas na corte, fuxicos terríveis
Vinganças horríveis um tempo cruel

A rainha em ciúmes Pepita deporta
Pedido de amores o rei desgraçado
Pepita recorda, desvairada e febril

Pepita navega num grande desterro
Buscando Sergipe
Del-Rei do Brasil

Durante a viagem não chora seu erro
Pois sabe que o amor é luz tão somente
Na alma da gente

Amor que não fere, amor que não dói,
E só neste mundo
Amor sem amor

Em seu corpo moreno, tão longe e macio
A cor destas tardes, formosas de estio

Num velho convento sem prece e sem louza
Pepita Tangil na marte repausa
Era linda, era bela, em seus olhas brilhavam
Em noite de encanto o luar de Castela

Uma flor espanhola, de negros cabelos,
E divino perfil
Mulher alfazema, descjo em poema,
Pepita Tangil

ILUMINADA

Estácio Bahia Guimarães

As brancas garças voam
com o corpo cheio de luz
escovando as plumas
com a brisa da manhã

Ah! Minha Mãe... Seu vôo
foi como o de uma garça:

- A mais alva entre todas
cheia de luminosidade -

Dessas que passa brilhando
riscando de branco o azul
para ir repousar suave
no ninho da eternidade

Deixando na sua passagem
um rastro cheio de luz

*Poema dedicado a minha mãe,
Sylvia Regina Bahia Guimarães
Aju - 16/05/2006*

PUNIÇÃO

Mário Cabral

E logo vi do mar a terra em transe
em rebojo de cinza e de fumaça.
E ao recesso da mata. Escura e fria,
estranha borda, a pique, era montanha.

Nem sei do sonho mágico, distante,
em hausto de paixão desesperada,
enquanto a dor humana, jaz, perdida,
em tempo a luz, além, do céu deserto.

Não era a morte, creio. Desencanto.
Esse arquejo do vento, alucinado,
esse arcanjo, talvez, a vir de longe.

Mas por certo o castigo: dura pena,
a doída aflição. E o nauta insone
à cruz cravado, só, em medo e pranto.

O TREM

Mário Cabral

Para vê-la vou de trem
o que não é de espantar.
Mas à visão da janela,
tudo gira, rodopía,
correndo, assim, para trás.
E me pergunto a mim mesmo,
na espera do meu bem,
como seguir para a frente
se tudo corre pra trás
visto à janela do trem?

O TEMPO

Mário Cabral

Que é o Tempo, Senhor, dizei a Tempo!
o Tempo é o vento? o espaço? Rota abissal?
Ou o perpassar da vida – nosso Tempo –
vasta visão do cosmo em céu e mar?

Nada vinga no Tempo muito Tempo
de vez que tudo nele se diluí.
Pobre luta falaz ou redíviva
em tempo de ser Tempo ou de ser nada.

O tempo é vida, morte, uma quimera?
Ou Tempo de sofrer ou de sonhar
na comoção da lágrima do homem?

É força espectral? Dizei Senhor!
Dizei como retê-lo, ou confiná-lo,
em lapso de Tempo que é meu Tempo...

ANCIANIDADE

Mário Cabral

Pesa-me a vida como a vida pesa
à pátina do tempo, esmaecida.
E a rota, ali, batida para a noite,
é o ser que vem e para o nada volta.

O estro do poeta ei-lo perdido
em verso vil que da beleza foge.
E vem da treva a convulsão do medo
cobrir de angústia esse meu deserto.

No mais a dor, o grito sufocado,
– dia a dia de sombra e pesadelo –
o céu fechado em pedra, já distante.

E velho, sim, de vago olhar cansado,
subo a rampa final do meu caminho
com pés dormentes como coisas mortas...

FLOR

Marcelo Ribeiro

Em vão,
tentei mudar-lhe a cor.
A rosa branca permanece branca.
Eu, pálido poeta menor...

CONTÁBIL

Marcelo Ribeiro

Uma saudade exagerada.
O perfume que em mim ficou.
O corte que ainda dói, já não sangra.
Uma desatinada esperança.
É o que tenho em caixa.

CONCEITO

Eraldo Costa

Liberdade e uma menina de cabelos loiros,
Brincando num jardim de muitas flores.

Em vão os homens guerreiros
Procuram rojá-las ao chão dos seus pés.

Ela dá risadas, sobe nas árvores e zomba deles.

Liberdade não é uma flor ajeitando fora de nós;
Ela voa dentro de nós como voou em Chico Mendes.

Mas Liberdade não é somente uma flor,
Ou uma menina de cabelos loiros,
- É também uma lágrima solta, ou um pensamento a vagar.

SIGNO

Eraldo Costa

Flamejam luzes no meu peito
Quando começo a ouvir
A primeira partitura da madrugada.

Então, em extase, vôo como um pássaro
E colho a estrela que o tempo
Modelou para as minhas mãos
Que vão traçar o rumo dos rios
Que andam com o corpo ferido de âncoras.

Alado, sinto que eu e o som
Da vida somos um só,
E que a minha alma, banhada
De prata e sol, se transforma
Numa rosa mágica de um signo do zodiaco.
Neste memento começo a ouvir
A segunda partitura da madrugada.
E a minha consciência se veste do verdor das algas.

RIO SÃO FRANCISCO

Carlos Ayres de Britto

Rio São Francisco:
Jeito manso de fluir,
Vocação para unir as pessoas.
Líquido espelho
Em que fui me refletir
Para também calmamente remar
Vida afora
E ante a droga da desunião
reagir: "tô fora"

CONFISSÃO

García Rosa

Eis-me afinal vencido e dominado
Pelo brilho de vossa formosura
Enfeitiça-me o rosto delicado
Em que a meiguíce virginal se apura.

De sonhos vãos, o espírito cansado
Repousou neste amor que me assegura
Um risonho porvir iluminado
Pela certeza da afeição mais pura.

Maldigo agora os dias consumidos
Na loucura de pérfidos amores,
Belos dias de sol tão mal vividos!

E ao recordar antigos dissabores
Ao invés de exalar-se-me em gemidos
O coração se desentranha em flores!

POEMAS DE AMAR/89

Gizelda Moraes

quando teu sorriso
afiorar de novo
entre rostos desconhecidos
serei uma criança confortada
sem medos estrangeiros
sem ânsias de ausências
gabola
guabiroba
gabarito
menção honrosa
prêmio de consolação

DE MÃE PARA FILHOS

Carlos Ayres de Britto

Meu filho,
Não vá em *papo furado*:
Somente case com mulher
Que tenha passado.

E você, minha filha,
Não dê salto no escuro:
Somente case com homem
Que tenha futuro.

FLOR DE CHAMA

Hermes Fontes

Hastil branco a florir em luz e flama, esquio
lírio seco, que o vento aniquilar promete –
há uma vela a esvaír-se... E isso, deve-o ao pavio,
que é a sua alma, que é o eixo, a arder, do espermacete.

Mal o pavio splende, ei-la que se derrete:
chama – parece estar tiritando de frio...
É uma criatura humana, alanceada das sete
dores da Virgem-mãe, lacrimejando, a fio...

é um ser anímico esse objeto inanimado:
— arde o pavio, e, entanto, o que se esvai é a cera...
— dói a alma, e o corpo é que se faz mortificado...

É uma agonia humana... Um suor febril escorre...
E, tal o humano ser desmaiara e morrera,
a vela luz... reluz... vai desmaiando... morre.

IGNORABIMUS

Tobias Barreto

Quanta ilusão!... O céu mostra-se esquivo
É surdo ao brado do universo inteiro...
De dúvidas cruéis prisioneiro,
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Cristo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam também Deus verdadeiro,
Veio ao mundo remir do cativoiro,
E eu vejo o mundo ainda tão cativo!

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo
Não deixou de provar do duro freio
Da tirania, e da miséria o travo,

Se é sempre o mesmo engodo e falso enleio,
Se o homem chora e continua escravo.
De que foi que Jesus salvar-nos veio?

CRÍTICA LITERÁRIA

LIVRO: ARLEQUINS
COM BRASILIDADE

CÉSAR ROMERO E JUSTINO MARINHO

Lançado em Aracaju e distribuído em nível nacional, o livro *Metáfora dos arlequins – As cores na artes de Leonardo Alencar*, de José Anderson Nascimento. A publicação tem 126 páginas, produção editorial de Luzia Maria da Costa Nascimento e fotos de Márcio Garcez, pela Editora Sercore. Além do texto do autor, outros complementam o compêndio como os de Clarival do Prado Valladares, Jenner Augusto, Ivo Vellame, Myriam Fraga, Ezequiel Monteiro, R. Magalhães Junior, Antonio Olinto, Joel Silveira, Zora Seljan, Juarez Conrado, José Abud, Hunald de Alencar, Carlos Eduardo da Rocha e Jorge Amado.

Leonardo Alencar nasceu em Estância, Sergipe, em 1940. Grande parte da sua trajetória se deu na Bahia. Frequentou o curso de gravura da Escola de Belas Artes da UFBA, posteriormente o curso de cenografia da Escola de Teatro, dos quais foi professor das disciplinas artes visuais e cenografia.

Chegou a Salvador em 1961, permanecendo até 1970, quando realizou viagens de estudo à Europa, onde residiu por cinco anos. Em 1975, retornou à Bahia e depois voltou a Aracaju. Participou ativamente da vida cultural baiana, expondo, ensinando e fixando a Bahia em sua obra plástica-visual.

O trabalho de José Anderson Nascimento foi escrito em português com versões para o inglês, espanhol e francês. O autor é sergipano de Aracaju, nascido em 1944, com vários livros publicados. Doutor em Direito, professor da Universidade Federal de Sergipe, onde leciona as disciplinas Direito Processual Civil e Direito Eleitoral.

Ocupa a cadeira nº 20 da Academia Sergipana de Letras, da qual é presidente desde 1999. Com 100 reproduções em cores e alguns desenhos em preto e branco, Nascimento analisa uma das melhores fases de Leonardo Alencar: *Metáforas dos Arlequins*.

Arlequins, colombinas e pierrôs surgiram na pintura de Leonardo Alencar na década de 70. Esses personagens da comédia medieval renascentista foram temas para Picasso e Di Cavalcanti. Mas o pintor sergipano trata o assunto mesclado com brasilidade, onde aparecem renda, bilros e rendendê sergipano.

Nascimento descreve: "O arlequim criado por Leonardo Alencar é aquele do traje multicolor, pontilhado com losangos". Fanfarrão, amante cinico. Vive num mundo onde os conceitos de moralidade não existem. O pierrô da sua temática apresenta-se bem caracterizado e com muita identidade àquele personagem da comédia italiana, externando ingenuidade e sentimentalismo. A colombina, a amante de arlequim, é a principal personagem, alegre, fútil e bela. Volúvel, ora entrega-se ao amor carnal de arlequim, ora alimenta o amor platônico de pierrô. Os três dão vida a esta fase da obra de Leonardo Alencar, que denominamos de *Metáfora dos arlequins*.

José Anderson Nascimento interpreta neste livro a linguagem pictórica de Leonardo Alencar, num estilo preciso, simples, direto, prendendo a atenção do leitor e informando sobre o artista e sua trajetória.

MONASTÉRIO DE
AMOR E ÓDIO

JOSÉ ANDERSON NASCIMENTO

Monastério de Amor e Ódio, a mais nova obra literária de Alvino Argollo, é um repositório de belos poemas e desenhos, centrados numa homenagem a Frederico Garcia Lorca, poeta e dramaturgo espanhol, dotado de uma personalidade voltada para a arte e covardemente assassinado pelos franquistas, em 19 de agosto de 1936, no início da Guerra Civil Espanhola.

Com versos de extrema sensibilidade Alvino Argollo canta a alma popular andaluz, seguindo a trilha do seu ídolo, que se identificou com os sofrimentos dos mouros, judeus, negros e ciganos.

Versos talentosos onde "natureza-civilização" e "instinto razão" aparecem como motivos dominantes de sua poesia, dentro dos cânones traçados por Garcia Lorca, especialmente ao descrever os *gitanos*, por considerá-los os últimos exemplares de uma humanidade livre e inocente – os derradeiros homens aptos a ver as coisas em sua essência e amar essa verdade oculta pelas aparências. Talvez por isso, as palavras de sua poesia soam como toques de uma nostálgica guitarra.

Alvino Argollo, originário de velho tronco espanhol, lança ao público leitor uma obra, em

que faz uma apologia do mais famoso dramaturgo e poeta espanhol, García Lorca.

O fato de García Lorca ter sido assassinado pelo regime de Franco, fez com que, durante longo tempo, seu trabalho fosse pouco divulgado e até mesmo censurado na Espanha. Por outro lado, tomou-se figura simbólica da opressão, estimulando vários poetas e escritores a ocuparem-se sobre a sua figura. No Brasil, escreveram sobre Lorca, entre Outros, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes, embora tais manifestações só viessem a Público após a queda do Estado Novo, de Getúlio Vargas.

O primeiro a escrever sobre a morte de Lorca foi Carlos Drummond de Andrade, em 1947, no livro *Novos Poemas*, só publicado em 1954, em *Fazendeiro do Ar & Poesia até Agora*. É o momento em que o poeta, resolvido o conflito entre a participação do social (do modernismo) e o engajamento na linguagem (no seu próprio projeto poético), penetra cada vez mais na palavra, a usar aqui uma das suas imagens, transformando a sua linguagem no sentido da lucidez criadora, numa luminosidade órfica, de grande força poética, na direção do que escreveria depois em *Lição de Coisas*, em 1962: “O nome: o além-da-coisa, / coisa livre de coisa, circulando”.

O poema de Drummond se intitula exatamente “A Frederico García Lorca” e assim aparece na edição de sua *Obra Completa* (Aguilar, 1964):

Sobre teu corpo, que há dez anos
se vem transfundindo em cravos
De rubra cor espanhola,
Aqui estou para depositar
Vergonha e lágrimas.

Vergonha de há tanto tempo
Viveres – se morte é vida –
Sob chão onde esporas têm
E calcam a mais fina grama
E o pensamento mais fino
De amor, de justiça e paz.

Lágrimas de noturno orvalho,
não de mágoa desiludida,
lágrimas que tão-só destilam
desejo e ânsia e certeza
de que o dia amanhecerá

Este claro dia espanhol,
Composto na treva de hoje
Sobre teu túmulo há de abrir-se,
Mostrando gloriosamente
– ao canto multiplicado
De guitarra, gitano e galo –

Que para sempre viverão
Os poetas martirizados.

Nota-se que todo o eixo semântico do poema se estrutura sobre as palavras “vergonha” e “lágrima”, como se o poeta sentisse remorso de ter-se calado durante tanto tempo. Mas na última estrofe faz uma bela antítese entre o “claro dia espanhol” e “a treva de hoje” (que se aplicava à Espanha, sob o regime franquista e ao Brasil, sob a Ditadura, como também a todo mundo conflagrado), e, mostrando leitura do Romancero Gitano, se vale das imagens de “guitarra” e de “gitano” para concluir positivamente com o tópico da eternidade da arte e da poesia.

Observa Gilberto Mendonça Teles estudioso da obra de Lorca, que outro poeta importante do Brasil, Manuel Bandeira, cognominado o São João Batista do Modernismo, logo depois de Drummond publica “No Vosso e em meu Coração”:

Espanha no meu coração:

No coração de Neruda,
No vosso e em meu coração.
Espanha da liberdade,
Não a Espanha da opressão.

Espanha republicana:
A Espanha de Franco, não!
Velha Espanha de Pelaio,
Do Cid, do Grã-Capitão!
Espanha de honra e verdade,
Não a Espanha da traição!
Espanha de Dom Rodrigo,
Não a do Conde Julião!
Espanha republicana:
A Espanha de franco, não!

Espanha dos grandes místicos,
Dos santos poetas, de João,
Da Cruz, de Teresa de Ávila
E de Frei Luis de Leão!
Espanha da livre crença,
Jamais a da inquisição!
Espanha de Lope e Góngora,
De Góia e Cervantes, não
A de Felipe II
Nem Fernando, o balandrão!
Espanha que se batia
Contra o corso Napoleão!

Espanha da liberdade:
 A Espanha de Franco, não!
 Espanha republicana,
 Noiva da Revolução!
 Espanha atual de Picasso,
 De Casals, de Lorca, irmão
 Assassinado em Granadal
 Espanha no coração
 De Pablo Neruda, Espanha
 No vosso e em meu coração!

Percebe-se que Bandeira também se deixou encantar pelo Romancero Gitano, tanto que na sua homenagem a Espanha (e a Lorca) utiliza o verso setissilabo (em português), procurando aproximações rítmicas com os versos de Lorca e extraindo dos romances populares, bem conhecidos no Nordeste brasileiro, uma estrutura narrativa que só não se completa pelas constantes interrupções de versos e palavras que se vão repetindo ao longo do poema. Professor de Literatura hispano-americana na Universidade Federal do Rio de Janeiro e tendo publicado, um livro e sobre essa matéria, Bandeira conhecia muito bem a literatura espanhola. Mas, como ele mesmo se dizia “poeta menor”, isto é, não capaz de cantar os grandes temas épicos (e políticos), chama a atenção o seu tom de engajamento neste poema, publicado logo depois do de Drummond, no livro *Belo Belo*, de 1948. Mais tarde, no volume de *Poemas Traduzidos*, publicado em *Poesia e Prosa*, em 1958, traduzirá para o português o poema de Lorca “*Toada de Negros em Cuba*”, cujos primeiros versos São:

Quando chegar a lua cheia, irei a Santiago de Cuba, Irei a Santiago,
 Num cano de água negra Irei a Santiago.

Outro poeta de grande nome no Brasil e no estrangeiro é Vinícius de Moraes que apareceu na segunda geração do modernismo, a partir de 1930. A sua obra trouxe ao modernismo o sentido de equilíbrio entre o velho e o novo, restaurando formas como o soneto e a balada e, principalmente, dando ao verso tradicional uma nova linguagem e um ritmo novo aos versos livres, numa musicalidade que agradou bastante o leitor. Não é, portanto, por acaso, que Vinícius de Moraes veio a tomar-se um dos maiores compositores da música popular brasileira. No seu livro *Nossa Senhora de los Angeles e Nossa Senhora de Paris*, escritos no fim da década de 1940 e publicado em *Obra Poética* (1968), dedica um poema a morte de García Lorca: “*A Morte na Madrugada*”, com uma epígrafe tomada a Antonio Machado (“*Muerto cayó Federico*”). Este poema retoma também o sentido narrativo do Romancero Gitano, intertextualizando alguns de seus versos, come na primeira e na última estrofes:

Uma certa madrugada;
 Eu por um caminho andava
 Não sei bem se estava bêbado
 Ou se tinha a morte n'alma
 Não sei também se o caminho
 Me perdia ou encaminhava.
 Só sei que a sede queimava-me

A boca desidratada
 Era uma terra estrangeira
 Que me recordava algo
 Com sua argila cor de sangue
 E seu ar desesperado.

Lembro que havia uma estrela
 Morrendo no céu vazio
 De uma outra coisa me lembro:
 ... um horizonte de perros
 ladra muy lejos del río...
 [...]

Atiraram-lhe na cara
 Os vendilhões de sua pátria
 Nos seus olhos andaluzes
 Em sua boca de palavras.
 Muerto cayó Federico
 Sobre a terra de Granada
 La tierra del inocente
 No la tierra del culpable.
 Nos olhos que tinha abertos
 Numa infinita mirada
 em meio a flores de sangue

A expressão se conservava
 Como a segredar-me: - a morte
 E simples, de madrugada...

Percebe-se neste poema a força da influência da poesia de Garcia Lorca, sobretudo a partir do *Romancero Gitano*, de 1928. Os poetas jovens do Brasil, vindos da dicção modernista, haviam abandonado a redondilha, talvez considerando-a demasiadamente popular. Lorca ajudou, portanto a restaurar uma forma poética na literatura brasileira, a que tinha, aliás, como contraponto popular, o uso quase exclusivo dos versos de sete sílabas, como nos poetas de cordel, principalmente do Nordeste. Via-se que tal ritmo, tido como superado, estava sendo trabalhado por Lorca no sentido de juntar o popular ao erudito. Daí uma série de poemas em redondilhas, a partir de 1945, o que fez a crítica pensar numa volta aos movimentos literários anteriores ao modernismo. Chegou-se a falar num Neomodernismo - a geração de 45, de onde saíram João Cabral e Lêdo Ivo.

Na obra de Murilo Mendes um "Canto a Garcia Lorca", que está no livro denominado *Tempo Espanhol*, 1950, e na *Poesia Completa*, de 1994, encontramos imagens como "linguagem corporal", e o "sal da inteligência", o poeta brasileiro homenageia o sentido poético de Garcia Lorca, em cuja obra "Espanha e calculada! Em número, peso e medida", como se lê no final do poema:

Não basta o sopro do vento
Nas oliveiras desertas,
O lamento de água oculta
Nos pátios da Andaluzia.

Trago te o canto poroso,
o lamento consciente
Da palavra à outra palavra
Que fundaste com rigor.

O lamento substantivo
Sem ponto de exclamação:
Diverso do rito antigo,
Une a aridez ao fervor,
Recordando que soubeste
Defrontar a morte seca.
Vinda no gume certo
Da espada silenciosa
Fazendo irromper o jacto
De vermelho: cor de mito
Criado com a força humana
Em que sonho e realidade
Ajustam seu contraponto.

Consolo-me de tua morte.
Que ela nos elucidou
Tua linguagem corporal
Onde EL DUENDE é alimentado
Pelo sal da inteligência,
Onde Espanha é calculada
Em número, peso e medida.

Pelo que se vê destes exemplos, dez anos depois da morte de Garcia Lorca, quatro dos maiores poetas brasileiros do século passado - e todos na mesma época - prestaram a sua solidariedade ao poeta espanhol. Celebraram principalmente a sua morte, deixando aqui e ali referência a seu espírito andaluz, à sua temática gitana e popular, captando e absorvendo algo de sua estilística, tendo sempre como ponto de partida o Romancero Gitano.

Agora, - Alvíno Argollo, poeta, artista plástico, músico, violonista e compositor, - traz aos leitores o livro "Monastério de Amor e Ódio", ilustrado pelos seus desenhos surrealistas, a bico-de-pena, à moda de Dali, Miro e Lorca, onde predomina o sentido mais profundo da vida, da liberdade e do trágico.

CONVÊNIO



ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS
Rua Pacatuba, 288 - Centro - Aracaju - Sergipe
CEP 49015.150
Tel. (Dxx) 79.3211-7522
E-mail: asletras@bol.com.br

CONVÊNIO CULTURAL

Convênio que entre si celebram a
Academia Sergipana de Letras e a
Academia Paulista de Letras visando um
intercâmbio cultural na forma abaixo.

A ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS, sociedade civil sem fins lucrativos, reconhecida de utilidade pública municipal pelo Ato nº 15, de 18 de abril de 1931 e estadual pelo Decreto nº 37, de 1º de abril de 1931, renovado pela Lei nº 3.279, de 18 de dezembro de 1992, sediada na Rua Pacatuba, 288, nesta Cidade, inscrita no CNPJ sob o nº 13.089347/0001-02, neste ato representada pelo seu Presidente, José Anderson Nascimento, brasileiro, casado, advogado, residente na rua José Figueiredo Albuquerque, 1311, Atalaia, Aracaju, Sergipe, CPF 002504655-15, e a ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, com sede na cidade de São Paulo, situada no Largo do Arouche, 312, neste ato representada por seu Presidente, Ives Gandra da Silva Martins, brasileiro, casado, residente e domiciliado em São Paulo/SP, considerando a necessidade de ser implementada uma ação cultural conjunta e integrada, RESOLVEM celebrar este CONVÊNIO CULTURAL, que se regerá mediante as cláusulas e condições adiante expressas:

CLAUSULA PRIMEIRA DO OBJETO

O presente Convênio tem por objeto o intercâmbio cultural entre as duas Instituições signatárias, visando a valorização da Cultural, Artes e Ciências brasileiras, além de uma maior integração entre os dois Estados.

CLÁUSULA SEGUNDA – DA EXECUÇÃO DO CONVÊNIO

O Convênio desenvolver-se-á através de programas e ações destinadas a promover a integração cultural entre as duas Instituições, tais como:

- a) Visitas mútuas para conhecimento e reconhecimento de autores e obras;
- b) Realização de eventos destinados à integração das Instituições;
- c) Edição de livros.

CLÁUSULA TERCEIRA - DOS COMPROMISSOS ASSUMIDOS PELOS CONVENIENTES

Os Convenientes comprometem-se a:

- a) Estabelecer contatos direto, entre as Instituições, estimulando iniciativas e ações culturais;

- b) Informar sobre a realização de eventos e promoções culturais que vierem a promover;⁴
- c) Prestar informações e esclarecimentos sempre que solicitados necessários à execução do objeto do Convênio;
- d) Buscar aproximação com Entidades congêneres dos outros Estados brasileiros.

CLÁUSULA QUARTA – DO PESSOAL

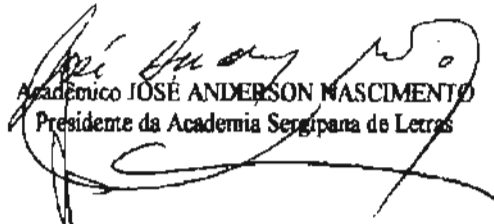
Não se estabelecerá nenhum vínculo de natureza jurídico/trabalhista, de qualquer espécie, entre os Convenientes para a realização dos trabalhos ou atividades constantes deste Convênio.

CLÁUSULA QUINTA – DA VIGÊNCIA

Este Convênio entrará em vigor a partir da data de sua assinatura, por prazo indeterminado, e poderá ser modificado, complementado, havendo concordância entre os partícipes, mediante a lavratura de termos aditivos.

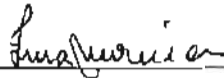
E por estarem assim justos e acordados com as condições e cláusulas estabelecidas, os partícipes firmam o presente instrumento em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo que também subscrevem.

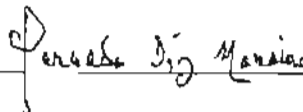
Aracaju, 18 de julho de 2005.


Acadêmico JOSÉ ANDERSON NASCIMENTO
Presidente da Academia Sergipana de Letras

Acadêmico IVES GANDRA DA SILVA MARTINS
Presidente da Academia Paulista de Letras

Testemunhas:







ESTADO DE SERGIPE

GABINETE DO GOVERNADOR

TERMO DE COOPERAÇÃO N.º 001/2006-SEG

TERMO DE COOPERAÇÃO QUE ENTRE SI CELEBRAM O ESTADO DE SERGIPE E A ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS – ASL, PARA OS FINS QUE ESPECIFICA.

O **ESTADO DE SERGIPE**, neste ato representado legalmente pelo Excelentíssimo Senhor Governador do Estado, Doutor **João Alves Filho**, doravante denominado **ESTADO**, e a **ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS – ASL**, doravante denominada **ENTE COOPERANTE**, neste ato representada por seu Presidente, Doutor **José Anderson Nascimento**, com a interveniência da **Secretaria de Estado da Cultura – SEC**, neste ato representada pelo Secretário de Estado da Cultura, em exercício, **Ewerton José dos Santos**, da **Secretaria de Estado da Segurança Pública – SSP**, neste ato representada pelo Secretário de Estado da Segurança Pública, Doutor **Flamarion D'Ávila Fontes**, e da **Secretaria de Estado da Infra-Estrutura – SEINFRA**, neste ato representada pelo Secretário de Estado da Infra-Estrutura, Doutor **Luiz Durval Machado Tavares**, observado o contido, no que couber, na Lei (Federal) n.º 8.666, de 21 de junho de 1993, e na Instrução Normativa n.º 001, de 02 de agosto de 2000, da Controladoria-Geral do Estado – CONGER, ajustam o presente **TERMO DE COOPERAÇÃO** para implementação da administração e curadoria de bens móveis tombados como Patrimônio Histórico e Artístico Sergipano pelo Governo do Estado, conforme aprovação do Conselho Estadual de Cultura – CEC, na Orla Marítima de Aracaju – Praia de Atalaia, na Capital do Estado, nos moldes e de acordo com as Cláusulas a seguir elencadas:

CLÁUSULA PRIMEIRA

1. DO OBJETO

Constitui objeto do presente termo o estabelecimento de condições que regularão os compromissos entre as partícipes, visando a cooperação para implementação da administração, da coordenação, do controle, da fiscalização, da proteção e da segurança de conjuntos de esculturas de vultos históricos, localizados na Orla Marítima de Aracaju – Praia de



ESTADO DE SERGIPE

GABINETE DO GOVERNADOR

TERMO DE COOPERAÇÃO N.º 001/2006-SEG

Atalaia, a saber: o de autoria do artista plástico Leo Santana, compreendendo as de Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes, D. Pedro II, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Barão do Rio Branco, Duque de Caxias, José Bonifácio de Andrada e Silva, e Princesa Izabel, localizado no *Espaço Formadores da Nacionalidade*; o de autoria do artista plástico Otto Domovich, compreendendo as de Tobias Barreto, Silvío Romero, Manoel José Bonfim, Maurício Graccho Cardoso, Gumercindo Bessa, Gilberto Amado, José Calazans, Jackson Figueiredo, João Ribeiro e Horácio Hora, localizado no *Espaço de Convivência Cultural*; e o Monumento aos 150 Anos de Aracaju, homenagem ao Fundador da Capital do Estado, Inácio Joaquim Barbosa, todos tombados como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Sergipe, especificamente no que tange ao acompanhamento das participações governamentais.

CLÁUSULA SEGUNDA

2. DAS CONDIÇÕES DE EXECUÇÃO

2.1. As ações serão executadas pela Secretaria de Estado da Cultura – SEC, em parceria com a Secretaria de Estado da Segurança Pública – SSP, através do Batalhão Especial de Segurança Patrimonial – BESP, da Polícia Militar do Estado de Sergipe – PMSE, e a Secretaria de Estado da Infra-Estrutura – SEINFRA, através da Superintendência Executiva de Estruturas da Orla Marítima de Aracaju – SUPEROMA, que buscarão implementar a administração, a coordenação, o controle, a fiscalização, a proteção e a segurança, com a otimização do uso dos 03 (três) conjuntos de estátuas de personalidades ilustres, tombados pelo Estado de Sergipe;

2.2. A execução das ações objeto deste termo não importará no repasse ou transferência de recursos financeiros entre os partícipes, de qualquer natureza.

2.3. O gerenciamento e a fiscalização da execução do objeto do presente termo, em todas as suas etapas até a conclusão, são atribuições conjuntas da Secretaria de Estado da Cultura – SEC, da Secretaria de Estado da Segurança Pública – SSP, e da Secretaria de Estado da Infra-Estrutura – SEINFRA.



ESTADO DE SERGIPE

GABINETE DO GOVERNADOR

TERMO DE COOPERAÇÃO N.º 001/2006-SEG

CLÁUSULA TERCEIRA

3. DAS RESPONSABILIDADES DOS PARTICIPES

3.1. DO ESTADO DO SERGIPE

Disponibilizar pessoal qualificado para a execução das atividades objeto do presente termo;

Manifestar-se sobre as ações desenvolvidas e informadas periodicamente;

3.2. DO ENTE COOPERANTE

Empreender esforço contínuo na promoção da conservação dos conjuntos de esculturas tombadas pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Sergipe, objeto do presente termo;

Organizar e coordenar visitas culturais;

Fomentar a divulgação e promover estudos sobre as personalidades representadas pelos conjuntos de esculturas tombadas;

3.3 DOS INTERVENIENTES

3.3.1 DA SECRETARIA DE ESTADO DA INFRA-ESTRUTURA – SEINFRA

Realizar, através da Superintendência Executiva de Estruturas da Orla Marítima de Aracaju – SUPEROMA, as atividades de administração, compreendendo as ações e serviços concernentes a supervisão, manutenção, conservação, funcionamento, paisagismo, utilização de espaços, serviços gerais, dentre outras atividades similares;

3.3.2 DA SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA – SSP

Promover, através do Batalhão Especial de Segurança Patrimonial – BESP, da Polícia Militar do Estado de Sergipe – PMSE, as medidas necessárias



GABINETE DO GOVERNADOR

4

TERMO DE COOPERAÇÃO N.º 001/2006-SEG

afetas à proteção e segurança dos conjuntos arquitetônicos tombados, objeto do presente termo.

3.3.3 DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – SEC

Realizar as atividades de coordenação e controle do aludido patrimônio histórico e artístico, consubstanciado nos mencionados conjuntos de esculturas de vultos históricos, localizados na Orla Marítima de Aracaju – Praia de Atalaia.

CLÁUSULA QUARTA

4. DOS RECURSOS

Este termo não implica transferência de recursos financeiros. As despesas de custeio decorrentes de sua execução deverão ser explicitadas em relatórios e correrão por conta do orçamento próprio de cada partícipe, daí a inexigibilidade de Plano de Aplicação de que trata o art. 116 da Lei (Federal) n.º 8.666, de 21 de junho de 1993.

CLÁUSULA QUINTA

5. DA VIGÊNCIA

O presente termo terá duração de 60 (sessenta) meses, a partir de sua assinatura, prorrogáveis por iguais períodos, através de termo aditivo, mediante acordo prévio entre os partícipes.

CLÁUSULA SEXTA

6. DAS ALTERAÇÕES

O presente termo poderá ser alterado, de comum acordo entre as partes mediante a assinatura de Termo Aditivo, obedecidas às disposições legais aplicáveis.

CLÁUSULA SÉTIMA

7. DA DENÚNCIA OU RESCISÃO



ESTADO DE SERGIPE

GABINETE DO GOVERNADOR**TERMO DE COOPERAÇÃO N.º 001/2006-SEG**

7.1. O presente termo poderá ser denunciado por interesse dos partícipes, a qualquer tempo, mediante notificação prévia, com antecedência mínima de 60 (sessenta) dias, prazo no qual ficam responsáveis pelas obrigações reciprocamente assumidas, assim como poderá ser rescindido, pelo cometimento de infração legal ou descumprimento de quaisquer de suas cláusulas.

7.2. O presente termo poderá, ainda, ser denunciado por quaisquer dos partícipes, observado o aviso de 60 (sessenta) dias de antecedência.

CLÁUSULA OITAVA**8. DO ACOMPANHAMENTO E DA EXECUÇÃO**

8.1. O ESTADO DO SERGIPE fará o acompanhamento da execução deste termo, através da Secretaria de Estado da Cultura – SEC, em conjunto com a Secretaria de Estado da Segurança Pública – SSP, e a Secretaria de Estado da Infra-Estrutura – SEINFRA, além do exame das despesas, com avaliação técnica relativa à implementação e manutenção das ações programáticas.

CLÁUSULA NONA**9. DAS COMUNICAÇÕES E REGISTROS DE OCORRÊNCIAS**

Todas as comunicações relativas ao presente termo serão consideradas como regularmente feitas se entregues ou enviadas por escrito.

CLÁUSULA DÉCIMA**10. DA PUBLICAÇÃO**

A publicação deste Termo será efetuada em extrato, no Diário Oficial do Estado, nos termos do parágrafo único do art. 61 da Lei (Federal) n.º 8.666, de 21 de junho de 1993, e do art. 13 da Instrução Normativa n.º 001, de 02 de agosto de 2000, da Controladoria-Geral do Estado – CONGER.



ESTADO DE SERGIPE

GABINETE DO GOVERNADOR

TERMO DE COOPERAÇÃO N.º 001/2006-SEG

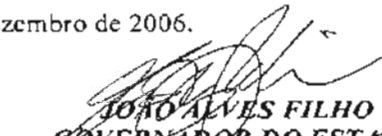
CLÁUSULA DÉCIMA PRIMEIRA

11. DO FORO

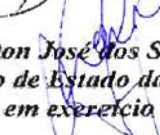
11.1. Fica eleito o foro da Cidade de Aracaju, Capital do Estado de Sergipe, para quaisquer dúvidas oriundas deste termo e que não possam ser resolvidas por meios administrativos.


11.2. E por estarem de pleno acordo com as cláusulas e condições expressas neste Termo, os partícipes citados, o firmaram em três vias, de igual teor e forma, para que produzam entre si os efeitos legais, na presença das testemunhas, que também o subscrevem.


Aracaju, 27 de dezembro de 2006.


JOÃO ALVES FILHO
GOVERNADOR DO ESTADO


JOSÉ ANDERSON DO NASCIMENTO
Presidente da Academia Sergipana de Letras


Ewerton José dos Santos
Secretário de Estado da Cultura,
em exercício


Flamarion D'Ávila Fontes
Secretário de Estado da Segurança Pública


Luiz Durval Machado Tavares
Secretário de Estado da Infra-Estrutura

TERMO DE CONVÊNIO

Termo de Convênio que entre si celebram a Academia Sergipana de Letras e a Faculdade Pio Décimo, na forma abaixo.

A **ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS**, sociedade civil sem fins lucrativos, reconhecida de utilidade pública municipal pelo Ato nº 15, de 18 de abril de 1931 e estadual pelo Decreto nº 37, de 1º de abril de 1931, renovado pela lei nº 3.279, de 18 de dezembro de 1992, sediada na rua Pacatuba, 288 nesta Cidade, inscrita no CNPJ sob o nº 13089347/0001-02, neste ato representada pelo seu Presidente, José Anderson Nascimento, brasileiro, casado, advogado, residente na rua José Figueiredo Albuquerque, 1311 Atalaia, Aracaju, Sergipe, CPF 002504655-15 e a **FACULDADE PIO DÉCIMO**, pessoa jurídica de direito privado inscrita no CNPJ/MF sob o nº 13014758/001-20 sediada na rua Estância, nº 362, nesta Cidade, neste ato representada pelo seu Diretor, Professor José Sebastião dos Santos, brasileiro, casado, residente e domiciliado nesta capital, inscrito no CPF 002515855-49, têm entre si justo e acertado este Convênio regido pelas seguintes cláusulas.

CLÁUSULA PRIMEIRA - DO OBJETO

O presente Convênio tem por objeto a conjunção de esforços das partes com vistas à cooperação, à promoção, ao incremento e à otimização das atividades de cunho essenciais de educação e da cultura no âmbito do ensino.

CLÁUSULA SEGUNDA - DAS INTENÇÕES

Para o alcance dos objetivos mencionados na cláusula primeira as instituições celebrantes deste instrumento realizarão o Curso: SERGIPE –SOCIEDADE E CULTURA, a nível de especialização (pós-graduação lato sensu), além de outros empreendimentos afins e consentâneos com o propósito comum das partes.

CLÁUSULA TERCEIRA - DOS COMPROMISSOS

3.1- DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

1) Caberá providências inerentes à sua qualidade institucional, nos termos das disposições estatutárias e regimentais, colocando à disposição da Faculdade Pio Décimo, toda a sua estrutura física, correspondente à sala das sessões, mini- auditório e salão de multi-eventos, bem assim a interação de acadêmicos, integrantes do Movimento Cultural Antonio Garcia Filho e de convidadas especiais para o atendimento dos objetivos deste Convênio.

2) Promover a realização de Seminário da História da Educação em Sergipe.

3) Promover a realização de Seminário de Literatura Sergipana.

4) Promover a realização de Seminário de Cultura Popular.

5) Promover a realização de Seminário de História de Sergipe.



- 6) Promover seminário ou ciclo de conferências sobre a preservação do patrimônio histórico, artístico e paisagístico de Sergipe.
- 7) Promover seminário ou ciclo de conferências sobre a História da Música em Sergipe.
- 8) Emitir certificados de atividade complementar para os participantes do convênio
- 9) Emitir, conjuntamente com a Faculdade Pio Décimo os respectivos certificados e históricos escolares do referido curso.
- 10) Apoiar e encaminhar ao Conselho Estadual de Cultura Revistas e Anais dos eventos deste convênio para efeito de publicação.
- 11) Indicar coordenador observador da execução do convênio.

3.2 – DA FACULDADE PIO DÉCIMO

- 1) Compete realizar o curso SERGIPE - SOCIEDADE E CULTURA, conforme o projeto fornecido pela Academia Sergipana de Letras, com as devidas alterações, titulando os participantes do referido curso com o certificado de especialização, nos termos legais.
- 2) Proceder a coordenação administrativa, financeira, acadêmica e pedagógica do referido curso, apresentando à Academia, mensalmente, os respectivos relatórios e/ou planilhas orçamentárias;
- 3) Repassar mensalmente à Academia o valor correspondente a 30% do que for arrecadado junto aos alunos, a título de contraprestação pelo uso dos espaços, equipamentos da Academia e realização de eventos ou empreendimentos acadêmicos, sociais ou culturais afins com o propósito comum das partes convenientes.
- 4) Emitir, conjuntamente, com a Academia Sergipana de Letras, os respectivos certificados e/ou diplomas do referido curso.

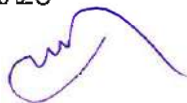
CLÁUSULA QUARTA-DA RESPONSABILIDADE FINANCEIRA

Fica definido que as despesas para a execução do convênio, correrão por conta das verbas orçamentárias próprias das partes convenientes.

CLÁUSULA QUINTA- DA COMISSÃO ESPECIAL

Poderá ser constituída uma comissão especial, formada por membros designados por cada uma das partes, a fim de discutir e implementar as atividades deste Convênio.

CLÁUSULA SEXTA- DO PRAZO



O presente Convênio vigorará pelo prazo de 03 anos, a contar da data de sua assinatura, podendo ser prorrogado por igual período.

CLÁUSULA SÉTIMA- DA RESCISÃO E EXTINÇÃO

O presente Convênio poderá ser denunciado pelas partes, mediante prévia comunicação, com antecedência de 90 (noventa) dias

SUBCLÁUSULA PRIMEIRA- Poderá ainda o Convênio ser rescindido pela parte inocente, em caso de inadimplência de suas cláusulas ou condições.

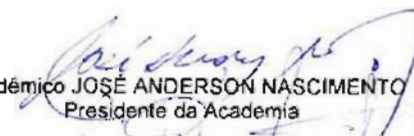
SUBCLÁUSULA SEGUNDA- Poderá o Convênio, ainda ser extinto em caso de impedimento legal hábil que impeça a sua implementação ou em face da constatação, pelas partes, de que ele não atende aos objetivos por elas colimados.

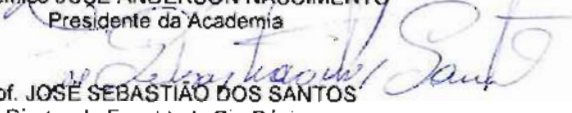
CLÁUSULA OITAVA- DO FORO

As partes elegem o Foro da Comarca de Aracaju, com renúncia expressa de qualquer outro, por mais especial que seja para dirimir quaisquer dúvidas decorrentes da execução do presente convênio.


E por estarem justos e acordados, as partes assinam o presente instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas, para os efeitos legais.

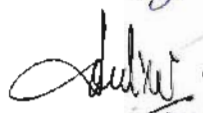

Aracaju, 10 de setembro de 2007.


Acadêmico JOSÉ ANDERSON NASCIMENTO
Presidente da Academia

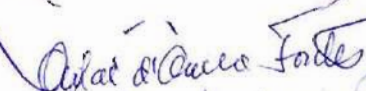
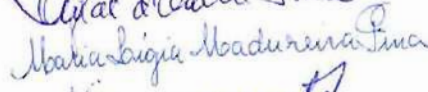
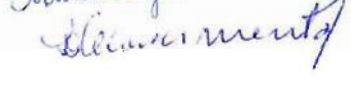

Prof. JOSÉ SEBASTIÃO DOS SANTOS
Diretor da Faculdade Pio Décimo

Testemunhas:





Academia Sergipana de Letras

ACORDO MARCO DE COOPERAÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE E A ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS, COM VISTAS A SUA INTEGRAÇÃO À CÁTEDRA UNESCO DE ESTUDOS INTERNACIONAIS DE INTERCULTURALISMO, DESENVOLVIMENTO E PAZ-UFS.

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, Instituição de Ensino Superior, constituída sob a forma de Fundação, em regime especial, vinculada ao Ministério da Educação e do Desporto, inserta no CGC/MF sob o nº 13.031.547/0001-04, com sede na Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, na Cidade de São Cristóvão, Estado de Sergipe, representada pelo **Reitor em exercício, Prof. Dr. Ângelo Roberto Antonielli**, brasileiro, solteiro, CPF 973.238.618-53, RG 9.300.075 SSP/SP, e de outra parte, a ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS, sociedade civil sem fins lucrativos, reconhecida de utilidade pública municipal pelo Ato nº 15, de 18 de abril de 1931 e estadual pelo Decreto nº 37, de 1º de abril de 1931, renovado pela Lei nº 3.279, de 18 de dezembro de 1992, sediada na Rua Pacatuba, 288, nesta Cidade, inscrita no CNPJ sob o nº 13.089347/0001-02, neste ato representada pelo seu Presidente, **Prof. Dr. José Anderson Nascimento**, brasileiro, casado, advogado, residente na Rua José Figueiredo Albuquerque, 1311, Atalaia, Aracaju, Sergipe, CPF 002504655-15, os quais firmam o presente Acordo Marco de Cooperação e

CONSIDERAM:

CLAUSULA PRIMEIRA DO OBJETO

O presente Acordo Marco de Cooperação tem por objeto a conjunção de esforços das partes, com vistas à cooperação, à colaboração, à promoção, ao incremento e à otimização das atividades de cunho e cultural, dada a atitude de abertura de ambas as Instituições e os Programas de Intercâmbio que venham a existir entre as comunidades a que pertencem.

CLÁUSULA SEGUNDA - DAS INTENÇÕES

Para o alcance dos objetivos mencionados na cláusula primeira as instituições celebrantes deste instrumento poderão envolver dentro das suas finalidades, cursos de extensão nas áreas de interesse cultural, o estabelecimento de projetos envolvendo publicações, promoção de cursos, simpósios e seminários especializados, além de outros empreendimentos afins e consentâneos com o propósito comum das partes.

SUBCLÁUSULA ÚNICA - Cada curso, evento ou pesquisa ou, ainda, qualquer ação resultante do cumprimento deste Acordo Marco de Cooperação será objeto de Termo de Convênio próprio em que serão firmadas as responsabilidades e obrigações das partes convenientes.

*Academia Sergipana de Letras,
Rua Pacatuba, 288 - Centro,
49.110.150 - Aracaju - Sergipe - Brasil*

Academia Sergipana de Letras

CLÁUSULA TERCEIRA - DOS COMPROMISSOS

3.1 – DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

- Caberá providências inerentes à sua qualidade institucional, nos termos das disposições estatutárias e regimentais, colocando à disposição da Universidade Federal de Sergipe e de sua futura Cátedra UNESCO de Estudos Internacionais de Desenvolvimento e Paz acadêmicos e integrantes do Movimento Cultural Antonio Garcia Filho para o atendimento cultural e produção de textos e projetos sobre a literatura, historiografia e artes, no âmbito do Estado de Sergipe, bem como propor os meios para a realização dos objetivos deste Acordo Marco de Cooperação.
- Promover a realização de Seminário de Literatura Sergipana.
- Promover a realização de Seminário de Cultura Popular.
- Promover a realização de Seminário de História de Aracaju.

3.2 - DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE/CÁTEDRA UNESCO DE ESTUDOS INTERNACIONAIS DE INTERCULTURALISMO, DESENVOLVIMENTO E PAZ

- Caberá ensejar esforços no sentido de viabilizar o patrocínio de seminários e cursos, jornadas, simposios etc.
- Caberá ensejar esforços no sentido de viabilizar o patrocínio de anais dos seminários, cursos, etc.
- Caberá ensejar esforços no sentido de viabilizar o patrocínio de revistas da Academia Sergipana de Letras.
- Caberá ensejar esforços no sentido de viabilizar o patrocínio de livros e edições de autores sergipanos indicados pela ASL.
- Caberá ensejar esforços no sentido de viabilizar intercâmbios culturais, promoção de pesquisadores dentro e fora do país, com Instituições e Universidades convenientes.

CLÁUSULA QUARTA - DA RESPONSABILIDADE FINANCEIRA

Fica definido que as despesas para a execução de convênios, objeto deste Acordo Marco de Cooperação correrão por conta das verbas orçamentárias próprias das partes convenientes e dos Projetos por elas desenvolvidos.

CLÁUSULA QUINTA - DA COMISSÃO ESPECIAL

Poderá ser constituída uma comissão especial, formada por membros designados por cada uma das partes, a fim de discutir e implementar as atividades do presente Acordo Marco de Cooperação e estabelecer os projetos, objeto dos termos de convênios de que trata a subcláusula única da cláusula segunda do presente Acordo Marco de Cooperação.

*Academia Sergipana de Letras
Rua Prudente, 388 - Centro
49.040.170 - Aracaju - Sergipe - Brasil*

Academia Sergipana de Letras

CLÁUSULA SEXTA - DO PRAZO

O presente Acordo Marco de Cooperação terá vigência indefinida; entrará em vigor a contar da data de sua assinatura, podendo, todavia, ser modificado no todo ou em parte, desde que por mútuo consentimento.

CLÁUSULA SÉTIMA - DA RESCISÃO E EXTINÇÃO

Qualquer das partes poderá propor sua rescisão, sem que para isto afete aos projetos em andamento, cuja finalização será levada a efeito, conforme o estabelecido nos respectivos projetos.

SUBCLÁUSULA PRIMEIRA - Poderá ainda este Acordo Marco de Cooperação ser rescindido em caso de inadimplência de suas cláusulas ou condições, pela parte inocente.

CLÁUSULA OITAVA

Tudo o que surgir no período de colaboração, não previsto neste acordo, será resolvido, em comum, pelas partes.

E por estarem justos e acordados, as partes assinam o presente Instrumento, em 02 (duas) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas, para os efeitos legais, ao 1º dia do mês de maio de 2009, na Cidade de Aracaju, Estado de Sergipe.

Prof. Dr. Angelo Roberto Antonioli
Reitor em exercício

Prof. Dr. Jose Anderson Nascimento
Presidente

1ª Testemunha

2ª Testemunha

Academia Sergipana de Letras
Rua Pacatuba, 288 - Centro,
49.010.150 - Aracaju - Sergipe - Brasil

ICONOGRAFIA



Insolentidade realizada na Academia Sergipana de Letras, o vereador Elendo Pinheiro, representando a Câmara Municipal, faz entrega do Título de Cidreño Aracajuano ao engenheiro sergipano José Garcia Neto, ex-governador do Estado do Mato Grosso. Na mesma oportunidade, o acadêmico José Anderson Nascimento, presidente da Academia Sergipana de Letras, entregou ao homenageado, a Medalha do Mérito Cultural Sylvio Romero.



O acadêmico correspondente, Márcio Losano, da Universidade de Milão, na Itália, profere conferência na Sala das Sessões da Academia Sergipana de Letras. (Da direita para esquerda: o presidente da Associação Sergipana de Imprensa, acadêmico Benvenuto Salles de Campos Neto; o desembargador, Nelson Machado; o acadêmico Luiz Antonio Barreto e o presidente da Academia Sergipana de Letras, acadêmico José Anderson Nascimento).



O professor Guilherme da Costa Nascimento autografa o livro *Direito Eleitoral* para o advogado Henri Clay Andrade, presidente do Conselho Seccional da OAB/SE.



O lançamento do livro *Direito Eleitoral: abuso do poder econômico nas eleições*, de autoria do advogado e professor, Guilherme da Costa Nascimento, foi bastante prestigiado por advogados e intelectuais sergipanos. (Da esquerda para direita: acadêmico Gilton Garcia, advogado Henri Clay Andrade, presidente do Conselho Seccional da OAB/SE, advogado Saulo Elcy, o autor e o advogado Nilson Vieira. Ao centro, o óscar da advocacia em Sergipe, professor José Francisco da Rocha, tendo ao seu lado, o escritor Murilo Telires).



O acadêmico decano João de Seixas Dória e o acadêmico José Anderson Nascimento, presidente da Academia Sergipana de Letras.



O acadêmico José Anderson Nascimento, presidente da Academia Sergipe de Letras faz a entrega da Placa Ofenísia Freire, ao padre Hebert Leão, em reconhecimento aos seus trabalhos educacionais e culturais prestados ao povo sergipano, notadamente à comunidade do Porto do Mato, em Estância.



Apresenta Dirceu Nascimento declara poesias de autores sergipanos em homenagem ao casal José (Lygia) Garcia Neto (E), durante a solenidade de aposição da Medalha do Mérito Cultural Antônio Sylvio Rorato



Acadêmico José Anderson Nascimento no lançamento do livro *Governadores em Três Estados do Brasil*. Ao lado: acadêmica Lúzia Nascimento e o Juiz de Direito Evaristo Manoel da Costa Nascimento



Solennidade de posse do professor Francisco de Olegas Vasconcelos, no Movimento Cultural Antonio Garcia Filho. A partir da esquerda: jornalista Domingos Rescoal de Melo, professora Cléa Brandão de Santana, desembragadora Maria das Graças Melo, acadêmico José Anderson Nascimento e o empossado.



O acadêmico Marcos Almeida autografa o livro *Augusto Leite: um jeito sublime de ser*, tendo ao lado esquerdo o deputado federal Albano Rianco, professor José Carlos de Souza e o acadêmico José Anderson Nascimento



Rito dos acadêmicos na solenidade de posse do acadêmico Marcos Antonio de Melo. Em pé, a partir da esquerda: Gilton Garcia, Jorge Carvalho do Nascimento, José Lima Santana, Marcelo Ribeiro, Eduardo Garcia, Marcos Almeida, Luiz Renato Ribeiro Soutelo, Luiz Antonio Barreto e Jacore Gôes da Silva. Sentados: Lúzia Nascimento, Artur Dêda, João de Seixas Dória, Carlos Ayres Britto, José Anderson Nascimento, Marcos Antonio de Melo, Estácio Bahia Guimarães, Marcia Ligia Medureira Pira, Aglaés d'Ávila Rentes e Ana Roesca Medina.



Rito dos acadêmicos e dos integrantes do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho na solenidade de posse do acadêmico Marcos Antonio de Melo. Em pé, a partir da esquerda: professor Guilherme Nascimento, jornalista Cleibar Vieira, professor Francisco das Chagas Vasconcelos, jornalista Fomings Besosil de Melo e os acadêmicos Gilton Garcia, Jorge Carvalho do Nascimento, José Lima Santana, Marcelo Ribeiro, Eduardo Garcia, Marcos Almeida, Luiz Antonio Barreto, Luiz Renato Ribeiro Soutelo e Jacore Gôes da Silva. Sentados, professora Josefina Cardoso Braz e os acadêmicos e acadêmicas: Lúzia Nascimento, Artur Dêda, João de Seixas Dória, Carlos Ayres Britto, José Anderson Nascimento, Marcos Antonio de Melo, Estácio Bahia Guimarães, Marcia Ligia Medureira Pira, Aglaés d'Ávila Rentes e Ana Roesca Medina.



Professor Ibaré Cortes (B), presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, acadêmicos José Anderson Nascimento e Tuzia Nascimento.



Acadêmicos José Anderson Nascimento, José Abud, Maria Thetis Nures e Tuzia Nascimento durante o lançamento do CD *Ante tempo amz*, de autoria de José Abud e Roberto Baker.

Publicação Oficial da Academia Sergipana de Letras

CNPJ. 13.089.347/0001-02

Rua Pacatuba, 288 - Centro - CEP. 49010-150

Aracaju - Sergipe

DIRETORIA

Presidente

Acadêmico José Anderson Nascimento

Vice-Presidente

Acadêmica Maria Lígia Madureira Pina

Secretário

Acadêmico Benvenuto Salles de Campos Neto

Tesoureiro

Acadêmico Luiz Fernando Ribeiro Soutelo

Director da Biblioteca

Acadêmico Domingos Pascoal de Melo

Conselho Fiscal

Acadêmico José Gilton Pinto Garcia

Acadêmico Estácio Bahia Guimarães

Acadêmico Jacome Góes da Silva



Governo do Estado
Sec. de Estado de Governo

Marcelo Déda Chagas
Bosco Mendonça

Luiz Eduardo de Oliveira
Milton Alves
Carlos Alberto Leite Prado
Gabriela Moura
Gilfrancisco
Marcos Nascimento
Feliciano José
Jeferson Melo
Taiche Melo

Diretor-Presidente
Diretor Industrial
Dir. Administrativo e Financeiro
Gerente Editorial
Consultor Editorial
Capa
Revisão
Colaborador
Colaboradora

formato	17cm x 25,5 cm
tipologia	TTC Bookman Light
papel miolo	Pólen soft 40 g/m ²
papel capa	Cbuchê fosco 180 g/m ²
número de páginas	248
tiragem	1000

Rua Propriá, 227 - Centro - Aracaju/Sergipe
CEP: 49.010-020 - Tel.: (79) 3205 7430
e-mail: editora.diarioficial@segrase.se.gov.br



Sede da Academia Sergipana de Letras: pintura em óleo sobre tela (2009), do artista plástico Adauto Machado. Dimensões: 40 cm X 50 cm.

CONSELHO EDITORIAL

Benwindo Salles de Campos Neto
Estácio Bahia Guimarães
Jácome Côes da Silva
Luzia Maria da Costa Nascimento
Marcos Almeida Santos
Maria Lúcia MacLureira Pina

REVISÃO

Tania Maria Conceição Meneses Silva

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Marcos Nascimento
Taiche Melo

CAPA: Marcos Nascimento

PINTURA DA CAPA: Adauto Machado

IMPRESSÃO

Serviços Gráficos de Sergipe

Revista da Academia Sergipana de Letras/Publicação da
Academia Sergipana de Letras. - n° 1, (1931) - Aracaju: Academia
Sergipana de Letras, 1931.

ISSN : 1982-4122

Irregular.

Descrição baseada em n° 35 (2005)

1. Literatura sergipana - Periódicos 2. Cultura sergipana -
Periódicos 3. Literatura brasileira. I. Título.

CDU821.134.3 (813.7) (051)

APRESENTAÇÃO

A Academia Sergipana de Letras é a instituição literária sergipana que tem por finalidade o cultivo e o desenvolvimento das letras em geral e colaborar na elevação das artes e da cultura do Brasil e, de modo particular, em Sergipe.

Foi criada segundo o modelo da Academia Brasileira de Letras, por iniciativa do poeta Antônio Garcia Rosa e de outros intelectuais sergipanos, destacando-se, entre eles, José de Magalhães Carneiro, Cleómenes Campos, José Augusto da Rocha Lima, Rubens Figueiredo, Monsenhor Carlos Costa, Clodomir Silva e Manuelito Campos.

A Academia tem uma história toda especial, pois sucedeu à Hora Literária, instituição recreativa, fundada em 1º de abril de 1919, depois transformada em sociedade literária de caráter acadêmico, autônoma, por decisão da Assembléia Geral de 17 de julho de 1927.

A Hora Literária tinha como objetivos a promoção do estudo; o envolvimento intelectual do cidadão e a difusão do pensamento. Cumpria, a Hora Literária, as suas metas, quando o movimento em prol da fundação da Academia consolidou-se, principalmente a partir de 13 de abril de 1929, quando deliberou-se que, para a composição do quadro acadêmico, ficariam mantidos os acadêmicos que pertenciam à Hora Literária.

Assim, a 1º de junho de 1929, a Hora Literária convertia-se na Academia Sergipana de Letras, dando grande brilho às letras sergipanas. Seu primitivo estatuto criou 16 cadeiras para os seus sócios acadêmicos, todas patrocinadas por sergipanos ilustres, já, falecidos, na seguinte ordem: Tobias Barreto, Sílvio Romero, Fausto Cardoso, Bitencourt Sampaio, Ivo do Prado, Gumercindo Bessa, Curvelo de Mendonça, Felisbela Freire, Maximino Maciel, Lapa Pinto, Maria Perdigão, Severiano Cardoso, Frei Luiz de Santa Cecília, Horácio Hora, Armindo Guaraná e Pedro de Calazans.

Segundo o mesmo estatuto, para ocupá-las foram considerados sócios acadêmicos, com posse de todos os direitos inerentes à dignidade do cargo e das funções, os escritores e poetas Antônio Garcia Rosa, Cleómenes Campos, Etelvina Siqueira e Hermes Fontes, José de Magalhães Carneiro, Ranulfo Prata, Manuelito Campos, Rubens de Figueiredo, Clodomir Silva e Gilberto Amado; filólogo e orador José Augusto da Rocha Lima; oradores D. Antônio Cabral e Monsenhor Carlos Costa; pedagogos Manuel Santos Melo e Helvécio Andrade.

Posteriormente, foram integrados os 24 membros restantes, a exemplo da Academia Brasileira de Letras, constituindo, dessa maneira, o corpo dos 40 imortais. A Academia passou a adotar, como logomarca, uma coroa de louros, formada de dois ramos, presos por um laço de fita, tendo ao centro o mapa de Sergipe, dentro do qual consta a divisa: *Dare lumina terris* (Dar luz a terra), encimada com uma estrela pentagonal.

Em 1931, o Sodalício estava composto de 40 membros efetivos e de 20 correspondentes. Como patronos das cadeiras criadas, estabeleceu-se a seguinte ordem: Tobias Barreto de Menezes, Sívio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, Fausto de Aguiar Cardoso, Francisco de Bitencourt Sampaio, Ivo do Prado Montes Pires da França, Gumercindo de Araújo Bessa, Manuel Curvelo de Mendonça, Felisbelo Firmo de Araújo Freire, Maximino de Araújo Maciel, Elziário da Lapa Pinto, Francisco Antônio de Carvalho Lima Junior, Severiano Maurício Cardoso, Frei José de Santa Cecília, Horácio Pereira Hora, Manoel Armindo Cordeiro Guaraná, Pedro de Calazans, Ascendino Ângelo dos Reis, Vigário José Gonçalves Barroso, José Antônio Pereira Barreto, José Luiz Coelho e Campos, Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, Martinho Cezar da Silveira Garcez, Ciro Franklin de Azevedo, Pedro Ribeiro Moreira, Antônio Dias de Barros, Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira, Manuel Luiz Azevedo de Araújo, Conselheiro Salustiano Orlando de Araújo, Jackson de Figueiredo Martins, José Jorge de Siqueira Filho, José Maria Gomes de Souza, Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro, Manuel Joaquim de Oliveira Campos, Conselheiro Manuel Ladislau Aranha Dantas, José Lourenço de Magalhães, Bricio Maurício de Azevedo Cardoso, José Joaquim de Oliveira, Guilherme Pereira Rabelo, Joaquim Martins Fontes da Silva e Baltazar de Araújo Góis.

Nos anais do Cenáculo, figuram como primeiros ocupantes das cadeiras, renomados homens de letras, a começar por Antônio Garcia Rosa, José de Magalhães Carneiro, Cleómenes Campos de Oliveira, José Augusto da Rocha Lima, Dom Antônio dos Santos Cabral, Gilberto Lima Azevedo Sousa Ferreira Amado de Farias, Ranulfo Hora Prata, Manoelito Campos de Oliveira, Rubens de Figueiredo Martins, Artur Gentil Fortes, Luiz José da Costa Filho, Monsenhor Carlos Camélio Costa, Clodomir de Souza e Silva, Manuel José dos Santos Melo, Helvécio Ferreira de Andrade, Hermes Floro Bartolomeu M. de Araújo Fontes, Manuel dos Passos Oliveira Teles, Dom Mário de Miranda Vilas Boas, João Pires Wynne, Alfeu Rosas Martins, Joaquim Maurício Cardoso, João Passos Cabral, Joaquim Prado Sampaio Leite, Julio Ferreira de Albuquerque, Antônio Manuel Carvalho Neto, Florentino Telles de Menezes, Benedito da Silva Cardoso, Gervásio de Carvalho Prata, Abelardo Cardoso, Enock Matusalém Santiago, José Esteves da Silveira, Edison de Oliveira Ribeiro, Humberto Olegário Dantas, Olegário Ananias Silva, Augusto César Leite, Hunaldo Santaflor Cardoso, Pedro Sotero Machado, Marcos Ferreira de Jesus, Zózimo Lima, Epifânio da Fonseca Dória e Menezes.

Passaram, também, pelos assentos da Academia, expressões culturais do porte de Antônio Garcia Filho, Felte Bezerra, Emmanuel Franco, José Silvério Leite Fontes, Luiz Pereira de Melo, Luiz Magalhães, Severino Pessoa Uchoa, José da Silva Ribeiro Filho, Renato Mazze Lucas, José Maria Rodrigues Santos, Acelino Pedro Guimarães, João Freire Ribeiro, Urbano Lima de Oliveira Neto, João Evangelista Cajueiro, João Batista Perez Garcia Moreno, Exupero de Santana Monteiro, Abelardo Romero, Ofenisia Soares Freire, Mário de Araújo Cabral, José Bonifácio Fortes Neto, Jorge de Oliveira Neto, Eunaldo Costa, José Augusto Garcez, Francisco Leite Neto, Gonçalo Rollemberg Leite, Josué Tabira da Silva, Dom José Brandão de Castro, Manoel Cabral Machado, José Sebrão Sobrinho, Monsenhor Domingos Fonseca de Almeida, Luiz Rabelo Leite,

José Olino de Oliveira Neto, Filadelfo Jônatas de Oliveira, Walter Cardoso, João Fernandes de Britto, Clodoaldo de Alencar, Núbia Nascimento Marques, João Gilvan Rocha, Luiz Garcia, Orlando Vieira Dantas, Ariosvaldo Figueiredo Santos, Emmanuel Franco, Mário de Araújo Cabral, Manoel Cabral Machado e Maria Thetis Nunes.

As reuniões da Academia, a partir de 1932, aconteceram na Sala da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Sergipe, localizada no antigo Palácio da Justiça, na Praça Olympio Campos, onde atualmente funciona a Procuradoria Geral do Estado; mudou-se, depois para o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na rua Itabaianinha, n.º 41, já que, praticamente todos os acadêmicos eram, também, sócios dessa modelar instituição cultural.

No início da década de 70, as reuniões da Academia foram mais uma vez transferidas. Desta feita, graças aos trabalhos desenvolvidos pelos acadêmicos Severino Uchôa, então Presidente, e Emmanuel Franco, as tertúlias acadêmicas passaram a ter lugar no vasto salão do primeiro andar da antiga Biblioteca Pública, hoje Arquivo Público do Estado, na Praça Fausto Cardoso. E aí permaneceu por alguns anos, até que foi desalojada e transferida para o sobrado em que funcionou, antigamente, o Colégio Tobias Barreto, localizado na Rua Pacatuba, 288, que, aliás, é um dos últimos exemplares da arquitetura civil do início do século XX, em nossa cidade.

Como se vê, não foram fáceis esses longos anos de existência da Academia, já que para começar, não possuía uma local próprio. Ultimamente, porém, o tratamento melhorou e o Estado de Sergipe vem mantendo, com a instituição cultural, um pacto de uso do prédio público, numa total parceria, uma vez que ambos estão comprometidos com as ações de promoção, difusão e intercâmbio das atividades culturais e artísticas de Sergipe.

A Academia no curso dos seus 80 anos de existência tem sido reconhecida pela sociedade sergipana como a instituição cultural responsável pelo estímulo do movimento intelectual do Estado e, como tal, tem merecido do Poder Público e da iniciativa privada, as melhores atenções, sempre voltadas para a consecução dos seus objetivos, na incessante busca do desenvolvimento cultural e social do povo sergipano.

A Academia Sergipana de Letras é reconhecida, também, como a mais democrática das Academias do país, pois, em seu quadro, abriga não só literatos, como também homens de artes, humanistas e cientistas, dando, assim, uma ênfase especial à cultura em geral, cumprindo, destarte, as suas finalidades estatutárias.

Com efeito, na atualidade, as cadeiras acadêmicas estão ocupadas por intelectuais dos diversos gêneros literários, como: José Lima Santana, Eduardo Antônio Conde Garcia, José Santo Souza, Marcos Antônio Almeida Santos, Luzia Maria da Costa Nascimento, José Amado Nascimento, Clara Leite de Rezende, Clodoaldo de Alencar Filho, José Abud, Hunald Fontes de Alencar, Wagner da Silva Ribeiro, Aglaé D'Ávila Fontes, Gizelda Santana de Moraes, Luiz Eduardo Oliveira Costa, Francisco Guimarães Rollemberg, Ana Maria do Nascimento Fonseca Medina, Dom Luciano José Cabral Duarte, Jácome Góes da Silva, José Anderson Nascimento, Bemvindo Salles Campos Neto, João Alves Filho, Luiz Antonio Barreto, João Oliva Alves, Luiz Carlos Fontes de

Alencar, Maria Lígia Madureira Pina, Artur Oscar de Oliveira Déda, Estácio Bahia Guimarães, Luiz Fernando Ribeiro Soutelo, Marcelo da Silva Ribeiro, João de Seixas Dória, Carlos Augusto Ayres de Freitas Britto, Jorge Carvalho do Nascimento, Marlene Alves Calumby, Acrísio Torres de Araújo, José Gilton Pinto Garcia, Carmelita Pinto Fontes, Marcos Antonio de Melo, Domingos Pascoal de Melo e Vladimir Souza Carvalho.

Numa ação de grande incentivo, o saudoso ex-Presidente Antônio Garcia Filho, criou a 25 de agosto de 1984, o Movimento Cultural da Academia Sergipana de Letras, que, numa homenagem ao seu fundador, passou a ser denominado de Movimento Cultural Antônio Garcia Filho. Esse importante núcleo de difusão cultural reúne os escritores José Ferreira Lima, Cléa Maria Brandão de Santana, Ângela Margarida Torres de Araújo, Tânia Maria da Conceição Meneses Silva, Gustavo Aragão, Josefina Cardoso Braz, José Sergival Silva, Jandira Freire Amado, Guilherme da Costa Nascimento, Domingos Pascoal de Melo, Cleiber Vieira da Silva, Francisco das Chagas Vasconcelos, Martha Andrade Hora Mendonça e João Freire Amado. A importância desse Movimento Cultural, no cenário acadêmico, foi confirmada, de forma unânime, com a eleição e posse de alguns dos seus antigos integrantes, para cadeiras acadêmicas, dentre eles: José Lima Santana, Acelino Pedro Guimarães, Maria Lígia Madureira Pina, Bemvindo Salles de Campos Neto, Marcelo Ribeiro, Marlene Alves Calumby, Luzia Maria da Costa Nascimento, Marcos Antônio Almeida dos Santos e Domingos Pascoal de Melo.

Entre as atividades da Academia figuram palestras, cursos, concursos literários, seminários, além da publicação da Revista e de livros de autores sergipanos. Promove, ainda, a preservação e a divulgação da Literatura e de outras manifestações culturais, mantendo intercâmbios com sociedades culturais brasileiras e estrangeiras, objetivando desenvolvimento cultural do povo sergipano, e é a curadora do conjunto de esculturas de vultos históricos, localizado na Orla Marítima de Aracaju - Praia de Atalaia.

Dentro desse diapasão, a Academia mantém com a Faculdade Pio X o curso de Pós-Graduação SERGIPE – SOCIEDADE E CULTURA, que apresenta uma abordagem da cultura sergipana em todas as suas vertentes.

Recentemente o Sodalício firmou convênio com a Universidade Federal de Sergipe, com vistas à sua integração à Cátedra UNESCO de estudos internacionais de interculturalismo, desenvolvimento e paz, documento de substancial importância para o alargamento das suas atividades acadêmicas.

De igual modo, assinou convênio com Serviços Gráficos de Sergipe e a Editora Diário Oficial, objetivando o co-patrocínio para as publicações das revistas da Academia e de obras literárias de acadêmicos.

Na mesma importância, firmou convênio com o Studium Danças, para o incremento de ações visando o estudo de dança em Sergipe e no Brasil.

Registram-se, assim, essas iniciativas, que tem como centro das suas atenções a consolidação cultural do povo sergipano.

José Anderson Nascimento
Presidente

SUMÁRIO

QUADRO ACADÊMICO15
ACADÊMICOS17
ACADÊMICOS CORRESPONDENTES21
PRESIDENTES DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS23
MOVIMENTO CULTURAL ANTONIO GARCIA FILHO25
DISCURSOS27
I- Discurso de posse do acadêmico Artur Oscar de Oliveira Déda, na cadeira nº 28, da Academia Sergipana de Letras29
II- Discurso de recepção ao acadêmico Artur Oscar de Oliveira Déda, na Academia Sergipana de Letras, proferido pelo acadêmico Luiz Carlos Rentes de Alencar39
III- Discurso de posse da acadêmica Clara Leite de Resende, na cadeira nº 7, da Academia Sergipana de Letras45
IV- Discurso de recepção à acadêmica Clara Leite de Resende, na Academia Sergipana de Letras, proferido pelo acadêmico Carlos Ayres Britto57
V- Discurso pronunciado pelo acadêmico Luiz Fernando Ribeiro Soutelo, na Sessão da Academia Sergipana de Letras comemorativa ao centenário de nascimento de Urbano de Oliveira Lima Neto, no dia 17 de outubro de 200561
CRÔNICAS69
I- Esta crônica é para você71
II- Divagações acerca do Lema Latino da Academia Sergipana de Letras75
III- Mulher forte, quem encontrará77
IV- Ave-Maria!88
ENSAIOS87
I- Gil Vicente e o Teatro	89
II- Vozes líricas e outras vozes Hispano Americanas	101
HOMENAGENS PÓSTUMAS	127
I- Elogio a Manoel Cabral Machado	129
II- Elogio a José Silvério Leite Rentes	137

CONFERÊNCIA	145
I- Grinaldo Rolkenberg Leite e a Formação do Curso Jurídico na Universidade Federal de Sergipe	147
CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO CULTURAL ANTONIO GARCIA FILHO	157
I- Discurso de recepção ao professor João Freire Anado, na cadeira n° 18 do Movimento Antonio Garcia Filho, proferido pelo jornalista Cleiber Vieira da Silva, na sessão solene realizada no dia 8 de junho de 2009, na Academia Sergipana de Letras	159
II- Discurso de posse do professor João Freire Anado, na cadeira n° 18, do Movimento Cultural Antonio Garcia Filho, proferido na sessão solene realizada no dia 8 de junho de 2009, no auditório da Academia Sergipana de Letras	165
III- O Desrespeito ao Direito à Vida pelas Instituições de Saúde	173
IV- A rosa e a estrela	177
V- Imagens bíblicas em O Fausto, de Goethe	181
VI- Belo Horizonte, a Bela	187
VI- A estrela	188
VII- Sem rumo	189
VIII- Sem sonhos	190
IX- Patrono do Rio	191
X- Rio Sergipe	192
POEMAS	195
I- O Anar	197
II- A Despedida	198
III- Crepúsculo	199
IV- Pepita Targil	200
V- Iluminada	201
VI- Runição	202
VII- O Trem	203
VIII- O Tempo	204
IX- Ancianidade	205
X- Flor	206
XI- Contábil	207
XII- Canceito	208
XIII- Sigro	209
XIV- Rio São Francisco	210
XV- Confissão	211
XVI- Poemas de anar/89	212
XVII- De mãe para filhos	213
XVIII- Flor de chama	214
XIX- Ignorabimus	215
CRÍTICA LITERÁRIA	217
I- Livro: Arlequins com brasilidade	219
II- Monastério de anar e ódio	221
CONVÊNIO	229
ICONOGRAFIA	247



QUADRO ACADÊMICO